



Encontros de memórias:

Trajетórias do *Campus Cajazeiras* em seus 30 anos

Organizadores

Ana Paula da Cruz


Ildgarde Elouise Alves

Hegildo Holanda Gonçalves

Encontros de memórias:

Trajетórias do *Campus Cajazeiras* em seus 30 anos

Organizadores

Ana Paula da Cruz 

Ildegarde Elouise Alves 

Hegildo Holanda Gonçalves 



João Pessoa, 2024

EDITORA FILIADA



Copyright © 2024 Ana Paula da Cruz, Ildegarde Elouise Alves e Hegildo Holanda Gonçalves . Todos os direitos reservados.
Proibida a venda. As informações contidas no livro são de inteira responsabilidade dos seus autores.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ficha catalográfica elaborada na Editora IFPB por Valmira Perucchi CRB/15 – 240

E56 Encontros de memórias: trajetórias do Campus Cajazeiras em seus 30 anos / Ana Paula da Cruz; Ildegarde Elouise Alves e Hegildo Holanda Gonçalves (Orgs.)
– João Pessoa: Editora IFPB, 2024.

414 p.: il. Color.

ISBN: 978-65-87572-77-2 (e-book)

1. Histórias do Campus Cajazeiras - IFPB. 2. Memórias – ambiente educacional. 3. Trajetórias do Campus Cajazeiras - IFPB. 4. Educação, ciência e tecnologia – IFPB. 5. Formação profissional. I. Cruz, Ana Paula da. II. Alves, Ildegarde Elouise. III. Gonçalves, Hegildo Holanda.

CDU: 82-94

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DA PARAÍBA**

REITORA

Mary Roberta Meira Marinho

PRÓ-REITOR DE ENSINO

Neilor Cesar dos Santos

PRÓ-REITORA DE PESQUISA, INOVAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO

Silvana Luciene do Nascimento Cunha Costa

PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO E CULTURA

Maria José Batista Bezerra de Melo

PRÓ-REITORA DE ASSUNTOS ESTUDANTIS

Rivania de Sousa Silva

PRÓ-REITOR DE ADMINISTRAÇÃO E FINANÇAS

Jose Albino Nunes

EDITORA IFPB

DIRETOR EXECUTIVO

Ademar Gonçalves da Costa Junior

DIAGRAMAÇÃO

Fabício Vieira de Oliveira

REVISÃO TEXTUAL

Tamires Ramalho de Sousa

ILUSTRAÇÃO CAPA E CONTRACAPA

Willian Braga Pereira

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DA PARAÍBA CAMPUS CAJAZEIRAS**

DIREÇÃO-GERAL

Abinadabe Silva Andrade

DIRETORIA DE DESENVOLVIMENTO DE ENSINO

Francisco Augusto Vieira da Silva

DIRETORIA DE ADMINISTRAÇÃO, ORÇAMENTO E FINANÇAS

Hugo Eduardo Assis dos Santos

COORDENAÇÃO DE PESQUISA

Leonardo Pereira de Lucena Silva

COORDENAÇÃO DE EXTENSÃO E CULTURA

Diego Nogueira Dantas

CONTATO

Av. João da Mata, 256 - Jaguaribe. CEP: 58015-020, João Pessoa - PB.
Fone: (83) 3612-9722 | E-mail: editora@ifpb.edu.br

Sumário

- p. **09** **Apresentação**
Ana Paula da Cruz | Ildegarde Elouise Alves | Hegildo Holanda Gonçalves
- p. **12** **Prefácio**
Abinadabe Silva Andrade

Parte 1

HISTÓRIAS...

- p. **15** **Capítulo 01.**
Ser(tão) educador: apontamentos sobre a fundação do
Campus Cajazeiras (1994) do IFPB
Ildegarde Elouise Alves
- p. **27** **Capítulo 02.**
Do Curso Superior de Tecnologia em Automação
Industrial ao Curso Superior de Engenharia de Controle e
Automação
Leandro Honorato de Souza Silva | Fabio Araújo de Lima
Raphaell Maciel de Sousa | José Rogério da Silva Leite
- p. **44** **Capítulo 03.**
Uma década de Engenharia Civil: trajetória do IFPB –
Campus Cajazeiras
Gastão Coelho de Aquino Filho | Henrique Duarte de Oliveira

p. 69

Capítulo 04.

**Curso de Licenciatura em Matemática do IFPB/Campus
Cajazeiras: fragmentos de memórias para resgatar e
preservar a sua história**

Fernanda Andrea Fernandes Silva | Francisco Aureliano Vidal
Geraldo Herbetet de Lacerda | Rodiney Marcelo Braga dos Santos
Stanley Borges de Oliveira

p. 94

Capítulo 05.

Avançando ao futuro: Loopis Soluções Tecnológicas

Lariany Alves de Souza

p. 112

Capítulo 06.

**Desmistificando o TCC: da teoria à prática na visão dos
discentes e docentes do curso técnico em Meio Ambiente
na modalidade PROEJA**

Mariana Ferreira Pessoa | Magno Miranda Gomes
Wilza Carla Moreira Silva

Parte 2

VIVÊNCIAS...

p. 127

Capítulo 07.

**Vivências do nosso trabalho como docentes do IFPB
Cajazeiras: o pai Pereira e o filho Leonardo**

José Pereira da Silva | Leonardo Pereira de Lucena Silva

p. 151

Capítulo 08.

**Trajetórias: experiências de estudantes no Campus
Cajazeiras**

Valquiria Teodosio da Silva | Diego Lins de Carvalho
Caroline Bezerra Araújo Gonçalves | Gabriel Monteiro Aquino

- p. **170** **Capítulo 09.**
Numa ciranda de saberes e desafios: mulheres na educação, ciência e tecnologia no Campus Cajazeiras
Antônia Edvaneide de Sousa Gonzaga | Tayla Fernanda Serantoni da Silveira
Ana Paula da Cruz Pereira de Moraes
- p. **186** **Capítulo 10.**
O NEABI e a luta antirracista no IFPB Campus Cajazeiras
Maria Iris Abreu Santos | Mariana Davi Ferreira
- p. **212** **Capítulo 11.**
Um Centro de Assessoria Comunitária: autonomia, solidariedade e responsabilidade social
Antônio Gonçalves de Farias Júnior | Gabriella Saraiva Coelho
Maria do Socorro Ferreira | Marcelo Gonçalves Misael
- p. **236** **Capítulo 12.**
Os coletivos de pensamento e ações no Campus Cajazeiras-IFPB: uma análise das redes de coautoria dos projetos de pesquisa e extensão
Diego Nogueira Dantas | Leonardo Pereira de Lucena Silva
William de Souza Santos

Parte 3

TRAJETÓRIAS...

- p. **264** **Capítulo 13.**
A trajetória das línguas na história do IFPB Cajazeiras
Sayonara Abrantes de Oliveira Uchôa | Nayara Araujo Duarte Leitão
Jacinta Ferreira dos Santos Rodrigues
- p. **283** **Capítulo 14.**
Educação Física no IFPB – Campus Cajazeiras: adversidades e potencialidades durante a pandemia de COVID-19 até os dias atuais
Thais Norberta Bezerra de Moura

- p. **298** **Capítulo 15.**
NASMO: O Núcleo de Apoio aos Serviços Médicos e Odontológicos em seu contexto
Kleber Afonso de Carvalho
- p. **311** **Capítulo 16.**
Laboratório: a jornada da descoberta
Rafaella de Lima Roque | Analine Pinto Valeriano Bandeira
- p. **325** **Capítulo 17.**
Trajetória da Comissão de Educação e Aperfeiçoamento Profissional (CEAP) do IFPB Campus Cajazeiras de 2016 a 2018
Leandro Honorato de Souza Silva | Luis Romeu Nunes
Claudenice Alves Mendes | Vanda Lúcia Batista dos Santos Souza
- p. **347** **Capítulo 18.**
Do silêncio dos números à realização da Educação
Hugo Eduardo Assis dos Santos | Lúcio Ricardo Nogueira Farias
Heloiza Moreira Silva | Rafael Rodrigues Lopes
Maria das Graças Moreira de Almeida | Suely Arruda dos Santos
- p. **361** **Capítulo 19.**
Trajetória dos Diretores-Gerais do Campus Cajazeiras
Hegildo Holanda Gonçalves
- p. **403** **Posfácio**
Expressões Derradeiras, a Perspectiva de um Leitor
Francisco A. V. da Silva
- p. **405** **Sobre a autoria**

Apresentação

Ana Paula da Cruz, Ildegarde Elouise Alves e Hegildo Holanda Gonçalves

Ao completar 30 anos de atividade no campo da educação, ciência e tecnologia, o *Campus* Cajazeiras celebra um conjunto de experiências humanas e práticas de formação profissional que contribuiu diretamente para a transformação da vida de muitas pessoas. Jovens e adultos encontram seus lugares de atuação profissional na sociedade a partir dos conhecimentos adquiridos e conquistas alcançadas por este *Campus*.

A presente obra, “ENCONTROS DE MEMÓRIAS: Trajetórias do *Campus* Cajazeiras em seus 30 anos”, busca aproximar pessoas e tempos, promovendo lembranças, encontros de memórias. Nesta dinâmica, surgiram os textos que a compõem, nos quais estão presentes relatos sobre experiências e temas relacionados à educação, ciência e tecnologias no *Campus*. Os protagonistas – professores, técnicos educacionais e administrativos, todos servidores desta Instituição, e estudantes – compartilham suas vivências neste lugar de saber.

Este livro pode ser compreendido como uma amostra de como as tecnologias das humanidades, envolvendo memória e história ligadas ao Laboratório de Humanidades do *Campus* Cajazeiras, podem promover

um processo de construção de identidades e sentimentos de pertencimento. Cada autor e autora participante pôde experimentar, no encontro com o outro, um processo de imersão no passado (distante ou recente) das atividades educacionais do *Campus*. Esta experiência possibilita também uma conexão com os leitores, estimulando sentimentos de aproximação e positividade em relação ao trabalho educacional e à formação profissional no *Campus* Cajazeiras. E é um exemplo do investimento humano, intelectual e profissional daqueles que constituem o IFPB.

Reunir diferentes áreas e pessoas e mobilizá-las para construírem, juntas, uma dinâmica de escrita sobre si mesmas e sobre o todo que as envolve é um grande desafio. Trata-se de um coletivo de pessoas, instrumentos, laboratórios, projetos, espaços educacionais, expectativas e sonhos. É uma realização de interdependência e apoio mútuo complexa, pois envolve contextos individuais experimentados de modo singular, unidos a outros contextos particulares para construir algo coletivo. Cada um, cada uma contribuindo de seu modo único.

Os saberes compartilhados neste livro permitem vislumbrar como o conhecimento de diferentes áreas e perspectivas se encontram dentro de um ambiente educacional, fortalecendo a inovação, cidadania, letramento social, inteligência humana e tecnologias que beneficiam a todos em uma grande roda de saberes.

O livro está organizado em três partes principais, que não precisam ser pensadas necessariamente em separado, mas indicam apenas uma de muitas possibilidades de compreensão desta obra. A primeira parte,

intitulada “Histórias”, apresenta tramas tanto do *Campus* em geral quanto das áreas de formação oferecidas. A segunda parte, “Vivências”, reúne um conjunto de experiências que tocam vidas e práticas, motivadas pelo ambiente acadêmico e humano do *Campus*, com seus desafios e superações. A terceira parte, “Trajetórias”, traz dinâmicas de construção de saberes e atuações de docentes, técnicos educacionais e administrativos, que viabilizaram e deram suporte às realizações educacionais no *Campus* Cajazeiras.

Esperamos que a leitura deste livro desperte no leitor o mesmo sentimento de proximidade e de comunhão com as intenções e ações deste *Campus*, assim como expressam os autores de cada capítulo.

Prefácio

Abinadabe Silva Andrade

(Diretor Geral do Campus Cajazeiras – IFPB)

Bem-vindos a uma viagem através das memórias que moldaram os 30 anos do IFPB *Campus* Cajazeiras. Este livro comemorativo é mais do que uma simples coleção de relatos; é um tributo às pessoas cujas paixões e esforços deram vida a esta instituição desde os seus primeiros dias, em 4 de dezembro de 1994. É uma jornada através do tempo, revisitando os momentos que nos definiram, nos desafiaram e nos inspiraram.

A história do IFPB *Campus* Cajazeiras é uma tapeçaria tecida com fios de dedicação, visão e perseverança. Desde os seus primeiros passos, aqueles que caminharam por seus corredores e salas de aula contribuíram para moldar não apenas uma instituição de ensino, mas uma comunidade que busca a mudança de vida por meio da educação.

Dos 30 anos, faço parte de 10. Entrei para a instituição no dia 15 de outubro de 2014, uma data que também celebra o Dia do Professor. Vejo-me como um privilegiado do legado que foi construído ao longo das décadas. Cada pedra lançada no alicerce desta instituição ecoa com as vozes daqueles que acreditaram no poder transformador da educação e que dedicaram suas vidas a moldar o fu-

turo através do aprendizado e do ensino. É por isso que nada melhor do que um livro escrito, organizado e vivido por aqueles que são o IFPB, *Campus Cajazeiras*

Neste prefácio, convido vocês a embarcarem conosco em uma jornada de nostalgia e reflexão. Cada página é um convite para reviver os momentos de glória e os desafios superados, para reconectar-se com antigos colegas e mentores e para celebrar as conquistas que nos trouxeram até aqui. Ao folhear estas páginas, preparem-se para uma jornada emocionante que nos lembrará que, embora o tempo possa passar, as raízes que nos sustentam permanecem firmes.

Este livro não é apenas uma coleção de histórias; é um roteiro de uma viagem pela memória, uma jornada que convida vocês a entrar e viver a história do IFPB *Campus Cajazeiras*. Que essas páginas inspirem não apenas lembranças mas também novas esperanças e sonhos para os próximos 30 anos e além!!

Parte 1

HISTÓRIAS...

CAPÍTULO 01.**Ser(tão) educador: apontamentos sobre a fundação do Campus Cajazeiras (1994) do IFPB**

Ildegarde Elouise Alves

Poucas são as cidades brasileiras que podem atrelar sua história e origem às práticas educacionais. Mais raro ainda é a cidade manter-se, passadas as décadas, com muitas de suas práticas cotidianas alicerçadas, em grande medida, na oferta de variadas modalidades de ensino, tornando-se, de certa forma, um polo educacional na região em que se insere.

Este é o caso da cidade de Cajazeiras, localizada no alto sertão paraibano. Ainda que a emancipação política da cidade tenha acontecido apenas em 1863, o processo histórico do lugar teve origem em uma fazenda de gado, de nome Cajazeiras, que, posteriormente, nomeou a própria localidade. Dentre os filhos da família fundadora, destacou-se a figura de Inácio de Sousa Rolim (1800-1899), ordenado padre pelo Palácio Episcopal de Olinda, Pernambuco, em 1825 (IBGE, 2015).

O padre Rolim, como era conhecido, fundou sua escola em 1829, com poucos alunos e espaço improvisado. A partir de 1833, a fama da escola alcança outras

idades e passa a atrair estudantes de outros municípios. Em 1843, após um período fora da região, o referido padre volta e cria, de fato, a estrutura de uma escola salesiana, que, dada a fama da experiência anterior, não custa a captar um número expressivo de estudantes, muitos destes posteriormente alcançando muito sucesso na área política (IBGE, 2015).

A experiência educacional atrelada às questões políticas que permitiram a Cajazeiras emancipar-se da cidade de Sousa tornaram o padre Rolim e sua escola como partes da identidade do município. Alega-se que, em um momento de disputa eleitoral, em 1947, o político Alcides Carneiro teria proferido a frase “Cajazeiras é a cidade que ensinou a Paraíba a ler”. Ainda que as intenções fossem os votos, a construção do discurso só foi possível devido à vinculação entre a cidade e a escola do Padre Rolim, na simbiose entre política e educação (Rodrigues, 2012).

Hoje, a cidade de Cajazeiras continua sendo conhecida como “a terra do Padre Rolim” e a “Cidade que ensinou a Paraíba a ler”. O município pode ser considerado um polo educacional no alto sertão paraibano, com uma oferta significativa de vagas em todas as modalidades de ensino, com ênfase no Ensino Superior, ofertadas tanto pelo poder público quanto por instituições privadas.

Neste texto, nos deteremos na experiência da chegada da educação profissional nesta cidade, com a chegada da Unidade de Ensino Descentralizada (UnED), parte da Escola Técnica Federal da Paraíba, em 1994. Nosso intuito é apresentar aspectos que envolvem o processo político e educacional que possibilitou a instalação desta instituição no chão cajazeirense, contex-

tualizando com o histórico das políticas de educação profissional no país.

O artigo 205 da Constituição Federal (1988) preconiza:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (Brasil, 1988).

O marco estabelecido na “Constituição Cidadã” estabelece as bases sobre as quais se erigiria a educação brasileira a partir daquele momento, inspirado em práticas já experimentadas em outros tempos. Afirmou-se a necessidade do alinhamento entre desenvolvimento pessoal, exercício da cidadania e preparação para o trabalho. Este último ponto sendo alicerçado em uma longa experiência da educação profissional no Brasil.

A Lei n. 9.394/96, atual Lei de Diretrizes e Bases (LDB), modificada pela Lei nº 11.741, de 2008 define a educação profissional tecnológica (EPT) como uma modalidade de ensino com direcionada ao exercício das profissões, com o intuito de ajudar ao cidadão a ser inserido no mercado de trabalho e na vida em sociedade, como disposto no Art. 39: “A educação profissional e tecnológica, no cumprimento dos objetivos da educação nacional, integra-se aos diferentes níveis e modalidades de educação e às dimensões do trabalho, da ciência e da tecnologia” (Brasil, 1996).

Tais marcos legais se amparam em uma trajetória histórica desta modalidade de ensino no país. Ainda

que haja registros de algumas práticas educacionais voltadas para o trabalho nos períodos do Brasil Colônia e Brasil Império, é no advento da República que temos a educação profissional como uma política de Estado consolidada (Cunha, 2005). Para Moura (2007), o cenário de desenvolvimento da manufatura no século XIX no país permitiu o surgimento dos primeiros *Liceus de Artes e Ofícios* a partir de 1840, ainda no período imperial, destinado essencialmente às crianças órfãs, cuja mão de obra seria aproveitada na nascente indústria.

Com a República já estabelecida, publica-se, em 1909, o Decreto Federal nº 7.566 de 23 de setembro, em que foram criadas as Escolas de Aprendizes e Artífices pelo presidente da República, Nilo Peçanha.

DECRETO N. 7.566 - DE 23 DE SETEMBRO DE 1909

Crêa nas capitaes dos Estados da Republica Escolas de Aprendizes Artífices, para o ensino profissional primario e gratuito.

O Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil, em execução da lei n. 1.606, de 29 de dezembro de 1906:

Considerando:

que o augmento constante da população das cidades exige que se facilite ás classes proletarias os meios de vencer as difficuldades sempre crescentes da lucta pela existencia;

que para isso se torna necessario, não só habilitar os filhos dos desfavorecidos da fortuna com o indispensavel preparo technico e intellectual, como fazel-os adquirir habitos de trabalho proficuo, que os afastará da ociosidade ignorante, escola do vicio e do crime;

que é um dos primeiros deveres do Governo da Republica formar cidadãos uteis á Nação:

Decreta:

Art. 1º Em cada uma das capitaes dos Estados da Republica o Governo Federal manterá, por intermedio do Ministerio da Agricultura, Industria e Commercio, uma Escola de Aprendizizes Artífices, destinada ao ensino profissional primario gratuito (Brasil, 1909).

O texto da lei expressa, em grande medida, o cenário vivenciado pelas classes operárias nas cidades brasileiras no começo do século XX – com uma indústria ainda incapaz de absorver a mão de obra existente e que, ao mesmo tempo, carecia de profissionais com alguma qualificação, desemprego e miséria eram uma constante. As Escolas de Aprendizizes Artífices foram criadas como forma de disciplinar os filhos dessa classe operária, formando uma reserva de mão de obra minimamente qualificada.

Os anos de 1930 trazem transformações no cenário político brasileiro: chegava ao fim a hegemonia política das oligarquias, com a extinção da República do Café com Leite, e iniciava-se a chamada Era Vargas (1930-1945). Em um cenário mundial de pós-crise de 1929, o governo Vargas, por meio de sua política nacional-desenvolvimentista, consolidou a industrialização nas principais cidades do país, o que resultou em um maior interesse do Estado na formação de profissionais.

Em 1937, Vargas realizou uma reestruturação no Ministério de Educação e Saúde. Nesta mudança, o ensino foi dividido em duas áreas: Divisão do Ensino Industrial e Departamento Nacional de Educação. Neste

cenário, são criados os Liceus Profissionais. A Constituição de 1937 demonstra a importância da educação profissional naquele cenário:

Art. 129 – A infância e à juventude, a que faltarem os recursos necessários à educação em instituições particulares, é dever da Nação, dos Estados e dos Municípios assegurar, pela fundação de instituições públicas de ensino em todos os seus graus, a possibilidade de receber uma educação adequada às suas faculdades, aptidões e tendências vocacionais.

O ensino pré-vocacional profissional destinado às classes menos favorecidas é em matéria de educação o primeiro dever de Estado. Cumpre-lhe dar execução a esse dever, fundando institutos de ensino profissional e subsidiando os de iniciativa dos Estados, dos Municípios e dos indivíduos ou associações particulares e profissionais.

É dever das indústrias e dos sindicatos econômicos criar, na esfera da sua especialidade, escolas de aprendizes, destinadas aos filhos de seus operários ou de seus associados. A lei regulará o cumprimento desse dever e os poderes que caberão ao Estado, sobre essas escolas, bem como os auxílios, facilidades e subsídios a lhes serem concedidos pelo Poder Público.

É perceptível, que, mesmo em uma conjuntura política distinta, o ensino profissional ainda era destinado essencialmente às classes menos favorecidas da sociedade. E mais: a constituição de 1937 permitiu que as próprias indústrias e sindicatos oferecessem a formação profissional conforme a necessidade do mercado e seus próprios interesses.

Ainda no governo Vargas, em 1942, teremos novas ações no campo da educação profissional. A Reforma Capanema, por meio das Leis Orgânicas, extingue os Liceus Industriais e cria as Escolas Industriais e Técnicas. Neste contexto, há uma equiparação do ensino profissional e técnico ao nível médio.

Grandes transformações na educação profissional no Brasil ocorreram na chamada República Populista (1946-1964). Em 1959, no governo de Juscelino Kubitschek, as Escolas Industriais e Técnicas são transformadas em autarquias, portando, desta maneira, de autonomia didática, técnica, financeira e administrativa. Para Cunha (2005, p. 135):

A repercussão da autonomia das escolas técnicas federais foi muito grande, tanto pelo grande crescimento nas matrículas, pela melhoria da qualidade dos cursos, pelo aumento da produtividade dos recursos e pela maior capacidade de resposta às necessidades locais e regionais.

Outra grande mudança no período veio por meio da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação, de 1961, que permitiu aos discentes da educação profissional a possibilidade do ingresso ao Ensino Superior.

A Ditadura Militar (1964-1985) e seu viés de educação tecnicista proporcionou uma mudança da percepção da educação profissional do país: mediante o chamado “milagre econômico”. Com a chegada de novas indústrias e obras públicas de grande porte, o ensino técnico não deveria ser algo voltado apenas aos mais pobres, e sim ser o desejo de muitos, pois garantiria emprego em um espaço menor de tempo.

Em 1971, por meio da Lei nº 5.692, o ensino de segundo grau com formação técnica se tornou universal e obrigatório. Essa medida não pode ser considerada um sucesso, pois se verificou a impossibilidade de garantir formação técnica a todos bem como a saturação do mercado de algumas profissões. Visando corrigir tais distorções, em 1982 foi promulgada a Lei 7.044, que flexibilizou a obrigatoriedade do ensino técnico no segundo grau (Cunha, 2005).

No ano de 1978, são criados os Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFETs), destinados não só a cursos técnicos como também a graduações, formação de professores e pós-graduações bem como à formação de profissionais em engenharia industrial e tecnólogos. Essas instituições passam, dessa forma, a ter uma maior relevância no quadro educacional brasileiro.

Os anos de 1980 e 1990 marcam a transição do governo ditatorial para a democracia de viés neoliberal, em que, mais uma vez, se destaca a necessidade de criação de mão de obra técnica voltada à indústria. É neste período que a UNED Cajazeiras passa a ser idealizada e, de fato, estabelecida.

A iniciativa de levar uma unidade de ensino técnico para o sertão paraibano é o resultado de um conjunto de interesses, principalmente políticos. O então deputado federal Edme Tavares Albuquerque, cajazeirense, de forte participação na vida política paraibana e com grande participação política enquanto na transição democrática, apresentou, em 1984, o projeto de Lei nº 3305-A. Na justificação da proposta, temos:

A Universidade Federal da Paraíba mantém em Cajazeiras um *Campus*, com 7 cursos de graduação e uma matrícula aproximada de 1.600 alunos.

A criação de uma Escola Técnica Federal, para formação de técnicos em agricultura, pecuária e química industrial, não somente se traduz num anseio de toda a comunidade de Cajazeiras e cidades circunvizinhas, como, acima de tudo, significa medida de caráter desenvolvimentista regional, sintonizada em consonância com a atual política educacional do Ministério da Educação e Cultura, qual seja, desacelerar o crescimento do ensino superior em favor da formação de pessoal técnico de nível médio. [...]

O Município de Cajazeiras, graças a sua situação geográfica e a sua posição como polo de desenvolvimento do sertão paraibano, oferece ao Governo Federal todos os requisitos necessários e indispensáveis para a implantação de uma Escola Técnica Federal.

Há hoje uma consciência mundial de que o técnico de nível médio é o verdadeiro agente de mudanças, de desenvolvimento e de crescimento econômico de qualquer região subdesenvolvida.

A criação dessa escola significa, portanto, para Cajazeiras, um incremento às atividades regionais ali já existentes, a viabilização de novas explorações econômicas e, quiçá, a redenção de tão carente e promissora região nordestina (Brasil, 1984, sic)

A justificação do projeto está atrelada à situação da educação profissional no país naquele momento bem como demonstra os diversos interesses na instau-

ração da uma Escola Técnica Federal em Cajazeiras: havia demanda comprovada pela quantidade de matrículas no *Campus* da UFPB na cidade; a vontade política; a necessidade do mercado por profissionais técnicos e o viés social. O projeto foi aprovado e, no Governo de José Sarney, por meio da lei nº 7.741/1986, foi autorizada a criação da Unidade Descentralizada de Ensino, na cidade de Cajazeiras (UnED).

O prédio foi construído em um terreno doado pela prefeitura de Cajazeiras, por meio da Lei Municipal nº 837, em 1987, e as obras tiveram início em 1989. Em 1994, a unidade consegue a autorização de funcionamento e têm início os processos de produção e publicação de editais de seleção pública de candidatos para ocuparem cargos técnicos e de docência da Instituição. Em 04 de dezembro de 1994, a UnED Cajazeiras foi inaugurada.

Os anos 2000 e o advento do governo Lula (2003-2010) trouxeram novas modificações no cenário da educação profissional, dentre as quais o Decreto nº 5.154, de 2004, que regulamentou a possibilidade de integração do ensino médio com a educação profissional bem como manteve as modalidades subsequentes e concomitantes. Outro marco é a Lei nº 11.892, de 2008, que criou 38 Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia e instituiu a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. A chamada Rede Federal mostrou-se como um diferencial na diversificação e interiorização da educação pública, possibilitando o acesso à educação a milhares de pessoas pelo país.

De 1994 a 2024, histórias e memórias do agora Instituto Federal da Paraíba e do seu *Campus* Cajazeiras

se encontram e se ramificam em prol do desenvolvimento humano e científico de uma região.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Decreto Nº** 7.566, de 23 de Setembro de 1909. Rio de Janeiro, RJ: Presidência da República, 1909. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf3/decreto_7566_1909.pdf. Acesso em: 08 set. 2023.

BRASIL. Constituição Federal (1937). **Constituição dos Estados Unidos do Brasil**. Rio de Janeiro, RJ: Presidência da República, 1937. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao37.htm. Acesso em: 08 set. 2023.

BRASIL. Decreto-Lei nº 4.073 - de 30 de janeiro de 1942. Lei orgânica do ensino industrial. **Diário Oficial**, Poder Executivo, Brasília, DF, 9 jan. 1943. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/norma/529159/publicacao/15805645>. Acesso em: 02 fev. 2023.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República, [2016].

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Diário Oficial da União**, Poder Legislativo, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 02 fev. 2023.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei nº 3305-A**. Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1162385&filename=Dossie-PL%203305/1984. Acesso em: 02 fev. 2023.

CUNHA, L. A. **O ensino profissional na irradiação do industrialismo**. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: Flacso, 2005.

IBGE – **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Cajazeiras. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/cajazeiras/historico>. Acesso em: 12 fev. 2024.

MOURA, D. H. Educação básica e Educação Profissional e Tecnológica: dualidade histórica e perspectivas de integração. **Holos**, ano 23, v. 2, p. 4-30, 2007.

RODRIGUES, E. **Cajazeiras Ensinou a Paraíba a ler**. 2012. Disponível em: <https://www.diariodosertao.com.br/coluna/cajazeiras-ensinou-a-paraiba-a-ler>. Acesso em: 12 fev. 2024.

CAPÍTULO 02.

Do Curso Superior de Tecnologia em Automação Industrial ao Curso Superior de Engenharia de Controle e Automação

Leandro Honorato de Souza Silva
Fabio Araújo de Lima
Raphaell Maciel de Sousa
José Rogério da Silva Leite

Memórias da turma de 2005.2 do CST em Automação Industrial

Por Fábio Araújo, Raphaell Maciel e José Rogério Leite

Éramos estudantes do Curso Técnico Subsequente em Eletromecânica no ano de 2005¹, com a perspectiva de concluir o curso e ingressar no mundo do trabalho. Em março de 2005, durante uma de nossas aulas, o Professor Valnir Vasconcelos Lira, engenheiro eletricitista, comentou se não tínhamos interesse em verticalizar a nossa formação. Ele explicou em nossa turma

1 Na época, estávamos cursando o 1º semestre do curso.

que, no meio do ano, o CEFET/UnED² Cajazeiras, estaria realizando um vestibular para ingresso no primeiro curso superior de Tecnologia do sertão da Paraíba. Ele esclareceu que seria um curso na área de Automação Industrial, curso tecnológico com 3 anos de duração. Ficamos curiosos sobre o curso e visualizamos a oportunidade de fazer um curso superior nesta área em nossa região – na época o mais próximo que tinha era Engenharia Elétrica em Campina Grande, o que era inviável por diversos fatores.

Alguns meses depois vinha o vestibular. Da nossa turma de Eletromecânica, três pessoas o fariam: Raphael, José Rogério e eu. Alguns dias depois da realização das provas do vestibular, ao chegarmos à Uned, colegas nos parabenizaram; ainda sem compreendermos o motivo, eles nos explicavam que havia saído a lista de aprovação do vestibular de Automação Industrial e nós três tínhamos sido aprovados. Isso foi motivo de uma grande alegria; os três estudantes de eletromecânica, agora, alunos do primeiro curso superior de tecnologia da Uned. Estávamos no ano de 2005.

Enfim, o primeiro dia de aula. 30 pessoas. Durante as apresentações conduzidas por alguns professores, a impressão era de que estávamos perdidos entre os colegas formados em Física, Matemática, ex-estudantes de Engenharia Mecânica, técnicos já formados na área de Informática... e nós apenas com o ensino médio no currículo. Ficamos apreensivos. Tudo era novo para nós, e as aulas já começaram em um ritmo acelerado.

Em pouco tempo, devido à correria do trabalho, Rogério decidiu deixar o curso técnico e se dedicar somente à formação superior, Raphaell e eu permanecemos em ambos os cursos, o que tornava nossa rotina cansativa. A Uned passou a ser nosso segundo lar, ou melhor, a extensão de nossas casas. Ali passávamos mais tempo com nossos professores e colegas do que com nossa própria família.

O primeiro semestre do curso foi o mais impactante. Não tínhamos ideia de como o curso seria, as disciplinas de cálculo e programação tiraram a noite de sono de muita gente, porém, graças a elas, acreditamos que a nossa visão de mundo e do que realmente é estudar mudaria muito. A exigência dos professores nos trouxe maturidade para encarar novos desafios. Além disso, por nossa formação em Eletromecânica, Rogério, Raphaell e eu tínhamos uma boa afinidade, e sempre ajudávamos uns aos outros. Isso tornou nossa rotina um pouco mais leve, embora não menos difícil.

Ao final do primeiro semestre de curso, dos 30 iniciantes, apenas 7 saíram bloqueados e nós três entre eles – conseguimos avançar nesta etapa. Ficamos conhecidos como os 7 sobreviventes. Apesar de ter sido um desafio muito difícil, estávamos orgulhosos pelo reconhecimento e respeito que estávamos conquistando dos nossos colegas e professores.

Ao final do terceiro semestre, apenas nós 3 permanecemos bloqueados no curso e assim chegamos ao último período. O curso já tinha crescido de forma significativa, várias turmas vivenciando aquelas mesmas batalhas em busca do tão sonhado diploma.

O CST em Automação Industrial trouxe para a Uned Cajazeiras seus primeiros alunos pesquisadores, que, por coincidência também seríamos nós, os pioneiros. Foram desenvolvidos projetos nas áreas de Eletrônica de Potência e também em Controle de Processos. Esses trabalhos renderiam alguns dos primeiros artigos publicados por alunos da UnED/CZ sob orientação dos professores Euzeli Cipriano e Valnyr Lira. Era nosso primeiro contato com pesquisa, um mundo totalmente novo para nós.

Imagem 01 – Turma Pioneira de Automação Industrial (2008)



Fonte: Arquivo pessoal de Fábio Araújo de Lima (2008). (Da esquerda para a direita, Rphaell Maciel de Sousa, Fábio Araújo de Lima e José Rogério da Silva Leite).

As bolsas de monitoria também tiveram seu início com o avançar do CST em Automação. As dificuldades impostas pelas disciplinas passaram a oportunizar

aos estudantes realizar avaliações de conhecimento adquirido, para estes pudessem compartilhar conhecimento com os colegas dos períodos iniciais do curso.

Do curso de Automação também vieram os primeiros TCCs (Trabalhos de Conclusão de Curso) produzidos na UnED, trabalhos que oportunizaram a alguns estudantes prosseguirem para futuras pós-graduações, a exemplo de Raphaell, que, ao terminar o curso, com a ajuda de seu orientador e outros professores, pôde iniciar mestrado em Engenharia Elétrica na UFRN na cidade de Natal, no Rio Grande do Norte, caminho que eu também viria a seguir alguns meses depois.

Hoje, após 19 anos de sua fundação, o curso deu lugar ao Bacharelado de Engenharia de Controle e Automação, mas o legado do curso de Tecnologia em Automação Industrial já trouxe de volta ao *Campus* Cajazeiras diversos profissionais, os chamados “pratas da casa”. Raphaell e eu hoje somos doutores em nossas áreas e professores do *Campus* há 15 anos. Edleusom Saraiva, também ex-aluno do curso, hoje é nosso colega professor; Suélio Fernandes e Ramon Nunes são nossos técnicos de laboratório.

É importante ainda ressaltar que muitos outros alunos, já mestres e doutores, que passaram pelo CST em Automação, estão atuando nas mais diversas áreas da Academia e do mercado tecnológico, inclusive no exterior.

Transição para o Curso de Engenharia de Controle e Automação

Por Leandro Honorato Silva

Naturalmente, em 2015 o CST em Automação Industrial completava 10 anos de existência, tendo sido sua última reformulação realizada em 2011, aprovada pela Resolução N° 77 CONSUPER/IFPB, de 14 de maio de 2012. A Uned já era *Campus*, pois o Cefet deu lugar ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, pela emissão da Lei 11.892/2008 Sendo assim, havia a necessidade de atualização do curso. Entretanto, os servidores da Unidade Acadêmica da Área de Indústria tiveram um pensamento mais ousado: por que não transformar o Curso Superior de Tecnologia em Automação Industrial em um curso de Engenharia?

Observando o projeto pedagógico do CST em Automação Industrial, é possível notar que se trata de curso que concatena saberes abrangentes na área da Engenharia Elétrica e da Engenharia Mecânica. A comprovação disso é que vários egressos do curso obtiveram grande sucesso profissional e acadêmico, chegando aos mais altos postos de trabalho e títulos acadêmicos – como os próprios professores Raphaell Maciel e Fábio Araújo. Importante destacar que, enquanto o Prof. Raphaell possui Doutorado em um Programa de Pós-Graduação em Engenharia Elétrica, o Prof. Fábio possui Doutorado em um Programa de Pós-Graduação em Engenharia Mecânica, reforçando o caráter multidisciplinar do CST em Automação Industrial.

De início, a proposta era fazer uma reformulação do CST em Automação Industrial para transformar o curso em Engenharia Mecatrônica. Essa proposta, entretanto, apresentava uma dupla impossibilidade. A primeira era relacionada à mudança do tipo de curso. O CST, como diz a própria sigla, é um Curso Superior em Tecnologia, enquanto o curso de Engenharia é um Bacharelado, logo sem possibilidade de transformação direta de um em outro por se tratarem de modalidades diferentes de graduação. A segunda impossibilidade estava no termo Engenharia Mecatrônica. Embora ainda conste em algumas resoluções do sistema CONFEA/CREA e ainda existam alguns cursos denominados Engenharia Mecatrônica, esta Engenharia não aparece mais nos catálogos de Referenciais Nacionais para Cursos de Engenharia do MEC³. Também há orientação do MEC de convergência de denominações dos cursos de engenharia⁴, determinando que os cursos de Engenharia Mecatrônica passem a ser denominados de Engenharia de Controle e Automação.

Acrescentem-se a essas duas justificativas, as Resoluções do CONFEA nº 427/99 a qual discrimina as atividades do Engenheiro de Controle e Automação e a nº 473/2022 que Institui Tabela de Títulos Profissionais do Sistema Confea/Crea. Nesta última, já não aparece a denominação Engenharia Mecatrônica, e sim Engenharia de Controle e Automação. Sendo assim, o Sistema CREA/CONFEA tem aplicado a “convergência do título acadêmico de ENGENHEIRO MECATRÔNICO para o

3 <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/referenciais.pdf>

4 http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/convergencia_denominacao.pdf

título profissional de ENGENHEIRO DE CONTROLE E AUTOMAÇÃO” (PROPOSTA CCEEE/CONFEEA Nº 9/2022, destaque em caixa alta no original).

Em resumo: Engenharia de Controle e Automação é o nome atualizado da Engenharia Mecatrônica. Além disso, é importante destacar a seguinte característica dessa formação, de acordo com a Resolução no 427/99 do CONFEEA:

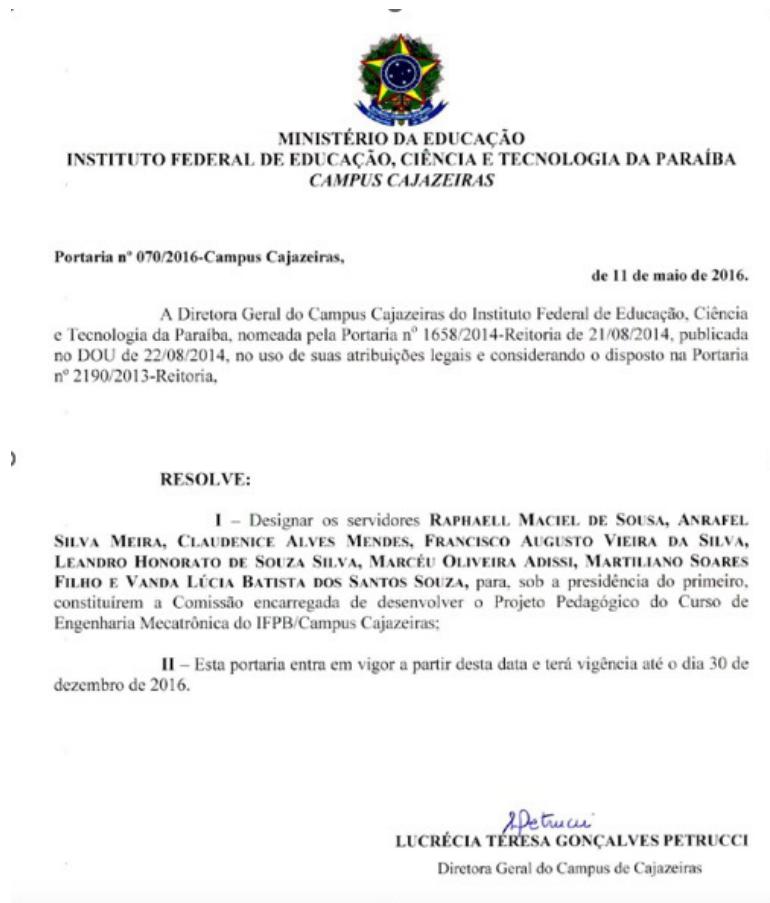
Art. 3º Conforme estabelecido no art. 1º da Portaria 1.694/94 – MEC, a Engenharia de Controle e Automação é uma habilitação específica, que teve origem nas áreas elétricas e mecânicas do Curso de Engenharia, fundamentado nos conteúdos dos conjuntos específicos de matérias de formação profissional geral, constante também na referida Portaria.

Essa formação possui total afinidade com o perfil dos servidores vinculados à Unidade Acadêmica da Área de Indústria e com atuação no CST em Automação Industrial. Esses docentes majoritariamente possuem formação em Engenharia Elétrica, Engenharia Mecânica e CST em Automação Industrial e ainda em total consonância com o curso Técnico em Eletromecânica: Elétrica e Mecânica.

Em que pesem os ótimos resultados obtidos por egressos do CST em Automação Industrial, estes enfrentam dificuldades pela falta de regulamentação e existência de preconceitos com o Curso Superior em Tecnologia - algumas vezes essa dificuldade até os impede de participar de processos seletivos que colocam exclusividade para graduados em engenharias. Visando solucionar esses problemas, melhorar oportunidades

de acesso tanto ao mercado de trabalho quanto aos programas de pós-graduação, a Portaria 070/2016 do *Campus Cajazeiras* designou servidores para compor a Comissão de Elaboração do Projeto Pedagógico do Curso de Engenharia Mecatrônica do IFPB *Campus Cajazeiras*.

Imagem 02 – Portaria 070/2016 do IFPB, *Campus Cajazeiras* (2016)



Fonte: IFPB (2016).

É importante destacar que o trabalho e elaboração da proposta do novo curso foi iniciada por estudos de comissões anteriores e vários outros colegas dedicaram esforços para chegar a essas conclusões. Certamente essa comissão instituída já partiu de reflexões construídas anteriormente.

Após o prazo de vigência da Portaria 070/2016, o projeto do curso ainda não estava finalizado. Foi necessário continuar o trabalho para vencer todas as dificuldades e demandas burocráticas do audacioso projeto. Neste sentido, foi publicada a Portaria 165/2017 que institui nova comissão para elaboração do Projeto Político Pedagógico já do curso de Engenharia de Controle e Automação.

Imagem 03 – Portaria 165/2017 do IFPB Campus Cajazeiras (2017)



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA
CAMPUS CAJAZEIRAS**

Portaria nº 165/2017-Campus Cajazeiras,

de 03 de outubro de 2017.

A Diretora Geral do *Campus* Cajazeiras do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, nomeada pela Portaria nº 1658/2014-Reitoria de 21/08/2014, publicada no DOU de 22/08/2014, no uso de suas atribuições legais e considerando o disposto na Portaria nº 2190/2013-Reitoria,

RESOLVE:

I - Designar os servidores **LEANDRO HONORATO DE SOUZA SILVA, ABINADABE SILVA ANDRADE, ANRAFEL SILVA MEIRA, FRANCISCO AUGUSTO VIEIRA DA SILVA, JAILTON FERREIRA MOREIRA E VANDA LÚCIA BATISTA DOS SANTOS SOUZA**, para, sob a presidência do primeiro, para compor a comissão de elaboração do Projeto Político Pedagógico do Curso de Engenharia de Controle e Automação;

II – Esta portaria entra em vigor a partir desta data com vigência até 03/10/2018.


LUCRÉCIA TEREÇA GONÇALVES PETRUCCI
Diretora Geral do IFPB *Campus* de Cajazeiras

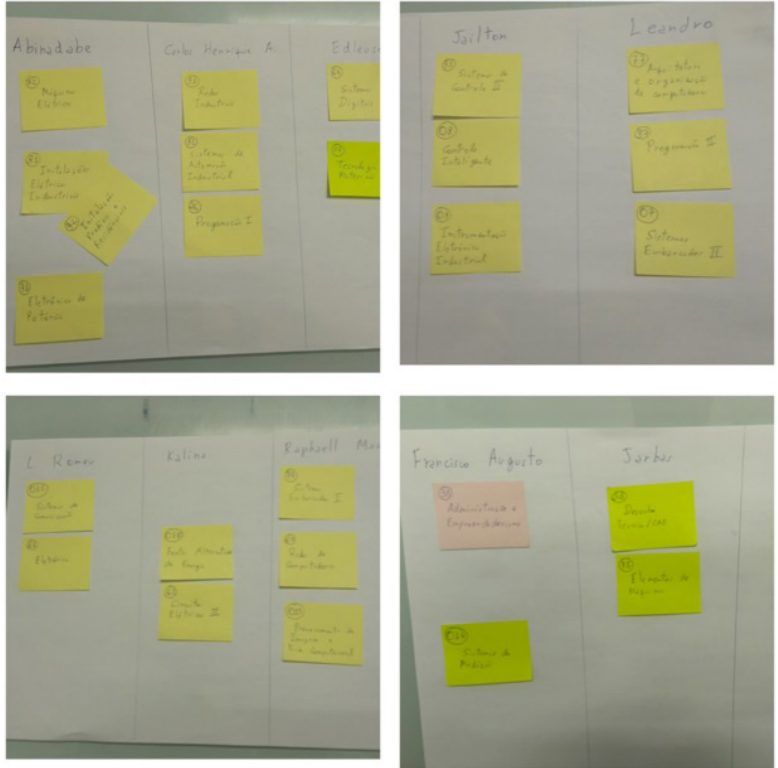
Fonte: IFPB (2016).

Com muito trabalho, a Comissão responsável pela elaboração do PPC de Engenharia de Controle e Automação construiu:

- PPC do curso (107 páginas);
- Estudo de Viabilidade do Curso (33 páginas);
- Plano de Trabalho do Curso (19 páginas);
- Planos de todas as disciplinas previstas no projeto do curso (79 disciplinas – 184 páginas ao todo).

Os planos de disciplinas foram construídos com o apoio de muitos docentes lotados no *Campus Cajazeiras*, incluindo todos os docentes vinculados à UNIND⁵ na época. Na Sala dos Professores da Área de Indústria, foi afixado um quadro designando as disciplinas cujo plano deveria ser elaborado por cada docente. Não havia outra forma de conseguir concluir tantos planos de disciplina se não fosse com a colaboração e o empenho de toda a área.

Imagem 04 – Quadro afixado na sala dos professores da área de Indústria com a distribuição dos planos de disciplina a serem elaborados por cada docente da área (2017)



Fonte: Arquivo pessoal de Leandro Honorato de Souza Silva (2017).

De forma prática, foram protocolados dois processos: o primeiro, de criação do Curso de Engenharia de Controle e Automação e, no dia seguinte, o de Extinção do CST em Automação Industrial – este último instruído pelo Plano de Extinção de Curso, conforme regulamentação vigente. Na época ainda não havia sido implementado o processo eletrônico, então foram dois volumosos processos físicos, conforme pode ser visualizado nas Imagens 05 e 06.

Imagem 05 – Imagem de todo o processo impresso na Mecanografia do Campus (2018)



Fonte: Arquivo pessoal Leandro Honorato de Souza Silva (2018). Na foto, o Prof. Dr. Abinadabe Silva Andrade, membro da Comissão de Elaboração do PPC do Curso.

Imagem 06 – Foto do momento da abertura do processo de criação do Curso Superior de Engenharia de Controle e Automação (2018)



Fonte: Arquivo pessoal Leandro Honorato de Souza Silva (2018). (Da esquerda para a direita, Jailton Ferreira Moreira, Abinadabe Silva Andrade e Leandro Honorato de Souza Silva).

Imagem 07 – Registro dos protocolos dos processos de criação do curso de Engenharia de Controle e Automação e extinção do CST em Automação Industrial (2018)

🔍	23324.000479.2018-64	Extinção do Curso de Tecnologia em AI	Leandro Honorato de Souza Silva	27/02/2018 11:08
🔍	23324.000464.2018-04	Criação do Curso Superior de Engenharia de Controle e Automação - Edital PRE 04/2018	Leandro Honorato de Souza Silva	26/02/2018 16:36

Fonte: Arquivo pessoal Leandro Honorato de Souza Silva (2018).

O processo de criação do curso passou por todos os trâmites regimentais, tendo sido aprovado inicialmente no Conselho Diretor do *Campus* Cajazeiras e encaminhado para o CONSUPER em 16 de março de 2018.

Antes da aprovação final, o PPC de Engenharia de Controle e Automação retornou cinco vezes ao *Campus* Cajazeiras para revisões e ajustes. Após todas as necessárias correções solicitadas pela Diretoria de Ensino Superior (DES) e Diretoria de Articulação Pedagógica (DAPE), o projeto foi aprovado na 42ª Reunião Ordinária do CONSUPER em 18 de junho de 2020 (Resolução-CS nº 12/2020).

No período letivo de 2019.1, dá-se o início da oferta da primeira turma de Engenharia de Controle e Automação no IFPB *Campus* Cajazeiras. O primeiro curso de Engenharia de Controle e Automação a ser ofertado por uma instituição pública de ensino na região. Um curso novo, mas que já nasce com todo um legado de 14 anos de existência do CST em Automação Industrial.

Legado e Perspectivas Futuras

Em 2023, começam a ser formados os primeiros alunos de Engenharia de Controle e Automação. Também em 2023 ocorre o processo de Reconhecimento/Avaliação Externa, pelo qual o curso é avaliado e obtém conceito 4, numa escala de 0 a 5, ou seja, um ótimo resultado!

Com todo o aprendizado do período, há um relevante processo de reformulação do curso em andamento, refinamento das competências e habilidades do egresso em consonância com as novas Diretrizes Curriculares para os Cursos de Engenharia. A nova proposta dará ao curso uma característica mais ágil e um perfil mais centrado na intersecção entre Engenharia Elétrica, Engenharia Mecânica e elementos da Computação,

ciências que, de fato, constituem a área de atuação do Engenheiro de Controle e Automação.

Há muito a se inovar e aprimorar no processo de formação do Engenheiro de Controle e Automação. É um desafio formar profissionais em um ramo tecnológico com constantes atualizações e demandas.

Como expectativas futuras, gostaríamos de poder ver nossos egressos ganhando o mundo, atuando profissionalmente na indústria, empreendendo, conquistando pós-graduações! E, quem sabe, alguns dos nossos alunos tenham afinidade com a docência, e, assim como o CST em Automação Industrial formou profissionais que se tornaram docentes no IFPB *Campus Cajazeiras*, que o mesmo possa ocorrer com Engenharia de Controle e Automação.

CAPÍTULO 03.

Uma década de Engenharia Civil: trajetória do IFPB – Campus Cajazeiras

Gastão Coelho de Aquino Filho
Henrique Duarte de Oliveira

O *Campus Cajazeiras* do Instituto Federal da Paraíba (IFPB) conta sua história desde o ano de 1994, quando nasceu e emergiu, de modo pensado e bem organizado, oferecendo os Cursos Técnicos Integrados em Agrimensura e Eletromecânica. Posteriormente, no fulgor de 2005, desabrochou, pioneiramente, o Curso Superior de Tecnologia em Desenvolvimento de Sistemas, marcando o início de uma sequência de lançamentos de novos cursos superiores. Nesse desenvolvimento, em 2013, inovando, despontando, ampliando ainda mais a Instituição, surge o Curso Superior de Bacharelado em Engenharia Civil.

Ao completar dez anos desde a implantação desse Curso, a celebração desse marco se materializa na análise desta década de luta e perseverança, dedicada à perpetuação de um curso de qualidade. A aspiração é forjar um futuro auspicioso e proeminente, impelido pelo propósito de transformar vidas como força vital no desenvolvimento social.

De modo geral, este capítulo descreve a trajetória do Curso de Engenharia Civil no *Campus* Cajazeiras do IFPB, indo do seu nascimento aos dias atuais, passando por todos os entraves, obstáculos e destacando os dez anos de operacionalidade dentro do esperado. Sabe-se que é uma jornada sinuosa que ressoa a importância não apenas para a Instituição mas também para a região e a sociedade, amalgamando-se como ele: indissolúvel na trama do progresso.

O *Campus* Cajazeiras do IFPB, ao celebrar uma década de resultados no âmbito do Curso de Engenharia Civil, tece uma narrativa de persistência e sucesso. A valorização intrínseca desse *Campus* e curso revela-se não apenas na formação acadêmica mas ainda na contribuição inestimável para o desenvolvimento sociocultural da região. O curso não é meramente uma entidade educacional, é um agente de transformação que, ao longo dos anos, moldou mentes e atraiu profissionais engajados na construção de um futuro robusto e equitativo.

Pode-se dizer que o arcabouço líder oferecido pelo *Campus* Cajazeiras não apenas enaltece uma instituição como um bastião do saber mas também consolida a importância da engenharia civil como pilar fundamental na edificação de sociedades resilientes e infraestruturas sustentáveis. Este curso não é apenas um caminho para o conhecimento, mas uma trilha para a liderança consciente e a responsabilidade social, delineando um legado que transcende as paredes da academia e se estende para a comunidade e além dela.

A Jornada Inicial – da Ideia à Realização

A criação do Curso de Engenharia Civil no *Campus* Cajazeiras foi motivada por uma série de fatores e resultado de um cuidadoso processo de concepção que abrangeu diversos aspectos, refletindo a necessidade de atender às demandas existentes na época, tanto na esfera social como comercial, considerando a velocidade das transformações tecnológicas e o seu papel com relação à construção civil, de modo a buscar melhorias nas condições de vida da população, destacando-se a importância da formação de engenheiros civis.

A ausência de profissionais qualificados na área de engenharia, principalmente da engenharia civil, pode afetar negativamente o progresso e a eficiência em projetos de infraestrutura e construção. A lacuna compromete não apenas o avanço de iniciativas estratégicas mas também a capacidade do país de atender à crescente demanda por obras e inovações urbanas.

Vale destacar que, no momento da fundação do Curso de Engenharia (2013), houve uma efervescência no mercado de trabalho para os engenheiros, marcando uma era de grande expansão e oportunidades. Ao longo dos anos, no entanto, houve períodos de altos e baixos, cenários esses que acabavam refletindo diretamente no interesse e na procura por cursos de engenharia. Ademais, recentemente, pôde-se observar uma renovação no interesse e novos investimentos na área, desse modo, com o setor de construção civil recebendo aportes que impulsionam o crescimento e a dinâmica do mercado.

A revitalização do campo da engenharia destaca a importância estratégica de atrair e capacitar profissionais qualificados para atender às demandas emergentes de infraestrutura e inovação. Investir na formação e no aprimoramento contínuo desses especialistas é crucial para enfrentar os desafios contemporâneos e garantir que o Brasil mantenha sua competitividade no cenário global, promovendo um ambiente propício ao desenvolvimento sustentável e à prosperidade econômica.

Trazendo essa discussão para contemplar a situação na Paraíba a realidade não se fazia muito diferente na época da implementação do curso no *Campus Cajazeiras*, pois havia poucos cursos de Engenharia Civil e um mercado aquecido que exigia mais profissionais capacitados, principalmente no sertão do estado, intrinsecamente na sertaneja Cidade de Cajazeiras que se destaca como um centro educacional da região, atraindo pessoas e impulsionando o crescimento do setor educacional.

O rápido crescimento imobiliário na cidade, com um aumento de mais de 300% em dez anos, destaca a importância da construção civil na região. Além disso, a quantidade de trabalhadores ativos na construção civil supera a do comércio, demonstrando uma alta demanda por construções na região.

Todos esses fatores, incluindo a falta de “engenharia” no país, o crescimento do mercado imobiliário, a expansão da construção civil em Cajazeiras e a ausência de um curso de Engenharia Civil no Sertão da Paraíba, mais especificamente na microrregião de Cajazeiras, justificaram plenamente a criação do curso.

No Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) do IFPB para os anos de 2010 a 2014 (IFPB, 2010), documento essencial para orientar o crescimento e aprimoramento da instituição, alinhando-se com as demandas sociais e econômicas da região, havia a previsão do Curso Superior de Tecnologia em Construção de Edifícios para o *Campus* Cajazeiras, para o ano de 2011.

Após várias reuniões entre a gestão do *Campus* e a Reitoria, foi autorizada a elaboração do Plano Pedagógico do Curso (PPC), quando a Direção Geral do *Campus* Cajazeiras emitiu a Portaria GD nº 050 de 19 de outubro de 2011, designando uma comissão para realizar levantamentos das necessidades para a estruturação e elaboração do referido plano.

Concomitante a essa tendência por um curso de bacharelado, em 2012 o IFPB realizou um estudo de viabilidade de novos cursos, considerando a larga experiência no *Campus* na área de construção civil, que teve início com os Cursos Técnicos de Agrimensura e, posteriormente, Edificações, desempenhando um papel importante nesse processo. Os cursos técnicos já em pleno funcionamento proporcionaram uma base sólida de conhecimento e expertise que fundamentou a expansão para o Curso de Engenharia Civil. Essa expertise prévia não apenas demonstrou a aptidão do *Campus* para a área mas também indicou a necessidade de uma oferta acadêmica mais abrangente e aprofundada.

O impulso experimentado no âmbito da construção civil na localidade foi um elemento crucial. A ascendente procura por especialistas capacitados nesse domínio delineou a perspicácia de contribuir para o

avanço regional por meio da instrução de engenheiros civis. O cenário profissional carecia imperativamente de indivíduos habilitados a enfrentar os desafios particulares da área, e, nesse contexto, o Curso de Engenharia Civil foi concebido com a finalidade de suprir essa necessidade premente.

Ademais, a voz da coletividade desempenhou um papel de magnitude neste processo. O anseio expresso pela comunidade do Alto Sertão da Paraíba por um curso de Engenharia Civil na região foi um elemento catalisador essencial. Tal demanda, além de espelhar a urgência prática de profissionais qualificados, sublinhava a relevância social e econômica que o Curso viria a representar para a comunidade local.

Assim, um trabalho conjunto entre as áreas de Construção Civil, Conhecimentos Gerais e o Setor Pedagógico culminou na elaboração do Plano Pedagógico do Curso (PPC), um documento essencial que delinea os objetivos, a estrutura curricular e as diretrizes pedagógicas. Esse plano foi cuidadosamente desenvolvido e, após um rigoroso processo de avaliação, foi aprovado pelo Conselho Superior do IFPB, em 2013.

Essa aprovação oficial solidificou o compromisso da Instituição em oferecer um Curso de Engenharia Civil de alta qualidade, alinhado às demandas da região e contribuindo significativamente para o desenvolvimento do estado e da região, proporcionando serviços de qualidade e disponibilizando, no mercado, profissionais egressos com formação generalista, proativa, crítica e reflexiva, capacitados a assimilar e desenvolver novas tecnologias, identificar e solucionar problemas, com visão ética e hu-

manística, considerando os aspectos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais, em atendimento às demandas da sociedade (IFPB, 2013, p. 36), conforme esperado no planejamento inicial do curso.

Para chegar a esse nível de excelência desejada, foi preciso vencer barreiras de infraestrutura: pensar em novas salas de aula, reestruturar laboratórios antigos, projetar novos laboratórios e adquirir insumos, objetivando chegar à implantação total. Assim foi feito e, ainda hoje, avaliam-se e planejam-se novas melhorias.

Moldando o Curso

O Curso de Engenharia Civil, meticulosamente concebido, alinha-se integralmente com a legislação da época, ancorando-se em referências categóricas, destacando-se o Parecer CNE/CES (Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Superior) nº 1.362, datado de 12 de dezembro de 2001, a Resolução CNE/CES nº 11, de 11 de março de 2002, delineadora das Diretrizes Curriculares Nacionais para Cursos de Engenharia, e o Parecer CNE/CES nº 184, de 7 de julho de 2006, que fixa a carga horária mínima dos cursos de bacharelado. Sob o resplendor destes parâmetros, a Resolução nº 158 do Conselho Superior do IFPB, de 24 de setembro de 2013, outorgou a sagrada autorização.

Posteriormente à aprovação do Curso, em busca de constante atualização e sintonia com a legislação e as demandas do mercado de trabalho, a Direção-Geral do *Campus* erigiu diversas comissões, como atestado pelas altivas Portarias nº 146, de 20 de outubro de 2015;

nº 017, de 11 de fevereiro de 2016; nº 132, de 29 de agosto de 2016; e a nº 11, de 16 de janeiro de 2017. Este metuculofo processo culminou em uma relevante alteração no Plano Pedagógico do Curso (PPC) em 2017, respaldada pela Resolução *Ad Referendum* nº 21 do Conselho Superior, corroborada pela Resolução nº 44, de 07 de agosto de 2019, e suas posteriores retificações.

A incursão do IFPB no e-MEC, o Sistema do Ministério da Educação implantado para tramitação de processos regulatórios para instituições de ensino superior do Brasil, teve seu prólogo com o preenchimento do formulário eletrônico em 2014. Posteriormente, após a autorização da modificação, a Instituição atualizou os dados com o PPC de 2017. Esse diligente trajeto alcançou seu ápice com o Ato de Reconhecimento do Curso, desdobrado após Avaliação de Regulação, que contemplou uma visita presencial, no período de 08 a 11 de abril de 2018. A consagração do curso veio por intermédio da Portaria do Ministério da Educação nº 547, emitida em 14 de agosto de 2018.

No ano de 2021, a Secretaria de Regulação e Supervisão da Educação Superior, em sua atribuição, renovou o Reconhecimento do Curso por meio da Portaria do Ministério da Educação nº 110, datada de 4 de fevereiro de 2021.

Anatomia do Curso

O propósito fundamental do Curso de Engenharia Civil em Cajazeiras é claro e nobre: forjar profissionais dotados de competência técnica, ética e social, juntando harmoniosamente a preocupação com a sustentabilidade ambiental e o viés da integridade humana. Esta missão que, inegavelmente, transcende os papéis, documentos, quadros ou muros, compreende, sem dúvidas, catalisar o florescer de habilidades e aptidões filosóficas, científicas e tecnológicas, emanando de um substrato de pensamento reflexivo, enraizado em uma formação humanística e ética, primordial para a harmonização do engenheiro com a sociedade e o labor interdisciplinar.

O atual Plano Pedagógico do Curso (PPC) estabelece uma estrutura curricular com a duração mínima de 10 (dez) semestres e a máxima de 18 (dezoito) semestres. Durante esse período, os estudantes enfrentarão uma carga horária total de 3.861 horas (IFPB, 2017, p. 27).

A distribuição dessas horas segue uma organização cuidadosa, abrangendo diferentes núcleos de conteúdo. O núcleo de conteúdos básicos compreende 38,43% do Curso, enquanto o núcleo de conteúdos profissionalizantes representa 17,70%. Por sua vez, o núcleo de conteúdos específicos engloba 43,87% do total.

Além das disciplinas regulares, o Programa inclui componentes essenciais para a formação integral do estudante. Destacam-se 67 horas dedicadas ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), um estágio curricular obrigatório de 160 horas e 100 horas destinadas a atividades complementares, abrangendo uma variedade de expe-

riências enriquecedoras, como trabalhos de iniciação científica, projetos práticos, visitas técnicas, participação em congressos e outras iniciativas relevantes para o desenvolvimento acadêmico e profissional.

Em um gesto de reconfiguração do itinerário formativo dos bacharelandos, o último semestre do curso sofreu um sutil realinhamento, com disciplinas criteriosamente retiradas e distribuídas ao longo dos semestres, sem, contudo, descaracterizar as áreas basilares de formação essenciais para um engenheiro de excelência: Construção Civil, Infraestrutura, Estruturas, Geotecnia e Recursos Hídricos.

A infraestrutura que respalda o Curso ostenta laboratórios didáticos específicos, já concretizados, nas vertentes da Física, Química, Informática, CAD, Geotecnia, Materiais de Construção e Técnicas Construtivas, Hidráulica, Topografia, Eletrônica/Eletricidade e Instalações Elétricas. Estes espaços didática e metodologicamente pensados, por isso propícios para a realização de aulas práticas, atendem não apenas a este curso mas a uma miríade de outros, munidos de catálogos meticulosos de procedimentos de ensaios práticos e normativas de segurança no manuseio.

Outro projeto cuidadosamente delineado também nos brinda com a promessa de um laboratório de Saneamento, aguardando apenas a dotação orçamentária para sua efetivação.

O corpo docente, alicerçado em bases sólidas, é composto por profissionais habilidosos, titulados com pós-graduação e espraiado entre doutores, mestres e especialistas, todos portadores de uma rica experiência

tanto no magistério superior quanto na prática profissional. A rotatividade do corpo docente, longe de ser um agravo ao curso, revelou-se, na verdade, um catalisador de vitalidade e qualidade, com inúmeros engenheiros de destaque – alguns deles desempenharam a função de coordenador de curso ao longo de seu percurso acadêmico profissional.

Produção Científica

No âmbito das diversas políticas institucionais adotadas pelo IFPB, destaca-se notavelmente a ênfase no estímulo ao desenvolvimento da pesquisa, extensão e inovação, alinhando-se harmoniosamente à criação de grupos especializados e ao estímulo exponencial de ações voltadas a estes setores. Sob essa abordagem, o Curso de Engenharia Civil do Instituto Federal da Paraíba, *Campus Cajazeiras*, destaca-se como protagonista exitoso, transcendendo as fronteiras do ensino convencional e fomentando, com êxito, a produção científica entre alunos e professores, gerando repercussões notáveis no cenário acadêmico tanto nacional quanto internacional.

A materialização dessa política se evidencia na consolidação de parcerias estratégicas com diversas empresas paraibanas, estabelecendo também colaborações com docentes de outros Campi do próprio IFPB e de instituições externas. Essas alianças têm contribuído de forma substancial para acelerar o desenvolvimento de pesquisas de alta relevância. A interação com empresas parceiras e outras instituições possibilita, até os dias atuais, a realização de visitas técnicas na região, a

obtenção de estágios, doações de insumos e a execução de práticas de projetos inovadores.

A interdisciplinaridade é um fator crucial nesse cenário, uma vez que profissionais de outras instituições e de diversos Campi do IFPB têm desempenhado papéis fundamentais no desenvolvimento de Trabalhos de Conclusão de Curso e pesquisas, muitas vezes colaborando na execução de práticas laboratoriais especiais. Essa abordagem colaborativa enriquece a formação acadêmica dos estudantes, proporcionando uma experiência mais abrangente e alinhada com as demandas contemporâneas do mundo do trabalho.

Além disso, ao se explorar o *site* do IFPB/Cajazeiras, observa-se que a instituição promove, regularmente, eventos e atividades relacionadas à pesquisa e inovação, proporcionando um ambiente propício para a troca de conhecimento e a disseminação de novas descobertas. Essas iniciativas fortalecem a cultura de pesquisa no *Campus*, consolidando-o como um polo de excelência no campo da Engenharia Civil e fomentando a produção de conhecimento que impacta positivamente não apenas a comunidade acadêmica mas também a sociedade em geral.

O Impacto da Pesquisa Científica

A pesquisa sempre teve um protagonismo relevante, quando temas atuais são explorados e se transformam em conhecimento e ou ações, uma forma de resposta à sociedade a suas demandas e justificativa de sua relevância na região, aplicando esses conhecimen-

tos em diversas áreas como: avaliação de desempenho de habitações; análise do saneamento básico e riscos de alagamentos; diagnósticos de patologias nas mais variadas construções. A pesquisa também se apresenta, abordando temas como a influência do marketing na engenharia e análise de mercado, segurança no trabalho e uso de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) bem como na análise da expansão urbana e gerenciamento de resíduos sólidos em canteiro de obras.

O Curso de Engenharia Civil tem se destacado nos últimos anos por uma série de projetos de pesquisa inovadores e relevantes. Entre esses projetos, merecem destaque aqueles que abordam temas como análise estrutural, materiais de construção sustentáveis, gestão ambiental e tecnologias para o desenvolvimento urbano.

Um dos projetos pioneiros realizados no IFPB foi o desenvolvimento de um programa para análise matricial de treliças 2D utilizando a linguagem Python. Esta pesquisa, além de demonstrar o potencial da linguagem Python na Engenharia Civil, também proporcionou uma abordagem computacionalmente eficiente para a análise estrutural de treliças, trazendo contribuições significativas para a prática profissional e acadêmica da engenharia. Além deste, foram desenvolvidas técnicas e programas de computadores que, aplicados, podem fazer análise de vigas, avaliar impactos aerodinâmicos em edificações, análise da incidência do vento em estruturas metálicas, análise elastoplástica de placas, finalizando com as várias aplicações dos métodos dos elementos finitos.

Outro estudo relevante realizado foi a caracterização dos ciclistas urbanos no trânsito da Cidade de Cajazei-

ras. Esta pesquisa trouxe uma compreensão mais profunda dos padrões de mobilidade urbana na região, identificando desafios e oportunidades para o planejamento de infraestrutura cicloviária e políticas de transporte sustentável.

No campo dos materiais de construção sustentáveis, o *Campus* Cajazeiras tem se destacado em pesquisas sobre a incorporação de resíduos industriais na produção de materiais de construção. Projetos como a adição de *tetra pak* triturado na produção de tijolos e argamassas e o enriquecimento do tijolo solo-cimento com resíduos da indústria de beneficiamento de arroz e óleos vegetais descartados destacam-se nesse contexto, abrindo um leque de opções voltadas para a melhoria e análise de materiais consagrados, substituindo o tradicional pelo sustentável, a exemplo do uso de cinza de olaria com análise de sua pozolanicidade, resíduos de pedras ornamentais, garrafas pet moídas, Resíduos de Construção e Demolição (RCDs), resíduos de cerâmica, polipropileno moído, ou produtos enriquecidos com fibra de sisal, vermiculita, resíduo de pneus, fibras de coco, de bananeira, de algodão e pó de caroços dos conhecidos frutos juá e seriguela.

O concreto contou com profundas análises sobre o empacotamento de grãos, o baixo consumo de cimento e ataque de íons cloreto, adições de materiais inertes e análise de passivação de armaduras, bem como o uso de barras de fibra de vidro em substituição ao aço.

Quando o assunto é água – um bem natural indispensável para a sobrevivência humana, aliado com a sustentabilidade –, muitos projetos foram desenvolvidos com o fim de analisar e propor reaproveitamento

de águas cinza, tanto na própria instituição como em habitações de interesse social, utilizando aplicação de fitorremediação e filtro anaeróbio, além da reutilização da água provida de bebedouros e condicionadores de ar, pensando-se também em se captar, armazenar e se usarem águas pluviais.

Esses projetos de pesquisa demonstram o compromisso do IFPB com a inovação e o desenvolvimento sustentável e ainda evidenciam o potencial da engenharia civil para enfrentar os desafios contemporâneos e promover soluções criativas para as demandas da sociedade. O engajamento dos pesquisadores e a colaboração entre instituições acadêmicas, empresas e comunidades locais são fundamentais para impulsionar o avanço do conhecimento e a aplicação prática dessas descobertas no campo da engenharia civil.

A “pegada” ecológica em utilizar produtos descartados e seu reaproveitamento sempre foi uma preocupação dos pesquisadores ávidos por novas descobertas, voltadas para um mundo melhor, fazendo pesquisa que pode ser aplicada em pequenas comunidades até grandes indústrias.

Projetos Além dos Limites da Academia

Desde os primórdios de nossa jornada acadêmica, uma miríade de projetos de extensão floresceu, tecendo os fios da qualificação dos egressos do Curso Técnico em Edificações. Essa formação foi como um vento vigoroso, impulsionando muitos a alcançar voos mais altos, adentrando no Curso de Engenharia Civil. Além

disso, germinou, nos novos alunos, uma consciência vibrante sobre a importância de traduzir os conhecimentos acadêmicos em ações práticas e significativas.

A sinergia entre aprendizado teórico e aplicação prática sempre permeou as preocupações tanto dos alunos quanto dos mestres. Este elo vital foi evidenciado de maneira marcante na sociedade, especialmente em no que se refere a imprescindíveis ações voltadas a questões ambientais. Uma gama diversificada de modalidades de extensão, compreendendo projetos, cursos, prestação de serviços e eventos, ecoou como um tributo à busca incessante por integrar academia e sociedade.

Na vastidão desbravada dessas iniciativas, destacaram-se projetos voltados para Higiene, Saúde e Segurança no Trabalho. Estes projetos transcendem os limites das salas de aula, alcançando os canteiros de obras, a Associação de Catadores de Material Reciclável de Cajazeiras e a Associação dos Catadores e Catadoras de Materiais Recicláveis de Uiraúna, ambos municípios da Paraíba. A coleta seletiva e a sustentabilidade ambiental emergiram como protagonistas, convocando a sociedade a abraçar fervorosamente o processo de coleta seletiva.

O viés sustentável se estendeu para além, abordando análises de condições ambientais e acessibilidade. Estes projetos, “como arquitetos visionários”, moldaram novos espaços e ambientes inclusivos, oferecendo um convite à diversidade. Quando o foco recai sobre obras públicas e o bem-estar da sociedade, projetos de análise de riscos em áreas de acesso público e estudos sobre manifestações patológicas em construções na cidade de Cajazeiras e região emergiram como guardiões vigilantes.

A zona rural não foi esquecida, mas sim enaltecida com projetos exequíveis que propuseram construções alternativas, com o uso de solo-cimento e de adobe. Essas iniciativas vislumbraram habitações de interesse social mais acessíveis, tornando-se uma dádiva para assentamentos e comunidades. Nesse contexto, floresceram projetos focados na gestão consciente de água e no tratamento de águas servidas, promovendo a reutilização como um princípio sagrado.

O êxito dessas empreitadas levou à concepção de Núcleos de Extensão, verdadeiros celeiros de projetos de interesse comum entre os extensionistas. Exemplificando tal união, o Campo Solar, o Centro de Assessoria Comunitária a Tecnologias de Utilidades Sociais (CACTUS/CZ) e o Núcleo do Laboratório de Acessibilidade, Mobilidade Urbana e Transportes (NULAMUT/CZ) surgiram como pilares para expansão dessas nobres iniciativas.

O somatório dessas energias gerou frutos tangíveis e também propiciou a criação de eventos memoráveis, como as Semanas de Engenharia Civil, com múltiplas edições realizadas, e a contínua celebração da Semana do Meio Ambiente. Esses eventos não eclipsaram os de menor porte, mas, ao contrário, consolidaram a notoriedade do Curso de Engenharia Civil no âmbito da extensão do *Campus* Cajazeiras. Assim, esse legado, como uma sinfonia em constante evolução, ressoa como um tributo à interconexão harmoniosa entre conhecimento e ação, entre academia e sociedade.

Diferenciais da Engenharia Civil em Cajazeiras – o Impacto Econômico e Social

Na trilha do conhecimento, a Engenharia Civil, pioneira na região do Sertão Paraibano, emerge como um farol, delineando uma transformação notável no perfil dos estudantes que buscam as sendas do *Campus*. Este curso, que se tornou um epicentro de sabedoria, atrai mentes inquisitivas de todos os cantos do Brasil, ávidas por absorver o vasto conhecimento proporcionado por uma tradição sólida, respaldada por laboratórios de excelência e um corpo docente de elevada competência.

Em consonância com o desenvolvimento acadêmico, o entorno do Instituto em Cajazeiras floresce com novos empreendimentos imobiliários, projetados para acolher uma clientela diversificada, resultado da ampliação do acesso proporcionado pelo Sistema de Seleção Unificada (SiSU). Nesse contexto, desenha-se um polo econômico que transcende fronteiras, onde o ato de residir converte-se em um catalisador para o crescimento exponencial do consumo, abrangendo setores como alimentação, vestuário e lazer.

Ao se debruçar sobre a aplicação prática dos projetos engendrados no seio deste curso na zona urbana e rural que orbita Cajazeiras, percebe-se a grandiosidade do seu impacto. O alcance dessas iniciativas se estende por cidades paraibanas e estados limítrofes, evidenciando a magnitude do legado que este curso relevante constrói em sua trajetória.

A gratidão da sociedade reverbera diante dessa contribuição inestimável, e o prestígio desse feito ul-

trapassa fronteiras, manifestando-se por meio de honrarias como Títulos de Cidadãos, Menções Honrosas e múltiplas premiações conquistadas em eventos de renome nacional e internacional. Tais méritos, por vezes de catalogação desafiadora, convertem-se em um testemunho eloquente da excelência que permeia cada face do Curso de Engenharia Civil no IFPB em Cajazeiras, consolidando-o como uma referência em Educação Superior e em Inovação na região.

Egressos – Histórias de Sucesso

Desde o seu surgimento, o Curso tem desempenhado um papel vital na capacitação de profissionais, tornando-se uma força motriz na transformação de mentes e carreiras. Ao longo de uma década, presenciou-se um total de 877 alunos matriculados, concentrados entre 260 na matriz de 2013 e 617 na matriz de 2017. Até o ano de 2023, orgulhamo-nos de 422 estudantes atualmente matriculados e 225 egressos, um testemunho vívido de nosso compromisso incansável com a formação de especialistas altamente qualificados, prontos para enfrentar os desafios dinâmicos do mercado. Este curso se sobressai, destacando-se como a principal fonte de egressos no *Campus*.

A complexa tarefa de rastrear o caminho dos egressos, um desafio digno de um épico, nos levou a traçar tendências com base em informações extraídas dos Currículos Lattes e de redes sociais. Embora o alcance seja parcial, representando cerca de 25% do total, acredita-se que 27% dos engenheiros trilham o caminho do

empreendedorismo, emergindo como fundadores de suas marcas profissionais. Nessa peregrinação, observou-se que 10% decidiram unir forças e fundar empresas na região, personificando a força do coletivo.

Uma parcela expressiva, cerca de 14%, optou por mergulhar nas águas profundas da pós-graduação, dedicando-se exclusivamente ao aprimoramento acadêmico. Ressalta-se que este número poderia ampliar-se consideravelmente ao abranger aqueles que buscam cursos de especialização como trampolim para ingressar no universo profissional. Seja alçando voos na academia ou não, notável é o 1% que escolhe a nobre trilha da docência, disseminando saberes na vastidão da engenharia.

Quando o cenário se volta para os domínios público e privado, observamos que 12% dos egressos estão engajados em empresas privadas de engenharia. Esse fenômeno, em grande parte, é impulsionado pelo desenvolvimento regional catalisado por grandes empreendimentos como a Transposição do Rio São Francisco e a Rodovia Transnordestina, demandando uma mão de obra altamente qualificada, composta por engenheiros e por técnicos formados pelo IFPB. Outros 5% desempenham suas habilidades como engenheiros em órgãos públicos, seja diretamente na engenharia ou em áreas correlatas.

Nem todos os caminhos, porém, seguem uma trilha originalmente traçada. Uma média de 5% dos egressos encontrou refúgio em campos distantes de sua formação, seja por estabilidade prévia no emprego ou por uma decisão audaciosa de embarcar em uma nova graduação.

À luz desses caminhos diversificados, remetemo-nos às palavras atribuídas ao eterno professor Pau-

lo Freire, que afirmou com propriedade: “Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda” (Freire, 2000, p. 31). Disso, nessa jornada de uma década, vê-se a educação como a força propulsora que capacitou esses engenheiros a moldarem seus destinos e, por conseguinte, contribuir para a transformação do mundo ao seu redor. Assim, celebram-se não apenas números mas narrativas que ecoam a poderosa influência da educação na construção de trajetórias inspiradoras.

Uma Década de Realizações com Olhar Esperançoso para o Futuro

A trajetória do Curso de Engenharia Civil no *Campus* Cajazeiras do IFPB é marcada por uma década de realizações notáveis e impacto significativo na Região do Sertão Paraibano. Desde sua concepção até os dias atuais, o Curso desempenhou um papel medular na formação de profissionais altamente qualificados, contribuindo para o desenvolvimento acadêmico e para o progresso econômico e social da comunidade. Alicerçado em uma base sólida de ensino, pesquisa e extensão, esse Bacharelado forneceu uma educação de qualidade, destacando-se como um agente transformador na construção de sociedades resilientes e infraestruturas socioeconômicas sustentáveis. Ao analisar a produção científica, os projetos de extensão e o impacto econômico e social, é evidente que o Curso de Engenharia Civil se consolidou como uma referência na educação superior e na inovação, deixando um legado duradouro de sucesso e excelência.

O advento do Curso de Engenharia Civil em Cajazeiras não se limita a ser uma mera adição à oferta acadêmica do Instituto Federal da Paraíba; erige-se, pois, como uma proeminente expressão do compromisso institucional para com as necessidades intrínsecas da comunidade, alinhado com o florescimento do setor e respaldado pela sólida bagagem de conhecimento acumulado ao longo dos anos. Sua gênese testemunha o empenho incansável da instituição em catalisar o desenvolvimento socioeconômico no Alto Sertão da Paraíba. Ao traçar sua trajetória, avista-se não apenas um curso acadêmico, mas um farol de esperança que ilumina os caminhos da região, guiando-a rumo a um futuro promissor.

No âmbito administrativo, aguarda-se com expectativa a concretização do Laboratório de Saneamento, uma iniciativa que promete elevar a excelência dos serviços oferecidos. Professores, por sua vez, arregimentam esforços para participar de editais de fomento, visando à manutenção e introdução de equipamentos de vanguarda nos laboratórios. Essa sinergia entre a administração e o corpo docente é a base para o florescimento de pesquisas de alta qualidade, culminando na geração de produtos inovadores que reverberam na sociedade.

Ante a perspectiva de um porvir próximo, almeja-se aprimorar ainda mais a qualidade das pesquisas, transcender as fronteiras do conhecimento e manter o legado que já ultrapassa os muros do *Campus*. Este curso tão ansiado, conquistado e mantido com tenacidade, torna-se o epicentro de uma comunidade acadêmica que, guiada por valores de excelência, deixa uma marca indelével na história da região.

A atração de estudantes de todos os quadrantes do Brasil é um indício do seu impacto nacional, inaugurando uma nova era de participação ativa desse *Campus* no cenário acadêmico brasileiro.

Nesse trajeto de sucesso, emerge, entre alunos e servidores – professores e técnicos –, um sentimento coletivo de pertencimento. São indivíduos que, com determinação inabalável, transcenderam os limites do cotidiano acadêmico, participando de eventos nacionais e internacionais, enriquecendo a Semana de Engenharia Civil com saberes globais, desbravando o terreno prático das visitas técnicas e abraçando todas as atividades propostas pelo *Campus*.

Por fim, o futuro da Educação, extremamente bem delineado pelo Curso de Engenharia Civil em Cajazeiras, rutila com promissora esperança. A visão vanguardista do IFPB, aliada à busca incessante por conhecimento, lança as bases para uma transformação educacional duradoura. Que esse trajeto inspirador, permeado por desafios superados e conquistas coletivas, ilumine os caminhos do ensino superior, do desenvolvimento regional e do Instituto Federal da Paraíba. Que cada tijolo assentado por esse curso seja um alicerce sólido para o edifício do conhecimento, onde as sementes plantadas germinem em flores de sabedoria e inovação!

Agradecimentos

Diante da riqueza que compõe esta experiência singular, é imperativo expressar profunda gratidão e reconhecimento a todos aqueles que desempenharam papéis fundamentais na concepção, implementação e contribuições deste curso notável. Cada contribuinte, seja aluno, professor, técnico ou gestor, tornou-se um componente vital, moldando os alicerces, elevando as paredes e conferindo a magnificência que caracteriza este empreendimento educacional.

É com imensa satisfação que os autores dedicam este espaço para manifestar reverência aos dedicados colaboradores que, em sua árdua jornada, reservaram tempo precioso de suas atribuições para coletar e fornecer dados essenciais que contribuíram significativamente para o sucesso deste projeto, em particular, ao Coordenador de Controle Acadêmico representado pelo Assistente em Administração José de Arimatéia Tavares, ao Coordenador de Extensão representado pelo Técnico em Assuntos Educacionais Diego Nogueira Dantas e ao Coordenador de Pesquisa representado pelo Professor Leonardo Pereira de Lucena Silva, cujas lideranças e comprometimentos foram imprescindíveis para o alcance dos resultados extraordinários que agora se comemoram.

Ao celebrar este marco, reafirma-se a mais profunda gratidão a todos os envolvidos, cada indivíduo, seja ele um participante ativo na sala de aula, um instrutor dedicado, ou um colaborador nos bastidores, que desempenha um papel central na construção deste edifício educacional, cujas portas se abrem para um futuro promiss-

sor e inspirador. Que este seja apenas o início de muitas realizações extraordinárias que enriquecerão ainda mais o percurso acadêmico de todos os envolvidos.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

INSTITUTO FEDERAL DA PARAÍBA-IFPB. **Plano de desenvolvimento institucional**: PDI 2010 – 2014. IFPB, 2010. Disponível em <https://www.ifpb.edu.br/transparencia/pdi>. Acesso em 29 out. 2023.

INSTITUTO FEDERAL DA PARAÍBA-IFPB. **Plano pedagógico de curso**: engenharia civil. IFPB, 2013. Disponível em <https://estudante.ifpb.edu.br/cursos/25/>. Acesso em 08 out. 2023.

INSTITUTO FEDERAL DA PARAÍBA-IFPB. **Plano pedagógico do curso**: engenharia civil. 2017. Disponível em <https://estudante.ifpb.edu.br/cursos/25/>. Acesso em 08 out. 2023.

CAPÍTULO 04

Curso de Licenciatura em Matemática do IFPB/Campus Cajazeiras: fragmentos de memórias para resgatar e preservar a sua história

Fernanda Andrea Fernandes Silva
Francisco Aureliano Vidal
Geraldo Herbetet de Lacerda
Rodiney Marcelo Braga dos Santos
Stanley Borges de Oliveira

Recontar e deixar registrada a história do Curso de Licenciatura em Matemática (CLM), é uma forma de escrever o futuro deste Curso, ressaltando a importância dos fragmentos de memórias dos principais eventos realizados desde sua aula inaugural, em fevereiro de 2011. Este registro também permite que futuros alunos tenham acesso a essa história contextualizada, ilustrada e preservada, além de conhecerem mais uma empreitada de sucesso dentro dos 30 anos de evolução do *Campus Cajazeiras*, do IFPB.

Para tecer nossa homenagem a este *Campus*, organizamos este capítulo, destacando, inicialmente os eventos mais atuais – Encontro Cajazeirense de Mate-

mática (ECMAT), Olimpíada Cajazeirense de Matemática (OCZM) e Exposição de Matemática (EXPOMAT) – seguidos de outros dos quais fizemos um resgate – implementação dos Programas de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) e de Residência Pedagógica (PRP), além da oferta da Pós-Graduação em nível de Especialização, na área de matemática. Impossível não registrar a atuação dos egressos do Curso de Licenciatura em Matemática no mercado de trabalho. Finalizamos o capítulo com um recorte de memórias a respeito do ensino de Matemática nos períodos de antecedência à pandemia da Covid-19, de seu enfrentamento e o que se seguiu a essa tragédia mundial.

Eventos que marcaram a nossa história: ECMAT/OCZM/EXPOMAT

Quando uma instituição de ensino se propõe a ofertar um determinado curso, deve cuidar não só do seu Projeto Pedagógico mas também de todos os trâmites burocráticos, de ordem estrutural e administrativa, para que este seja validado por instâncias superiores, no caso do ensino, o Ministério da Educação. Para que este órgão autorize o funcionamento do curso, muitos detalhes são verificados, avaliados e mensurados: demanda das comunidades no entorno da instituição ofertante; condições geográficas e físicas do edifício onde funcionará o referido curso, para atender a questões de acesso e permanência de alunos, professores e técnicos; estruturas de salas de aula e de laboratórios (conforto ambiental); alinhamento da proposta pedagógica a ques-

tões sociais (incluindo respeito à diversidade cultural e ao meio ambiente; absorção dos egressos pelo mercado de trabalho, entre outros de mesma importância).

Assim, para se verificarem estes e outros aspectos referentes à implementação e funcionamento dessa Licenciatura, em maio de 2014, toda a comunidade acadêmica do *Campus Cajazeiras*, em especial, os mais envolvidos com o Curso, vivia um momento muito especial, pois aguardava a vinda dos avaliadores do MEC para o seu Reconhecimento, processo que o legitimava oficialmente perante os órgãos federativos e a sociedade. Até então, o curso não tinha realizado nenhum evento que pudesse envolver a comunidade acadêmica. Para “apimentar” ainda mais aquele momento, alunos e professores resolveram criar um “Encontro de Matemática” que pudesse acontecer anualmente, escolhendo realizar tal projeto, na semana em que se comemora o Dia Nacional da Matemática (6 de maio), em homenagem ao ilustre matemático, educador e escritor brasileiro Júlio César de Mello e Souza (Malba Tahan). O evento foi realizado com Oficinas, Minicursos e Exposição de Material Didático Pedagógico produzido pelos alunos do CLM orientados pelos seus respectivos professores. O evento recebeu a denominação de Encontro Cajazeirense de Matemática (ECMAT). Sua primeira edição aconteceu em um único dia (6 de maio de 2014), nos três turnos, coordenado pelo professor José Nunes Aquino (Imagem 01), contando com a participação das comunidades interna e externa (Imagem 02).

Imagem 01 – Professor José Nunes Aquino, Coordenador do I ECMAT (2014)



Fonte: Arquivo pessoal do Prof. Geraldo Lacerda.

Imagem 02 – Público interno e externo ECMAT (2014)



Fonte: Arquivo pessoal do Prof. Geraldo Lacerda.

O I ECMAT foi encerrado com a realização de uma Mesa Redonda, mediada pela professora Antônia Edivaneide, tendo como debatedores os professores Baldoino Sonildo da Nóbrega, Débora Cristina Santos e Hegildo Holanda Gonçalves. Na ocasião, também houve a solenidade de inauguração do Laboratório de Ensino de Matemática (Imagem 03), que recebeu, como forma de homenagem e gratidão, o nome da Professora Maria José Araújo – a quem, carinhosamente, chamamos Mazé, ex-professora do Curso, do qual também foi Coordenadora, e que muito contribuiu para o ensino de Matemática neste *Campus* do IFPB (Imagem 04).

Imagem 03 – Descerramento da placa do LABEM – Profa. Maria José de Araújo (2014)



Fonte: Arquivo pessoal do Prof. Geraldo Lacerda. (Da esquerda para a direita: Prof. Geraldo Lacerda e Profa. Mazé).

Imagem 04 – Homenagem à Professora Mazé (2014)



Fonte: Arquivo pessoal do Prof. Geraldo Lacerda. (Da esquerda para a direita: Profa. Mazé e Prof. Hegildo Holanda).

O II ECMAT aconteceu nos dias 6, 7 e 8 de maio de 2015 e também foi um sucesso. A palestra de abertura com o tema “O problema dos filhos do Sultão Ali Yezid Ibn-Abul Izz-Eddin Ibn-Salin Hank Malba Tahan e uma des-cidinha ao infinito para uma demonstração geométrica da irracionalidade de $\sqrt{2}$,” foi proferida pelo palestrante Prof. Dr. Daniel Cordeiro de Moraes Filho (Imagem 05).

Imagem 05 – Cerimônia de abertura do II ECMAT (2015)



Fonte: Arquivo pessoal do Prof. Geraldo Lacerda (Da esquerda para a direita: Professores Aureliano Vidal, Nádya Nóbrega, Doval Martins, Sonildo Nóbrega, Israel Oliveira, Geraldo Lacerda, Daniel Cordeiro, Patrício Andrade, Albert Einsten Moura, Luércia Gonçalves, José Aquino e Mazé).

A partir de 2015, o ECMAT passou a ser realizado todo ano, em três dias, com o objetivo de levar à comunidade da região polarizada por Cajazeiras, produções nas áreas de Matemática Pura e Aplicada, e de Educação Matemática e Inclusiva, oferecendo minicursos, oficinas, palestras, mesa redonda e apresentação de trabalhos orais.

Em 2016, foi realizada a terceira edição do ECMAT. Esta edição foi especial, pois, além do CLM ganhar mais um evento importante de periodicidade anual – que foi a realização da I Olimpíada Cajazeirense de Matemática (OCZM), tendo como principal objetivo descobrir novos talentos em Matemática e difundir o aprendizado da Matemática Olímpica junto aos alunos da Educação Básica de escolas públicas e particulares de Cajazeiras e região –, o ECMAT também conquistou o ISSN: 2525-3727, resultante de sugestão feita por Francisco Aure-

liano Vidal e o então coordenador do curso, Baldoíno Sonildo da Nóbrega, devido à qualidade dos trabalhos que foram submetidos nas edições anteriores. Esta vitória permite a publicação dos trabalhos submetidos ao evento em destaque.

Com o surgimento da pandemia da Covid-19, em 2020 e 2021 nossos eventos (ECMAT/OCZM) foram realizados de forma remota. Nestas edições, acrescentamos vários eventos extras em forma de *live* no Youtube, denominados de “Esquenta ECMAT”, cuja finalidade foi intensificar a divulgação do ECMAT, possibilitando à comunidade científica um momento de discussão sobre temáticas que envolvem o processo de ensino e aprendizagem da Matemática.

Com o “fim” da pandemia em 2022 e o retorno das atividades presenciais, o Colegiado do Curso decidiu não realizar o IX ECMAT nesse ano, em função da grande dimensão que o evento tomou e a elevada carga horária dos docentes, adiando sua realização para 2023 e tornando o ECMAT bianual, como a maioria dos grandes eventos. A realização da OCZM foi mantida, e o CLM inseriu mais um evento importante em sua matriz, com os objetivos de: i) divulgar material didático de matemática produzido pelos alunos; ii) divulgar o Dia Nacional da Matemática; iii) dar maior visibilidade ao curso de Licenciatura e à Especialização em Matemática. Esse evento foi denominado Exposição de Matemática (EXPOMAT) devido às suas características específicas.

O IX ECMAT aconteceu, em 2023, no formato híbrido (presencial e online) e contou com a realização de muitas atividades presenciais e remotas que só comprovam como o ECMAT se tornou um evento consolidado e grandioso para toda a região do alto sertão paraibano (Imagem 06).

Imagem 06 – IX ECMAT (2023)



Fonte: Arquivo pessoal do Prof. Geraldo Lacerda.

Nesse mesmo ano (2023), aconteceram, de forma presencial e com grande aceitação por parte do público, os eventos VIII OCZM (Imagem 07) e II EXPOMAT (Imagem 08), os quais certamente ficaram gravados na memória de cada um de seus participantes.

Imagem 07 – VIII OCZM (2023)



Fonte: Arquivo pessoal do Prof. Geraldo Lacerda.

Imagem 08 – II EXPOMAT (2023)



Fonte: Arquivo pessoal do Prof. Geraldo Lacerda.

O nosso Curso, além de ofertar uma formação de alta qualidade e contribuir de forma especial para o engrandecimento da área da matemática, oferece também eventos que ficam na história não só do curso, mas também na memória de cada um de seus participantes. Desse modo, colabora na formação de estudantes de outros cursos, que buscam completar a carga horária de suas atividades complementares, auxiliados por professores que estão em constante formação e atualização de conhecimentos. Assim a história vai sendo construída e vivenciada a cada etapa e em cada momento.

Formação inicial docente no contexto do PIBID/ RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

Os desafios de um Programa de Formação Inicial de Professores, no contexto de uma sociedade como a brasileira – que há pouco tempo universalizou seu Ensino Fundamental –, são por si só significativos. Esses desafios são ampliados no contexto de instituições de ensino superior que passaram por um processo de expansão recente e introduziram em sua cultura acadêmica espaços de formação de professores, como é o caso do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB). Grandes desafios colocados à educação superior pública e que se materializam na pergunta sobre qual concepção de formação de professor interessa ao país no contexto de um sistema educacional em formação. Eis um bom mote e provocação para pensar nos compromissos sociais das instituições de ensino superior públicas, em nosso tempo presente.

Amparada pelo Decreto nº 6.755 de janeiro de 2009, foi instituída a Política Nacional de Formação de Professores, que pretendia promover a melhoria da qualidade da Educação Básica (Brasil, 2009). Uma das iniciativas *a posteriori* do referido Decreto foi o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), criado em 12 de dezembro de 2007, formalizado pela Portaria nº 38, para ser operacionalizado pela Secretaria de Educação Superior (SESU), pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), com vistas a melhorar a formação docente para a Educação Básica brasileira (Brasil, 2007), sendo, tal Programa, algum tempo depois, instituído pelo Decreto nº 7.219 de junho de 2010 – e não mais por Portaria –, com a finalidade de fomentar a iniciação à docência, contribuindo para o aperfeiçoamento da formação de docentes em nível superior e para a melhoria de qualidade da educação básica pública brasileira (Brasil, 2010).

O PIBID foi implementado no IFPB, *Campus* João Pessoa, em 2009, abrangendo o Curso de Licenciatura em Química. Em 2012, foi proposto e aprovado, junto às instâncias normativas do Programa, o primeiro subprojeto para o Curso de Licenciatura em Matemática, *Campus* Cajazeiras. No percurso das ações realizadas por meio do Subprojeto Matemática/PIBID, *Campus* Cajazeiras, constatamos o estreitamento do ensino – a partir das experiências concretas do processo educativo – com a pesquisa –, por meio do diálogo acerca das questões problemáticas do ambiente escolar – e com a extensão, a partir da amplificação das relações

entre a comunidade escolar e acadêmica. Outrossim, temos sido agraciados com algumas perspectivas metodológicas, que, sob a ótica dos estudantes bolsistas, têm contribuído para significar a prática de ensino de Matemática, permitindo-lhes um olhar direcionado à profissão com a qual irão atuar, tendo em vista a ampliação do entendimento das competências do professor no exercício da sua prática profissional. Vale destacar aqui a contribuição positiva dos Programas Pibid e Residência Pedagógica (PRP) em relação a alguns indicadores do CLM, a exemplo da diminuição da evasão e o aumento na melhoria da aprendizagem.

O Programa Residência Pedagógica é uma das ações que integram a Política Nacional de Formação de Professores e tem por objetivo induzir o aperfeiçoamento da formação prática nos cursos de licenciatura, promovendo a imersão do licenciando na escola de Educação Básica, a partir da segunda metade de seu curso. Essa imersão deve contemplar, entre outras atividades, regência de sala de aula e intervenção pedagógica, acompanhadas por um professor da Escola com experiência na área de ensino do licenciando e orientada por um docente da Instituição Formadora. O Programa tem como meta proporcionar uma formação que une a teoria à prática, viabilizando cada vez mais a vivência pedagógica, principalmente, na sala de aula.

Especialização em Matemática: uma ideia que deu certo

Pode-se dizer que os atuais cursos de Especialização remontam à criação, em 1951, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pelo Decreto nº 29.741/1951, tendo por objetivo “assegurar a existência de pessoal especializado em quantidade e qualidade suficientes para atender às necessidades dos empreendimentos públicos e privados que visam ao desenvolvimento do país”. Dessa forma, se pretendia preparar professores do ensino superior, especialistas e pesquisadores demandados pelo processo de desenvolvimento social e da industrialização em curso nesse período.

Em 1953, portanto, a Capes iniciou o “Programa Universitário”, voltado para universidades e institutos de ensino superior. A partir de 2015, o *Campus Cajazeiras* passou a ofertar o Curso de Gestão Pública como primeira especialização *Lato Sensu*. Este Curso promove a preparação teórica e prática dos servidores, para atuarem em diferentes níveis e funções da administração pública, desenvolvendo e aprofundando seus conhecimentos nas atividades de sua competência, tornando-lhes mais qualificados para administrar os desafios existentes no ambiente organizacional. Dando continuidade à proposta de pós-graduação *lato sensu*, em 2017, a instituição passou a oferecer o Curso de Especialização em Matemática, que tem como objetivo qualificar, prioritariamente, professores que atuam nas redes pública e privada da Educação de Cajazeiras e da região, além de graduados em Matemática ou áreas afins que preten-

dem atuar em espaços educativos ou continuarem seus estudos em curso *stricto sensu*.

Nosso curso de Especialização em Matemática, de 2017 até 2024, obteve 146 matrículas, ou seja, uma taxa de 51,4% (75/146). O nosso sistema de controle acadêmico apresenta um número total de 22 cancelamentos e 16 evasões, o que representa 26% (38/146) dos alunos inscritos. Algumas dessas evasões são por motivos de trabalho, aprovação em concurso em outras cidades, aprovação em programas de mestrado; há poucos casos por motivos não justificados à Coordenação do Curso. Sobre alguns destes, é possível observar, pelo histórico acadêmico do aluno, baixo rendimento. O Curso teve um total de 33 formandos, o que representa 22,6% (33/146) dos alunos inscritos. Na maioria das vezes, esses alunos conseguem progredir rapidamente para novos patamares na carreira acadêmica, seja por aprovação em concursos, ingresso em programas de mestrado, seja por ofertas de empregos pelo reconhecimento dos profissionais que se formam nessa jornada. Dessa forma, o Curso tem contribuído com a formação continuada dos professores de Matemática de Cajazeiras e de cidades circunvizinhas.

Para exemplificar alguns dos progressos acima, citamos, a seguir, alguns alunos egressos do curso que obtiveram destaque em suas áreas de atuação.

Andréia Maraiza de Souza Vitalino, Graduada em Matemática pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB-2017). Atualmente professora efetiva do Estado de Pernambuco; possui Especialização em Docência no Ensino Técnico (IFES-2021)

e Especialização em Matemática pelo IFPB (2023). Atua em disciplinas como: Projeto de Vida, Estudo Orientado, Empreendedorismo, Iniciação Científica, Nivelamento, Empresa Pedagógica.

Barbára Kaline de Sousa, Mestre em Matemática Aplicada e Estatística, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Especialista em Matemática pelo IFPB e Graduação em Licenciatura em Matemática pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Possui experiência na Educação Básica, Técnica, Tecnológica e no Ensino Superior. Experiência profissional como professora substituta do IFPB (2020 – 2022). Atualmente é Servidora Pública, atuando como professora de Matemática na EEEFM Izidra Pacífico de Araújo.

Carlos Lisboa Duarte, Mestre em Modelagem Matemática Computacional pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Graduado e Especialista em Matemática pelo –IFPB, *Campus* Cajazeiras. Atualmente é professor concursado na Secretaria Estadual da Educação e da Ciência e Tecnologia Paraíba (SEECT-PB) e na Secretária de Estado de Educação do Ceará (SEDUC-CE). Já foi professor substituto –IFPB, *Campus* Sousa. Tem experiência na área de Matemática, com ênfase em Matemática Aplicada, atuando principalmente nos seguintes temas: Matemática do Ensino Médio, Cálculo Diferencial.

Érica Edmajan de Abreu, Mestra em Ensino de Ciências e Educação Matemática, pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), da Linha de Pesquisa: Pesquisa em Cultura Científica, Tecnologia, Informação e Comunicação; Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Matemática (GEPEM/UEPB); Espe-

cialista em Matemática (IFPB-2021). Possui graduação em Matemática pela Universidade Federal de Campina Grande (2019). Atua com confecção e desenvolvimento de Objetos Virtuais de Aprendizagem (OVAs), essencialmente com Jogos no PowerPoint, pois trabalhou desde o Ensino Médio nessa área. Integrante do Grupo de Estudos e Desenvolvimento de Objetos Virtuais de Aprendizagem (GEDOVA/UFCG).

Jackson Tavares de Andrade, Graduado em Licenciatura em Matemática pela UFCG (2017); Especialista em Matemática pelo IFPB (2019). Tem experiência na área de Matemática. Atualmente, mestrando pela Rede Nacional do PROFMAT na instituição da Universidade Federal do Cariri – Juazeiro do Norte, Ceará (UFCA) e professor efetivo da Rede Estadual da Paraíba.

Esses exemplos demonstram o impacto positivo que o Curso de Especialização em Matemática tem na vida dos alunos. Os demais alunos concluintes têm, igualmente, conquistado uma carreira profissional, atuando em escolas de Ensino Fundamental, Médio e Superior, participando de grupos de pesquisas, desenvolvendo projetos escolares, cursos preparatórios, coordenações de cursos, entre outras atividades relacionadas ao ensino.

Nosso curso de Pós-Graduação em Matemática traz um marco na vida de qualquer profissional na área acadêmica de Licenciatura em Matemática. Nossos professores têm trabalhado com afinco e dedicação, proporcionando possibilidades para nossos alunos adquirirem novos conhecimentos, desenvolvendo a curiosidade pela pesquisa, seja através de discussões e experimentos com materiais concretos, seminários, laboratórios e resolu-

ções de problemas desafiadores, seja através do constante incentivo e orientações na pesquisa científica que ampliam seus conhecimentos ao longo do Curso.

Com suas produções acadêmicas e suas performances nas atividades de seminários e apresentações em eventos acadêmicos, nossos alunos obtêm um reconhecimento profissional, desenvolvem segurança e desenvoltura nos campos estudados e mantêm contato com profissionais igualmente qualificados.

O Curso de Especialização em Matemática tem apresentado resultados positivos ao longo dos anos, por isso estamos sempre de portas abertas – ou, melhor dizendo, Editais –, ofertando 20 vagas anuais, para aqueles que pretendem aprofundar seus estudos nessa área. O curso tem uma perspectiva de conclusão de 12 meses (tempo mínimo) até 18 meses (tempo máximo). No último edital (2023), houve uma parceria com escolas estaduais e municipais da região próximas a Cajazeiras, disponibilizando 10 vagas extras para professores dessas escolas os quais estivessem interessados nessa formação. Nosso objetivo é fortalecer cada vez mais essa parceria.

Egressos no mercado de trabalho e o perfil dos alunos regularmente matriculados no CLM

Iniciado em 2011, o curso de Licenciatura em Matemática do IFPB Cajazeiras há 13 anos tem contribuído com a formação de professores da região de Cajazeiras, contemplando, inclusive, profissionais de outros estados, como Ceará, Pernambuco e Rio Grande do Norte. Ao todo, foram 142 profissionais formados

pelo Curso (até o semestre 2023.2), os quais têm se destacado em sua área de atuação.

Em pesquisa realizada em 2023 feita pela equipe do CLM, coordenada pelo professor Francisco Aureliano Vidal, coletaram-se muitas informações importantes para conhecermos o perfil e a opinião dos egressos, em relação a esta Licenciatura.

Segundo a pesquisa, a maioria dos alunos que se formaram está na faixa etária de 21 a 29 anos – são jovens professores de um jovem curso, mas que contribuem com o ensino e aprendizagem da matemática de uma forma exemplar. O perfil dos formados mostra que, em sua maioria, são solteiros, pardos ou brancos, residem no estado da Paraíba e na região polarizada por Cajazeiras. Grande parte destes cursistas ficou entre 8 e 12 semestres no curso e ingressou na instituição por meio do Sistema de Seleção Unificada (Sisu).

Sobre as maiores dificuldades desses estudantes, se destaca principalmente a adaptação aos estudos, baixo nível de conhecimento sobre os conteúdos trabalhados nas disciplinas e, principalmente, dificuldades de conciliar trabalho e a realização de atividades ditas complementares, exigidas no currículo dessa formação.

Essas dificuldades se justificam, até certo ponto, por se tratar de um curso noturno e em uma área vista, historicamente, com altos índices de reprovação, como é o caso das Exatas. Além disso, grande parte dos que procuram ingressar neste curso corresponde a jovens que tiveram dificuldades ao longo de suas vidas, em especial quanto à aprendizagem de Matemática; estas dificuldades são potencializadas ainda mais em uma gra-

duação, pois as disciplinas do curso exigem consistente conhecimento prévio. Apesar disso, muitos persistem e atingem seus objetivos, felizmente. Na visão daqueles que já se formaram no curso, todas essas dificuldades são insignificantes quando chega o momento da colheita dos frutos que essa formação proporciona.

Por outro lado, quando se trata de aspectos positivos como infraestrutura, organização pedagógica e curricular e o desempenho docente, a pesquisa (2023) informa que o índice de satisfação chega a atingir os 90%; e neste último quesito – desempenho docente –, passa de 95%. Isto é motivo de grande orgulho para um curso de uma área considerada tão difícil, na qual os alunos têm que se superar a cada dia para conseguir obter êxito durante a sua formação.

Sobre os aspectos mais relevantes resultantes da conclusão do Curso de Licenciatura em Matemática, segundo os egressos que responderam à pesquisa (2023), destacam: i) a formação profissional voltada para o trabalho, ii) os conhecimentos que permitiram compreender melhor o mundo, iii) melhora no nível de instrução e iv) obtenção de diploma de nível superior. Desta forma, podemos perceber que o Curso tem realmente buscado trabalhar os diversos aspectos da formação ampla em todas as suas vertentes, não se restringindo a formar um profissional que irá atuar apenas ministrando aulas de matemática. O lado humano, tanto necessário nos tempos atuais, tem sido pensado e levado em consideração nos momentos de planejamento e execução das atividades do curso como um todo.

Em relação à contribuição para a realização profissional, 92,5% dos egressos responderam que sim, houve participação do curso. A taxa de empregabilidade no momento é de 83,8% dos alunos que possuem ocupação remunerada, com rendimentos que variam de 1 a até 10 salários mínimos.

Após a conclusão do Curso, 58,7% dos egressos cursaram nova formação – desde outra graduação, especialização, mestrado e até o doutorado. Nossos alunos não param e sempre buscam aperfeiçoamentos na sua profissão. Destaca-se que 97,5% pretendem voltar a estudar nos mais diversos tipos de capacitação citados.

Todos os alunos consideram que valeu a pena fazer o curso de Licenciatura em Matemática. Questionados sobre isto, numa escala de 1 a 5, 86,2% consideraram o valor máximo 5; 10% o valor 4 e o restante, 3,8%, o valor 3. Respostas que se assemelham bastante quando o questionamento é se indicariam o Curso de Licenciatura em Matemática do IFPB-CZ. Sobre este, 87,5% marcaram o valor 5; 10% o valor 4 e 2,5% o valor 3. Sobre a participação do corpo docente nas atividades do curso como um todo, as respostas obtidas foram: 62,5% assinalaram o valor 5; 28,7% o valor 4 e 8,8% o valor 3. Isto mostra um alto grau de satisfação dos alunos em relação aos principais componentes do curso. Obter resultados como este num curso de exatas é um grande orgulho para nós que formamos a comunidade acadêmica do CLM-CZ.

Também foi solicitado que os egressos deixassem uma mensagem para os alunos atuais do Curso, descrevendo os seus sentimentos em fazer parte da his-

tória do curso, a nuvem de palavras abaixo foi formada a partir das respostas dos alunos.

Imagem 09 – Nuvem de palavras



Fonte: Pesquisa (Vidal, 2023). Gerador de nuvem de tags on-line gratuito (wordcloud online).

É emocionante participar de um curso desta área e obter respostas como estas ao final da formação dos alunos. Depoimentos como “Se mil vezes eu tivesse que escolher uma instituição para estudar matemática, as mil escolheria o curso do IFPB-CZ, definitivamente, mudou mi-

*nha vida*⁶ nos faz refletir sobre o tamanho da nossa responsabilidade em manter o nível de qualidade do Curso e proporcionar os resultados que temos alcançado.

O ensino de matemática no Curso de Licenciatura em Matemática antes, durante e pós pandemia

A declaração de pandemia devido à COVID-19, causada pelo novo Coronavírus, realizada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) em 11 de março de 2020, levou à suspensão das aulas no IFPB seis dias após seu anúncio, por meio da Resolução AR 13/2020 do Conselho Superior do IFPB. O ano letivo de 2020 havia iniciado no dia 09 de março; uma semana após o seu início ocorreu, portanto, a suspensão das aulas – inicialmente, por quatro semanas. O que veio logo após foram dias de incertezas, de muita dor para aqueles que perderam seus entes queridos e para todos os que acompanhavam as notícias e com elas o crescimento dos casos e de mortes. Não foi fácil manter o equilíbrio e a serenidade, mas tínhamos que permanecer firmes e confiantes na Ciência e numa energia maior que rege o nosso Universo. Nós, professores da área de Matemática do *Campus Cajazeiras*, mantivemos um grupo de WhatsApp e, por meio dele, compartilhamos materiais para leitura, mensagens e vídeos para descontração, e, sobretudo, cultivamos uma comunicação entre os participantes, para que soubéssemos que estavam todos bem. E quatro se-

6 A fala foi transcrita *ipsis litteris*, a fim de se manter a fidedignidade do discurso do aluno.

manas se tornaram mais quatro e mais quatro.... E em 27 de julho do mesmo ano, o Conselho Superior do IFPB aprovou as Atividades de Ensino Não Presenciais (AENPs), dando suporte para o ensino remoto emergencial, a ser desenvolvido num prazo relativamente curto de tempo. Mais ou menos um mês após a sua aprovação, iniciaram-se as aulas por meio do ensino remoto.

Este capítulo se encerra, mas não a disposição de todo o corpo de servidores do *Campus Cajazeiras* para promover, ofertar e disponibilizar toda sorte de conhecimentos e oportunidades relacionadas à Educação e à Formação Profissional e Tecnológica, para as comunidades deste Município e de tantos outros que nos reconhecem como transformadores sociais, pelo bem de nossa região e de nosso País.

REFERÊNCIAS

PILATI, Orlando. **Especialização**: falácia ou conhecimento aprofundado? Disponível em: <https://rbpg.capes.gov.br/rbpg/article/view/93/89>. Acesso em: 06 jan. 2024.

UNIACADEMIA. **Afinal, o que é uma pós-graduação lato sensu?** Disponível em: <https://www.uniacademia.edu.br/blog/pos-graduacao-lato-sensu>. Acesso em: 06 jan. 2024.

IFPB. **Projeto Pedagógico do Curso de Especialização em matemática IFPB**. Cajazeiras. 2017.

BRASIL. **Portaria de nº 38** de 12 de dezembro de 2007. Dispõe sobre o Programa de Bolsa Institucional de Iniciação à Docência – PIBID, 2007. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/portaria_PIBID.pdf. Acesso em: 18 mar. 2024.

BRASIL. **Decreto nº 6.755** de janeiro de 2009. Institui a Política Nacional de Formação de Profissionais do Magistério da Educação Básica, 2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6755.htm. Acesso em: 18 mar. 2024.

BRASIL. **Decreto nº 7.219** de junho de 2010. Dispõe sobre o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID e dá outras providências, 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7219.htm#:~:text=Decreto%20n%C2%BA%207219&text=DECRETO%20N%C2%BA%207.219%2C%20DE%2024,PI-BID%2018 mar. 2024.

ECMAT. **IX ECMAT** – 2023. ISSN: 2525-3727. Disponível em: <https://www.ecmat.com.br/>. Acesso em: 18 mar. 2024.

CAPÍTULO 05

Avançando ao futuro: Loopis Soluções Tecnológicas

Lariany Alves de Souza

O Movimento Empresa Júnior (MEJ)

Ligada ao Instituto Federal de Educação da Paraíba (IFPB), surge a Loopis Soluções Tecnológicas, empresa júnior do curso de Análise e Desenvolvimento de Sistemas (ADS) do *Campus* Cajazeiras. No dia 31 de outubro de 2020, a Loopis se integra definitivamente ao Movimento Empresa Júnior (MEJ) e passa a fazer parte da Federação Paraibana de Empresas Juniores, tornando-se agora uma empresa júnior federada e com uma maior possibilidade de inserção e interação com o mercado de trabalho e outras empresas juniores do estado da Paraíba.

Foi com base no modelo francês já existente que surgiram no Brasil as empresas juniores, constituídas sob a forma de associação civil sem fins lucrativos. Geridas exclusivamente por estudantes das Instituições de Ensino Superior (IES) e Técnico, que por meio do desenvolvimento de estudos nas áreas correlatas ao currículo acadêmico e sob a orientação

dos professores, passam a aplicar a teoria no ambiente real das organizações de produção (Moretto *et al.*, 2004, p. 7).

Imagem 1 – Imagem do dashboard da Loopis no site da Brasil Júnior



Fonte: Site da Brasil Júnior. Disponível em: <https://brasiljunior.org.br/>. Acesso em: 24 mar. 2024.

Segundo Oliveira (2004), a ideia de implantação dessas empresas chegou, ao Brasil, no final dos anos de 1980. Por intermédio da Câmara de Comércio França-Brasil, foi colocado num jornal um anúncio convidando jovens estudantes brasileiros, para criarem uma Empresa Júnior.

Raízes

Para descrever a história da atual Loopis, precisamos voltar no tempo, antes do ano de 2017, quando a semente para a empresa atual foi plantada com o nome “Recursive”. Em 2017, a Recursive abriu caminho para que a Loopis Soluções Tecnológicas passasse a existir oficialmente.

Imagem 2 – Apresentação projeto FalaFSM, feita pelo aluno Caique em 2018



IFPB - Campus Cajazeiras

3 de maio de 2018 · 🌐

Quatro alunos do curso de Análise e Desenvolvimento de Sistemas do IFPB Campus Cajazeiras criaram um aplicativo de Ouvidoria para a Faculdade Santa Maria.

Saiba mais: <https://bit.ly/2FBUNY4> ✓



Fonte: Site IFPB. Disponível em: <https://www.ifpb.edu.br/cajazeiras/noticias/2018/04/alunos-de-ads-desenvolvem-aplicativo-de-ouvidoria-para-faculdade-de-cajazeiras>. Acesso em: 25 mar. 2024.

Registrada no ano de 2018, os alunos do curso de Análise e Desenvolvimento de Sistemas, Alexa Gonçalves Lins e Caique Ferreira Vitoriano, com a orientação e apoio da então professora de empreendedorismo do IFPB *Campus* Cajazeiras, Eva Campos, iniciaram o processo de regularização da empresa. Concomitantemente, já iniciavam na jornada que o Movimento Empresa Júnior busca promover, o contato mais próximo com o mercado de trabalho viabilizado pelo primeiro projeto, que se tornou um *case* de sucesso da empresa, o Fala-

FSM. O projeto foi idealizado pela Instituição de Ensino Superior da região, o Centro Universitário Santa Maria, que tinha como objetivo receber feedback dos alunos.

Os exploradores

Desde o início da empresa júnior, a figura dos professores orientadores tem sido fundamental para o sucesso e a construção da Loopis, atuando como apoio para que os membros pudessem desenvolver autonomia na hora da resolução de problemas, desde a parte técnica – como o desenvolvimento de projetos – quanto na parte burocrática e na organização interna. Os docentes Eva Campos, Diogo Moreira e Alec Van de França Sousa abraçaram a empresa e desde então acompanham a Loopis nessa jornada.

Imagem 3 – Professora Orientadora da Loopis, Eva Campos



Fonte: Arquivo pessoal de Eva Campos (2024).

Imagem 4 – Professor Orientador da Loopis, Alec Van de França Sousa



Fonte: Arquivo pessoal de Alec Van de França Sousa (2024).

Além disso, o contato com o mercado externo e a parceria com os empresários da região, impulsionam até hoje a empresa júnior. A empresa AM3 Soluções é uma dessas parceiras e tem apoiado a Loopis desde o início de sua jornada.

Imagem 5 – Visita à AM3 Soluções, em 29 de junho de 2023



Fonte: Arquivo Loopis (2024). (Da esquerda para a direita: Marcelo Martins, Lariany Alves, Débora Camilly Quirino da Silva e Wesley Silva de Souza).

O Centro Acadêmico do IFPB é um grande incentivador dessa iniciativa e, frequentemente, convida a Loopis para apresentar o trabalho que desempenha dentro e fora do *Campus*. Em outubro de 2023, os membros da EJ participaram ativamente do evento Sertão Comp, Encontro de Computação do Sertão, apresentando a empresa ao público geral e ministrando minicursos com temas da área de tecnologia.

Imagem 6 – Apresentação da Loopis no Sertão Comp em 2023



Fonte: Instagram Loopis, 2024. (Da esquerda para a direita: Marcos Paulo Alves Garcia, Antonio Lacerda Rolim, Lariany Alves). Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CcQ-r67JeoF/>. Acesso em: 25 mar.2024.

Em novembro de 2023, a convite do IFPB, a Loopis participa da ExpoNegócios, feira de empreendedorismo que visa fomentar e fortalecer o ambiente de negócios no alto sertão da Paraíba. Para o evento, houve o desenvolvimento de um quiz⁷.

7

Quizé o nome de um jogo de questionários que tem como objetivo fazer uma avaliação dos conhecimentos sobre determinado assunto. Neste tipo de jogo podem participar tanto grupo de muitas pessoas, como participantes individuais, que devem acertar a maior quantidade de respostas para ganhar. Disponível em: <https://www.significados.com.br/quiz/>. Acesso em: 22 jun. 2024.

Imagem 7 – Participação da Loopis na ExpoNegócios em 2023



Fonte: Instagram Loopis, 2024. (Da esquerda para a direita: Lariany Alves, Antônio Lacerda Rolim, Marcos Paulo Alves Garcia, Leticia Estrela Duarte e Antônio Marcos Batista Rodrigues). Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CcQ-r67JeoF/>. Acesso em: 25 mar. 2024.

Imagem 8 – Primeiro encontro presencial pós-pandemia, no dia 12 de abril de 2022



Fonte: Instagram Loopis, 2024. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cc-Q-r67JeoF/>. Acesso em: 25 mar. 2024. (Da esquerda para a direita: Immanuel Victor Amorim Farias, Railson Mateus de Sousa Silva, Matheus Nunes Miguel, Leticia Estrela Duarte, Alec Van França Sousa, Lucas Tavares do Nascimento Pereira, Alvaro Renan Costa Frade, Lariany Alves, Francisco Wesley Silva de Souza, Artur Almeida de Araújo Freire, Caio Pinheiro Guedes, Jônathas Silva, David Bessera Lima, Kauanny Vieira, Eva Campos, Kauê Ronald Silva Nascimento, Edwilson Bezerra Sobrinho Neto).

Semeando a pluralidade

No Planejamento Estratégico da Rede (PE)⁸ (2022, p. 10), dentro do ME):

[...] acreditamos em um país mais inclusivo, onde as pessoas se sentem seguras para viverem toda a expressão do seu ser, com igualdade de oportunidades, liberdades e direitos. A diversidade promove um ambiente mais amplo, que melhora a nossa compreensão sobre a realidade e transforma pessoas e organizações através do pensamento crítico, criativo, inovador e gerador de soluções. Queremos ser um movimento para todas as pessoas que acreditem no Brasil Empreendedor e, por isso, comprometemo-nos em apoiar e incentivar pessoas para serem verdadeiramente diversas.

A base da EJ do *Campus* Cajazeiras foi iniciada por uma mulher, Alexa Gonçalves Lins, estudante do curso de ADS e Diretora-Presidenta da Loopis no ano de 2018, e segue até hoje com o propósito de incluir outras mulheres, principalmente, para a liderança. Apesar do curso de ADS ser composto majoritariamente por homens, a figura feminina se faz presente dentro da Loopis e tem papel de destaque.

Durante os anos, temos mulheres ocupando os cargos de diretoria, o que fortalece um dos pilares do movimento.

Imagem 9 – Alexa Gonçalves Lins – Diretora-Presidenta no ano de 2018



Fonte: Arquivo pessoal de Alexa Gonçalves Lins (2024).

Imagem 10 – Kauanny Vieira – Diretora-Presidenta, entre setembro de 2021 até dezembro de 2022



Fonte: Arquivo pessoal de Kauanny Vieira (2024).

Imagem 11 – Rebehk Jordão – Diretora de Finanças no ano de 2022



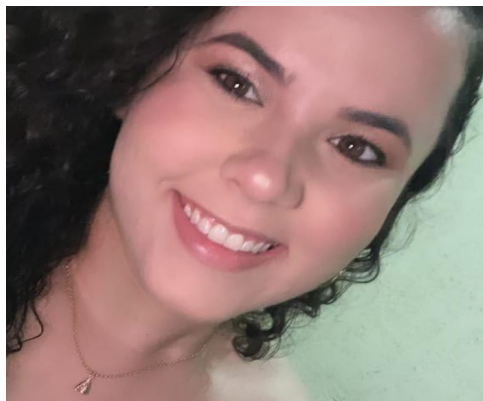
Fonte: Arquivo pessoal de Rebehk Jordão (2024).

Imagem 12 – Lariany Alves – Diretora-Presidenta no ano de 2023



Fonte: Arquivo pessoal de Lariany Alves (2024).

Imagem 13 – Letícia Estrela Duarte – Diretora de Marketing no ano de 2023



Fonte: Arquivo pessoal de Letícia Estrela Duarte (2024).

Imagem 14 – Débora Camilly Quirino da Silva – Diretora de Gente e Gestão no ano de 2023



Fonte: Arquivo pessoal de Débora Camilly Quirino da Silva (2024).

Uma nova trilha

Em 2024, a Loopis completa sete anos de história, essa história está sendo construída por diversas pessoas que apoiam e que já passaram pela empresa. A seguir, podemos acompanhar o depoimento⁹ de alguns dos estudantes que compuseram o Loopis, empresa júnior que faz parte dos 30 anos de história do *Campus Cajazeiras* do IFPB.

Caio Pinheiro – Diretor de marketing da Loopis no ano de 2022

Entrei no curso sem nenhum conhecimento da área e sem mesmo saber o que aprenderia. Ao ingressar na Loopis, consegui entender a área e colocar tudo o que havia aprendido em prática, já executando projetos para clientes reais enquanto estava no segundo período do curso. Foi a partir daí que conheci e me apaixonei pelo Movimento Empresa Júnior, um ambiente onde todos os estudantes de ensino superior do Brasil podem se conhecer e contribuir com a formação acadêmica e pessoal de todos. Enquanto a Loopis desenvolveu minhas habilidades técnicas e me fez tomar a decisão de permanecer e finalizar o curso, o MEJ desenvolveu as habilidades pessoais e interpessoais. Fazer parte disso, enquanto parte da Empresa Júnior e também da PB Júnior, despertou conhecimentos que me trouxeram maior clareza sobre quem quero ser e o futuro profissional que almejo.

Imagem 14 – Caio Pinheiro

Fonte: Arquivo pessoal de Caio Pinheiro (2024).

Matheus Ferreira- Guardião da Loopis no ano de 2023

Minha experiência dentro do Movimento Empresa Júnior (MEJ) começou como uma grande paixão! O incentivo ao empreendedorismo gera uma dinâmica muito importante para o desenvolvimento de qualquer pessoa, e isso foi o que mais me atraiu. São as experiências passadas dentro do MEJ que te ensinam a ser mais assertivo, estratégico, proativo, curioso e com uma visão sistêmica muito desenvolvida. Ao fazer parte da Federação Paraibana de Empresas Juniores, tive a oportunidade de conhecer a realidade de diversos estudantes que trabalham para a construção de uma Paraíba mais Empreendedora, e a Loopis, foi uma Empresa

Júnior muito inspiradora durante minha jornada, lá conheci diversas pessoas que se dedicam em desenvolver soluções que tragam crescimento para região. Além de, possuírem uma cultura focada em desenvolver ainda mais jovens, para que possam adquirir uma experiência profissional de qualidade e gerar bons frutos no futuro.

Imagem 15 – Matheus Ferreira, no NEGÓ, Evento Regional de Empresas Júniores



Fonte: Arquivo pessoal de Matheus Ferreira (2024).

Sempre buscando inovar e proporcionar a vivência empresarial que o MEJ busca, a Loopis se renova, começando pela reorganização interna da empresa, incluindo uma nova diretoria, organização de trabalho e também na parte visual, espaço que o consultor Lyzzandro idealiza e dá vida a um novo “rosto” para a Loopis.

Figura 16 – Diretoria da Loopis de 2024



Fonte: Arquivo pessoal de Antônio Lacerda (2024). (Da esquerda para a direita: Antônio Marcos Batista Rodrigues, Flávio Henrique Marques de Sousa, José Gabriel Ferreira Dantas, Marcos Paulo Alves Garcia, Lariany Alves, Antônio Lacerda Rolim).

Imagem 17 – Logo da Loopis em 2024



Fonte: Instagram da Loopis, 2024. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C2-Gm3ZOfa9/> Acesso em: 25 mar. 2024.

Ao encerrar este capítulo que narra resumidamente a história que vem sendo construída ao longo dos anos, gostaríamos de expressar os nossos sinceros agradecimentos ao *Campus Cajazeiras* do IFPB, por todo o suporte necessário, aos professores que se disponibilizam a auxiliar os membros da EJ Loopis e à empresa parceira – Am3 Soluções –, em especial a Marcelo Martins, por sempre estar disponível e disposto a nos ajudar. Um agradecimento especial aos membros Alexa, Caique e Caio e à professora Eva, cujas contribuições com fotos e relatos enriqueceram as páginas deste capítulo. E, por fim, o reconhecimento e agradecimento a todos os discentes que já passaram pela Loopis. Obrigada pela colaboração e dedicação de cada um de vocês. Suas contribuições foram fundamentais para que juntos pudessemos crescer e avançar ao futuro.

REFERÊNCIAS

MORETTO *et al.*, **Empresa Júnior**: espaço de aprendizagem. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/L-Neto-3/publication/306364892_Empresa_Junior_Espaco_de_Aprendizagem/links/57baf8ad08ae3b-9d9b1d0784/Empresa-Junior-Espaco-de-Aprendizagem.pdf. Acesso em: 25 mar. 2024.

AVENI, Alessandro; FERREIRA, Hayanne Rocha. **Empreendedorismo social**: a inovação do movimento das empresas Júnior no Brasil. Disponível em: <https://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/gti/article/download/3871/3154>. Acesso em: 25 mar. 2024.

CAPÍTULO 06

Desmistificando o TCC: da teoria à prática na visão dos discentes e docentes do curso técnico em Meio Ambiente na modalidade PROEJA

Mariana Ferreira Pessoa
Magno Miranda Gomes
Wilza Carla Moreira Silva

Pra começo de conversa...

Os 30 anos de funcionamento do *Campus Cajazeiras*, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), estão trazendo de volta algumas memórias neste livro publicadas. São relatos de experiências pessoais, porém todas marcadas por uma vida aliçada dentro de suas salas administrativas, de aula, em laboratórios... São servidores e alunos, visitantes, parceiros, uma comunidade que se interrelaciona de diversas formas e por meio das várias potencialidades da Instituição, seja no ensino, na pesquisa ou na extensão.

Este capítulo também tem esse perfil: procura trazer de volta algumas das mais fecundas experiências da educação no sertão paraibano. Vamos a elas.

TCC-PROEJA – a produção final da teoria com a prática

No contexto do ensino técnico em Meio Ambiente na modalidade PROEJA (Educação de Jovens e Adultos), a união entre teoria e prática desempenha um papel fundamental na produção do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Compreender a importância dessa integração é essencial para os discentes e docentes, pois não apenas enriquece a experiência educacional mas também prepara os estudantes para enfrentar os desafios reais do mercado de trabalho.

O PROEJA se destaca por atender um público diversificado, composto por indivíduos que buscam qualificação profissional enquanto conciliam suas responsabilidades familiares, laborais e educacionais. Nesse contexto, uma abordagem pedagógica precisa ser flexível e adaptável, promovendo uma aprendizagem significativa, conforme evidenciam Costa Junior *et al.* (2023), que é o processo de fazer conexões entre novos conhecimentos e os conhecimentos já existentes, fazendo-os dialogar com a realidade cotidiana dos discentes.

Ao integrar a teoria com a prática na elaboração do TCC, os alunos do Curso Técnico em Meio Ambiente têm a oportunidade de aplicar os conhecimentos adquiridos na sala de aula em situações concretas, relacionadas às demandas e aos desafios ambientais enfrentados pela sociedade. Isso não apenas fortalece a compreensão teórica mas também estimula o desenvolvimento de habilidades práticas, como análise crítica, resolução de problemas e tomada de decisões embasadas em evi-

dências. Portanto, à medida que os docentes abordam a teoria junto com a prática como metodologia de ensino, eles podem descobrir maiores oportunidades para trocas mais significativas no processo de ensino e aprendizagem bem como a aquisição de mais conhecimento (Costa Júnior *et al.*, 2023).

Ademais, a articulação entre teoria e prática no processo de elaboração do TCC no ensino PROEJA contribui para a formação integral dos alunos, preparando-os para atuarem de forma proativa e ética no mercado de trabalho. Ao vivenciarem experiências práticas durante a pesquisa e elaboração do trabalho, os estudantes desenvolvem uma visão mais holística e contextualizada dos temas ambientais, compreendendo não apenas os aspectos técnicos, mas também os sociais, econômicos e políticos envolvidos.

Por conseguinte, este trabalho visa analisar a importância da integração entre teoria e prática na produção do TCC no curso técnico em Meio Ambiente na modalidade PROEJA no IFPB *Campus* Cajazeiras-PB, destacando os benefícios dessa abordagem para a formação dos estudantes e para a construção de conhecimentos relevantes e aplicáveis ao contexto ambiental contemporâneo.

Breve histórico do curso Proeja

Desde 2007, o Instituto Federal de Ciência, Educação e Tecnologia - *Campus* Cajazeiras-PB vem atuando fortemente na educação de jovens e adultos, oferecendo cursos na modalidade do Programa de Educação de

Jovens e Adultos (PROEJA). O pioneirismo se deu com a implementação do curso de Qualificação em Operação de Microcomputadores, que, ao longo de dois anos, proporcionou oportunidades de aprendizado e capacitação para esse público específico.

Em 2009, houve uma mudança no curso, com o propósito de ampliar ainda mais as possibilidades de inserção desses estudantes no mercado de trabalho, e o curso passou por uma transformação significativa, evoluindo para a categoria de curso Técnico Integrado ao Ensino Médio. Essa mudança representou um marco na trajetória do *Campus*, promovendo uma formação mais abrangente e completa para os alunos.

Nesse contexto, foi criado o curso de Desenho de Construção Civil, destinado a preparar os estudantes para atuarem na área da construção civil. Ao longo dos anos, esse curso desempenhou um papel importante na formação de profissionais capacitados, contribuindo para suprir demandas específicas desse mercado em constante evolução.

Em 2015, o curso de Desenho de Construção Civil chegou, no entanto, ao seu término, deixando um legado de aprendizado e realização para todos aqueles que dele participaram. Mesmo com o encerramento dessa etapa, o compromisso do *Campus* Cajazeiras com uma educação de qualidade para jovens e adultos permanece arraigada, buscando sempre novas formas de atender às demandas da comunidade e promover o desenvolvimento regional por meio da educação.

Atento às demandas emergentes e às necessidades da comunidade, em 2015 foi criado o curso Téc-

nico em Meio Ambiente como uma resposta assertiva aos desafios ambientais contemporâneos. Ao longo dos anos, este curso tem mostrado forte presença na formação de profissionais capacitados e conscientes para a importância da preservação ambiental. Os estudantes se conectam por meio deste curso e não apenas adquirem conhecimentos técnicos especializados mas também desenvolvem uma compreensão abrangente dos problemas ambientais locais e globais, sendo aptos a contribuir de forma significativa para a implementação de políticas ambientais e práticas sustentáveis em Cajazeiras-PB e em outras localidades circunvizinhas. Dessa forma, o curso Técnico em Meio Ambiente além de oferecer oportunidades de emprego em um setor em crescimento, capacita os alunos a se tornarem agentes de mudança positiva em prol do meio ambiente e da sociedade como um todo.

O curso Técnico de Meio Ambiente exige dos discentes uma carga horária total de 2.406 horas, distribuídas em uma matriz curricular integrada, composta por núcleos específicos. Dessas, 1.201 horas são dedicadas ao Núcleo de Formação Geral e 1.205 horas ao Núcleo de Formação Profissional, sendo 201 horas reservadas para a Preparação Básica para o Trabalho e outras 200 horas destinadas a atividades complementares (PPC-PROEJA, 2020). Além disso, há a inclusão de 200 horas para o estágio supervisionado na área ou a elaboração do Trabalho de Conclusão do Curso (TCC).

O Projeto Pedagógico do Curso, no entanto, garante aos discentes impossibilitados de realizar o estágio, por motivos justificáveis, uma oportunidade de desenvolver

um TCC, que pode assumir diversas formas de produção textual, como monografia, artigo, relatório, ensaio, entre outros, desde que estejam em conformidade com as normatizações atualizadas da ABNT (PPC- PROEJA, 2020).

Relato de experiência: orientação e elaboração de TCC com uma proposta interdisciplinar

Perante as dificuldades das turmas do Proeja Meio Ambiente, de anos anteriores, na elaboração do TCC, resultando em uma parcela significativa dos alunos que não finalizaram o trabalho em tempo hábil, os docentes e a coordenação do curso perceberam a necessidade de revisar as estratégias para orientar os concluintes na elaboração desse trabalho.

Assim, no ano de 2022, foi proposto aos docentes que adotassem uma metodologia interdisciplinar com a turma do 3º ano do PROEJA, com o intuito de oportunizar uma abordagem diferenciada no desenvolvimento do TCC, o que contribuiu para desmistificar o “medo” de escrever o referido Trabalho de Conclusão de Curso. Durante esse período, os alunos foram orientados e assistidos pelos professores das disciplinas de Língua Portuguesa, Matemática, Saneamento Ambiental e de Elaboração de TCC e Relatório de Estágio.

A partir dessa estratégia, surgiu a ideia de uma aula prática nas proximidades do próprio *Campus* Cajazeiras. No decorrer dessa atividade, os discentes puderam explorar as estruturas de drenagem das ruas adjacentes e examinar a situação dos resíduos sólidos nas redondezas da instituição. Com base nessas observações, foram

delineados os seguintes temas para os trabalhos: “Estimativa e Classificação de Resíduos da Construção Civil de ruas do bairro Jardim Oásis, na cidade de Cajazeiras-PB”; “Classificação e estimativa dos resíduos sólidos de ruas no bairro Jardim Oásis, na cidade de Cajazeiras-PB”; e “Verificação das estruturas de drenagem de ruas no bairro Jardim Oásis, na cidade de Cajazeiras-PB”.

O processo de elaboração desses trabalhos foi acompanhado pelos docentes envolvidos na aula de campo, e foi evidente a evolução dos discentes em diversos aspectos, como escrita, digitação e maturidade emocional, como apresentado nos seguintes relatos^{10 11}:

Foi uma experiência que eu nunca tinha feito na minha vida, visitar as ruas de Cajazeiras-PB. Então essa visita foi fundamental para a realização do TCC. Diante dessa experiência, realizei a atividade de medir os resíduos sólidos encontrados nas ruas, a partir dos dados coletados foi possível construir gráficos para embasar a análise dos resultados do referido trabalho. (Discente 1)

A nossa turma foi a primeira a concluir o curso já com o TCC pronto, porque todo mundo falava do TCC e a gente já ficava com medo de não concluir o curso por causa do TCC. Eu pensei em desistir por medo do TCC, de tanto as pessoas falarem que era difícil, mas com a orientação das professoras ficou mais fácil a gente realizar o TCC. (Discente 2)

10 Foi feita uma avaliação das atividades de campo e de escrita do TCC, em sala de aula, a fim de se saber se a estratégia surtiu efeito positivo ou não. As respostas foram escritas e captaram a percepção dos estudantes sobre as atividades desenvolvidas no Projeto.

11 Os relatos foram transcritos buscando manter a maior proximidade possível de sua produção original.

Segundo as percepções das discentes, escritas nas citações anteriores e captadas em sala de aula, é possível verificar que as atividades práticas foram fundamentais para sua aprendizagem, pois lhes permitiu experienciar novos contextos para além da sala de aula. Na Visita Técnica, os estudantes matriculados no Terceiro Ano do Curso Técnico em Meio Ambiente Integrado ao Ensino Médio tiveram a possibilidade de construir pontes entre os conteúdos das disciplinas de Matemática, Língua Portuguesa, Saneamento Ambiental e Elaboração de TCC e Relatório de Estágio, facilitando o processo de ensino e aprendizagem. Ademais, a atividade atuou como fator ímpar para a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso dos discentes envolvidos.

Essa experiência enriquecedora demonstra o potencial transformador de uma abordagem pedagógica que integra teoria e prática, proporcionando aos alunos não apenas conhecimentos acadêmicos mas também habilidades e competências essenciais para sua formação integral e atuação profissional.

A eficácia dessa prática da aula de campo se revelou de forma notável no processo de produção e execução do TCC, resultando em um desempenho altamente satisfatório por parte dos alunos. O impacto significativo dessa metodologia levou os estudantes à conclusão dos TCCs concomitantemente com o término do ano letivo de 2022.

Diante do êxito e experiências vivenciadas pela turma anterior, foi proposto para a turma do PROEJA ano de 2023 dar continuidade na realização de visita técnica, com o objetivo de auxiliar os discentes na elaboração do seu TCC. Tal visita foi realizada na Coopera-

tiva Recicla Cajazeiras e contou com a participação de professores das disciplinas de Língua Portuguesa, Matemática, Saneamento Ambiental, Geografia e Elaboração de Relatório de Estágio e TCC. A partir dessa visita, surgiram os seguintes temas: “Identificação dos bairros que destinam os resíduos sólidos para a Cooperativa Recicla Cajazeiras” e “Gestão dos resíduos sólidos: visão de uma cooperativa no município de Cajazeiras-PB”.

Outra percepção escrita, em sala de aula, pela **Discente 3**, que destaca:

Referente à ideia dos professores nos auxiliando no TCC foi muito importante, porque foi um momento de muita aprendizagem onde eles nos transmitiram muita segurança, conseguiram nos ensinar com facilidade a entender como trabalhar no TCC. Quando se falava em TCC, então a gente ficava nervoso questionando se a gente não ia saber fazer, que a gente nunca tinha feito, mas com ajuda dos professores foi muito importante. E sobre a visita técnica foi um momento onde a gente aprendeu mais né, foi um momento que a gente saiu da sala de aula e fomos ver na prática como funcionava, e assim ficou muito mais fácil entender sobre o TCC, com essa visita técnica e os nossos professores sempre ao nosso lado.

Vê-se, portanto, progresso em um trabalho que anteriormente era considerado impossível. Hoje os discentes do Programa Jovens e Adultos estão experimentando e aderindo a essa construção coletiva. Com isso, estão aprendendo que é possível integrar às suas produções acadêmicas, suas experiências e aprendizagens acumuladas ao longo dos anos de estudo, combinando teorias e práticas de forma significativa.

Imagem 1 – Registros fotográficos realizados durante a visita técnica que ocorreu nas ruas próximas ao IFPB - Campus Cajazeiras – Turma 2022



Fonte: Arquivo pessoal de Wilza Carla Moreira Silva (2023).

Imagem 2 – Registros fotográficos realizados durante a visita técnica que ocorreu nas ruas próximas ao IFPB-Campus Cajazeiras – Turma 2022



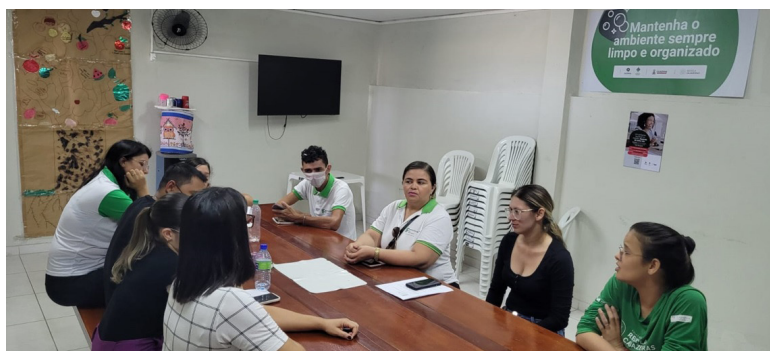
Fonte: Arquivo pessoal de Wilza Carla Moreira Silva (2023).

Imagem 3 – Registro fotográfico da visita que ocorreu na cooperativa Recicla Cajazeiras – turma 2023



Fonte: Arquivo pessoal de Wilza Carla Moreira Silva (2023).

Imagem 4 – Registro fotográfico da visita que ocorreu na cooperativa Recicla Cajazeiras – turma 2023



Fonte: Arquivo pessoal de Wilza Carla Moreira Silva (2023).

Se funcionou, conclui-se que...deve continuar

No contexto do Curso do Proeja Meio Ambiente no *Campus* Cajazeiras-PB, a integração interdisciplinar desempenha um papel fundamental no desenvolvimento acadêmico e na formação dos discentes. Uma abordagem interdisciplinar permite que os discentes explorem conexões entre diferentes áreas do conhecimento, proporcionando uma compreensão mais abrangente e profunda dos temas abordados.

Nas visitas técnicas realizadas como parte da elaboração do TCC, os alunos puderam vivenciar na prática os conceitos teóricos discutidos em sala de aula. Eles puderam observar de perto os desafios e as práticas relacionadas ao meio ambiente, além de interagir com profissionais da área. Essa experiência proporcionou uma compreensão mais profunda das questões ambientais e uma visão mais ampla das possíveis soluções.

A proposta de realizar visitas técnicas como parte do processo de elaboração do TCC foi extremamente positiva, pois proporcionou uma experiência enriquecedora aos alunos. Eles puderam não apenas adquirir conhecimentos práticos mas também desenvolver habilidades de observação, análise crítica e trabalho em equipe. Além disso, essa abordagem contribuiu significativamente para a formação integral dos alunos, preparando-os para enfrentar os desafios do mercado de trabalho e para atuarem como agentes de transformação na sociedade.

Em suma, a integração interdisciplinar no Curso de Proeja Meio Ambiente no *Campus* Cajazeiras-PB,

especialmente por meio da realização de visitas técnicas para elaboração do TCC, demonstra o compromisso da instituição com uma formação de qualidade e com a promoção de uma educação que vai além dos limites da sala de aula. Essa abordagem não apenas fortalece o aprendizado dos alunos mas também contribui para a construção de um futuro mais sustentável e consciente em relação ao meio ambiente.

Referências

COSTA JÚNIOR, J. F.; LIMA, P. P. de; ARCANJO, C. F.; SOUSA, F. F. de; SANTOS, M. M. O.; LEME, M.; GOMES, N. C. Um olhar pedagógico sobre a Aprendizagem Significativa de David Ausubel. **Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem**. v. 5, p. 51 - 68, 2023.

IFPB. **Projeto Político Pedagógico do Curso Técnico em Meio Ambiente. PROEJA**, 2020. Disponível em: https://estudante.ifpb.edu.br/media/cursos/131/documentos/PPC_-_PROEJA_2020_alterado.pdf. Acesso em: 24 jun. 2024.

Parte 2

VIVÊNCIAS...

CAPÍTULO 07

Vivências do nosso trabalho como docentes do IFPB Cajazeiras: o pai Pereira e o filho Leonardo

José Pereira da Silva

Leonardo Pereira de Lucena Silva

É com imensa satisfação e gratidão que nós, Pereira (pai) e Leonardo (filho), vamos discorrer neste livro, que marca os 30 anos do IFPB Cajazeiras, como se deu nosso vínculo com essa instituição de ensino – eu, José Pereira, como docente de Física e ele, Leonardo Lucena, como docente ligado à Unidade de Indústria.

Pereira (Pai)

Particularmente não foram poucos os empecilhos que surgiram desde o momento em que decidi me inscrever para o concurso da Escola Técnica Federal da Paraíba, para professor efetivo da Unidade de Ensino Descentralizado (UnED) de Cajazeiras. Soube do surgimento dessa vaga, por um amigo de minha cidade que, naquela época, trabalhava aqui em Cajazeiras. Então, eu e alguns amigos decidimos nos inscrever, pleiteando

uma vaga neste concurso, eu para docente de Física e os demais para cursos técnicos.

Lembro bem que, às vésperas de viajar para realizar a inscrição, meu irmão adoeceu e, como só eu estava naquele momento disponível para viajar com ele até João Pessoa, onde ele realizava um tratamento específico, tive que ir às pressas ao cartório fazer uma procuração para um amigo realizar minha inscrição.

Ao retornar de João Pessoa, comecei a maratona de estudos me preparando para a realização das provas. Na época, eu lecionava em uma escola estadual de 2º grau (hoje Ensino Médio) de minha cidade. Foram alguns meses de luta, em que, apesar da ansiedade, pois imaginava meus concorrentes com vantagens sobre mim, em virtude de saber que a maioria provinha dos grandes centros, consegui revisar grande parte do conteúdo constante do programa do concurso.

A prova escrita ocorreu em setembro de 1994. Apesar de ter gostado da prova, fiquei bastante preocupado, uma vez que pequenos incidentes ocorreram, como, por exemplo, ao transcrever as respostas para o cartão de gabarito, pelo menos duas delas fiz de forma errada.

Ao retornar, disse para os familiares, inclusive a minha esposa: “Foi apenas mais um concurso, não fiquem esperançosos”.

Decorrido aproximadamente um mês da realização do concurso, eu estava em casa, numa sexta-feira pela manhã, quando chega um ex-aluno da minha esposa e diz: “Acabei de ouvir a divulgação do seu nome em uma das rádios de Cajazeiras. Você foi aprovado no concurso da Escola Técnica”. Então, bastante surpreso e

feliz liguei para um primo em João Pessoa e ele me confirmava, dizendo que tinha em mãos um jornal contendo meu nome na lista de aprovados, ocupando o segundo lugar. Nessa lista, constava, obviamente, o nome do candidato aprovado em primeiro lugar.

A partir daí começava a preocupação para a realização da prova de desempenho, uma vez que constava no edital que, nesta prova, além da aula expositiva, seria necessária a realização de uma atividade experimental. Movido por um desejo imenso de ser bem sucedido nessa nova etapa do concurso, viajei à Campina Grande e João Pessoa, mais precisamente aos *campi* da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), localizados nessas cidades, com o intuito de obter orientações acerca de atividades experimentais, uma vez que a escola onde eu trabalhava não dispunha de laboratórios, portanto eu estava havia bastante tempo afastado dessas atividades. Encontrei nos laboratórios desses campi professores bastante solícitos, que me forneceram orientações sobre alguns experimentos do seu cotidiano. A prova de desempenho, no entanto, se limitou à aula expositiva, pois o laboratório ainda não havia sido instalado.

A prova de desempenho ocorreu a partir das 9 horas do dia 09 de novembro de 1994, sendo que o conteúdo do tema a ser apresentando foi sorteado no dia 08, às 09 horas, ou seja, com 24 horas de antecedência. O conteúdo sorteado foi “As Leis de Newton e Plano Inclinado”.

Sem dispor de muitos recursos expositivos, me restava uma pequena máquina de escrever, o que era comum naquela época, pois não tinha acesso a computador. Assim, passei toda a noite preparando as aulas

com cartolinas e pincéis e datilografando o material necessário para entrega à Banca Avaliadora. Vale salientar que, durante toda essa noite indormida, contei com a ajuda incessante da minha esposa que, apesar de estar grávida, também não dormiu me ajudando na preparação da aula e, ainda por cima, por várias vezes, assistindo a meus ensaios de aulas extremamente cansativos. Realizada a prova de desempenho aguardamos 20 longos dias para, precisamente no dia 29 de novembro, recebermos uma ligação de uma conterrânea, também aprovada nesse mesmo concurso, para a disciplina de Biologia, comunicando a minha aprovação, e, melhor ainda, após a avaliação dos títulos, em primeiro lugar.

A partir daí começava a preparação para a posse com a realização de exames médicos e outras exigências relativas a esse contexto.

Vale salientar que tomei posse como professor de primeiro e segundo grau no dia 19 de janeiro. Em 1995. Na época, a instituição era denominada Escola Técnica Federal da Paraíba, portanto, com muito orgulho fiz parte do primeiro corpo docente desta instituição que, na UnED de Cajazeiras, conforme foto abaixo.

Imagem 1 – Primeiros docentes da UnED Cajazeiras – ano 1995



Fonte: Arquivo pessoal do autor (1995).

É importante frisar que, em Cajazeiras, estávamos lotados na UnED Cajazeiras, órgão da Escola Técnica para a qual havíamos prestado o concurso. Essa instituição iniciou suas atividades docentes no dia 27 de março de 1995 e oferecia 220 vagas para 2 cursos técnicos integrados ao Ensino Médio: 80 delas para o Curso Técnico em Agrimensura e 120 vagas para o Curso Técnico em Eletromecânica. O curso de Agrimensura foi extinto, após a conclusão da primeira turma, em 1998; já o de Eletromecânica permanece até hoje como curso técnico de referência em nossa instituição.

Conforme citei, iniciei minhas atividades docentes em março de 1995, como professor de Física, tendo permanecido por 24 anos, ou seja, até primeiro de abril de 2019. Durante esse período, tivemos um intervalo de tempo destinado ao ensino médio regular, mas a maioria do tempo foi voltado para o ensino integrado, sendo que os conteúdos atendiam, contextualmente a cada

curso ministrado. Foram muitas as experiências nesse intervalo de tempo, entre elas, a realização de Especialização em Pesquisa, com mais 4 colegas, na então faculdade Francisco Mascarenhas, em Patos-PB. Nessa Pós-Graduação, eu e as professoras Socorro Costa, Virgínia Holanda e Aparecida Freitas, as 3 de Língua Portuguesa, e Maria José Araújo, de Matemática, escrevemos nossa monografia (o curso permitia uma produção em grupo) com o título “Questão Ideológica do Livro Didático”.

Além das atividades lecionando em sala, tivemos atividades variadas com participação em eventos, congressos, exposições, feiras e olimpíadas de Física e Astronomia. Dentro da Olimpíada de Astronomia, coordenei um Projeto de Extensão intitulado “Importância da Astronomia na Educação”, aprovado no Edital 07/2011 do Programa Institucional de Bolsa de Extensão (PROBEXT) que se iniciou em dezembro de 2011 e foi concluído em novembro de 2012.

Dentro desse projeto, realizamos o lançamento de “foguetes” de garrafa pet. Como força propulsora utilizamos um gás oriundo da mistura de vinagre com bicarbonato de sódio, que, ao ser expelido por um orifício existente na garrafa, a fazia funcionar como protótipo de um foguete. Esse fenômeno se baseia no princípio da Ação e Reação ou Terceira Lei de Newton, que explica: um objeto é impelido em sentido contrário ao jato de gás que o impulsiona com velocidade significativa. É importante mencionar que, em virtude dessas atividades relativas às Olimpíadas de Astronomia, tivemos o imenso prazer de sermos convidados, Geovanny Barroso, aluno do curso de Eletromecânica naquele tempo,

e eu, para participarmos, entre 16 e 21 de novembro de 2014, da XI Jornada Espacial, evento que aconteceu no Instituto Tecnológico de Aeronáutica, ITA, em São José dos Campos-SP. Foi uma experiência muito valorosa, para mim e para o aluno, uma vez que trocamos ideias com pessoas de várias regiões do Brasil.

Paralelamente à realização das Olimpíadas de Astronomia, realizamos também várias olimpíadas de Física. Participamos, em 1999, do Encontro de Físicos do Norte e Nordeste em Recife-PE e, em 2000, do mesmo evento, em João Pessoa-PB.

Entre outubro de 2003 e julho de 2006, exerci a função de Gerente Educacional do Ensino Médio da UnED-Cajazeiras. Além de assumir essa função, participei de comissões encarregadas da elaboração e correção de provas e testes de seleção para o ingresso de candidatos nos cursos Técnicos e no Ensino Médio na UnED Cajazeiras. Participei da comissão encarregada de elaborar proposta de reformulação curricular de Ensino Médio, na área de Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias dessa mesma Unidade de Ensino.

Nesse período que atuei como Gerente Educacional do Ensino Médio, tínhamos como Diretora-Geral a pedagoga Fátima Cartaxo, de saudosa memória. Pessoa que nos deixou muito cedo, mas que tem o seu legado nessa instituição. Uma das suas qualidades, entre tantas que eu admirava, era o equilíbrio emocional, pois não era de discutir abruptamente com ninguém, mas de ouvir e ponderar para tomar decisões seguras e pertinentes. Esse, dentre outros, foi um dos aspectos, em relação a ela, observados por mim que me trouxe

muitos ensinamentos, para meu cotidiano, no campo profissional e pessoal.

Outro aspecto, para mim bastante comovente e não menos importante nessa minha estada como professor nessa instituição, foi a homenagem que me foi feita na gestão de Lucrecia Petrucci como Diretora-Geral do *Campus* Cajazeiras e pelo Prof. Cícero Nicácio como Reitor do IFPB, escolhendo meu nome para o laboratório de Física. Foi um dia ímpar para mim, pois receber uma homenagem deste cunho, em vida, com certeza proporciona uma felicidade indescritível a qualquer ser humano. Eu dizia no dia da homenagem que ela se tornava mais marcante para mim porque estava sendo concedida no entardecer das minhas atividades como docente, ou seja, estava se aproximando o tempo da minha aposentadoria.

Vale salientar que, aproximadamente um ano antes da data dessa homenagem, meu filho Leonardo havia sido aprovado num concurso para docente do IFCE, *Campus* Sobral. Conversando com Nicácio, então reitor, ele me perguntava se ele (meu filho) não tinha interesse em vir para Cajazeiras e eu respondia que sim e que não só ele mas todos os familiares ficariam muito felizes, se isso ocorresse. Então, o Prof. Nicácio falou: "Vamos solicitar a remoção do seu filho". Depois de muitas tentativas, pois o *Campus* de Sobral oferecia resistência para isso, a remoção dele ocorreu no início de 2020, o que deixou Leonardo e familiares extremamente felizes e agradecidos a todos que lutaram pela concretização desse sonho. Graças damos a Deus, em primeiro lugar, e à intervenção do reitor e seus auxiliares por tão grande realização.

É preciso dizer que, apesar de eu ter me aposentado no ano de 2019, conforme já frisei, eu jamais me preparei para tal, isto é, não estava nos meus planos me aposentar nesse período, já que eu gostava muito de trabalhar bem como do ambiente de trabalho no interior do *Campus*. Neste *Campus* do IFPB vivi o maior espaço de tempo como profissional da docência, tive oportunidade de trabalhar com centenas de alunos dedicados e envolvidos com o que faziam bem como com muitos colegas de trabalho com os quais dividi tarefas e, por meio dessa interação, aprendi bastante para a vida. Gostaria muito de ter tido oportunidade de trabalhar ao lado do meu filho, no entanto alguns fatores, mais precisamente dois, foram cruciais para que eu antecipasse minha aposentadoria: primeiro, o de saúde, pois minhas cordas vocais não estavam funcionando a contento – quando eu falava durante o período de 03 aulas seguidas, por exemplo, começava a ficar afônico (sem voz), esse quadro cada vez mais se acentuava. Outro fator foi o contexto político, pois foi um período, no governo anterior, de muita insegurança em relação às regras de aposentadoria dos trabalhadores. Apesar de sabermos que a lei não retroage para punir, não acreditávamos nas atitudes daquele governo naquele momento. Esses foram os dois principais fatores que me levaram a pedir a aposentadoria com antecedência, em relação ao tempo planejado.

No entanto, foi muito gratificante trabalhar como docente no IFPB-*Campus* Cajazeiras, e esta gratidão se manifesta toda vez que encontramos ex-alunos, a maioria já profissionais liberais, os quais nos passam ares de felicidades, enfocando que nosso trabalho foi

importante para sua realização como profissional e cidadão dentro da sociedade atual.

Também não posso me eximir de dizer que o que torna o IFPB diferenciado é sua interface humanística, pois sua prática educacional explora não só os aspectos científicos e tecnológicos mas também prepara o estudante para se tornar um cidadão como um todo, para que se insira adequadamente na sociedade. Nesse contexto, eu gostaria de encerrar citando parafraseando Albert Einstein: Não basta ensinar ao homem uma especialidade, porque se tornará assim uma máquina utilizável, mas não uma personalidade. É necessário que adquira um sentimento, um senso prático daquilo que vale a pena ser empreendido, daquilo que é belo, do que é moralmente correto. A não ser assim se assemelhará, com seus conhecimentos profissionais, mais a um cão ensinado do que a uma criatura harmoniosamente desenvolvida.

Não tenho dúvidas de que o IFPB, *Campus Cajazeiras*, ao longo da sua história, tem colocado como meta a ideia preconizada na frase do cientista citado.

Leonardo (o Filho)

A minha trajetória no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba começou oficialmente no dia 06 de janeiro de 2020, com a publicação da Portaria nº 14, na 3ª edição, da seção 2 do Diário Oficial da União. Naquele momento, estava oficializado um processo de Redistribuição que havia sido solicitado em agosto de 2018, solicitando a minha redistribuição do Instituto Federal do Ceará (IFCE), para o Instituto

Federal da Paraíba (IFPB). Infelizmente esse processo teve uma tramitação muito longa, de maneira que não houve intersecção entre o meu período como servidor do IFPB e o período em que meu pai esteve como servidor da ativa. Contudo o IFPB-*Campus* Cajazeiras já faz parte da nossa jornada desde 1994 e foram as experiências compartilhadas e os caminhos percorridos dentro dessa instituição que, em grande parte, me moldaram como profissional e como ser humano.

Quando recebi o convite para escrever parte desse capítulo, fiquei muito satisfeito; contudo, logo percebi o desafio que seria traçar uma narrativa coesa sobre minha passagem por essa instituição, embora pudesse abordá-la de maneiras diferentes. Após muitas conversas, resolvi desenvolver a minha breve narrativa de maneira cronológica, seguindo a minha história dentro dessa instituição.

Quando recordo, a primeira reunião de que participei aqui no IFPB, foi do encontro pedagógico do período 2020.1. Lembro-me, por essa ocasião, de uma fala da pedagoga Lucrécia Petrucci, então Diretora-Geral do *Campus*, falando que o IFPB era uma instituição que mudava a vida das pessoas e, naquele momento, eu me lembrei de como o IFPB havia mudado a minha vida. Eu nasci numa pequena cidade chamada Lagoa, no interior da Paraíba, localizada próximo a Catolé do Rocha e Pombal. Lá levávamos uma vida pacata próximo dos meus familiares, até que, no final do ano de 1994, tudo mudou – meu pai havia passado no concurso da UnED-Cajazeiras e tínhamos que nos mudar para Cajazeiras. Nossas vidas mudaram de rumo, precisei me afastar de

tudo e de todos de quem gostava para morar em outro local onde não conhecíamos ninguém. Foi desafiador na época, mas foi a melhor coisa que aconteceu, pois, se isso não tivesse acontecido, possivelmente não estaria escrevendo este capítulo.

Desde que me lembro, o IFPB-*Campus* Cajazeiras está presente na minha vida e na vida da minha família. Para mim, esse foi o único emprego que meu pai teve na vida. Embora eu saiba que ele trabalhou em outros lugares, mas esse é o único de que eu tenho lembranças.

A primeira lembrança que tenho do *Campus*, são de mim e de meus dois irmãos brincando no pátio e correndo pelos corredores dos blocos 2 e 3 (como mostrado na Imagem 1). Na época eu tinha entre 6 e 7 anos e, em alguns fins de semana, meus pais precisavam trabalhar elaborando aulas, corrigindo provas ou até mesmo estudando para dar aulas. Assim, como não tínhamos família em Cajazeiras, todos íamos para o *Campus*, onde eles podiam ficar trabalhando e nós podíamos brincar e explorar aquele local, que, na época parecia não ter fim. Eu achava aquilo o máximo, pois ali nós podíamos correr, pular e falar alto e não seríamos repreendidos. Era como se estivéssemos novamente em Lagoa, e eu achava aquilo surpreendente.

Imagem 1 – Explorando a UnED Cajazeiras



Fonte: Arquivo pessoal do autor Leonardo Lucena (1995). Na foto, Leonardo Lucena e Christianne Pereira de Lucena Silva.

Esse lugar sempre conseguiu me surpreender de diversas maneiras, pois, se hoje ele já é um local diferenciado em Cajazeiras, na segunda metade dos anos 90 era como se o portão de entrada fosse o guarda roupa das Crônicas de Nárnia. Aqui eu vi a primeira vez um laboratório de ensino, aqui eu utilizei a primeira vez um computador e tantas outras coisas. Era como se ali tivesse toda uma externalidade fora daquilo que normalmente se esperava de uma escola tradicional, ou seja, alunos em sala de aula, assistindo à exposição de assuntos e anotando informações.

Por sempre frequentar esse espaço desde criança, foi inevitável que todos me conhecessem. Ainda lembro de ocasiões em que, quando chegava a uma sala, a pessoa que me recebia olhava para mim por alguns instantes e fazia a pergunta: “Você é filho de Pereira?”. Eu respondia que sim e a pessoa imediatamente abria um sorriso e dizia: “Eu sabia, é a cara dele”. Até que um dia alguém se referiu a mim como “Pereirinha”, e esse apelido caiu no gosto das pessoas, de forma que todo mundo me chamava assim, desde os servidores até os alunos do meu pai.

E isso teve um impacto muito grande durante a minha trajetória, pois a minha conduta e as expectativas que as pessoas tinham de mim estavam inextricavelmente associadas à visão que tinham do meu pai. Na época eu não entendi, mas, com o tempo, eu soube o que é ter uma reputação.

O professor Clovis de Barros¹², ministrando um curso sobre o sociólogo francês Pierre Bourdieu (Barros Filho, 2015, p. 37), conta uma história que um dia o Bourdieu se aproximou dele e disse algo como: O nosso capital social transcende a vida orgânica dos corpos. Corpos esses que supostamente detêm esse capital social. E você sabe o por quê? Porque a nossa vida social é muito mais abrangente e duradoura que a nossa vida orgânica. Hoje, refletindo sobre minha trajetória, vejo que foi justamente o que tinha acontecido ao ter me tornado “Pereirinha”. E esse aspecto era reforçado pelo fato de sempre ter tido o meu pai como um norte. Por isso eu buscava sempre estar por perto, por isso sempre estava pelo instituto.

Esse hábito me permitiu participar de diversas atividades dentro da UnED, o que me permitiu conhecer desde cedo uma das grandes potencialidades do IFPB-Campus Cajazeiras, que sempre foram as suas atividades de Extensão. Aqui no *Campus*, tive oportunidade de participar de um conjunto de ações voltadas para a comunidade, como escolinha de basquete e futsal, bem como participei do grupo de teatro que era coordenado pela Professora Palmira Palhano.

Contudo, à medida que o tempo foi passando, percebi que os livros eram o que atraía a minha atenção, por isso sempre estava pela biblioteca estudando, ou mesmo na sala dos professores, para tirar dúvidas. Essa é uma lembrança muito forte, pois o instituto sempre foi como uma casa de estudos, e a sala dos professores,

que na época ficava onde hoje é a sala da Diretoria de Gestão de Pessoas, era como se fosse o meu Google, pois nela eu conseguia resposta para todas as minhas dúvidas, além conseguir livros e apostilas que me auxiliaram demais nos estudos.

Aproveito inclusive esse registro para agradecer especialmente aos professores Edilene Lucena (inglês), Maria José Araújo (Matemática), Virgínia Holanda e Socorro Costa (Português), Luciano Candeia (História), Hélio Rodrigues (Química). E em nome destes, homenageio os demais, que direta ou indiretamente, contribuíram com a minha formação.

Outro momento marcante ocorreu no dia 21 de julho de 2017, que foi o dia da inauguração do Laboratório de Física Professor José Pereira da Silva (como mostrado na Imagem 2). Esse dia singular coroou toda uma trajetória de dedicação e esmero, no que se refere ao ensino da Física no interior da Paraíba. Tenho certeza de que essa homenagem reforça o impacto positivo que ele teve na vida de todos os seus alunos, inspirando-os a explorar o mundo da Física e a perseguir seus próprios objetivos acadêmicos e profissionais. Infelizmente não pude participar da homenagem, pois, na semana anterior, havia assumido um concurso no Instituto Federal do Ceará, realizando um sonho meu e dele, contudo vibrei como se fosse o meu nome que estivesse naquela placa.

Imagem 2 – Inauguração do Laboratório de Física com o nome do Professor José Pereira da Silva (2017)



Fonte: IFPB – Campus Cajazeiras (2017)¹³.

O sentimento que impera durante essa trajetória é o de gratidão. Gratidão por diversas coisas: por todas as pessoas e amizades que pude construir nesses anos iniciais, pela oportunidade de ter frequentado esse espaço repleto de educadores dedicados e com a certeza de que todas as minhas experiências aqui contribuíram com o meu crescimento pessoal e profissional.

Não sabia que o destino me reservava a oportunidade de devolver a essa instituição uma parte do que ela me proporcionou. Esse lugar que frequentei desde a infância ao lado do meu pai é testemunha de como essa experiência foi repleta de significado e de familiaridade.

Cada sala, cada corredor, cada reunião ainda hoje traz uma sensação de conexão com esse ambiente. Além disso, traz a oportunidade de seguir os passos do meu pai, de alguma forma, honra o seu legado, por isso estava ansioso para contribuir com o meu próprio trabalho e dedicação para que essa casa de educação cresça e se desenvolva na mesma proporção que cresceu durante a época em que meu pai esteve aqui.

Durante essa jornada, houve vários tropeços, como acontece na vida de qualquer pessoa. Isso não é novidade, porém, quando se trata de algo global, deixa de ser tropeço e passa a ser tragédia. Em 2019, deparamo-nos com a maior crise de saúde mundial do século XXI, a pandemia do novo Corona vírus. Esse dia marcou o início de uma nova experiência que tive com o IFPB. De repente aquele local que me trazia tantas lembranças e motivação, passou a existir apenas no meio digital, por meio de telas, áudios e e-mails. Somou-se a isso toda uma fase de incerteza e preocupação, pois não sabíamos quase nada sobre o inimigo que estávamos enfrentando naquele momento. E tudo o que sabíamos era que precisávamos permanecer isolados uns dos outros. Essa foi a pior parte: o processo de aceitarmos que o outro que sempre representou alegria, partilha e apoio emocional, agora representava um risco a nossa saúde e à saúde da nossa família. Essa ambivalência gerou muito sofrimento e ansiedade para todos nós.

Passada aquela fase inicial, em que ajustamos as nossas rotinas para que pudéssemos nos proteger e à nossa família, conseguimos voltar às nossas atividades, contudo realizadas de forma virtual. Tivemos diversas

capacitações para essa nova modalidade de ensino remoto no *Campus* Cajazeiras. Inicialmente foi bem complicado, mas nossa comunidade se empenhou ao máximo para que pudéssemos formar os alunos da melhor maneira possível. Como diria o professor Mario Sergio Cortella¹⁴: Fizemos o nosso melhor, na condição que tínhamos, enquanto não tínhamos condições melhores de fazer melhor ainda (Cortella, 2017, p. 83).

Nesse contexto de Pandemia, diante de um cenário desafiador, recebi um convite do professor Ricardo Job e da Diretora-Geral do *Campus* Cajazeiras, Profa. Lucrecia Petrucci, para assumir a função de Coordenador da Unidade de Indústria. Aceitei o convite e me comprometi a permanecer na função durante os dois últimos anos de sua gestão.

Assumi esse compromisso diante de um cenário desafiador, pois estávamos fazendo gestão de uma forma até então inédita, não só para mim mas para todos ali. Muitos processos novos e ainda o desafio da utilização do sistema Unificado de Administração Pública (SUAP), com o qual eu não tinha familiaridade. Além disso, havia o desafio da comunicação e do fato de todos estarmos fazendo gestão a distância pela primeira vez. Esses desafios foram atenuados pelo apoio da nossa equipe do ensino, sempre coesa e disposta a me ajudar. Destaco aqui os professores Francisco Paulo (UNINFO), Samara Celestino (UFGP) e Ricardo Job (DDE) que me ajudaram demais durante essa minha fase inicial.

14

Filósofo e escritor, com mestrado e doutorado em Educação, professor-titular da PUC-SP. O Prof. Cortella disse essa frase numa palestra na prefeitura de Campinas no ano de 2018. Palestra baseada no seu livro: Qual é a tua obra – Editora vozes - 2017

Essa fase foi de muitos desafios e conquistas. Nessa época, conseguimos consolidar a figura dos laboratórios de pesquisa com a alocação de espaços físicos para o Laboratório Cajazeirense de Processos de Produção (LC2P), Laboratório de Acessibilidade, Mobilidade Urbana e Transporte (LAMUT) e o Laboratório de Estruturas. Conseguimos também consolidar a comissão responsável pela monitoria do *Campus* (na época, COPACE).

Relembro que, diante de tantos aprendizados, o maior deles ainda estava por vir. E esse aconteceu no início do ano de 2022, quando assumi a Diretoria de Desenvolvimento do Ensino, durante o pleito eleitoral de 2022, e fiquei responsável pela implementação da nossa 5ª fase (Consolidação do Ensino Híbrido). Ou seja, estávamos havia quase 2 anos sem atividades de ensino presencial no *Campus* Cajazeiras, e eu estava ali numa função nova e responsável pelo retorno às atividades presenciais. Tinha achado extremamente difícil a migração do presencial para o remoto, mas, sair do remoto para o presencial, de repente se mostrou um desafio duas vezes maior, pois, além de coordenar todas as ações, estava responsável pela segurança da saúde de toda a nossa comunidade nessa nova fase.

Lembro-me de que foi um período de rotina muito pesada, pois muitos dias tivemos que acompanhar as atividades de ensino durante os três turnos, além das atividades administrativas da Direção de Ensino e da Unidade Acadêmica.

Contudo, algo me chamou a atenção, que foi a rapidez com a qual assimilei aquela nova rotina. Falo isso comparando com a curva de aprendizagem que

tive ao assumir a Unidade de Indústria. Muitos dias eu chegava logo cedo pela manhã e, quando me dava conta, já eram duas da tarde.

Friedrich Nietzsche, em seu livro “Além do bem e do mal” (2011, p. 17), discorre, em alguns aforismas, sobre o nosso inconsciente e como ele influencia no nosso comportamento. Em uma determinada passagem ele traz a ideia, que em alemão escreve-se, “*es denkt in mir*”, que traduzindo significa “algo pensa em mim” (tradução nossa). Para o escritor alemão não existe um “eu” que conscientemente passa o dia arquitetando as coisas para depois agir, o que de fato existe é “vontade de potência” que produz pensamento e ação baseado nesse pensamento. Pensamento esse que muitas vezes só chega a nossa consciência após nos assistirmos fazendo aquela ação.

É como dar aulas. No início até que paramos um pouco e pensamos: “Agora vou falar sobre a Lei de Hooke” e, na sequência, paramos e pensamos: “Agora vou desenhar um diagrama Tensão x Deformação”. Contudo, com o tempo, melhoramos e aquele ofício se torna como uma segunda natureza, de forma que simplesmente chegamos à sala, tomamos o nosso roteiro e a aula simplesmente acontece. Isso é saber prático incorporado, e, para Nietzsche, esse é o cerne e a essência da nossa vida psíquica.

Trago essa ideia, porque, naquela situação do retorno do ensino remoto para o presencial foi como se, intuitivamente, eu conseguisse entender as atividades que deveriam ser executadas. É como se agora, retornando para esse meu lugar natural, as coisas voltassem

se encaixar e fazer sentido. Hoje, pensando sobre esse momento, foi como se tudo o que já tinha vivido aqui no *Campus*, associado ao tempo que permaneci na coordenação da Unidade Acadêmica estivessem me preparando para aquele desafio.

E aqui faço duas considerações. A primeira é que reconheço que não foi um trabalho perfeito; houve falhas e há diversas coisas que hoje faria diferente. Contudo, naquele momento, com as informações que eu tinha, foi o melhor que consegui fazer. E o outro ponto é que não fui apenas eu. Pelo contrário, contei com a ajuda de muita gente nessa etapa que fez mais do que precisava e, às vezes, mais do que podiam fazer. Pessoas sem as quais essa missão não teria sido possível. Foram muitas pessoas que ajudaram, que colaboraram, pessoas que muitas vezes apenas ouviram pacientemente. Aqui preciso destacar duas pessoas que foram de valor incomensurável para esse percurso – a Pedagoga Lucrécia Petrucci e a Professora Kissia Carvalho. E faço essa menção porque ambas me ajudaram, mesmo contrariando prescrição médica. E por esse motivo, agradeço novamente.

E aqui gostaria de terminar esse relato com a recordação de um momento que me foi o mais caro de todos. Faço referência à cerimônia de certificação das turmas dos Cursos Integrados que iniciaram no ano de 2019. Esse foi o último ano em que o meu pai trabalhou no *Campus* Cajazeiras, se aposentando no dia 01 de abril. Ele havia passado um pouco mais de 2 meses com a turma de Eletromecânica, quando se afastou da sala de aula. Mesmo assim, o representante da turma entrou em contato comigo para conseguir o contato do meu

pai, pois queria lhe informar que ele seria um dos professores homenageados e convidá-lo para a cerimônia. Foi um momento ímpar, pois, naquela certificação eu estava compondo a mesa e ele estava como professor homenageado. Foi a primeira vez que estávamos ambos como servidores do IFPB-*Campus* Cajazeiras. E foi uma cerimônia belíssima, houve uma fala do meu pai, relatando que não se passa um dia sem que ele se lembre de alguma coisa relacionada ao *Campus* Cajazeiras, tamanha foi a relevância dessa casa na sua vida. Nessa situação também pude fazer uma fala que retratou toda a influência que a convivência que pudemos ter aqui dentro do *Campus* Cajazeiras foi transformadora para mim. Lembro que finalizei a minha fala com uma citação do grande educador Rubem Alves (2000, p. 5): “Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais”.

Espero que, por meio da minha prática, a memória e a obra do meu pai permaneçam vivas dentro dessa instituição.

Assim concluo essas memórias, com a certeza de que o *Campus* Cajazeiras é muito mais do que a sua estrutura física. Ele é formado por histórias como essas e por outras as quais jamais serão esquecidas.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. 6. ed. Campinas: Papyrus, 2000. 93 p.

BARROS FILHO, Clovis de. **O pensamento de Bourdieu**: Aula 04 – Socialização e Illusion. 2015.

CORTELLA, Mario Sergio. **Qual é a tua obra?** Inquietações propositivas sobre gestão, liderança e ética. 24 Petrópolis: Editora Vozes, 2017, 141 p.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do Bem e do Mal**. Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal - 31. 3. ed. Editora Escala, 2011.

CAPÍTULO 08

Trajetórias: experiências de estudantes no Campus Cajazeiras

Valquiria Teodosio da Silva

Diego Lins de Carvalho

Carolaine Bezerra Araújo Gonçalves

Gabriel Monteiro Aquino

Este capítulo é construído por alunos e ex-alunos que testemunham suas impressões sobre o *Campus Cajazeiras*. Consideramos ser de extrema importância publicizar as vozes de nossos estudantes, uma vez que são estes que realmente formam uma Instituição de Ensino. É por nossos jovens e adultos que o IFPB luta, por uma Educação questionadora, edificante e propulsora de transformações sociais.

Sob o olhar de Valquíria

(IFPB *Campus Cajazeiras* / Médio Integrado 2023)

O IFPB *Campus Cajazeiras* é sinônimo de casa. Em todos os sentidos e significados. Quando entramos nessa Instituição, ficamos ansiosos e maravilhados, logo de início, com sua beleza arquitetônica. Ao longo do tempo, constatamos que, embora sempre pensemos

que ali é um espaço de educação desejado por muitos e que somos privilegiados por termos conseguido entrar em um de seus cursos, o *Campus* Cajazeiras consegue ir além disso e ainda superar nossas expectativas. Estudar no IFPB *Campus* Cajazeiras é estar disposto a enfrentar muitos desafios durante a caminhada acadêmica, pois, a cada dia que passa, aprendemos mais do que o previsto ou planejado pelo corpo docente e também com os colegas que estão ali conosco cotidianamente.

Diariamente estamos imersos num universo muito vasto, onde conciliamos um misto de sentimentos, desde as aulas práticas em laboratórios – experiências que geram muitas alegrias a cada conhecimento compartilhado –, até os momentos mais simples, como na hora do lanche, onde acontecem as melhores as conversas e momentos de diversão.

O que torna o IFPB *Campus* Cajazeiras um lugar mágico e diferente de todos os outros é um conjunto de elementos, como as diversas oportunidades de criar e participar de projetos de extensão, o cuidado e preocupação do corpo docente conosco, estudantes. Além disso, o *Campus* Cajazeiras nos oferece uma grande estrutura física, apropriada e arquitetada para fornecer todos os serviços que prometem.

Além de todo o aparato estrutural e administrativo, o *Campus* Cajazeiras é uma grande oportunidade de termos uma educação gratuita e de qualidade. Lá encontramos jovens de várias cidades circunvizinhas e até de outros estados, todos em busca de um único objetivo: mudar sua realidade, seja dentro de casa seja na comunidade de que fazem parte, por meio dos estudos.

E é isso que a Instituição IFPB nos proporciona – a possibilidade de mudar vidas e destinos, nos proporcionando educação integral, ou seja, não apenas uma formação técnica como também a formação humana, nos preparando para o mundo.

No IFPB *Campus* Cajazeiras conhecemos professores e colegas de vários lugares e, conseqüentemente, fazemos muitas amizades e conhecemos outras realidades. Uma das partes mais mágicas desse lugar é, então, a oportunidade que temos de conhecer pessoas que nos mostram algo, às vezes até conhecido, porém, que ganha novo significado por conta de outras diferentes percepções. Esse olhar de outra perspectiva nos provoca, nos incentiva a sermos melhores que ontem. No *Campus* Cajazeiras, conhecemos pessoas que nos mostram que, quando se tem um objetivo, todo o esforço e dedicação valem a pena.

Acima generalizamos as pessoas por quem demonstramos nosso apreço, ou seja, professores, técnicos administrativos, além de funcionários de empresas terceirizadas e colegas de *Campus*, porém queremos destacar a excelência dos professores. Isso não significa que os demais são menos admirados, porém, passamos mais tempo com os docentes.

Sobre esses profissionais, percebemos quão preparados profissionalmente, todos são; homens e mulheres dispostos a dar de tudo de si, para que seus alunos se superem. Muitas vezes eles excedem seu papel de professor e se tornam amigos conselheiros, assumem quase o lugar de pais, alertando-nos para possíveis riscos ou problemas que, tomados por nossa inexperiência, inge-

nuidade ou impetuosidade, não percebemos – e também se fazem ouvintes em momentos de inquietação.

Estar neste *Campus* do IFPB nos encoraja a superar desafios, a dar risada em momentos de sossego – lugar de aconchego; de refúgio em muitos momentos. Aqui estamos sempre rodeados de pessoas incríveis que não medem esforços para nos ajudar; lugar onde aprendemos a superar medos, viver experiências que nos constroem como pessoas, com direito a todos os encantos e desencantos que a adolescência e a juventude nos permitem.

São tantas qualidades em um lugar só... Por isso, é muito difícil nos despedir de um lugar que nos proporcionou viver emoções as mais diversas e também conhecer pessoas fantásticas. O sentimento de ida é muito triste, mas também fica conosco toda a gratidão por essa casa que é o *Campus* Cajazeiras. Ficam guardados em nossos corações todo o carinho e amor por esse lugar e o desejo de que as próximas gerações possam viver e aproveitar tudo o que o *Campus* Cajazeiras tem a oferecer – viver ao máximo e desfrutar todas as oportunidades que essa Instituição tem a oferecer.

Sob o olhar de Diego

(IFPB *Campus* Cajazeiras / Médio Integrado 2024)

O processo para ingressar no IFPB começa quando fazemos a tão desejada inscrição para enfrentar o grande número de com concorrentes, todos com o sonho de ser aluno de uma escola de renome como os Institutos Federais.

A ansiedade da família vem acompanhada da torcida de nossos professores do Ensino Fundamental, todos aguardando para saber se toda a dedicação e investimento nos dias e noites de estudo foi válida. Ao lado deles e ao mesmo tempo, estamos nós, os candidatos, nos consumindo para saber se conseguiremos ou não tamanha vitória. Enfim, nos deparamos com o resultado tão esperado. Quando aprovados, choramos de alegria nos braços de nossos pais, aliviados pela liberação do peso que carregávamos em nosso peito. Finalmente atingimos um de nossos primeiros sonhos – outros ainda virão – e concluímos que as noites em claro valeram a pena, que conseguimos dar orgulho a nossa família e aos nossos professores.

Quando olhamos para trás, por cima do ombro, vemos que o tempo do Fundamental já passou e que vamos começar a trilhar um novo caminho em nossas vidas; novos desafios, novos temores e novas vitórias nos aguardam – nossa entrada no tão esperado Ensino Médio na nossa escola dos sonhos, o IFPB – mais especificamente no *Campus* Cajazeiras, uma das unidades do sertão paraibano, uma escola enorme, cheia de pessoas – deixou de ser sonho. Agora era real.

Todos sabemos que, em nova fase de nossas vidas, sempre há desafios, porém nunca paramos para pensar que realmente será tão difícil. Deixamos nossos amigos para trás como também nossos professores preferidos, aqueles que sempre nos entendiam. Ao chegar ao *Campus* Cajazeiras, nos deparamos com pessoas que nunca vimos antes e nos deixando a pensar: “Será que

vou me adaptar? Vou conseguir fazer novos amigos? E os professores? Será que vou me dar bem com eles?”.

Muitas pessoas afirmam que o IFPB é uma escola bastante exigente. Alguns até falam que são “obrigados” a sair de sua zona de conforto devido à rigidez dos professores, ao cobrarem o estudo, a dedicação dos alunos. A verdade, no entanto, não é bem essa. A Instituição proporciona conhecimento, trazendo momentos únicos que serão lembrados para sempre. Algumas dessas lembranças são: i) a de ser necessário ficar estudando até tarde da noite para fazer uma prova; ii) toda a sala reunida na biblioteca para ajudar uns aos outros nas partes do assunto da aula que não ficaram claras; iii) e também, como consequência, um cochilo vez ou outra na sala de aula por ter ido dormir tarde estudando para aquela prova de matemática. No entanto, é graças a esse esforço que, ao recebermos a nota que tanto nos dedicamos para conseguir, pulamos de alegria na hora e até mesmo assustamos o professor com a comemoração. Certa vez, li uma frase, de cuja autoria não me recordo, que mudou minha maneira de pensar: “Se você tem disposição para correr o risco, a vista do outro lado é espetacular”.

Uma coisa, entretanto, é certa: a melhor decisão foi escolher ser aluno do IFPB, *Campus* Cajazeiras. No início de tudo, fui acolhido de uma forma encantadora. Eu podia reparar que os professores faziam de tudo para ficarmos à vontade e nos sentirmos em casa, pois a partir daquele momento e durante todo o período de aprendizagem, o *Campus* seria nossa segunda casa. Esse acolhimento é de valor inestimável, um lugar de laços de amizade e relações humanas.

Sob o olhar de Carolaine

(IFPB *Campus* Cajazeiras / Médio Integrado 2024)

Ter a oportunidade de fazer parte do IFPB – *Campus* Cajazeiras é, sem sombra de dúvidas, uma honra imensurável. O valor desta Instituição para mim é além das palavras, pois encontro-me verdadeiramente imersa em um ambiente em que posso construir minha jornada e realizar meus sonhos.

Minha relação com o IFPB teve início ainda na infância, quando pela primeira vez ouvi falar sobre esta renomada instituição. Naquela época, confesso que não compreendia plenamente sua importância nem sabia ao certo como poderia me tornar parte dela. No entanto, tinha a convicção de que, de alguma maneira, meu destino se entrelaçaria com ela. Essa sensação era como um chamado que ecoava em meu ser e, conseqüentemente, se transformou em um sonho. Para minha imensa alegria, esse sonho se tornou realidade.

Ao refletir sobre o passado, percebo que a decisão de ingressar no IFPB foi uma das mais acertadas que já tomei. No primeiro dia de aula, no *Campus* Cajazeiras, unidade solidificada no sertão paraibano, essa certeza se solidificou por completo. Foi uma experiência marcada por uma gama de sentimentos extraordinários, mas, em essência, predominava um profundo sentimento de gratidão e a certeza inabalável de que estava trilhando o caminho correto. Com o passar do tempo, essa sensação apenas se intensificou, e meu amor pelo IFPB e pelo *Campus* cresceu ainda mais.

Durante minha jornada na instituição, vivenciei experiências que indubitavelmente contribuíram para o meu crescimento pessoal e acadêmico. Os laços de amizade que cultivei com colegas que hoje são meus amigos foram essenciais para meu crescimento como pessoa, todos tornaram esse ciclo acadêmico ainda mais extraordinário. O apoio dos professores e técnicos administrativos também foram fundamentais, seus conselhos e ensinamentos com certeza ficarão eternizados em minha memória.

No âmbito acadêmico, o *Campus Cajazeiras* do IFPB teve um papel transformador em minha vida. A participação em projetos de extensão, apresentações de trabalhos, desenvolvimento de projetos e ser representante de turma permitiram-me aprimorar minhas habilidades comunicativas e intuitivas. As atividades em geral são realizadas de modo a sempre se buscar extrair o melhor dos alunos, fazendo com que possamos ter mais autonomia e atitude em relação às situações que nos são postas. Além das atividades de sala, de projetos científicos e de extensão – trabalhando com a comunidade externa –, também tive a oportunidade de integrar o Grêmio Estudantil. Isso foi um marco significativo em meu desenvolvimento, proporcionando-me experiências valiosas em liderança e responsabilidade, destacando o protagonismo estudantil.

Por fim, espero do fundo do meu coração que o *Campus Cajazeiras* possa acolher outros jovens da mesma forma que me acolheu, tornando-se um refúgio para eles, assim como se tornou para mim. Que os atuais e futuros estudantes possam cultivar um amor profundo

por essa instituição e que sejam tão apaixonados quanto eu por este lugar maravilhoso. Como dizia Marie Curie: “Na vida, não existe nada a temer, mas a entender”. Para muitos o IFPB pode parecer algo assustador e até mesmo impossível, mas afinal, nada que é bom é fácil, mas temos que correr o risco. E com toda certeza, o IFPB é um risco que vale a pena!

Sob o olhar de Gabriel

(IFPB *Campus* Cajazeiras / Médio Integrado 2024)

Ser estudante do IFPB é um marco na vida de qualquer pessoa e, sem dúvida, mudou o curso da minha vida, a minha cosmovisão e minha relação comigo mesmo.

A minha relação com o IFPB começou antes mesmo de me tornar um de seus alunos. Desde criança eu sempre fui apaixonado por aquele lugar, nem sabia direito o que ele significava, mas já almejava o dia em que eu faria parte dele. Talvez o fato de meu pai ter estudado lá, e o IF (na época CEFET) ter mudado completamente a história da vida dele, tenha influenciado essa minha paixão tão fervorosa. A história dessa Instituição, em especial a do *Campus* Cajazeiras, hoje com 30 anos dedicados à educação e à formação profissional de jovens e adultos, já mudou a história de muitas pessoas, não só em nosso estado mas também contribuindo para o desenvolvimento de nossa região e de nosso País. A seguir, veremos alguns exemplos.

Entre as pessoas beneficiadas pelas ações educacionais do *Campus* Cajazeiras, estou eu. O tempo pas-

sou e chegou a minha vez; minha vez de viver o que eu esperei tanto. A mistura de sentimentos que me tomaram quando me vi aprovado no PSCT (Processo Seletivo para Cursos Técnicos) foi (e ainda é) indescritível. Eu me esforcei tanto, esperei tanto tempo... Era chegada a hora, e, sim, eu passei, foi incrível... uma euforia só. Também havia sido aprovado na Escola Técnica de Saúde de Cajazeiras (a outra escola federal de renome da cidade), mas eu não tinha dúvidas: o IF me chamava. Ele me chamou e eu fui, e ainda bem que eu fui. Mal comecei minha trajetória neste *Campus*, mas já vivi tantas experiências incríveis que perdi a conta. Atualmente, sou representante de turma e me orgulho muito de a minha turma ser tão unida; adoro estar com eles, eles são minha segunda família. Está aí mais uma das melhores alegrias de estar no IFPB – as pessoas que temos oportunidade de conhecer. Amo meus amigos, amo meus professores e amo estar no IFPB, no *Campus* Cajazeiras.

Do ponto de vista acadêmico, não tem nem o que falar. O IFPB é o IFPB. Sua reputação não é à toa. Muito além das aulas de alta qualidade, as oportunidades que esse Instituto proporciona são imensuráveis; os laboratórios são ótimos, locais bem estruturados onde aprendo muito a cada instante. O ambiente do *Campus* Cajazeiras que me encantou desde muito antes de aqui estudar, hoje tem cheiro de casa; me sinto tão à vontade nesse lugar que não sei como descrever. Como sempre gosto de brincar, eu diria que o IF tornou meu sangue “verde”¹⁵.

Existem, é claro, alguns momentos que são mais marcantes e se destacam. Entre estes, destaco um detalhe que alunos de outras escolas não têm a oportunidade de viver: a hora do almoço. Pode parecer algo trivial, mas se trata de um momento de socialização intensa. Posso exemplificar isso relatando as incontáveis atividades que realizamos, eu e meus amigos: já levamos videogame para a sala (com autorização da instituição, é claro), já saímos para passear pela cidade, paqueramos, brincamos com alunos das outras turmas... O horário do almoço é icônico e guarda muitas histórias inesquecíveis. Outro que vale a pena citar é a Semana dos Jogos Internos – aquela rivalidade sadia exalando a competitividade e a união. A semana de Ciências e Tecnologia é outro evento de que participei e que ficou marcado para mim, na minha história acadêmica. O *Campus* lotou de todo tipo de gente, professores e estudantes de várias escolas da cidade e das regiões próximas; eles puderam sentir o gostinho maravilhoso do IFPB. Durante esse evento, houve um minicurso de lançamentos de foguetes; construímos foguetes de garrafa PET e os lançamos eles. Esse dia foi marcante.

O IFPB nos oferece muitos benefícios, mas, proporcionalmente, também cobra dos alunos, portanto nem sempre as coisas são fáceis. Às vezes pensamos que não vamos conseguir dar conta de tantos compromissos ou de alcançar o nível de conhecimento que os professores esperam de nós mas, nesses momentos, surge uma das partes mais incríveis do IFPB, a cooperação. É impressionante como, sempre que as coisas

ficam difíceis, todo mundo se ajuda, de forma que sempre conseguimos romper as dificuldades.

Eu resumi aqui, em uma pequena fração, o que é o IFPB *Campus* Cajazeiras, porque não haveria palavras o suficiente para expressar em totalidade o que esse lugar e o que ele representa não só pra mim mas para muitas pessoas que veem neste Instituto a oportunidade de realmente evoluir acadêmica, política e socialmente.

Entre mais olhares

A partir deste ponto, registramos as impressões de outros estudantes que participaram dos 30 anos de história do *Campus* Cajazeiras e cooperaram com a escrita deste capítulo.

Jaime Ribeiro Filho

(IFPB Campus Cajazeiras / Ensino Médio / 2004)

Figura 11 – Formandos do Ensino Médio – IFPB – Cajazeiras (2004)



Fonte: Arquivo pessoal de Jaime Ribeiro Filho.

O Ensino Médio no IFPB Cajazeiras foi um marco na minha vida acadêmica. Eu vinha de uma escola estadual de Ipaumirim-CE, com o sonho de entrar na faculdade e uma série de dificuldades no caminho. Eu pedalava 6 km da zona Rural até a cidade, onde pegava um ônibus para ir até Cajazeiras. Inúmeras vezes cheguei ao IFPB molhado da chuva e sujo de lama.

Contudo, o acolhimento por parte dos colegas, funcionários e professores contribuiu para que essas dificuldades parecessem mais leves. O ensino sempre de qualidade, e os professores empenhados em nos

estimular para atingirmos nosso melhor desempenho. Ao mesmo tempo, havia muita liberdade e respeito mútuo. O terceiro ano foi, definitivamente, aquele de momentos mais marcantes. Estávamos ansiosos com relação ao futuro, especialmente com relação às nossas carreiras, mas, ao mesmo tempo, tristes com a ideia de nos afastarmos dos nossos melhores amigos. Naquela época, o principal caminho para a graduação era o vestibular. Havia poucas opções de cursos nas universidades públicas da região. Também não havia tantas faculdades particulares nem programas, como FIES e PROUNI, que oferecessem aos alunos condições de acesso essas faculdades.

No ano do vestibular, houve greve, o que atrasou o calendário escolar, dificultando nossa preparação. Lembro que fizemos grupos de estudos na biblioteca. No dia previsto para a divulgação do resultado, nos reunimos em volta de um computador da biblioteca para acompanhar o resultado, aluno por aluno. Cada aprovação foi comemorada. Os homens raspam a cabeça no *Campus* mesmo, num espaço próximo ao ginásio. Foi um dos dias mais marcantes da minha vida.

Isabelly Furtado de Andrade

(IFPB Campus Cajazeiras / Técnico Integrado em Informática / 2022)

Figura 22 – Encerramento do “Agosto Lilás” (2022)



Fonte: Arquivo pessoal de Isabelly Furtado de Andrade.

Refletir sobre as experiências marcantes que vivenciei no *Campus Cajazeiras* do IFPB é verdadeiramente especial, pois nossas histórias se entrelaçam. Cada instante compartilhado nesta instituição, repleto de magia e lembranças inesquecíveis, transformou esta caminhada em um oásis de possibilidades, onde meus sonhos ganharam vida de maneira única.

Desde o primeiro contato, uma sensação indescritível de pertencimento e acolhimento tomou conta de mim, revelando que o Instituto é mais do que uma academia; é um lar onde minha paixão pela educação floresceu.

Participar ativamente de diversas comissões, eventos, programas e projetos foi fundamental para minha construção como pesquisadora e professora em formação, enriquecendo minha jornada de maneira imensurável.

Nos últimos anos, enfrentamos desafios e resistimos a turbulências na rede federal, superando cortes que, por vezes, ameaçavam a continuidade de nossas atividades. Em situações desafiadoras, mantivemos a chama acesa em defesa da Educação, compreendendo que ela é a força propulsora na construção e transformação da sociedade. Destaco, além disso, a participação protagonista do Grêmio Estudantil, o qual tive a honra de presidir, sendo para mim um dos momentos mais significativos. Estiveram ao meu lado pessoas extraordinárias, tanto estudantes quanto servidores, cuja dedicação e paixão pela educação eram uma inspiração constante. Juntos, nos tornamos guardiões de um legado que ultrapassa salas de aula, uma essência pulsante do IFPB.

O amor por esta instituição motivou-me a lutar intensamente pela sua preservação, desejando que mais vidas, assim como a minha e tantas outras ao longo desses 30 anos de história, sejam transformadas por um Instituto Federal.

Comemorar o trigésimo aniversário do *Campus* Cajazeiras é celebrar a vida de uma casa que acolhe a todos que por ela passam, deixando uma marca inapagável e construindo uma herança que irá perdurar por inúmeras gerações.

Os Ifs oferecem não apenas formação técnica mas também promovem uma construção ética, cidadã e pluralizada. Nas palavras sábias de Rubem Alves, “há

escolas que são gaiolas e há escolas que são asas". Assim é o *Campus Cajazeiras* – escola com asas. Obrigada, *Campus Cajazeiras*, por ser a pista de decolagem para nossos voos; talvez até o lugar para onde aqueles que um dia foram alunos retornarão como servidores.

Expresso minha eterna gratidão por todos os instantes vividos e por cada pessoa que cruzou meu caminho nesta jornada. Para as futuras gerações dos que sonham em fazer parte de um Instituto Federal, se eu pudesse resumir em uma única palavra a experiência que vocês viverão nos próximos anos, ela seria "transformação". Que este grande polo educacional do sertão da Paraíba continue a ser um epicentro de mudanças e crescimento, inspirando sonhos e moldando futuros brilhantes.

Breno Francisco Pereira

(IFPB *Campus Cajazeiras* – Técnico Integrado em Edificações/2014 e Engenharia Civil /2020)

Durante nove anos da minha vida, o IFPB *Campus Cajazeiras* foi mais do que uma instituição de ensino. Foi o lugar onde iniciei minha jornada, onde cultivei amizades verdadeiras e onde encontrei meu caminho. Em 2011, entrei como estudante do Curso Técnico em Edificações Integrado ao Ensino Médio, e foi apenas o começo de uma trajetória transformadora.

Após concluir o curso técnico em 2014, senti que minha jornada no IFPB estava longe de terminar. Prestei o vestibular e retornei em 2015 para iniciar Engenharia Civil, um passo que mudaria minha vida para sempre.

Durante os cinco anos desse curso desafiador, cresci não apenas academicamente mas também como pessoa. As amizades que fiz durante esse período se tornaram pilares fundamentais em minha vida, e muitas das minhas conquistas atuais têm suas raízes nesse período incrível.

Hoje, aos 27 anos, olho para trás e reconheço que muito do que alcancei devo ao IFPB *Campus* Cajazeiras. As lições aprendidas, as amizades feitas e as portas abertas são tesouros que levarei sempre comigo. O IFPB não foi apenas uma escola; foi um lar, um ponto de partida e um alicerce para meu futuro.

Agradeço de coração a todos aqueles que fizeram parte dessa jornada comigo. O IFPB *Campus* Cajazeiras estará eternamente marcado em minha história como o lugar onde encontrei conhecimento, amizade e crescimento. Que essa instituição continue guiando e inspirando jovens como eu a trilhar caminhos brilhantes!

Muito obrigado, IFPB *Campus* Cajazeiras.

Adriana Fernandes de Lima

(IFPB *Campus* Cajazeiras – Proeja/2003)

Para mim é uma satisfação imensa fazer parte desse *Campus*, porque foi onde cheguei a concluir o Ensino Médio mesmo com muito sacrifício, porque eu trabalhava durante o dia e estudava durante a noite, às vezes enfrentando muita chuva para chegar em tempo para assistir as aulas. Era difícil, mas eu chegava lá.

Hoje tenho a agradecer primeiramente a Deus e segundo a uma oportunidade de emprego que surgiu na

cozinha do mesmo *Campus*, o que facilitou meu acesso à sala de aula, pois passei a trabalhar e a estudar no mesmo prédio. Comecei em 2016 e daí pra cá só tenho que agradecer por tudo. Foi neste *Campus* onde comecei a realizar meus sonhos e minhas conquistas. Sou muito grata.

CAPÍTULO 09

Numa ciranda de saberes e desafios: mulheres na educação, ciência e tecnologia no Campus Cajazeiras

Antônia Edivaneide de Sousa Gonzaga
Tayla Fernanda Serantoni da Silveira
Ana Paula da Cruz Pereira de Moraes

Durante muito tempo, para além de todas as interseccionalidades, às mulheres era imposto o limite e a restrição de suas possibilidades. A elas era convencionado apenas o que fosse próprio das meninas, de modo que o conhecimento, a educação, a ciência e a política não eram considerados lugares adequados para as mulheres. Por meio de muita luta, o desejo feminino de participação e igualdade na sociedade conseguiu ganhar espaço, se inscrever e se manter nos locais de decisão e de descobertas.

Contribuir para uma escrita envolvendo mulheres como protagonistas na seara da ciência e da tecnologia é uma necessidade, dado que, durante muito tempo, esse espaço era fechado para sua atuação, sendo controlado por uma perspectiva masculina, patriarcal e eurocêntrica, negando uma gama de saberes e práticas de diversos povos.

Assim, o movimento pela igualdade de gênero e valorização do feminino traz inovação aos modelos de condução das instituições e aos modelos de produção do conhecimento, pois valoriza a quebra de princípios unilaterais de perceber e interagir, ser e sentir com o mundo, promovendo condutas baseadas em princípios colaborativos e plurais, envolvendo a perspectiva da diversidade.

Neste sentido, contribuir para a rememoração de histórias acerca do *Campus* Cajazeiras, em um capítulo que destaca mulheres que fizeram e fazem a diferença na dinâmica desse *Campus*, dentro de uma perspectiva de escrita engajada na valorização das mulheres na educação, ciência e tecnologia, é parte dessa luta pela afirmação do feminino como sujeito integrante de uma história plural. Somos muitas e com singularidades diversas, desde o aspecto social ao étnico, mas temos em comum a oposição aos princípios da misoginia que advogam pela invisibilização da mulher e de qualquer pessoa que esteja sujeita a um estado de vulnerabilidade diante de um poder que negue direitos e igualdade.

Experimentamos aqui, no *Campus* Cajazeiras, o encontro com mulheres educadoras que carregavam a marca da força e do brio na luta pela valorização da mulher no contexto da participação no mundo científico, da equidade étnico-racial e na restauração da dignidade da pessoa humana por meio do trabalho. Entre essas mulheres inspiradoras, podemos mencionar Kíssia Carvalho, no Movimento Mulheres na Matemática, Tatiele Pereira de Souza, no Movimento Neabi Vai a Campo, e Maria Virginia Gomes de Holanda, no Movimento Mulheres Mil.

Figura 1 – Roda de Conversa Mulheres na Educação Ciência e Tecnologia – SECT 2022 – Campus Cajazeiras



Fonte: Arquivo pessoal de Ana Paula da Cruz.

Neste capítulo, nos conectamos à memória dessas e de muitas outras mulheres, tanto as que já estiveram no *Campus Cajazeiras* quanto as que ainda estão conosco. É como se estivéssemos formando uma ciranda, criando uma grande roda, semelhante a uma comunidade na floresta da qual nós mesmas cuidamos, onde mulheres compartilham histórias sobre mulheres, para fortalecermos nossa identidade feminina, nossas vozes e nossa sabedoria coletiva.

Destaques da participação feminina nas ações do Campus

Os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia foram criados pela Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008. De modo geral, como concepção basi-

lar, seu foco é voltado para a promoção da justiça social, da equidade, da competitividade econômica e da geração de novas tecnologias (Brasil, 2008). Há, portanto, um direcionamento para o atendimento das demandas de formação profissional, das práticas de difusão de conhecimentos científicos e tecnológicos e o suporte aos arranjos produtivos locais.

Não pretendemos aqui levantar questões ligadas às especificidades do público atendido nos institutos federais, seja de acordo com as modalidades de ensino, seja com base nos tipos de cursos ofertados ou, ainda, nas áreas de conhecimento contempladas em cada realidade. Trazemos, porém, alguns desses aspectos para refletirmos sobre a inserção da mulher nos ambientes de formação e atuação profissional, numa perspectiva social. Diante de tantos desafios enfrentados pelas mulheres, nas múltiplas jornadas desempenhadas através da representatividade de tantos papéis, é salutar trazer à baila sua atuação, uma vez que, ao escreverem capítulos importantes de suas histórias, desenvolvem atividades capazes de transformar as vidas de tantas outras pessoas.

Vivemos numa sociedade em que ainda são fortes as raízes do patriarcado as quais estão presentes em práticas que tornam opaca ou invisível a atuação feminina. Não há como negar que, em muitas atividades cotidianas, as formas de poder ainda se reproduzem em escalas que vão desde a constituição de modelos estabelecidos nas famílias às relações hierárquicas que se estabelecem na sociedade em geral (Nasinhaka, 2020). Em direção contrária a essa realidade, buscamos não só

validar a proposta de discutir aspectos relacionados aos desafios enfrentados por mulheres num contexto específico mas, sobretudo, evidenciar situações nas quais podemos observar a quebra de alguns paradigmas ligados à atuação da mulher, de modo especial, no *Campus* Cajazeiras do IFPB.

É nessa multiplicidade de olhares e funções que destacamos a participação de algumas mulheres que escreveram suas histórias no seu contexto de atuação. Sabemos que, para algumas delas, os desafios são encarados com mais naturalidade e por conta disso, preferem ficar no anonimato. Para outras, tudo aconteceu (ou acontece) de um modo muito especial. Assim, a forma como lida com os desafios vai, gradativamente, ganhando papel de destaque. Exemplo de uma destas é Lucrécia Tereza Petrucci. Pedagoga de formação, de origem humilde, como ela mesma se define, Lucrécia se destacou ao assumir diversos cargos e funções na instituição, se tornando a primeira mulher a ocupar o cargo de Diretora-Geral do *Campus* Cajazeiras, no ano de 2014.

Figura 2 – Foto utilizada na campanha para Diretora-Geral do *Campus* Cajazeiras, no ano de 2014



Fonte: Arquivo pessoal de Lucrécia Tereza Petrucci.

Paralelamente à Professora Lucrécia, citamos outra mulher igualmente merecedora de reconhecimento: Maria José Araújo, Professora da área de Matemática, uma das grandes responsáveis pela implementação do Curso de Licenciatura em Matemática. Embora tenhamos mulheres em seu corpo docente, não há como negar que, no universo da Matemática a presença masculina é marcante, e este Curso não destoava dessa realidade. Atualmente, dos 16 professores de Matemática que atuam no *Campus*, apenas 03 são mulheres. Apesar de tão pequeno número de representações femininas, estas enriquecem o Curso e o *Campus*, lugares que abrigam suas histórias e seus feitos, entre os quais as ações desenvolvidas no âmbito da forma-

ção de professores de Matemática. Em breve resumo, vamos apresentar um pouquinho de cada uma dessas mulheres transformadoras.

Começamos pela Professora Maria José Araújo, primeira coordenadora do Curso de Licenciatura em Matemática do *Campus*, implantado no ano de 2011. É seu nome que personaliza o Laboratório de Ensino de Matemática do *Campus* Cajazeiras, inaugurado em maio de 2014.

Figura 2 – Inauguração do Laboratório de Ensino de Matemática (LABEM) do *Campus* Cajazeiras



Fonte: Arquivo pessoal de Maria José Araújo.

Posteriormente, a Professora Kíssia Carvalho também atuou como Coordenadora do Curso de Licenciatura em Matemática, no período de abril de 2017 a março de 2020; entre os anos de 2021 e 2022, Kíssia Carvalho esteve à frente da Unidade Acadêmica de Formação Geral, como Coordenadora.

Também destacamos, nessa mesma Unidade Acadêmica, o importante trabalho desenvolvido pela Professora Maria do Socorro Soares Costa e Silva. Além desses três nomes, outras excelentes profissionais ocuparam/ocupam importantes espaços no universo do IFPB Cajazeiras.

Nessa reflexão sobre aspectos educacionais, somos movidas, portanto, a olhar também para o horizonte da participação discente, numa perspectiva mais holística, no sentido de compreender como se dá essa participação feminina nos diversos cursos, a partir de dados da última década, conforme descrevemos a seguir.

Nos cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio (Edificações, Eletromecânica e Informática), entre os anos de 2014 e 2024, tivemos um total de 3.903 matrículas, destas 1.771 de mulheres, o que corresponde a 45,4% dos matriculados.

No contexto do IFPB *Campus* Cajazeiras, os cursos superiores estão mais voltados para áreas que, historicamente, têm a presença masculina em evidência, mais especificamente na área de Exatas, como a Matemática e as Engenharias, por exemplo. Atualmente, são ofertados os cursos de Licenciatura em Matemática, de Engenharia Civil, de Engenharia de Controle e Automação e o Curso de Análise e Desenvolvimento de Sistemas.

No período compreendido entre 2014 e 2024, tivemos um total de 3.938 matrículas nesses cursos (técnicos e superiores). Destas, apenas 1.105, de mulheres, o equivalente a 28,1% de presença feminina nos cursos ofertados pelo IFPB *Campus* Cajazeiras na última década, como podemos observar no Quadro 1 a seguir:

Quadro 1 – Demonstrativo de matrículas no IFPB *Campus* Cajazeiras entre 2014 e 2024

PERÍODO LETIVO	MATRÍCULAS TOTAIS	TOTAL DE MULHERES	%
2014.1	381	100	26,2
2014.2	564	154	27,3
2015.1	651	164	25,2
2015.2	639	160	25,0
2016.1	681	173	25,4
2016.2	753	205	27,2
2017.1	959	247	25,8
2017.2	932	259	27,8
2018.1	919	260	28,3
2018.2	928	266	28,7
2019.1	991	289	29,2
2020.1	1083	313	28,9
2020.2	1077	305	28,3
2021.1	1125	325	28,9
2021.2	1149	344	29,9
2022.1	1177	349	29,7
2023.1	1120	330	29,5
2023.2	1080	327	30,3
2024.1	1104	333	30,2

Fonte: Coordenação de Controle Acadêmico (IFPB – Cajazeiras).

De acordo com os registros da Coordenação de Extensão e Cultura do *Campus*, a participação feminina na Coordenação de Projetos de Extensão na última década tem oscilado bastante. Observamos que a maior participação de mulheres nas ações de Extensão ocorreu no ano de 2016, chegando a 44,12%. Nesse recorte temporal, 2014 a 2024, o ano de 2021 foi o que apresen-

tou a menor taxa de participação feminina em projetos de Extensão, certamente em decorrência da Pandemia da COVID 19. Nesse período toda a população mundial teve enormes dificuldades para conciliar os cuidados e atividades domésticas, com estudos, trabalho remoto, entre outros aspectos, o que se tornou ainda mais evidente em relação ao público feminino.

Quadro 2 – Demonstrativo da participação feminina na coordenação de projetos de extensão do Campus Cajazeiras

ANO	MULHERES COORDENADORAS	TOTAL DE AÇÕES	PERCENTUAL
2014	16	44	36,36%
2015	7	19	36,84%
2016	15	34	44,12%
2017	13	43	30,23%
2018	11	41	26,83%
2019	8	38	21,05%
2020	6	27	22,22%
2021	4	21	19,05%
2022	10	30	33,33%
2023	19	57	33,33%

Fonte: Coordenação de Extensão e Cultura (IFPB – Cajazeiras).

Os desafios da participação da mulher nas Ciências

Na abordagem da participação das mulheres nas Ciências, temos um contexto histórico de exclusão ao longo dos séculos, destacando-se a negação da educação formal e as limitações de acesso ao ensino superior e às instituições de pesquisa. Mesmo quando algumas mulheres superaram essas barreiras, já no século XX, suas contribuições eram frequentemente subestimadas e poucas alcançaram reconhecimento público.

Apesar dos avanços significativos nas últimas décadas, as mulheres continuam enfrentando uma série de desafios que limitam seu ingresso e progresso nesse campo crucial para o desenvolvimento humano e tecnológico.

Estereótipos de gênero persistem, influenciando, negativamente, as percepções sobre a capacidade das mulheres na ciência. A falta de representação feminina em posições de destaque nessa área, como cargos de liderança em instituições de pesquisa, universidades e empresas, acaba por servir como um obstáculo para as mulheres que buscam uma carreira científica.

Políticas e práticas institucionais muitas vezes não são favoráveis às mulheres nas ciências. Isso pode incluir sistemas de promoção que valorizam mais as horas de trabalho do que a qualidade e impacto de pesquisas, dificuldades na obtenção de financiamento e recursos adequados bem como a falta de licença maternidade flexível e apoio à conciliação entre trabalho e vida pessoal.

Em um cenário científico historicamente dominado por tons masculinos, o IFPB *Campus* Cajazeiras se

destaca por sua busca por uma paleta mais diversa, que, não por acaso, é composta de diversas cores, não sendo nenhuma delas determinante de gênero, de competência ou de sensibilidade, logo todas acolhidas pela comunidade científica local.

Apesar dos desafios, as mulheres na nossa Instituição de Ensino têm alcançado conquistas significativas no domínio das ciências exatas. Elas têm se destacado em projetos de pesquisa, na publicação de trabalhos científicos, eficazmente contribuindo para o desenvolvimento de soluções inovadoras em suas áreas de atuação. Quando, porém, olhamos para os dados fornecidos pela Coordenação de Pesquisa e Inovação do *Campus*, observamos que ainda há um longo caminho a percorrer. Nos últimos cinco anos, dos 105 projetos de pesquisa desenvolvidos no IFPB *Campus* Cajazeiras, nos diferentes editais de fomento, apenas 25 foram coordenados por mulheres. Isso pode se justificar, talvez, pelo menor número de mulheres atuando nas áreas das Ciências Exatas ou pelo fato de muitas, mesmo de outras áreas, não terem a disponibilidade de tempo de que são agraciados os homens, tendo em vista serem elas, via de regra, as responsáveis pela organização doméstica, incluindo a vida escolar dos filhos; há ainda que se considerar as que assumem duplo papel em casa – mãe e provedora financeira.

Essa é uma realidade das Instituições de Ensino, incluindo o *Campus* Cajazeiras. Desde a gravidez já se verificam alterações significativas na vida das mulheres, mudanças que se estendem ao período de licença maternidade, geralmente resultando em pausa prolon-

gada na pesquisa e na produtividade acadêmica, afetando suas oportunidades de progresso e reconhecimento profissional. Ao retornarem à carreira científica, enfrentam preconceitos e estereótipos de gênero. Algumas vezes, são julgadas como menos comprometidas com suas carreiras ou menos capazes de alcançar o mesmo nível de sucesso que seus colegas sem filhos.

A maternidade, muitas vezes vista como um obstáculo à carreira científica, pode ser uma fonte de inspiração e força. Conciliar as diferentes responsabilidades exige resiliência, adaptabilidade e criatividade, características que podem contribuir para o desenvolvimento da pesquisa.

A falta de modelos femininos que tenham conciliado com sucesso a maternidade e a carreira científica pode ser uma barreira adicional. Ter exemplos inspiradores e orientação de colegas que passaram pelas mesmas experiências pode ser fundamental para ajudar as mulheres a navegar nesse equilíbrio delicado.

No *Campus*, encontram-se mulheres – cientistas e mães – exemplos de força e superação, que, juntas, dividem desafios e experiências, construindo uma rede de apoio fundamental para o crescimento individual e coletivo.

Ao celebrarmos os 30 anos do IFPB *Campus* Cajazeiras, reconhecemos a importância da participação feminina na construção de um futuro científico mais plural e promissor. Que a história das mulheres que trilham este caminho inspire as próximas gerações a romperem barreiras e conquistar seu espaço na ciência.

Desesperar jamais, desistir tampouco...

Trazer a figura da mulher para o centro do debate, na perspectiva da atuação nos diversos setores da nossa instituição, no rompimento da bolha do domínio do “fazer ciência” como atributo do gênero masculino: este foi o intuito da nossa escrita! E versamos numa tentativa de evidenciar os desafios enfrentados diuturnamente por nós, mulheres, que optamos por escrever histórias diferentes das experiências vivenciadas por nossas mães, nossas avós, quando optamos pela atuação numa instituição de educação, ciência e tecnologia, como é o caso do IFPB *Campus* Cajazeiras.

Na experiência deste capítulo, procuramos demonstrar que a história se torna mais ampla e plural quando ajustamos nosso olhar para perceber a presença feminina e suas contribuições dentro do *Campus* de Cajazeiras, promovendo a educação, ciência e tecnologia. Dentro da lógica de que as mulheres são como florestas (que o sistema capitalista de produção costumava e costuma negar), novos espaços de construção do conhecimento se abrem para uma nova lógica, valorizando as florestas, as energias da natureza, assim como as mulheres e suas habilidades e energias.

Apresentamos nomes e números envolvendo mulheres que trouxeram vitalidade e inovação ao *Campus* Cajazeiras, trabalhando de forma colaborativa e inclusiva, atentas aos detalhes pela sua essencial vivacidade.

Enquanto na sociedade, por muito tempo, emanava a ideia de que as mulheres eram frágeis e precisavam ser tuteladas por outros, na educação, ciência e

tecnologia, aqui, no *Campus* Cajazeiras e em outras instituições de construção do conhecimento e inovação, elas vêm afirmando suas habilidades para promover lugares e pessoas em projetos de desenvolvimento e inovação.

No registro dessa história, da qual muito nos orgulhamos, ao longo dos 30 anos de existência do nosso *Campus*, foram inúmeras as conquistas. Talvez, muitas delas, tenham passado despercebidas aos olhares de alguns, mas, como numa ciranda em que, frequentemente, precisam-se alinhar os passos, na busca de uma harmonia, assim vamos construindo e reconstruindo a nossa história.

Aos poucos, vamos avançando na participação dos projetos de ensino, de pesquisa e de extensão, fazendo ecoar nas ações de formação dos nossos estudantes, as nossas vozes, traduzidas em lutas a partir dos ideais nos quais acreditamos. E assim, citando Cora Coralina, posso dizer: “Eu sou aquela mulher a quem o tempo muito ensinou. Ensinou a amar a vida e não desistir da luta, recomeçar na derrota, renunciar a palavras e pensamentos negativos. Acreditar nos valores humanos e ser otimista”. Vamos aprendendo em cada luta, nos constituindo mulheres em cada batalha, ocupando nossos espaços, buscando o equilíbrio numa ciranda constante de saberes e desafios.

REFERÊNCIAS

BRASIL. MEC/SETEC. **Concepção e Diretrizes:** Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia. Disponível em http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf3/ifets_livreto.pdf. Acesso em: 18 mar. 2024.

NASINHAKA, Renata. **Existência e permanência:** um estudo das mulheres na educação profissional e tecnológica. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica) – Universidade Federal de Santa Maria, Colégio Técnico Industrial. Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica, RS: 2020.

CAPÍTULO 10

O NEABI e a luta antirracista no IFPB Campus Cajazeiras

Maria Iris Abreu Santos
Mariana Davi Ferreira

Ser negro no Brasil é, pois, com frequência, ser objeto de um olhar enviesado. A chamada boa sociedade parece considerar que há um lugar predeterminado, lá em baixo, para os negros e assim tranquilamente se comporta.
(Milton Santos)

A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para “ninar os da casa-grande” e sim para incomodá-los em seus sonos injustos.
(Conceição Evaristo)

Ao aniversário de 30 anos do *Campus* Cajazeiras do Instituto Federal da Paraíba mistura-se a história de formação e desenvolvimento do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI) no *Campus*.

Sistematizar o percurso desse Núcleo não é uma tarefa simples, porque, na nossa perspectiva, não é apenas uma descrição de fatos institucionais e portarias universitárias. Trata-se de um conjunto de histórias tecidas e que, juntas, formam uma rede de experiências que compõem o NEABI. São histórias que vêm de África e dos povos indígenas que viveram no território

que hoje é o Estado brasileiro. Histórias de resistência dos quilombos, das redes de solidariedade, das revoltas populares, da Abolição, que é muito mais do que a Lei Áurea e, posteriormente, de toda a luta do movimento negro e indígena na história da sociedade brasileira nos séculos XX e XXI.

O surgimento dos NEABs se associa a essa longa jornada pouco registrada na historiografia oficial brasileira. E quando colocamos a lupa para entender as especificidades do NEABI no *Campus* Cajazeiras do IFPB, também é necessário voltar nossos olhos para a história do movimento negro na cidade. Quem são os negros e as negras de Cajazeiras? Quais os processos de auto-organização desses sujeitos? Como se tecem ao desenvolvimento das atividades do NEABI no IFPB? Essas são algumas questões que abordaremos nas próximas páginas.

Partimos da perspectiva acima apresentada: o desenvolvimento da universidade, e das instituições educacionais, em geral, não se dá de maneira apartada do movimento da sociedade. É necessário olhar para a formação social brasileira e entender o NEABI enquanto síntese desse processo. E fazemos isso também a partir das determinações de nosso lugar enquanto sujeitas. Somos duas professoras de Sociologia recém-inseridas no *Campus* de Cajazeiras e nas atividades do NEABI. Por isso, além das experiências que construímos no âmbito do Núcleo desde setembro de 2023, recorreremos à pesquisa documental e bibliográfica como metodologia para a construção desta escrita. Também realizamos uma entrevista com a ex-coordenadora do NEABI des-

se mesmo *Campus*, a Professora Tatiele Souza¹⁶, sobre o histórico de formação e desenvolvimento desse Núcleo.

Dessa forma, o texto está estruturado em três seções, além desta introdução. Na primeira, sistematizamos a história dos NEABIs na Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. A segunda está dedicada à análise do percurso do NEABI no *Campus* Cajazeiras, do IFPB. Por fim, apresentamos considerações finais sobre os desafios e possibilidades que estão colocadas no âmbito do NEABI.

A história dos NEABIs no Brasil e sua implementação na Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica

O surgimento dos primeiros Núcleos de Estudos Afro-brasileiros remonta às décadas de 1980 e 1990, como expressão da mobilização do Movimento Negro Unificado (MNU¹⁷) que se expande às universidades federais do país a partir da atuação, no seu quadro docente, de intelectuais negras e negros (e não negros) alinhadas e alinhados à proposta de que a democratização do ensi-

16 Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Goiás (2008), é Mestra em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás (2011) e Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás (2016). Cumpriu o programa de Pós-doutoramento PNPd/CAPES junto ao PPGS da UFG (2017-2018). Atuou como docente na Faculdade de Ciências Sociais, UFG (2016-2017). Foi docente do Instituto Federal de Pernambuco (2018-2019) e coordenadora do Núcleo de Estudos de Gênero e Diversidade, no *Campus* Belo Jardim; foi Coordenadora de área do Programa de Iniciação à Docência (PIBID) na área de Ciências Sociais – Sociologia, no Instituto Federal de Goiás. Atualmente é docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – *Campus* Santa Luzia.

17 Apesar de sua multiplicidade, estamos nos referindo aqui à criação do Movimento Negro Unificado, em 1978, e do seu protagonismo na cena pública: “o advento do MNU e a difusão de sua proposta política, objetivada em seu programa de ação e em sua carta de princípios, inspiraram a criação de diversas entidades e grupos negros em vários pontos do país” (Gonzalez, 2022, p. 81). Entre os intelectuais negros e negras mais expoentes que participaram da fundação do MNU, estão Lélia Gonzalez e Abdias do Nascimento.

no superior pressupõe, também, a ampliação do debate sobre as relações étnico-raciais no Brasil (Siss, 2016; Fernandes, 2016). A criação dos NEABs, portanto, está inserida em um contexto marcado por uma série de eventos¹⁸, nos cenários nacional e internacional, que conferiram maior projeção política às reivindicações do MNU no tocante ao desenvolvimento de políticas públicas de ações afirmativas, sobretudo, no campo da educação.

No Brasil, as ações afirmativas com recorte étnico-racial constituem-se políticas de reparação histórica que visam corrigir os efeitos do racismo¹⁹ nas condições de vida da população negra e indígena (e outras minorias sociais), por meio da adoção de mecanismos que priorizem seu acesso a direitos fundamentais, visando ao combate da discriminação e à promoção da igualdade racial. O longo caminho de luta do Movimento Negro pela formulação e implementação de ações afirmativas exigiu do Estado brasileiro o necessário reconhecimento do componente racial como um marcador social da diferença, isto é, uma categoria de diferenciação que estrutura a (re)produção de desigualdades, sobretudo, em sua interseccionalidade aos marcadores de classe e gênero (Gonzalez; Hasenbalg, 2022). É importante ressaltar que as políticas de reparação histórica são, dessa

18 Destacam-se: a “Marcha Zumbi dos Palmares contra o Racismo, pela Igualdade e pela Vida” realizada em 1995, em Brasília-DF; A aprovação, em 1996, do I Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH); e a preparação, nos anos anteriores, para a “III Conferência Mundial de Combate ao Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata” que seria realizada no ano de 2001, em Durban, na África do Sul.

19 Ao falarmos de racismo, para além de suas manifestações individuais e institucionais, propomos aqui acionar o sentido do conceito de racismo estrutural: “O que queremos enfatizar do ponto de vista teórico é que o racismo, como processo histórico e político, cria as condições sociais para que, direta ou indiretamente, grupos racialmente identificados sejam discriminados de forma sistemática” (Almeida, 2019, p. 41).

forma, consequências da luta do movimento negro organizado e não fruto políticas institucionais isoladas.

Entre as principais políticas de ações afirmativas, destacam-se: a Lei 10.639/2003, que modifica a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/1996), tornando obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica (Brasil, 2003), posteriormente atualizada pela Lei 11.645/2008, a qual também inclui a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Indígena (Brasil, 2008); e a Lei 12.711/2012, mais conhecida como Lei de Cotas, que determina a reserva de 50% das vagas dos cursos das instituições federais de ensino superior e instituições federais de ensino técnico de nível médio para candidatos que tenham cursado integralmente o ensino médio na rede pública, das quais metade deve ser destinada para estudantes cuja renda familiar seja igual ou inferior a um salário mínimo *per capita*. Em ambos os casos, são reservadas vagas para pretos, pardos, indígenas, quilombolas e pessoas com deficiência, segundo a realidade de cada unidade da Federação, com base no último censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (Brasil, 2012).

Cabe destacar também os documentos normativos do Conselho Nacional de Educação, a saber, o Parecer CNE/CP 03/2004 sobre a Resolução CNE/CP 01/2004, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, reafirmando a observância da Lei 10.639/03 pelas instituições de ensino de Educação Básica, e situando

o papel decisivo da Educação Superior em incluir, em suas propostas curriculares, a Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER), principalmente no que se refere à sua atuação na formação inicial e continuada dos professores (Brasil, 2004). Nos documentos citados, os NEABs são mencionados como espaços formativos de grande relevância para a “elaboração, implantação e implementação de propostas nas instituições de ensino que contemplem uma educação antirracista” (Ferreira; Coelho; 2019, p. 5).

Segundo o levantamento realizado por Ferreira e Coelho (2019), a institucionalização²⁰ dos NEABs²¹ na Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica ocorreu, em larga medida, no período subsequente às Leis 10.639/2003 e 11.645/2008, apontando, ainda, um crescimento significativo após a aprovação da Lei de Cotas, de 2012. No IFPB, o regulamento que visa à criação, à normatização, à organização e ao funcionamento do NEABI foi aprovado pelo Conselho Superior a partir da Resolução *Ad Referendum* n. 17, em 10 de outubro de 2016.

Conforme vimos, os NEABs, em sua articulação com o Movimento Negro, cumpriram, primeiramente, um papel fundamental na amplificação, dentro do espaço institucional das universidades, da luta por políticas públicas educacionais que promovessem a valorização da história e cultura afro-brasileira e garantissem o acesso da população negra à educação superior. Após a

20 Por meio de Portaria, Resolução ou Regulamento.

21 Em razão da Lei 11.645/2008, o NEAB passou a ser designado como Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI).

aprovação das leis já citadas anteriormente, os NEABIs se fortaleceram institucionalmente, expandiram-se aos Institutos Federais de Educação (IFs) e passaram a atuar como instâncias cuja responsabilidade repousa, sobretudo, na promoção de atividades de ensino, pesquisa e extensão que contribuam para a efetiva implementação das políticas de ações afirmativas.

O NEABI no IFPB Cajazeiras

Buscando reconstruir a trajetória recente do NEABI *Campus* Cajazeiras, entrevistamos a professora de sociologia Tatiele Souza, que coordenou o Núcleo no período de março de 2022 a setembro de 2023. Em retrospectiva, se a implementação do NEABI-CZ esteve vinculada, em um primeiro momento, à necessidade de cumprimento da legislação voltada à formação das comissões de heteroidentificação, indispensáveis à execução dos processos seletivos dos cursos²²; ao assumir a coordenação do Núcleo, além de atender a essa demanda específica, a Professora Tatiele se comprometeu em fazer do NEABI uma construção coletiva. Segundo nossa entrevistada²³:

Começamos uma aproximação com os diferentes coletivos: com o grupo de capoeira, com o movimento negro, com a CPT (Comissão Pastoral da Terra). A gente passa a participar do grupo do Movimento Negro e, a

22 A Resolução AR 22/2022 Reitoria IFPB, de 21 de junho de 2022, determina que o(a) Coordenador(a) do NEABI seja o(a) presidente da Comissão Local de Heteroidentificação.

23 As falas da Professora Tatiele Souza, nesta produção, são transcritas *ipsis litteris*, a fim de se manter fidedignidade a seu discurso.

partir desse contato, coletivamente, vamos desenvolver um conjunto de atividades relacionadas ao letramento racial, que culminam com a Semana da Consciência Negra [...]. (Tatiele Souza, 2023)

A primeira ação que inaugura o NEABI no *Campus IFPB-CZ*, em junho de 2022, consistiu na realização da “I Exposição do NEABI – Lápis cor de pele: qual pele?”. A exposição, composta também pela apresentação em banners do Glossário Antirracista, desenvolvido pelo Coletivo História da Disputa: Disputa da História (Sesc – Florêncio de Abreu), teve por objetivo promover a sensibilização em torno da questão étnico-racial e da valorização da identidade negra. Para tanto, contou-se com a participação ativa dos estudantes membros do Núcleo, que fizeram desenhos a serem coloridos pelos alunos e alunas, disponibilizando-lhes lápis de diversas “cores de pele”.

Essa mesma atividade foi levada, no mês de novembro de 2022, como parte das ações desenvolvidas durante a Semana da Consciência Negra, a uma escola do campo no Boqueirão, distrito de Cajazeiras, em parceria com o movimento negro da cidade.

Imagem 1 – I Exposição do NEABI – Lápis cor de pele: qual pele? no IFPB Campus-CZ. 2022



Fonte: Arquivo do NEABI-CZ.

Nesse percurso de construção de pontes com o movimento negro, mediada pela contribuição do servidor Diego Nogueira²⁴, Vice-coordenador do NEABI-CZ, conforme nos informa a Professora Tatiele Souza, o Núcleo submete, ainda em 2022, o projeto de extensão intitulado “NEABI vai a campo: aproximação e reconhe-

24

Mestre em Educação Profissional e Tecnológica pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (2020). Possui Licenciatura Plena em História pela Universidade Federal de Campina Grande (2008). É Técnico em Assuntos Educacionais do quadro efetivo de servidores do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba. Desde 2018 exerce a função de Coordenador de Extensão e Cultura no Campus Cajazeiras. É membro extensionista do Núcleo de Comunicação, Cultura e Artes na referida Instituição/Campus.

cimento das comunidades, coletivos e movimentos vinculados à promoção da equidade étnico-racial na região de Cajazeiras-PB”, que possibilitou o mapeamento dos coletivos antirracistas da cidade, estreitando contato com o grupo de capoeira Ginga Brasil, com empreendedoras transistas, e empreendedoras do Quilombo 40 Negros de Triunfo-PB, atores e atrizes que passariam a integrar outros projetos de extensão no ano seguinte:

Então, a partir dessas aproximações, a gente fez uma semana da Consciência Negra com atividades de manhã, à tarde e à noite. Tivemos atividades com a capoeira, com oficina de poesia, com palestras, oficina de dança afro, oficina de tranças, com atividades que também trabalhavam os temas tecnologia, gênero e LGBTQfobia [...]. É um momento que a gente traz esses coletivos para a instituição e a gente coloca a potencialidade de todos esses coletivos da região em evidência, buscando construir articulação. (Tatiele Souza, 2023)

Imagem 2 – Apresentação do espetáculo *Retratando Margaridas*, dirigida e escrita pelo Professor Sinesio, do *Campus* Catolé do Rocha-IFPB. Semana da Consciência Negra no IFPB *Campus*-CZ, 2022



Fonte: Arquivo do NEABI-CZ.

Nessa articulação junto aos sujeitos engajados na luta antirracista na cidade de Cajazeiras, o NEABI identificou que, apesar de ser uma instituição pública, orientada pela oferta de uma educação de qualidade, democrática e inclusiva, o *Campus* IFPB-CZ se mantém, muitas vezes, como um espaço objetivamente e subjetivamente distante para a população periférica da região, embora deva ser esta população o público-alvo das ações afirmativas. Desse diagnóstico, e a partir de um conjunto de editais lançados pelo IFPB com vistas a fortalecer as políticas de inclusão no ano de 2023, o NEABI-CZ desenvolveu outros três projetos de extensão. O primeiro deles, o *NEABI vai a campo II: visibilidade de ações e políticas públicas orientadas para promoção da equidade racial*, teve por objetivo promover a divulgação, em instituições educacionais na cidade de Cajazeiras-PB e região, do conjunto de políticas orientadas

para o reconhecimento dos direitos da população negra no Brasil, com a produção e posterior publicização de recursos audiovisuais orientados pelo debate sobre as ações afirmativas e seus desdobramentos.

Imagem 3 – Roda de conversa do projeto NEABI vai a campo II, no IFPB Campus-CZ, 2023



Fonte: Arquivo do NEABI-CZ.

Metodologicamente, o projeto consistiu na realização, no IFPB Campus Cajazeiras, de rodas de conversa (sempre gravadas) sobre letramento racial, e pela produção de roteiros e *posts* nas redes sociais, com vídeos informativos sobre essas rodas de conversa (esses vídeos foram protagonizados e produzidos pelos alunos e alunas que integravam o projeto), visando à articulação com a Secretaria de Educação da cidade, para posterior

realização de uma mostra cultural com os vídeos produzidos. As rodas de conversa foram conduzidas pela historiadora, pesquisadora e professora da Faculdade Católica da Paraíba, Celda Rejane Ferreira. Importante destacar também a participação, nas rodas de conversa, de algumas turmas da Escola Cidadã Integral Professor Crispim Coelho, sob a orientação de Vitória Souza, professora de História dessa Escola Estadual.

O segundo projeto de extensão, executado em 2023, chamado *Capoeira da nossa cor: o IFPB no balanço da ginga*, ocorreu em articulação com o grupo de capoeira Ginga Brasil, fundado pelo Mestre Baiano, e representado, nessa parceria com o NEABI, pelo Mestre Gunga, instrutor de capoeira, e pelo capoeirista Alfredo Leite. Há mais de trinta anos atuante na região, esse coletivo desempenhou um papel central na construção da lei que institucionaliza o ensino da capoeira nas escolas municipais de Cajazeiras, mas que ainda enfrenta grandes desafios para sua efetiva implementação:

Então a gente queria que o Instituto Federal fosse o exemplo. Tem que ter a capoeira. A prática da capoeira é uma forma de educação para as relações étnico-raciais [... [...] a capoeira não é só música, não é só cultura, não é só atividade física, é tudo isso junto. Há a resistência também de uma prática que durante muito tempo foi proibida, inclusive considerada como vadiagem. Então, a gente queria que ela fosse implementada no Campus, porque como é que se combate racismo sem os corpos estarem presentes? E mais, sem mostrar a riqueza dessas práticas? (Tatiele Souza, 2023).

Imagem 4 – Apresentação de capoeira do grupo Ginga Brasil no IFPB Campus-CZ, 2022



Fonte: Arquivo do NEABI-CZ.

Aprovado dentro do Edital IFPB Empodera, Programa voltado especificamente para mulheres, o NEABI-CZ lançou o projeto de extensão *Curso de Tranças e Turbantes: Fortalecimento da Identidade Negra e Empreendedorismo Negro*, na modalidade de curso FIC (Formação Inicial e Continuada), elegendo como público-alvo as mulheres da Comunidade quilombola 40 Negros de Triunfo-PB e mulheres negras interessadas em se profissionalizar no ramo do afroempreendedorismo. Revolvendo memórias, assim relata a Professora Tatiele Souza:

Um curso totalmente feito por mulheres, com práticas pedagógicas totalmente descentralizadas. As atividades, as leituras, tudo de forma conjunta, respeitando as necessidades específicas de cada uma [...]

O curso contou com a presença de Karolaine Kelly da Silva²⁵, que ministrou a parte relativa à técnica com os turbantes, e de Maria Rafaela Dias Moreira²⁶, responsável por ensinar a técnica das tranças.

Imagem 5 – Oficina de tranças e turbantes no IFPB Campus-CZ, 2022



Fonte: Arquivo do NEABI-CZ.

Em seu referencial teórico-metodológico, o projeto se baseia no conceito de interseccionalidade, tecendo uma discussão sobre o entrecruzamento dos marcadores de raça, gênero e classe na experiência de mulheres negras, que ocupam, historicamente, o lugar de maior vulnerabilidade na escala de estratificação social. A partir de uma reflexão crítica sobre esses diferentes eixos

25 Karolaine Silva é artista, produtora, estudante de história e ativista negra.

26 Rafaela Moreira é idealizadora do Studio Afro Punk em Cajazeiras-PB.

de opressão, o curso caminha em direção ao resgate da ancestralidade da cultura Afro, da construção e visibilização de potencialidades nas dimensões estética, política e também econômica, de geração de renda. Vale ressaltar a diversidade geracional da primeira turma do curso, composta por meninas e mulheres de 16 a 60 anos, assim como o êxito em relação ao número de concluintes: 99% das alunas permaneceram até o final e receberam sua certificação na formatura, que aconteceu no Dia da Consciência Negra, em novembro de 2023.

Além da cerimônia de formatura do Curso de Tranças e Turbantes, buscamos novamente construir, em 2023, uma programação para o Dia da Consciência Negra que reunisse os coletivos que participaram dos projetos de extensão desenvolvidos ao longo do ano, promovendo momentos de reflexão junto à comunidade acadêmica, por meio de atividades diversas. Entre estas, destacamos: no turno da manhã, a mesa de abertura “A resistência do Quilombo dos 40 e a luta antirracista da região de Cajazeiras-PB”; no turno da tarde, a última edição da Roda de conversa do projeto *NEABI vai a campo II*, abordando o tema “Lei de Cotas e comissão de heteroidentificação: afinal, como elas funcionam?”; e, no turno da noite, apresentação cultural do grupo de capoeira Ginga Brasil, seguida do debate intitulado “Os projetos Neabi e a educação antirracista no IFPB, Campus Cajazeiras”, conduzido pelos representantes dos três projetos de extensão realizados no âmbito do Núcleo, sobre os quais já falamos anteriormente.



Fonte: Arquivo do NEABI-CZ. (Da esquerda para a direita: Maria da Guia dos Santos (representante da Comunidade 40 Negros); Maglandyo Santos (Geógrafo e pesquisador das religiões brasileiras de matriz africana); Jonas Ferreira (Historiador e presidente da Frente Negra Unificada – CZ)).

Merece destaque o fato de que os três projetos citados foram contemplados em editais que previam a concessão de recurso financeiro para subsidiar as atividades previstas e selecionar bolsistas. Esse diferencial foi mencionado, durante a entrevista, pela professora Tatiele Souza. Para ela, o subsídio para pagamento de bolsas funcionou tanto como um incentivo ao maior envolvimento dos estudantes quanto como um meio de valorização dos agentes da cena cultural e intelectual negra, quando convidados a compartilharem sua arte, trabalho, conhecimento e tempo, em atividades realizadas no âmbito do IFPB.

[...] eu acho que o desafio para promover a adesão dos estudantes está em várias frentes. É o desafio do enfrentamento ao racismo, às formas de silenciamento que são constituídas no espaço escolar, a partir das dinâmicas raciais. [...] Mas, por outro lado, também, e eu acredito que esse envolvimento é processual, é dinâmico.

E ele é conflituoso. No sentido de que a gente não vai ter o envolvimento de todo mundo. Nem vai conseguir muitas vezes que as estudantes ou os estudantes negros sejam os principais participantes. Mas acho que a adesão dos estudantes passa pelo incentivo aos núcleos a partir de bolsas, ao incentivo da construção e desenvolvimento de atividades artístico-culturais: da dança, do hip-hop, da capoeira, das tranças. Atividades permanentes e mais práticas, que não dependem só dos NEABIs, que dependem de um conjunto de políticas públicas e também das possibilidades reais que os núcleos têm, dentro da sua alta quantidade de atividades. (Tatiele Souza, 2023)

O desafio da adesão se estende também aos demais servidores, docentes e técnicos administrativos. No caso destes últimos, a participação maior advém dos profissionais que atuam em outros núcleos os quais dialogam com a pauta da inclusão, por exemplo: a CAEST, o NAPNE, o NUCA, o NAPS²⁷. Em relação aos docentes, observa-se menor adesão por parte daqueles que se inserem na área técnica e tecnológica. Assim, os professores que escolhem se vincular ao NEABI pertencem, em sua maioria, à área das humanidades, em função de uma identificação mais direta entre os conteúdos de sua competência e a temática das relações étnico-raciais. A compreensão tácita dessa “afinidade” não dispensa, entretanto, a necessidade premente de que a educação antirracista se converta em um compromisso assumido por todos os campos do conhecimento, de maneira inter

e transdisciplinar, seguindo, portanto, o que preveem a Lei 11.645/2008 e a Resolução CNE/CP 01/2004. Isso se confirma nas palavras da entrevistada:

Então precisa de um processo de formação continuada para os docentes, para a direção, para a gestão, para todo o corpo da escola, da instituição, que os NEABIs não conseguem dar conta e não vão dar conta sem uma política orgânica que coloque os NEABIs como um elemento importante para promover a educação para as relações étnico-raciais, e não como o elemento responsável por todo esse processo. Porque ele não dá conta, porque não tem função de direção, não tem poder de decisão, não tem poder de indicação. (Tatiele Souza, 2023).

A ausência de letramento racial entre os docentes e técnicos impacta não somente na possibilidade efetiva de introdução de práticas pedagógicas reflexivas e propostas curriculares que estejam alinhadas à educação para as relações étnico-raciais mas também no adequado funcionamento das bancas de heteroidentificação. As comissões de heteroidentificação, conforme Resolução AR 22/2022/Reitoria/IFPB, de 21 de junho de 2022, precisam considerar, em sua composição, membros que, preferencialmente, detenham conhecimento da temática da promoção da igualdade racial e do enfrentamento do racismo.

Ainda que a referida resolução atribua ao NEABI a responsabilidade por coordenar as comissões de heteroidentificação, o ingresso de estudantes por meio da política de cotas em espaços institucionais hegemonicamente brancos e eurocentrados, como é o caso das

instituições de ensino superior públicas, certamente exigirá do seu quadro de servidores uma análise crítica de suas práticas, dentro e fora da sala de aula. Esse processo não ocorre sem conflitos, afinal, uma instituição de ensino é composta por sujeitos situados histórico-socialmente, que tendem a (re)produzir determinadas relações de poder racialmente orientadas e hierarquicamente estruturadas. Apesar dos muitos desafios postos, concordamos com a professora Tatiele Souza, quando ela nos diz que a institucionalização dos NEABIs nos campi já se configura como uma resposta inicial, um reconhecimento de que, para se tornarem efetivamente democráticas, tais instituições precisam combater o racismo em suas mais variadas manifestações.

Considerações finais

Eu gosto de pensar que todos esses projetos são voltados para a construção de uma escola democrática. Que isso tudo é sobre democracia. (Tatiele Souza)

Iniciamos o primeiro tópico deste capítulo nos referindo ao processo de co-fortalecimento entre os NEABs (posteriormente NEABIs) e o Movimento Negro, justamente nos anos 80 e 90, quando a luta pela democratização do acesso ao ensino superior refletia também a luta pela reconstrução política da democracia em nosso país. Décadas depois, o processo de interiorização dos Institutos Federais transforma a dinâmica das cidades onde se instalam e amplia as possibilidades de

desenvolvimento de cada região mediante a oferta de uma educação pública de qualidade e de uma estrutura institucional que, em geral, atende às demandas materiais de operacionalidade dos cursos, permitindo que os estudantes experienciem, em seu percurso formativo, a inter-relação entre teoria e prática.

Com o *Campus Cajazeiras* do IFPB não é diferente. Temos uma instituição com um quadro de servidoras e servidores qualificados, um espaço físico que viabiliza o desenvolvimento de atividades científico-tecnológicas e artístico-culturais e vários projetos nos eixos de ensino, pesquisa e extensão direcionados à comunidade acadêmica e também à comunidade externa. É neste último ponto, o de aproximação com a comunidade externa, que o potencial do NEABI-CZ vem demonstrando resultados.

Neste sentido, a partir dos principais desafios observados no decurso de atuação do NEABI-CZ, entendemos que sua maior potencialidade é a de contribuir para que, cada vez mais, o instituto chegue, fazendo jus ao seu caráter público e inclusivo, às minorias sociais da cidade de Cajazeiras e região. E, para este desafio, cumpre ressaltar a importância do fomento à extensão, que constitui um instrumento fundamental para o estabelecimento desse vínculo comunitário, tal qual o caminho conduzido pelo NEABI-CZ, por intermédio dos projetos desenvolvidos em articulação ao movimento negro, à comunidade quilombola, ao grupo de capoeira, às escolas municipais e estaduais.

Além do fomento por meio do aporte de recursos/bolsas, o letramento racial e a educação antirra-

cista têm que estar no centro do processo de formação continuada dos docentes do *Campus* e de todo o IFPB.

Desse modo, é preciso que o NEABI desempenhe seu papel enquanto instância mobilizadora, propositiva, provocadora do debate para conscientização das relações étnico-raciais, mas que, paralelamente, rejeite a posição de agente exclusivamente responsável pela promoção da educação antirracista na instituição, visto que a assunção desse compromisso compete a todos. Um segundo grande desafio é, portanto, transcender uma visão reducionista, que situa o NEABI apenas em um lugar de cumprimento da lei sobre as políticas afirmativas e construí-lo visando à organicidade de suas práticas:

Eu gosto de utilizar um termo sobre os núcleos, sobre a importância dos núcleos vivos. Os núcleos vivos são os núcleos nos quais a participação ativa de estudantes, servidoras, de técnicos e técnicas empenhados na construção de uma educação inclusiva, de uma educação antirracista, de uma educação que faça sentido e que dê sentido e significado também às práticas educacionais e à possibilidade de construção de relações democráticas dentro da instituição e para fora dela. (Tatielle Souza, 2023).

Passar desse lugar de formalidade para o de organicidade não depende apenas de um movimento isolado por parte do Núcleo em si, de seus membros mas também de uma compreensão das instâncias de direção do IFPB as quais possam garantir maior legitimidade aos NEABIs dentro da política institucional, de maneira que as proposições desses Núcleos não fiquem circunscritas a ações pontuais no calendário acadêmico – é indispen-

sável que haja abertura para proposições curriculares e pedagógicas. Como dissemos, esse tensionamento do *status quo* gera conflitos, no entanto, mesmo diante das limitações, é importante frisar, como pontua a professora Tatiele Souza:

[...] as micro-revoluções que os NEABIs fazem dentro dos seus espaços”.

Os NEABIs são, assim, lugares de acolhimento, de enfrentamento do racismo e, segundo a mesma Professora:

de construção ativa de novas narrativas de valorização dos saberes, da estética, do conhecimento, da potência das pessoas negras, indígenas e quilombolas das regiões.

Agradecimentos

Agradecemos à professora Tatiele Souza pela entrevista concedida, sem a qual não teria sido possível a construção deste texto.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Suely Carneiro; Pólen, 2019.

BRASIL. Lei N. 10.639 de 09 de janeiro de 2003. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Brasília: **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 10 de janeiro de 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm Acesso em: 26 mar. 2024.

BRASIL. Lei N. 11.645 de 10 de março de 2008. Altera a Lei N. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei N. 10.639, de 9 de janeiro de 20003, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Brasília: **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 11 de março de 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm Acesso em: 26 mar. 2024.

BRASIL. Lei N. 12.711 de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Brasília: **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 29 de agosto. 2012. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm Acesso em: 26 mar. 2024.

BRASIL. **Parecer CNE/CP n. 03/2004**. Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dm-documents/cnecp_003.pdf Acesso em: 26 mar. 2024.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de Minha Mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. Depoimento apresentado na Mesa de Escri-

toras Afro- brasileiras; **XI Seminário Nacional Mulher e Literatura/ II Seminário Internacional Mulher e Literatura**, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <http://nossaescrevivencia.blogspot.com.br/2012/08/da-grafia-desenho-de-minha-mae-um-dos.html> . Acesso em: 26 mar. 2024.

FERNANDES, Otair. O conceito de hegemonia na luta contra o racismo no Brasil: a função dos NEABs. **(SYN)THESIS**, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 191–204, 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/synthesis/article/view/19669> . Acesso em: 26 mar. 2024.

FERREIRA, Anne de Matos Souza; COELHO, Wilma de Nazaré Baía. Ações dos Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros (Neabs) Institucionalizados dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFETS) no Período de 2006 A 2017. **Rev. Exitus**, Santarém, v. 9, n. 5, p. 215-242, 2019 . Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/exitus/v9n5/2237-9460-exitus-9-05-215.pdf> . Acesso em: 26 mar. 2024.

GONZÁLEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA. **Resolução Ad Referendum nº 17**, de 10 de outubro de 2016. Conselho Superior. Dispõe sobre a aprovação do Regulamento do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba. Disponível em: <https://www.ifpb.edu.br/orgaoscolegiados/consuper/resolucoes/2016/ad-referendum/resolucao-no-17> Acesso em: 26 mar. 2024.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA. **Resolução AR 22/2022 Reitoria IFPB** de 21 de junho de 2022. Conselho Superior. Altera a Resolução AR 01/2022 – CONSUPER/DAAOC/REITORIA/IFPB que dispõe sobre o Regulamento dos procedimentos de verificação da autodeclaração de candidatos autoidentificados negros (pretos e pardos) e indígenas para ingresso em vagas iniciais dos cursos técnicos, especializa-

ção técnica, graduação e pós-graduação do IFPB. Disponível em: [file:///C:/Users/irisa/Downloads/Resolu%C3%A7%C3%A3o%20AR%2022-2022-regulamento%20heteroidentifica%C3%A7%C3%A3o%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/irisa/Downloads/Resolu%C3%A7%C3%A3o%20AR%2022-2022-regulamento%20heteroidentifica%C3%A7%C3%A3o%20(1).pdf) Acesso em: 26 mar. 2024.

SISS, Ahyas. Ações afirmativas, educação superior e NEABs: interseções históricas. **(SYN)THESIS**, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 181–190, 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/synthesis/article/view/19667>. Acesso em: 26 mar. 2024.

SANTOS, Milton. Ética enviesada da sociedade branca desvia e enfrentamento do problema negro: Ser negro no Brasil hoje. **Folha Uol**. 2000. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0705200007.htm> . Acesso em: 26 mar. 2024.

SOUZA, Tatiele. [dez. 2023]. **O NEABI no IFPB Campus Cajazeiras-PB**. Entrevistadoras: Maria Iris Abreu Santos; Mariana Davi Ferreira. João Pessoa, 2023. 1 arquivo.mp3 (75 min).

CAPÍTULO 11

Um Centro de Assessoria Comunitária: autonomia, solidariedade e responsabilidade social

Antônio Gonçalves de Farias Júnior
Gabriella Saraiva Coelho
Maria do Socorro Ferreira
Marcelo Gonçalves Misael

Para contar a história do Cactus-CZ nessa comemoração dos 30 anos de vida do *Campus* Cajazeiras, vamos precisar voltar três anos antes do início do Núcleo aqui instalado. Então, nessa viagem ao passado, chegamos no ano de 2016 ao *Campus* Princesa Isabel onde uma parceria entre professores surgiu para ter a possibilidade de desenvolver projetos na comunidade local que necessitava de suporte em diversas áreas. Foi então que a professora Thais Morais, fez o convite aos professores Antônio Farias Jr. e Rinaldo Rodopiano, da área de Edificações, todos lotados no *Campus* Princesa Isabel, para essa nova aventura.

Destaco aqui que a criação de um Núcleo de Extensão não faz parte das exigências para se dar início à construção de um *Campus*, muito menos para se ofertar um curso de nível técnico ou superior dentro dos Insti-

tutos Federais; menos ainda para se dar uma simples aula para uma turma que esteja cursando alguma disciplina, pois não está previsto nas ementas dos cursos que suas atividades devem estar associadas às atividades de qualquer núcleo, seja de extensão ou não. Ou seja, nesse caso não cabe aquela pergunta “Quem nasceu primeiro: o ovo ou a galinha?”, pois já sabemos o óbvio, isto é, as atividades de ensino antecipam qualquer projeto de educação, sendo estruturadas, organizadas e distribuídas em formato de disciplinas que serão lecionadas ao longo de um curso. Então, por que criar um núcleo de extensão? A que servem? A quem servem? As respostas a estas perguntas são respondidas simplesmente com a comunidade local e suas necessidades específicas.

De um modo geral, um *Campus* do Instituto Federal (IF) surge em uma determinada localidade para atender às demandas educacionais e socioprofissionais da população local, por profissionais com habilidades técnicas ligadas às atividades produtivas da região, dando maior chance de empregabilidade aos jovens das comunidades circunvizinhas, em especial, desde que iniciam sua formação no Instituto até sua condição como egressos.

No entanto, as atividades de extensão surgem como um espaço de compartilhamento de conhecimentos adquiridos pelos estudantes ainda no ambiente acadêmico, permitindo que eles se aproximem de sua comunidade, conheçam e reconheçam seus saberes já existentes e, a partir de então, enxerguem a possibilidade de darem suporte às necessidades que sua comunidade local manifesta.

Quando essas necessidades são percebidas por pessoas que as veem como oportunidades de atingirem objetivos em comum, estamos diante de um cenário adequado para a criação de um núcleo de extensão. E foi assim que surgiu o Centro de Assessoria Comunitária à Tecnologias de Utilidade Social (Cactus-Cajazeiras). A ideia nasceu em 2019, resultado de uma discussão ao final de uma palestra (IFPB BIM) que fazia parte de um evento acadêmico, nesse *Campus*, com participação de estudantes e professores de outras Unidades do IFPB. A palestra acontecia num sábado letivo e tinha como objetivo apresentar experiências exitosas do uso da tecnologia *Building Information Modeling* (BIM), evento cujo registro aparece nas Imagens 01 e 02.

Alguns alunos do *Campus* Cajazeiras que assistiam às apresentações e viram o valor do Núcleo de Extensão que funciona no *Campus* Princesa Isabel, se aproximaram do professor Antônio Farias Jr., que organizou o encontro daquele dia, e perguntaram “Antônio, dá pra ter um núcleo desse aqui no *Campus*?” A pergunta surgiu após destacarem com entusiasmo quanto tinham ficado impressionados com a apresentação de José Lopes e Romário Carneiro, os dois alunos do Cactus-Princesa Isabel que foram convidados para apresentar seus trabalhos desenvolvidos na prestação de serviços para a comunidade local e para um escritório de arquitetura em Frankfurt/Alemanha.

Imagem 01 – Foto ao final da mesa redonda IFPB – BIM (IFPB, 2019)



Fonte: Acervo pessoal de João Lopes (Da esquerda para a direita: Thiago Cavalcanti, Prof. Akira; Antônio Farias; Vinicius Emmanuel; Romario Carneiro e João Lopes.

Imagem 02 – Foto do banner de divulgação de oficina (IFPB, 2019)



Fonte: Acervo pessoal de João Lopes.

A autonomia e segurança com que os alunos apresentaram seus trabalhos despertaram olhares curiosos dos alunos do *Campus Cajazeiras* e sua motivação para se engajar em projeto semelhante – certamente se imaginaram naquele lugar e também queriam vivenciar aquelas experiências no seu contexto local.

Em dezembro de 2019, seguindo a mesma estrutura e metodologia do Cactus-Princesa Isabel, o Cactus-CZ foi criado e se tornava para o *Campus Cajazeiras* uma alternativa para a construção de um ambiente que permitia aos estudantes desenvolverem três importantes competências socioemocionais: **autonomia, solidariedade e responsabilidade social**.

Nesse Núcleo, durante todo o ano de 2019, os projetos que passaram a ser desenvolvidos pelos próprios alunos, sob a supervisão e orientação dos professores, tendo como objetivo principal promover autonomia profissional desses estudantes. Desde então, os alunos do *Campus Cajazeiras* eram orientados para participarem da proposição e execução de projetos multidisciplinares que buscassem soluções tecnológicas sociais destinadas a atender às demandas locais, integrando os saberes teórico e prático, a fim de favorecerem o desenvolvimento sustentável da região.

Passados alguns meses, chegava o ano letivo de 2020 e, com ele, a pandemia da COVID-19, que mudou por completo toda a rotina acadêmica das atividades de ensino, pesquisa e também da extensão. Nos enclausuramos nas nossas casas, só nos víamos através das nossas telas de computador, de celulares, tablets etc., sobrevivendo e nos reinventando para tentarmos seguir

em frente. E não foi fácil, não foi nada fácil. O primeiro desafio dos participantes do Núcleo para darem continuidade às atividades já iniciadas foi encontrar uma solução para visitar as comunidades, pois não se faz extensão sem contato com a população e grupos sociais beneficiários das ações extensionistas.

A atitude de reação positiva perante a ameaça mundial, expressada pelo empenho e força de vontade dos alunos, começou a mostrar caminhos nas estradas do mundo digital, alternativa que iria nos permitir chegar até os beneficiários de nossas ações de extensão.

Inicialmente, começamos o desenvolvimento de projetos com trabalhos envolvendo os alunos do Curso Técnico em Edificações e os de Engenharia Civil, mas, em menos de um ano, já estávamos com projetos de que faziam parte alunos de todos os cursos do *Campus*, caracterizando a atuação multidisciplinar existente no Núcleo de Extensão.

Nos próximos subcapítulos iremos trazer a memória dos 3 principais projetos em desenvolvimento no Cactus-CZ e que trazem na sua história os desafios de se fazer extensão em paralelo com as atividades de ensino que são obrigatórias aos estudantes bem como a complexa logística da realização das visitas técnicas às comunidades, as quais têm sua própria agenda a ser respeitada, nos fazendo desenvolver a capacidade de nos adaptar a eventos que muitas vezes não estão sob nosso controle.

Os desafios da Assistência Técnica de Habitação de Interesse Social (ATHIS) no Alto Sertão Paraibano

Durante a pandemia, começamos a fazer visitas virtuais, por meio de arquivos compartilhados pelos moradores, que registravam, com o próprio aparelho, as imagens dos ambientes ou objetos que formariam nosso corpo de estudo. Este foi um dos desafios iniciais da equipe, que necessitava das informações técnicas para o desenvolvimento da modelagem do levantamento. Algumas vezes, essas informações não eram coletadas de maneira completa ou precisa.

Iniciando o desenvolvimento do estudo preliminar, a equipe desafiou-se a projetar imóveis ergonômicos, isto é, planejando trabalhar na construção de um espaço acessível e sustentável, a partir da seleção do terreno, que atendesse aos interesses da comunidade e facilitasse a circulação dos frequentadores, seguindo nosso compromisso como grupo de Assistência Técnica de Habitação de Interesse Social (ATHIS).

O início das visitas técnicas, em agosto de 2021, ficou marcado como um novo capítulo nas atividades do escritório modelo ATHIS, por conta da implementação de rigorosos protocolos de segurança contra a COVID-19. Isso incluiu a assinatura de termos de compromisso via digital, testes de verificação (exames laboratoriais), o uso de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) adequados e o estabelecimento de distanciamento social.

Começamos a visitar o Assentamento Acauã, Aparecida, município paraibano. Logo nas primeiras visi-

tas a este Assentamento, fizemos o levantamento arquitetônico e topográfico do terreno onde pretende-se construir uma de suas cozinhas comunitárias. Na Imagem 03, logo mais adiante, se registra uma dessas visitas, ocasião em que nos reunimos com a comunidade local, o que foi essencial para entender suas necessidades específicas e garantir que os projetos as atendessem adequadamente.

Um dos princípios norteadores do trabalho da equipe tem sido a constante busca pela interação com as comunidades no processo de desenvolvimento dos projetos. Ouvir suas demandas, entender suas necessidades e envolvê-las ativamente na concepção das habitações não apenas garante a viabilidade técnica dos empreendimentos, mas também promove um senso de pertencimento e participação nas comunidades beneficiárias, realizando seu sonho de habitação de maneira humanitária e social. Essa abordagem colaborativa e inclusiva é fundamental para o sucesso a longo prazo dos projetos de assistência técnica em habitação de interesse social.

Imagem 03 – Foto do levantamento planialtimétrico no Assentamento Acauã, Aparecida-PB, 2021



Fonte: Acervo do Cactus-CZ (Da esquerda para a direita: Gabrielle Coelho, Raiane, Jeyce Abreu, Juliana e, ao fundo, Vinicius Emanuell).

Criando uma Comunidade que sustenta a Agricultura

Caminhos de vivência comunitária e representativa nos aspectos de produção de alimentos saudáveis somam-se à realidade de pessoas que aspiram promover uma articulação que enseje processos de garantia alimentar. Com essa perspectiva, atua a Associação Sertão Agroecológico, nascida da articulação de agricultores beneficiados pela Reforma Agrária, que se desafiam a produzir, para consumo próprio e para comercializar, frutas, verduras, legumes e outras espécies, sem uso de agrotóxicos. Em 2004, a Sertão, estabelece incentivos

para os associados, principalmente os que trabalhavam com hortaliças, a vivenciarem a venda direta ao consumidor, uma experiência de sucesso que acontecia nas cidades de Aparecida e Cajazeiras, ambas na Paraíba – a Feira Agroecológica, que foi interrompida pela seca de 2015, porém retomada em 2017. Essa feira mais uma vez ganha a simpatia e gosto dos consumidores. Não se manteve, entretanto, por muito tempo. Como tantos outros serviços em todo o mundo, a Feira foi suspensa. Desta vez, o motivo foi a COVID 19. A necessidade de vencer o vírus obrigava ao isolamento social. Com isso, a população brasileira sente a urgência de estabelecer novos hábitos alimentares. Simultaneamente, os agricultores percebem a necessidade de ajustar as estratégias de atuação. Começaram a fazer entregas dos produtos em domicílio, porém estas eram esporádicas. Embora fosse uma boa solução para atender aos consumidores com segurança, o retorno financeiro ficou limitado. Era preciso pensar em algo que, além de atender ao público, também permitisse o equilíbrio financeiro dos agricultores e ou fornecedores. Da necessidade surge a solução: fazer nascer uma Comunidade. Uma perspectiva bem desafiadora, pois consistia em construir um espaço de vivência, partilhando conhecimento na área de produção de alimentos.

O convite desafiador que postulava a criação de uma comunidade que aplicasse um modo diferente de produção foi lançado para algumas famílias produtoras da região de Cajazeiras, tendo como princípio sair da cultura do preço para a cultura do apreço.

Teria sido uma proposta quase utópica, se se pensasse na sempre presente conjuntura do desenfreado consumo e de pouca solidariedade. Mesmo assim, era preciso confiar, crendo-se em que o apreço e a ajuda mútua não podem se apresentar como utopia; essa proposta poderia se concretizar nos espaços de mudança a qual se estabelece entre seres sociais. O amparo não é uma caridade, é um princípio que entrelaça responsabilidade social com as pessoas e a terra. No texto de apresentação da Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA), nas redes sociais, podemos ler:

CSA é um impulso social de um trabalho conjunto entre agricultores de alimentos orgânicos, agroecológicos e consumidores: um grupo fixo de consumidores se compromete por um ano (em geral) a cobrir o orçamento anual do organismo agrícola (do sítio, chácara, fazenda, lote urbano agricultável, etc). Em contrapartida os consumidores recebem os alimentos cultivados pelo sítio ou fazenda sem outros custos adicionais. Desta forma o agricultor sem a pressão do mercado e do preço, pode se dedicar de forma livre ao cultivo (fonte, sic).

Procurada por Antônio Farias, a Associação Sertão Agroecológico (ASA) estabeleceu um diálogo que dinamizou a criação da CSA Cajazeiras (CSA-CZ). No debate com agricultores e co-agricultores (famílias que sustentam a produção), discutiram-se assuntos de interesse de todos, entre eles: i) a importância da produção saudável; e ii) se a venda dos produtos pelos próprios agricultores proporcionava a ligação entre campo e cidade; iii) se mostrava o compromisso da reforma agrária

com o meio ambiente e a saúde; se a criação da CSA-CZ contribui para pensar não só sobre a venda mas também ajuda na construção de um sistema de seguridade para para as famílias de agricultores.

Em janeiro de 2021, iniciamos os primeiros contatos com a Associação Sertão Agroecológico, e assim, em 16 de abril desse mesmo ano, a CSA Cajazeiras fazia a entrega da sua cesta nº 01. Até esse ano de 2024 já passaram pela Comunidade (CSA) mais de 100 famílias de co-agricultores, fazendo alcançar a marca de 153 cestas entregues semanal e ininterruptamente. E planejamos, ainda este ano, dar suporte à articulação com mais agricultores para criação de mais duas CSAs, uma em Sousa e outra em São João do Rio do Peixe, ambos municípios da Paraíba.

Plástico Preciso – soluções locais para um problema global

Durante as atividades do projeto do escritório modelo ATHIS, ainda em meio à pandemia da COVID-19, tivemos contato com a Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis de Cajazeiras (ASCAMARC), intermediado por Josefa de Souza Martins, mais conhecida como *Dona Deta*, Presidente da desta Associação, a fim de compreendermos como estavam as condições de moradia dos catadores na pandemia. A partir de seu relato, percebemos que havia uma série de questões a serem investigadas e discutimos a possibilidade de os alunos desenvolverem um projeto de reforma da residência da própria Dona Deta, uma vez que, conforme

esta nos descreveu e confirmamos por imagens gravadas, estava em precaríssimas condições.

Os protocolos sanitários do IFPB como prevenção contra a COVID-19 ainda não permitiam visitas técnicas presenciais, então tivemos que fazer uma visita virtual a sua casa – ela mesma filmava os espaços. Enquanto passava por eles, descrevia e mostrava o que havia em cada local. Em um desses momentos, percebemos algo inusitado: havia um imenso acúmulo de resíduos recicláveis em todos os cantos da casa, e surgiu o questionamento: se vamos propor uma reforma para a residência com suporte do escritório ATHIS, o que será feito com todo esse resíduo que está ali acumulado?

As respostas vieram durante as discussões em busca por ideias de reuso de resíduos plásticos e nos fizeram chegar até a comunidade global do *Precious Plastic*, entidade que propõe uma solução inovadora *open source* para transformar resíduos plásticos em novos objetos, através de pequenas máquinas domésticas que fazem um processamento de material produzido na própria comunidade local, tirando a dependência de algo em escala industrial. Sabendo dessas iniciativas e organizações, entendemos que seria possível seguir o seu modelo e garantir autonomia na gestão desses resíduos, como uma estratégia eficaz de economia circular. O objetivo maior seria produzir elementos construtivos como caibros, ripas e mobiliários, a partir dos próprios resíduos que eram coletados.

A partir desse momento, o grande desafio seria captar recursos financeiros para montar as máquinas, o que se concretizou por meio dos editais de Extensão

do *Campus* Cajazeiras. A partir daquele momento, iniciamos a odisseia de fabricação dessas máquinas que não foi tão simples quanto parecia. Embora a comunidade global *Precious Plastic* disponibilizasse gratuitamente os projetos das máquinas, seria a comunidade local a responsável por confeccioná-las. Descobrimos que havia empresas que já estavam fabricando e as vendiam prontas, mas o valor era muito maior do que o recurso que tínhamos, então começamos a buscar os fornecedores de cada peça e disponibilização de montagem do conjunto.

A partir desse ponto, contamos com a experiência dos nossos professores Martiliano Soares e Romualdo Figueiredo que nos passaram o “caminho das pedras”. Sob orientação de ambos, contatamos empresas e o resultado foi a compra dos motores, no Juazeiro do Norte-CE; os cortes a laser das peças da caixa trituradora, em Jundiá-SP; e o serviço de montagem com a metalúrgica Soares LTDA., em Cajazeiras-PB. O dia tão esperado da chegada foi comemorado em 22 setembro de 2021, praticamente um ano depois do início da caminhada: a primeira máquina finalizada – a trituradora – chegou ao *Campus* (Imagens 04 e 05, mais adiante publicadas). Como não tínhamos ainda um espaço destinado a sua instalação, recebemos a gentileza da professora Carol Cevada, da Unidade de Indústria - UNIND, que cedeu, temporariamente, um canto na sala do Laboratório de Acessibilidade, Mobilidade Urbana e Transporte (LAMUT), enquanto encontrávamos uma sala adequada para iniciar seu uso.

No ano de 2023, começamos a, efetivamente, usar as máquinas. Havia, entretanto, outro obstáculo

que, embora não parecesse, era de solução complexa: coletar os resíduos plásticos na quantidade necessária para fabricar os elementos construtivos almejados. Parecia algo simples porque sabíamos o tipo de plástico de que precisaríamos – embalagens de produtos de limpeza doméstica, por exemplo, as quais eram muito acessíveis. Entendemos ser algo complexo porque a quantidade de resíduos gerados por uma única residência não seria suficiente para produzir um grande volume de elementos construtivos. Para resolver esse quantitativo, seria necessário mobilizar um bom número de pessoas para realizar sua reparação, triagem e coleta desse material.

Imagem 04 – Foto da chegada da trituradora no Campus Cajazeiras (IFPB, 2021).



Fonte: Acervo do Cactus-CZ (Da esquerda para a direita: ajudante da Metalúrgica, Nildo (centro do trio) e Jorge Soares.

Imagem 05 – Instalação temporária da máquina na sala do laboratório Lamut (IFPB, 2021)



Fonte: Acervo do Cactus-CZ (Da esquerda para a direita: Antônio Farias, Nildo e Jorge Soares).

Assim, planejamos o projeto “Plástico Precioso: Uma Gincana Solidária”, coordenado pela professora Wilza Karla e que foi realizado ao longo no ano passado (2023), tendo como objetivo provocar uma mudança de comportamento sustentáveis de estudantes de escolas municipais estimulando-os a coletar o máximo de resíduos plásticos, por meio de uma gincana. Como incentivo, haveria uma premiação: uma viagem para a equipe vencedora conhecer um imenso centro de reciclagem instalado em Juazeiro do Norte-CE.

Foi uma experiência incrível, construída com uma equipe de estudantes super engajada nas atividades do projeto. Contemplados a partir de um processo seletivo realizado pelo Cactus-CZ, entraram para a equipe os bolsistas Carolaine Gonçalves e Isaque Abreu. Com

foco no desenvolvimento da autonomia, demos espaço para que eles próprios pudessem formar as equipes de voluntários com quem iriam trabalhar (Imagem 6).

Imagem 06 – Foto do treinamento nas escolas sobre o processo de coleta e triagem da Gincana, na Escola Joaquim Jurema (Cajazeiras, 2023)



Fonte: Acervo do Cactus-CZ (Da esquerda para a direita: Carolaine Gonçalves, Gabi e Isaque Abreu).

Os alunos tiveram que aprender sobre os tipos de plásticos que são recicláveis (sim, nem todos são recicláveis para nossa surpresa) e que só alguns podiam ser usados nas máquinas do projeto. Dessa forma, a gincana ficou focada em coletar plástico do tipo 5 PP (polipropileno), o tipo 2 PEAD (Polietileno de Alta Densidade) e o tipo 1 (PET) Polietileno Tereftalato, talvez o mais conhecido, pois deste já existe um mercado de recicla-

gem muito ativo. Eles iniciaram o contato com as escolas municipais e estaduais, para fazer o convite a outros estudantes para participarem da Gincana. Depois prepararam arte de materiais didáticos para ir nas escolas fazer um treinamento com os alunos, vídeos para o perfil nas redes sociais do projeto, além da capacitação para o uso das máquinas.

Imagem 07 – Foto da visita técnica à Recicla Cajazeiras (Cajazeiras, 2023)



Fonte: Acervo do Cactus-CZ (Alunos do projeto *Precious Plastic*/IFPB, Trabalhadores da Recicla Cajazeiras e alunos da Escola Estadual Crispim Coelho).

Três escolas de Cajazeiras aceitaram o convite para participar do evento. Depois da etapa de visitas para a realização dos treinamentos, a gincana foi, enfim, iniciada tendo seu término ao final de 4 intensas semanas de atividade. Uma vez por semana, visitávamos as escolas para recolher e pesar o material coletado por

cada equipe das escolas. Essa etapa de coleta era classificatória; as equipes que coletassem mais resíduos iriam participar da etapa final, que aconteceu durante uma tarde de dezembro no *Campus* Cajazeiras do IFPB.

A equipe do projeto Plástico Precioso (como nos acostumamos a falar) preparou uma série de jogos que envolveu os quase 90 alunos das três escolas que chegaram à etapa final, terminando com uma sinergia de encontros, aprendizados e desenvolvimento de competências socioemocionais que os alunos obtiveram e certamente carregarão por toda sua trajetória acadêmica.

Como se tratava de uma gincana solidária, ao final de pouco mais de 700 kg de resíduos coletados, fizemos a doação de mais de 400 kg de plástico tipo 01 (PET) coletados, para a Associação ASCARMARC e para a cooperativa Recicla Cajazeiras. Para agregar valor de venda, para os catadores gerarem mais renda, o planejamento inicial era doar esse material já triturado pela nossa trituradora, mas acabamos descobrindo que ela não funciona para esse tipo de plástico que é muito duro, pois foi projetada somente para ser usada com os tipos 2 e 5 – estes ficaram conosco no *Campus* para ser processado. De posse desse volume inicial de resíduo triturado, o projeto seguirá, em 2024, para sua segunda etapa, que será o uso da máquina extrusora, para derreter o plástico e transformar o produto final em elementos construtivos a serem utilizados nos projetos do escritório ATHIS do Cactus-CZ.

Perspectivas sobre a Curricularização da Extensão

Nesses quatro anos de atividade do Núcleo de Extensão, pôde-se constatar que planejar os caminhos percorridos para a aprendizagem dos estudantes, as vivências realizadas nas comunidades, a articulação com os parceiros sociais, a gestão dos recursos financeiros adquiridos não são os maiores desafios de um projeto de extensão, se comparados com o esforço de se alinharem seus objetivos às atividades de ensino, provavelmente o maior entrave da curricularização da Extensão.

A Resolução CNE/CES nº 7, de 18 de dezembro de 2018, que estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira, esclarece:

Art. 2º As Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira regulamentam as atividades acadêmicas de extensão dos cursos de graduação, na forma de componentes curriculares para os cursos, considerando-os em seus aspectos que se vinculam à formação dos estudantes, conforme previstos nos Planos de Desenvolvimento Institucionais (PDIs), e nos Projetos Políticos Institucionais (PPIs) das entidades educacionais, de acordo com o perfil do egresso, estabelecido nos Projetos Pedagógicos dos Cursos (PPCs) e nos demais documentos normativos próprios (Brasil, 2018, sic).

Existe, na natureza temporal e cronológica desses dois ambientes acadêmicos – Ensino e Extensão –, um ritmo diferente para execução de suas atividades, o que potencializa os entraves para sua realização. As ati-

vidades de ensino têm um calendário próprio, montado e planejado com todo aparato pedagógico do *Campus*, para sistematizar a oferta de uma série de disciplinas e sua realização por professores de diferentes áreas, dentro do período letivo. Essa organização, por si só, já é uma atividade bem complexa. Nas atividades de Extensão, o planejamento é feito diretamente com cada comunidade, individualmente, e normalmente se adaptando à rotina de seus moradores, para tornar viável as visitas técnicas e atividades *in loco*. Os alunos vivem um dilema: estudar para as avaliações ou ir para as atividades práticas de extensão. Assim, eles convivem com a dificuldade de ter que escolher o que é prioridade.

A Resolução 7/2018 CNE/CES deixa explícito, no artigo 4º, que “As atividades de extensão devem compor, no mínimo, 10% (dez por cento) do total da carga horária curricular estudantil dos cursos de graduação...” (Brasil, 2018). Ou seja, independentemente do contexto de cada curso, já está previsto que, em sua matriz curricular, deverá haver um percentual mínimo obrigatório para os núcleos docentes pedagógicos porem em prática a curricularização. Sendo assim, cada curso terá que encontrar uma forma de integrar as atividades de extensão que já estão acontecendo ou criar novas estratégias para atingirem essa determinação.

E vale salientar que esse percentual indicado pela resolução é um ponto de partida, pois não haverá dificuldades de atingir essa meta se os professores responsáveis pelo curso se aproximarem da comunidade local e também dialogarem entre si conectando projetos de ensino com outros de extensão. São muitas as

demandas – poderíamos dizer que quase incontáveis –, mas só é possível enxergá-las se os profissionais do *Campus* tiverem a sensibilidade de ouvir os grupos sociais do seu entorno. Há relatos de professores que dizem que não fazem extensão por não saberem o que fazer, ficando claro nessa situação que seu olhar ainda está muito restrito e reduzido a sua rotina de sala de aula.

Outro fator que pode dificultar a implementação da curricularização é a alta rotatividade de professores em alguns Campi. A remoção de servidor público é um processo comum e legal não só no IFPB mas também em diversas autarquias. Isso é positivo para o servidor que, na maioria das vezes precisa de tal mudança, para atender a necessidades familiares ou pessoais. Não há, porém, como deixar de constatar o efeito colateral que desse processo decorre. No que se refere à Extensão, a depender do tempo de permanência do servidor no *Campus*, não haverá tempo hábil para que ele se envolva com a comunidade local e desenvolva uma escuta ativa para perceber as demandas ali existentes. Apesar desse entrave, ainda é possível pensar positivamente sobre essa curricularização, uma vez que nem todos os servidores envolvidos com ensino e com extensão vivam processos de remoção ou de redistribuição. Quanto aos projetos pedagógicos de cursos, mesmo que nestes não esteja previsto tal conexão, não há impedimentos para que essa curricularização já possa acontecer no ambiente acadêmico. Nessa direção, o Núcleo de Extensão realizou algumas experiências interessantes que vamos compartilhar aqui. Alinhados com as atividades do es-critório modelo ATHIS, planejamos uma adaptação da

estrutura curricular dentro da disciplina Desenho de Arquitetura do Curso Superior em Engenharia Civil. Nessa proposta, 35% das suas atividades foram curricularizadas, para que os alunos desenvolvessem propostas de projetos arquitetônicos de reforma e construção para 4 moradores (Imagem 8).

Imagem 08 – Foto da visita de Dona Deta à atividade de curricularização, na disciplina Desenho de Arquitetura do Curso Superior de Engenharia Civil, *Campus Cajazeiras*, 2023



Fonte: acervo do Cactus-CZ (Da esquerda para a direita: João Victor, Athos Augusto, Antonio Farias, Dona Deta, Cleane da Silva, Cristiane Lisboa, José Jucicleison, Felipe Leandro, Jonas Wesley).

Outra ação de curricularização realizada junto ao Cactus-CZ foi na disciplina de Sistemas de Transportes do Curso Superior em Engenharia Civil, em cujo plano foi adaptado em até 75% para que os alunos se dedicassem ao planejamento estratégico do projeto “Carona Bike” que tem como objetivo promover uma mobilidade

ativa de pais e filhos com o uso da bicicleta no trajeto de casa à escola (Imagem 9).

Imagem 09 – Foto da apresentação do resultado do plano de rotas do projeto Carona Bike à SCTRans, *Campus Cajazeiras*, 2023



Fonte: acervo do Cactus-CZ (Da esquerda para a direita: Érika Rayanne, aluno 1, aluna 2, Gustavo, aluna 3, Antonio Alison, aluna 4, José Pereira, Pâmala, Lindemberg, George Cruz, Julimar Lopes, Isaías).

Enfim, com uma trajetória marcada com amplo alcance na comunidade local e uma abrangência de atividades que envolveram todos os cursos no *Campus Cajazeiras*, chegamos até aqui com a sensação de que ainda há muito por fazer, muitas memórias por construir e guardar e muito conhecimento por compartilhar. Agradecemos a todos os parceiros sociais que tornaram possível a execução e planejamento desses projetos, o permanente apoio da Coordenação de Extensão, na pessoa do servidor Diego Nogueira, e às equipes de gestão do nosso *Campus* que nos deram suporte a todo momento.

CAPÍTULO 12

Os coletivos de pensamento e ações no Campus Cajazeiras-IFPB: uma análise das redes de coautoria dos projetos de pesquisa e extensão

Diego Nogueira Dantas
Leonardo Pereira de Lucena Silva
William de Souza Santos

A coautoria na construção científica dos 30 anos do campus

Esta produção é, de fato, um breve relato ou um recorte escrito das tantas e diversificadas ações desenvolvidas no IFPB, *Campus Cajazeiras*, que, hoje com 30 anos de funcionamento, reafirma seu compromisso com a comunidade local e circunvizinha, trazendo-lhes conhecimento humano, científico e tecnológico.

Na busca de entender melhor o papel da ciência e percebê-la não apenas como consequência das ações de um indivíduo, pois é importante considerar todo o processo científico em uma visão mais ampla, o que en-

volve não apenas o cientista e o processo mas também a comunidade científica que engloba os dois. Sabe-se que, sem cientistas não há ciência, mas também se faz necessário compreender o como fazer, que, por sua vez, é otimizado na inter-relação dos pares envolvidos na pesquisa e na extensão.

Ao se analisar o processo de se fazer ciência, percebe-se que este pode ser fundamentado em três bases sólidas: i) as redes de coautoria (relação de parceria em uma produção científica); ii) os coletivos de pensamento (identidade conceitual constituída por um grupo de pesquisadores); e iii) a difusão do conhecimento (ampliação das fontes de informação, transformando o conhecimento produzido em ferramenta útil para sociedade).

No âmbito do Instituto Federal da Paraíba (IFPB), no intuito de fomentar a construção do conhecimento científico, a produção da ciência e as ações de extensão, são publicados editais que visam estimular pesquisadores e suas equipes a produzir projetos de pesquisa e ações de extensão, aumentando-se, assim, a produção científica, tecnológica e inovação da Instituição.

Destarte, este capítulo tem o objetivo de, homenageando o *Campus* Cajazeiras, analisar os projetos de pesquisa e extensão aqui desenvolvidos, por intermédio das redes de coautoria, como forma de identificar os coletivos de pensamento dos grupos de autores que mais contribuem para a difusão do conhecimento e os temas que são mais discutidos por estes autores no ecossistema do IFPB.

Pode-se salientar que, na posse de trabalhos desse cunho, pesquisadores podem formar novos gru-

pos com colaboradores de temas similares ou reforçar grupos pré-existentes na tentativa de abordar problemas já explorados por óticas diferentes. De qualquer maneira, há um ganho para a comunidade de pesquisadores do ecossistema supracitado, seja observando os conteúdos abordados em projetos anteriores e seus autores, seja identificando aqueles que trabalham com objetos de estudos previamente desejados por quem busca tal parceria.

Assim, para possibilitar esta discussão, o capítulo está organizado da seguinte forma: primeiramente apresenta-se uma revisão teórica dos conceitos de redes de coautoria, coletivos de pensamento e difusão do conhecimento; em seguida, os aspectos metodológicos da pesquisa; logo após, as análises e resultados; e, por fim, as considerações e possíveis desdobramentos para trabalhos futuros.

A teoria por trás da tessitura de redes de colaboração

Os trabalhos científicos em geral, especialmente os projetos de pesquisa, mesmo os que tentam abordar ideias originais, buscam solidificar-se em teorias que sustentem aquilo que é investigado. Dentro de um projeto de pesquisa, busca-se estabelecer um vínculo entre pesquisador, processo e comunidade, o que se dá por meio do coletivo de pensamento. Esse processo surge pelas necessidades, as quais foram amplamente discutidas por Ludwik Fleck (1896-1961) em suas obras, na busca de caracterizar o ato de “fazer ciência”. Sobre

as etapas de uma pesquisa, tem-se que “qualquer teoria abrangente passa por uma fase clássica, na qual somente se percebe fatos que se enquadram com exatidão, e uma fase de complicações, quando as exceções se manifestam [...]”.

No final, as exceções ultrapassam o número dos casos regulares” (Fleck, 2010, p. 71, sic).

A respeito disso, entende-se que, quando um pesquisador se depara com um certo objeto de estudo, ele imerge tão profundamente em suas próprias ideias que corre o risco de acabar se limitando a elas, e isso de tal maneira que perde a visão do macro. Por este motivo, uma forma de tentar corrigir essa falha é tornando a pesquisa algo coletivo, buscando-se, assim, uma visão menos focada na abordagem individual.

Com esse “coletivo de pensamento”, a partir do qual vários pesquisadores investigam um problema ao mesmo tempo e de forma coletiva, há uma minimização na fase clássica e uma otimização quanto à questão das exceções que apareceriam quando a pesquisa se tornasse algo mais geral. Isso se dá pelo fato de que, tornando-se coletiva a abordagem de um certo problema, também se torna possível o vislumbre de visões diversificadas de pontos diferentes, de modo a exaurir os casos não previstos na formulação de uma dada tese. Segundo Fleck (2010, p. 82):

Se definirmos o “coletivo de pensamento” como a comunidade das pessoas que trocam pensamentos ou se encontram numa situação de influência recíproca de pensamentos, temos, em cada uma dessas pessoas, um portador do desenvolvimento histórico de uma área

de pensamento, de um determinado estado do saber e da cultura, ou seja, de um estilo específico de pensamento.

Uma maneira de facilitar a criação de comunidades que busquem trabalhar por meio de um coletivo de pensamento é a utilização da difusão do conhecimento, que, em contrapartida, vai de encontro às dificuldades identificadas pelos pesquisadores na busca ao conhecimento científico. Isso pode parecer contraditório numa época em que se dispõe de tantos meios de divulgação e acesso à informação via internet, mas o fato é que, para encontrar dados científicos confiáveis, se faz necessário ter acesso a revistas e periódicos especializados. Para publicação nos mais conceituados desses periódicos, geralmente o pesquisador precisa pagar. Tal pagamento causa, de certa forma, uma trava na disseminação do conhecimento e, portanto, um problema, pois, segundo Matos (2011), a difusão do conhecimento não é algo automatizado, e fazem-se necessários meios de alcance para que haja uma transição entre os sujeitos, a fim de que exista uma difusão efetiva.

Visando não só ao fortalecimento de um coletivo de pensamento mas também propiciando a amplificação do conhecimento, Vanz e Stumpf (2010, p. 50-51) elencam dezessete motivos para a colaboração científica. Os mais importantes são: “desejo de aumentar a popularidade científica, a visibilidade e o reconhecimento pessoal”, “aumento da produtividade”, “redução da possibilidade de erro”, “possibilidade de ‘ataque’ a grandes problemas de pesquisa”, “desejo de realizar pesquisa

multidisciplinar” e “necessidade de opiniões externas para confirmar ou avaliar um problema”.

Como forma de analisar a colaboração entre pesquisadores e extensionistas de uma mesma área de pesquisa, além dos coletivos de pensamentos criados bem como o processo de alargamento do conhecimento, uma estratégia que vem sendo utilizada são as redes de coautoria, elaboradas a partir da teoria de grafos. Para caracterizar o que seriam essas redes supracitadas, Sampaio (2015) cita que:

Quanto à estrutura da rede, um grafo pode ser direcionado ou não, dependendo se a linha que une dois vértices carrega uma informação unilateral ou bidirecional. Um exemplo desses diferentes tipos de direcionalidade na pesquisa científica pode ser uma rede de citações e uma rede de coautoria. No primeiro caso o grafo é direcionado, pois, quando um pesquisador cita outro autor a recíproca, em muitos casos, não é verdadeira. No caso de um grafo de coautoria, este pode ser considerado não direcionado, pois se pressupõe a colaboração entre ambas as partes (Sampaio *et al.*, 2015, p. 83, *sic*).

Com o avanço das tecnologias digitais, surgiram ferramentas como, por exemplo, o *Gephi*, *Pajek*, *Vos-Viewer*, entre outros, que possibilitaram uma análise mais aprofundada das redes de coautoria, oportunizando o estudo de um grande número de dados em um curto intervalo de tempo, facilitando a sugestão de possíveis parceiros de colaboração por meio da avaliação das produções científicas de um certo grupo. É sobre isso que tratam as redes de coautoria, as quais buscam fil-

trar e apresentar dados sobre temas e autores de produções científicas em, por exemplo, revistas e periódicos, facilitando o contato entre possíveis colaboradores de um tema em comum.

Além disso, segundo Grácio (2018, p. 24), podemos ter em mente que:

A colaboração científica vem se configurando como uma resposta à profissionalização da ciência. Nesse cenário, a colaboração na ciência é uma estratégia adotada por pesquisadores, envolvendo uma atividade social que tem como meta viabilizar, facilitar e potencializar o desenvolvimento de pesquisas, principalmente aquelas de natureza empírica e/ou experimental. Acontece a partir do trabalho intelectual coletivo de pesquisadores, instituições ou países, formado por um sistema ou rede de colaboradores, que ao unir esforços tende a identificar semelhanças e traçar diferenças para produzir novas ideias (sic).

Ao considerar tais informações, analisar os projetos de pesquisa e extensão oriundos dos editais fomentados no *Campus Cajazeiras* possibilitará compreender o que já foi construído de conhecimento com base nos projetos selecionados bem como as relações de coautoria e coletivos de pensamento que foram estabelecidas ao longo desses anos como também o processo de difusão do conhecimento que vem ocorrendo na estrutura do IFPB.

Para tudo há de se programar um método

Esta pesquisa utiliza uma abordagem qualitativa – pois se caracteriza por analisar significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, buscando identificar o porquê dos fenômenos (Minayo, 1994) – e possui objetivos de pesquisa exploratória, já que tem pretende proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito e propício a se construir hipóteses (Engel; Tolfo, 2009).

O *locus* da pesquisa são os editais de pesquisa e extensão do *Campus* Cajazeiras, mais especificamente, na Pesquisa – os Editais Interconecta –, entre os anos de 2017 e 2023. Segundo consta no texto do próprio edital, a chamada tem por objetivo apoiar pesquisas desenvolvidas no IFPB, incentivando o aumento da produção científica, tecnológica e de inovação da instituição, contribuindo para o fortalecimento das atividades dos grupos de pesquisa certificados institucionalmente, e permite, em um mesmo projeto, a participação de pesquisadores de diferentes campi do IFPB bem como a interação interinstitucional. Já com relação à Extensão, foram analisadas as ações desenvolvidas entre os anos de 2020 e 2023, na forma de projetos, eventos, prestações de serviços, cursos livres e cursos de Formação Inicial e Continuada (FIC).

Para a construção das redes de coautoria, foram inventariados, a partir de coleta de dados, por meio do Sistema Unificado de Administração Pública (SUAP), os nomes dos projetos aprovados, autores e coautores.

Para a construção visual das redes de coautoria, foi utilizado o *software Gephi*, pois este permite acesso gratuito, é de fácil utilização, favorecendo uma análise ampla dos dados de rede, através dos seus itens de importação, visualização, filtragem, navegação e agrupamentos dos dados (*clustering*).

A próxima seção traz a análise do que foi identificado por meio da construção das redes de coautoria dos projetos de pesquisa e extensão do *Campus Cajazeiras*.

Produções e parcerias que funcionam

Analisando-se inicialmente as áreas de submissão dos projetos nos Editais Interconecta nos últimos sete anos, observa-se que as cinco primeiras colocações são ocupadas pelas áreas de Engenharia Civil, Engenharia Elétrica, Engenharia Mecânica, Matemática e Ciência da Computação, nessa ordem. Essa classificação, de certa forma, se relaciona ao fato de existirem cursos de graduação nestas áreas, com exceção da Engenharia Mecânica, que está inserida no contexto do curso de Controle e Automação. Vejamos esses dados na Tabela 1 a seguir.

Tabela 1 – Áreas de Submissão dos Projetos

ÁREAS	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	TOTAL
Arquitetura e Urb. (Ciências Sociais Aplicadas)	2	0	0	0	0	0	0	2

ÁREAS	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	TOTAL
Ciência da Computação (Ciências Exatas e da Terra)	1	4	1	3	2	0	0	11
Ecologia (Ciências Biológicas)	0	0	0	2	0	1	0	3
Economia (Ciências Sociais Aplicadas)	1	0	0	0	0	0	0	1
Educação (Ciências Humanas)	0	1	2	0	1	2	1	7
Engenharia Civil (Engenharias)	6	16	7	4	5	6	2	46
Engenharia de Mat. e Metalúrgica (Engenharias)	1	2	1	1	0	2	0	7
Engenharia Elétrica (Engenharias)	4	7	2	5	6	3	6	33
Engenharia Mecânica (Engenharias)	1	1	3	5	2	6	2	20
Engenharia Sanitária (Engenharias)	0	0	1	0	0	0	0	1
Geociências (Ciências Exatas e da Terra)	0	0	0	1	0	0	0	1

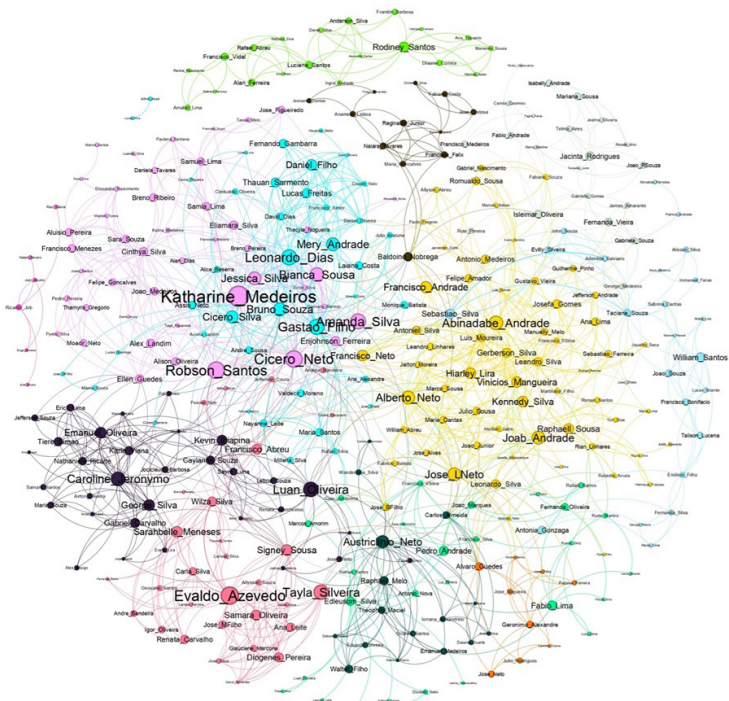
ÁREAS	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	TOTAL
Interdisciplinar	0	0	0	0	0	1	0	1
Letras (Linguística, Letras e Artes)	0	0	0	1	0	0	0	1
Matemática (Ciências Exatas e da Terra)	3	5	1	1	0	2	2	14
Planejamento Urb. e Reg. (Ciências Soc. Aplicadas)	0	0	1	1	1	1	3	7
Probab. e Estatística (Ciências Exatas e da Terra)	0	1	0	0	0	1	0	2
Química (Ciências Exatas e da Terra)	0	0	0	0	1	0	0	1
TOTAL	19	37	19	24	18	25	16	158

Fonte: dados da pesquisa.

A Figura 1, abaixo, construída no *Gephi*, traz a rede de coautoria. Nela, é possível observar a existência de 4 agrupamentos que conectam 342 autores. Tal configuração demonstra o intercâmbio de autores em diversas áreas de pesquisa, demonstrando, de certa forma, a atuação interdisciplinar dos pesquisadores. Analisando o tamanho dos nós, identificam-se os autores que possuem maior quantidade de coautores, o que evidencia a importância desses últimos para a construção dos

coletivos de pensamento e ações; as cores exprimem a proximidade de áreas de aderência entre os autores.

Figura 1 – Rede de Coautoria Projetos de Pesquisa 2017-2023



Fonte: dados da pesquisa.

Dentre os grupos de pesquisa do *Campus*, o Grupo Cajazeirense de Pesquisa em Matemática (GCPMat) vem atuando principalmente em três linhas de pesquisa, sendo elas:

- tecnologias digitais e metodologias ativas, sob orientação do Prof. Dr. William Souza, que, juntamente

com sua equipe, vem desenvolvendo jogos digitais educacionais, registrando-os no Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI), além das publicações em eventos e periódicos.

- semiótica e didática, sob orientação da Profa. Dra. Fernanda Silva, que, com sua equipe, tem produzido materiais didáticos para o Laboratório de Matemática da instituição, estudando e discutindo os textos da Teoria dos Registros de Representação Semiótica, de Raymond Duval, além de contribuir para a difusão de conhecimento sobre tal temática a partir de minicursos desenvolvidos em eventos da área.
- Matemática Inclusiva, sob orientação do Prof. Dr. Rodiney Santos, cujo grupo vem discutindo temáticas que abordam a construção de sequências didáticas, criação de Recursos Educacionais Abertos sobre audiodescrição didática, produção de jogos de tabuleiro, todos estes à luz do Desenho Universal para Aprendizagem (DUA).

Outro grupo importante, este coordenado pela Profa. Me. Caroline Jeronymo, é o Laboratório de Acessibilidade, Mobilidade Urbana e Transportes (LAMUT). Este tem como foco os estudos de tráfego, planos estratégicos de logística e transporte, estudos para o planejamento urbano dos transportes de cidades, avaliação de demandas por transporte, discussões que colaborem para diagnóstico e medidas de aumento da segurança no trânsito, obras de transporte, novas formas de mobilidade urbana e inovações tecnológicas de transporte ou avanços no campo do transporte sustentável.

Adentrando a área de automação com o Prof. Dr. Raphaell Sousa e sua equipe, observam-se os trabalhos do grupo de pesquisa intitulado LABSIN – Laboratório de Sistemas Inteligentes, que atua com técnicas de *machine learning*, visão computacional, teoria de controle, entre outras. Tal grupo possui relevância diante da conquista e participação em diversos campeonatos nacionais e internacionais de robótica, como a competição de automação MECA, promovida pela Mitsubishi. Sua participação os levou à final da competição, onde conquistaram um lugar de destaque, tendo recebido diversos equipamentos, que estão sendo utilizados nos laboratórios do *Campus* para fortalecer ainda mais as atividades de pesquisa e desenvolvimento. As pesquisas e publicações desenvolvidas no grupo versam sobre aprendizado de máquina e visão computacional.

Ainda dentro da área de automação, focando em processos de fabricação, temos o grupo de pesquisa Laboratório Cajazeirense de Processos de Produção (LC2P), que realiza pesquisas, em geral, na grande área da Engenharia Mecânica, abrangendo as subáreas da Engenharia de Manufatura e Superfícies bem como Projetos de Sistemas. Este grupo concatena elementos da elétrica e eletrônica, mecânica, automação e projetos, propiciando interdisciplinaridade aos projetos executados. Além de conduzir pesquisas, o laboratório também encoraja ativamente os participantes a submeterem seus projetos a editais de inovação, como uma forma de fomentar a aplicação prática de seus estudos, como é o caso do projeto “Dispositivo para medir as impurezas dos combustíveis”, aprovado no programa Centelha II da Paraíba.

Na área de Construção Civil, temos o grupo de pesquisa Núcleo de Análises Geotécnicas, Hidráulicas e Estruturais aplicadas (NAGHEA), que vem desenvolvendo pesquisas no campo da Engenharia Civil, especificamente com estudos na área de Estruturas, direcionados a barragens e métodos numéricos, sob a coordenação do Prof. Iarly Vanderlei. A equipe, recentemente, produziu artigos científicos com modelos inovadores para o controle da atenuação da onda no contorno longínquo da fundação e reservatório em modelos dinâmicos de barragem gravidade submetidos aos efeitos da interação solo-estrutura-reservatório.

Temos também o grupo de pesquisa Núcleo de Estudos em Construções Civil e Ambiental, que desenvolve pesquisas na área de materiais, estruturas, durabilidade, saneamento e recursos hídricos, coordenadas pelos professores da Unidade Acadêmica de Construção Civil deste *Campus* Cajazeiras. As últimas ações do grupo estão concentradas em firmar parcerias com outras instituições, nacionais e estrangeiras.

No tocante à Extensão, na Tabela 2, percebe-se grande quantidade de áreas trabalhadas em um intervalo de quatro anos, o que revela um ativo importante do IFPB que é a diversidade em seu quadro de servidores e discentes e suas respectivas áreas de atuação, pois, a despeito do alto relevo em áreas como Engenharia Elétrica, Matemática, Engenharia Civil e Arquitetura e Urbanismo – diretamente relacionadas aos cursos técnicos e superiores do *Campus* –, é nítida a presença de outras áreas como Educação Física, Artes, Saúde Coletiva e Interdisciplinar.

Ademais, registre-se que as ações contam necessariamente com parceiros sociais, sejam formais ou informais, que se configuram em importantes agentes demandantes e executores de ações.

Tabela 2 – Áreas de Submissão das ações de Extensão

ÁREAS	2020	2021	2022	2023	TOTAL
Administração (Ciências Sociais Aplicadas)	0	1	0	2	3
Agronomia (Ciências Agrárias)	0	2	1	0	3
Arquitetura e Urbanismo (Ciências Sociais Aplicadas)	3	1	0	2	6
Artes (Linguística, Letras e Artes)	4	4	1	1	10
Astronomia (Ciências Exatas e da Terra)	0	0	1	0	1
Ciência da Computação (Ciências Exatas e da Terra)	0	0	1	2	3
Ciência da Informação (Ciências Sociais Aplicadas)	0	0	1	4	5

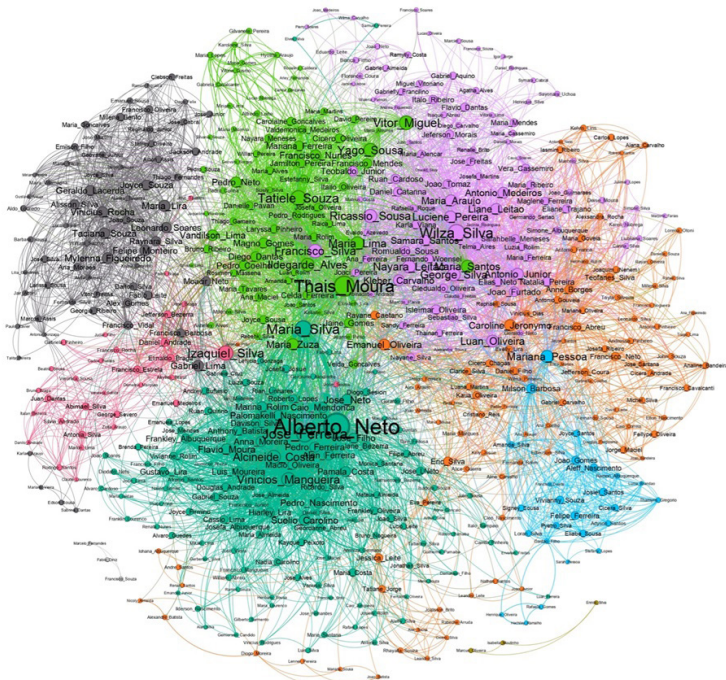
ÁREAS	2020	2021	2022	2023	TOTAL
Ciência e Tecnologia de Alimentos (Ciências Agrárias)	0	0	1	0	1
Ecologia (Ciências Biológicas)	0	0	0	1	1
Educação (Ciências Humanas)	1	1	3	1	6
Educação Física (Ciências da Saúde)	0	1	6	7	14
Enfermagem (Ciências da Saúde)	1	0	0	1	2
Engenharia Civil (Engenharias)	2	0	2	3	7
Engenharia de Transportes (Engenharias)	0	0	1	0	1
Engenharia Elétrica (Engenharias)	7	2	3	7	19
Engenharia Mecânica (Engenharias)	0	0	0	1	1
Ensino (Multidisciplinar)	1	0	1	1	3
Física (Ciências Exatas e da Terra)	0	1	0	0	1

ÁREAS	2020	2021	2022	2023	TOTAL
Geociências (Ciências Exatas e da Terra)	0	1	0	0	1
Interdisciplinar (Multidisciplinar)	2	4	3	5	14
Letras (Linguística, Letras e Artes)	1	0	0	2	3
Linguística (Linguística, Letras e Artes)	1	0	0	2	3
Matemática (Ciências Exatas e da Terra)	2	3	1	2	8
Materiais (Multidisciplinar)	0	0	0	1	1
Saúde Coletiva (Ciências da Saúde)	1	0	2	8	11
Sociologia (Ciências Humanas)	1	0	3	4	8
TOTAL	27	21	31	57	136

Fonte: dados da pesquisa.

Na Figura 2, a seguir, pode-se observar a rede de coautoria dos projetos de Extensão do *Campus*, que aponta o envolvimento de 526 coautores nas ações que ocorreram entre os anos de 2020 a 2023.

Figura 2 – Rede de Coautoria Projetos de Extensão 2020-2023



Fonte: dados da pesquisa.

A rede de coautoria em Extensão, em sua ampla maioria, está organizada no âmbito dos Núcleos de Extensão Rede Rizoma. Segundo conceito estabelecido na Política de Extensão do IFPB (IFPB, 2021):

Art. 42 A Rede Rizoma é formada por coletivos acadêmicos, denominados de Núcleos de Extensão, os quais visam integrar as relações entre a academia e a sociedade, por meio das atividades de extensão, e promover o diálogo permanente com as multiplicidades sociais,

regionais, culturais, étnicas, econômicas, ambientais, tecnológicas, dentre outras forças comunicantes que compõem a realidade escolar.

Por sua vez, a Instrução Normativa nº 5/2019, que dispõe sobre a regulamentação e as diretrizes de funcionamento dos Núcleos de Extensão Rede Rizoma, conceitua que tais núcleos

são coletivos abertos, dinâmicos, descentralizados, interdisciplinares e interprofissionais, organizados em rede para uma práxis da educação contextualizada e que integram saberes acadêmicos e populares. Os núcleos, conectados às demandas sociais e produtivas, articulam no território saberes científicos, tecnológicos e populares para o desenvolvimento, adaptação e compartilhamento de tecnologias sustentáveis, cidadãs, empreendedoras e solidárias (IFPB, 2022).

No *Campus Cajazeiras*, no período entre 2020 e 2023, estiveram registrados e ativos oito Núcleos de Extensão. Abaixo, segue uma breve apresentação de cada um deles.

Um núcleo de destaque é o “A importância da Matemática Lúdica para a Educação Básica”, vinculado ao GCPMat, que possui como principais ações:

- Olimpíada Cajazeirense de Matemática (OCZM) – cuja finalidade é descobrir novos talentos em Matemática, incentivar jovens interessados a atuar futuramente nas mais diversas áreas da Matemática, além de difundir o aprendizado lógico e criativo da matemática olímpica junto aos alunos de nível fun-

damental e médio de escolas públicas e privadas da cidade de Cajazeiras e região.

- Exposição de Matemática (EXPOMAT) – em comemoração ao dia da Matemática, a EXPOMAT tem o objetivo de convidar a comunidade escolar dos arredores do IFPB *Campus* Cajazeiras a experienciar um dia de contato com jogos matemáticos e demais atividades lúdicas.
- Encontro Cajazeirense de Matemática (ECMAT) – que tem como objetivo proporcionar um espaço de divulgação, reflexão, integração e aprendizado entre professores, pesquisadores e alunos das instituições de ensino da região, nas diversas áreas do conhecimento matemático.

Outro núcleo relevante é o Centro de Assessoria Comunitária a Tecnologias de Utilidades Sociais (CACTUS/CZ). O núcleo desenvolve ações nas áreas de Edificações e Engenharia Civil, no entanto, os projetos do núcleo também visam estimular a interdisciplinaridade com os demais cursos oferecidos pelo *Campus* Cajazeiras, propondo soluções tecnológicas em mais de uma área de atuação, e a conjugação entre o conhecimento popular e o teórico. As ações do CACTUS/CZ têm, portanto, como objetivo gerar impactos de caráter social, buscando, em conjunto com a comunidade, alternativas e soluções inovadoras para os problemas reais da população local.

O Núcleo de Extensão “Maker” visa proporcionar a interação entre extensionistas que desenvolvem trabalhos a partir da filosofia *maker*, possibilitando a troca de conhecimento no âmbito da Educação, Ciên-

cia e Tecnologia. O desenvolvimento das atividades é organizado da seguinte forma: a) articulação junto aos coordenadores de projetos, a fim de entender as dinâmicas de trabalho; entender os eixos dos trabalhos desenvolvidos; e b) testar em laboratório os projetos exitosos e produzir/divulgar tais trabalhos em veículos de comunicação digital, organizando os objetos de trabalho para uma finalidade comum, ou seja, um mesmo nicho de abrangência social.

Os discentes de cursos técnicos e superiores do IFPB trabalham em parceria com os parceiros sociais, estes em sua maioria egressos do IFPB. Ademais, alunos da rede pública são convidados a participar do desenvolvimento das atividades.

Já o Núcleo de Comunicação, Cultura e Artes (NUCCA) atua na perspectiva da ampliação e ressignificação das ações culturais, no âmbito da comunidade cajazeirense e sertaneja, integrando os públicos externos e internos em ações culturais de diversas matizes, no campo da música, poesia, artes cênicas, desenho, pintura, audiovisual, artesanato, entre outros. Tais ações se materializaram em produção de eventos, saraus poéticos, coletâneas literárias e rodas de conversas com produtores e artistas. Destacam-se as seis edições da Mostra Musical Caminhos do Sol e as três coletâneas do Sarau Poesia de Quarta, além das rodas de conversa realizadas em ambiente virtual, no período de isolamento social provocado pela pandemia de COVID-19. Todas as atividades do núcleo são organizadas metodologicamente, para propiciar espaços de articulação entre artistas, públicos, produtores culturais, instituições e coletivos culturais.

O núcleo Campo Solar possui um caráter pluricurricular e visa estabelecer o diálogo com os movimentos sociais da zona rural do semiárido paraibano, difundindo saberes e tecnologias de captação e utilização de energia solar para famílias de assentamentos rurais, seja no âmbito domiciliar, como da produção agrícola e animal, ou de beneficiamento, em pequenas unidades agroindustriais. Como primeira etapa de seus processos, o núcleo busca identificar demandas junto aos assentamentos rurais da reforma agrária. Em um segundo momento, são desenvolvidas propostas tecnológicas validadas em laboratório, as quais formarão o portfólio de produtos a serem difundidos.

Em seguida, apresenta-se o Núcleo do Laboratório de Acessibilidade, Mobilidade Urbana e Transportes (NULAMUT-CZ), vinculado ao grupo de pesquisa do LAMUT, já apresentado anteriormente, que, no âmbito extensionista, tem atuado em cooperações técnicas com gestores locais e entidades civis e outras instituições de ensino nos estudos para o planejamento urbano dos transportes de cidades.

Adiante, tem-se o Núcleo de Extensão em Tecnologia da Informação do Sertão (NexTIS). Trata-se de um centro multiusuário de referência para a pesquisa, desenvolvimento, inovação, produção e prestação de serviços tecnológicos e laboratoriais aplicados a qualquer ramo de trabalho da região sertaneja, que necessita da tecnologia para solucionar problemas existentes nos seus processos de trabalho. É formado por professores, pesquisadores, técnicos e auxiliares bem como discentes de cursos de nível superior e nível técnico da

IFPB e de outras instituições. Esse grupo busca atender ao princípio básico da pesquisa em extensão no ensino, versado na formação imprescindível para sua efetiva interação com a sociedade, no sentido de referenciar sua formação com problemas que, provavelmente, carecem de sua atenção.

Por fim, em processo de implementação, registre-se o núcleo de extensão AeroCajá, cujo objetivo é promover a educação nas áreas de Aeromodelismo e Aerodesign. O núcleo é dividido em setores multidisciplinares como: projeto de aeronaves, marketing e gestão, todos com a função de executar ações de extensão para a comunidade em geral. Busca-se contribuir positivamente para um maior número de pessoas, desenvolver habilidades técnicas e interpessoais dos participantes e estabelecer parcerias com empresas e comunidades da região.

Após o mapeamento desses grupos e seus coletivos de pensamento, é possível identificar o intercâmbio de vários pesquisadores entre si, o que demonstra o perfil interdisciplinar que relaciona pesquisadores de áreas diferentes em prol de uma pesquisa em comum. Observa-se também que cada coletivo de pensamento está relacionado a um dos grupos de pesquisa que compõem o *Campus*, demonstrando que estão em plena atividade e contribuindo para a difusão do conhecimento por meio dos artigos que são publicados em periódicos nacionais e internacionais, como tem ocorrido com o LABSIN, GCPCMat, LAMUT, entre outros.

Analisando-se algumas características dos grupos quanto à relação de coautoria, observa-se também que alguns deles apresentam uma circulação intraco-

letiva, em que os autores se relacionam fortemente em coautorias entre eles mesmos, fazendo com que um estilo de pensamento seja bem consolidado, como na maioria dos grupos estudados, nos quais se pode ver a vasta quantidade de arestas que ligam os nós (autores) de um mesmo grupo. É possível observar também a existência da circulação intercoletiva, onde há troca de experiências por parte de autores que compõem outros coletivos de pensamento (Fleck, 2010).

Além disso, nota-se a existência dos círculos esotéricos nos autores que possuem mais coautorias, já que, segundo Fleck (2010), tais círculos são formados por especialistas em determinada área do conhecimento, enquanto aqueles autores que possuem menos coautorias fazem parte de um círculo exotérico, composto por autores conhecidos como “leigos”, que podem ou não ter uma formação na área de conhecimento do coletivo de pensamento ao qual este pertence.

As coautorias de olho no futuro

O uso das redes de coautoria permite um estudo mais assertivo quanto ao mapeamento dos coletivos de pensamento existentes em um determinado ecossistema. Com este estudo, foi possível identificar a atuação dos grupos de pesquisa e núcleos de extensão bem como as áreas e temáticas que vêm sendo difundidas por esses coletivos de pensamento.

Acredita-se que, a partir desta pesquisa exploratória, foi possível observar como ocorrem as relações de coautoria nos projetos de pesquisa e extensão

do *Campus*, possibilitando o conhecimento do que as diversas áreas têm produzido e como tem ocorrido a difusão do conhecimento do que vem sendo produzido por seus representantes.

Espera-se que este trabalho possa contribuir para o fomento das áreas que ainda não possuem um maior destaque em produções, da mesma forma que atue como um maior incentivo para aqueles que já vêm construindo conhecimento em larga escala nos diversos projetos realizados e divulgados ao longo desses últimos anos.

REFERÊNCIAS

ENGEL, Tatiana; TOLFO, Denise. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

FLECK, Ludwik. **Gênese e desenvolvimento de um fato científico**. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.

GRÁCIO, Maria Claudia Cabrini. Colaboração científica: indicadores relacionais de coautoria, [S.l.], v. 12. p. 24-32. **Brazilian Journal of Information Science**. Disponível em: <https://doi.org/10.36311/1981-1640.2018.v12n2.04>. p24. Acesso em: 29 mai. 2022.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA. Conselho Superior. **Resolução nº 96/2021**. Dispõe sobre aprovação da Política de Extensão do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba - IFPB. João Pessoa: IFPB, 2021. Disponível em: <https://www.ifpb.edu.br/orgaoscolegiados/consuper/resolucoes/ano-2021/resolucoes-aprovadas-pelo-colegiado>. Acesso em: 14 mar. 2024.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA. Pró-Reitoria de Extensão e Cultura. **Instrução Normativa nº 5/2022**. Dispõe sobre a regulamentação e as diretrizes de funcionamento dos Núcleos de Extensão Rede Rizoma - NERR, no âmbito do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba- IFPB. João Pessoa: IFPB, 2022. Disponível em: <https://www.ifpb.edu.br/proexc/assuntos/legislacoes-e-normas/instrucao-normativa-no-05-2022> Acesso em: 14 mar. 2024.

MATOS, Cirlene Maria de. **Canais de difusão do conhecimento**: efeito da mobilidade e da colaboração inter-regional de inventores sobre a inovação regional. Tese (Doutorado em Economia) – Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, p. 142. 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. In: **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 1994. p. 80-80.

SAMPAIO, Ricardo Barros; SACERDOTE, Helena Célia de Souza; FONSECA, Bruna de Paula Fonseca; FERNANDES, Jorge Henrique Cabral. A colaboração científica na pesquisa sobre coautoria: um método baseado na análise de redes, **Perspectivas em Ciência da Informação**. [S.l.], v. 20, n. 4 p. 79-92, 2015. ISSN 1981-5344. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-5344/2447>. Acesso em: 23 mai. 2022.

VANZ, Samile Andrea de Souza; STUMPF, Ida Regina Chittó. Colaboração científica: revisão teórico-conceitual. **Perspectivas em Ciência da Informação**, [S.l.], v. 15, n. 2, p. 42-55, jun. 2010. ISSN 19815344. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/1105/731>. Acesso em: 23 mai. 2022.

Parte 3

TRAJETÓRIAS...

CAPÍTULO 13

A trajetória das línguas na história do IFPB Cajazeiras

Sayonara Abrantes de Oliveira Uchôa
Nayara Araujo Duarte Leitão
Jacinta Ferreira dos Santos Rodrigues

Palavras iniciais

O IFPB *Campus* Cajazeiras, também conhecido como Escola Técnica e CEFET, faz parte da construção da história de vida de milhares de nordestinos, mas principalmente paraibanos e sertanejos.

Narrar a trajetória das línguas, na história do IFPB Cajazeiras, é tecer caminhos pelos fazeres daqueles que foram parte da construção de um alicerce sólido, base para o desenvolvimento da região no que tange aos aspectos sociais, educacionais e culturais.

Nestes 30 anos de história, esta casa de educação foi vanguardista e oportunizou ao estudante do interior do Nordeste a interação social intermediada pelas línguas portuguesa, inglesa, espanhola, japonesa, libras, francesa, alemã, enfim, transcendendo parâmetros estabelecidos.

Neste contexto, além do acesso a diversas línguas, os atores envolvidos no processo, e que deixaram imensas contribuições a este *Campus*, buscaram metodologias sempre inovadoras para intermediar o caminho dos alunos e levá-los à vivência das línguas, da literatura e da arte em uma perspectiva de imersão social.

É objetivo deste escrito apresentar esta trajetória. Devido, todavia, à magnitude das muitas ações e contribuições sociais desenvolvidas neste *Campus*, serão descritos apenas alguns elementos da significativa formação da história das línguas, como meio de eternizar os atores envolvidos e suas marcas deixadas na memória dos muitos que por aqui passaram.

Sejam convidados a esta leitura que, na seção inicial, leva a um mergulho pelas histórias das línguas narradas através das memórias dos docentes que nos antecederam e, nas seções seguintes, as dos que ainda estão em atividade. Passado e presente se encontram neste texto, demonstrando as transformações que fazem o *Campus* Cajazeiras ao longo dos seus 30 anos.

Linguagens em memórias²⁸

Narrar a história do *Campus* Cajazeiras, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, sob o olhar do ensino de línguas, nestes últimos 30 anos, requer uma imersão nos fazeres pedagógicos da-

queles que plantaram as sementes determinantes para as conquistas do presente.

Para tanto, remontamos ao ano de 1994, quando ocorreu a inauguração da UNED²⁹ Cajazeiras da ETEFPB. Naquele momento, a história do ensino de línguas começava a ter o caminho traçado pelas mãos dos docentes Antônio Rodrigues (Tota) – primeiro docente de Língua Portuguesa nomeado para a unidade educacional; Dimas Andriola Pereira, Ribamar da Silva (*In Memoriam*), Maria do Socorro Soares Costa e Silva, Maria Virgínia Gomes de Holanda, Maria Aparecida Ferreira de Freitas e Francisca Vera Célida Feitosa Bandeira (*In Memoriam*).

Figura 1 – Primeiros docentes IFPB – Campus Cajazeiras, na abertura da turma do Pró-Técnico



Fonte: acervo pessoal do Professor Dimas Andriola (1996). (Da esquerda para a direita: Maria Aparecida Ferreira, Virgínia Holanda, Maria do Socorro Costa e Dimas Andriola).

29

As Unidades de Ensino Descentralizadas (UNEDs) foram criadas no governo José Sarney, através da implantação do Programa de Expansão e Melhoria do Ensino Técnico (PROTEC), em julho de 1986, que previa a construção de dezenas de novas escolas técnicas com o objetivo de formar pólos tecnológicos nas várias regiões abrangidas pelo Programa. Disponível em: <https://educabrazil.com.br/uned-unidade-de-ensino-descentralizada/#:~:text=As%20UNED%20foram%20criadas%20no,v%3%A-1rias%20regi%C3%B5es%20abrangidas%20pelo%20Programa>. Acesso em: 25 jun. 2024.

Importante ressaltar que a inauguração trouxe para a “Cidade que ensinou a Paraíba a Ler” não somente mais uma instituição educacional mas, sobretudo, a mudança de olhares sobre o ensino. Em um cenário geral, a década de 90 é marcada pelos impactos da crise do ensino de língua tradicional, ocorridos na década de 70, e pelo surgimento das discussões acerca da percepção dos estudos linguísticos e da concepção de linguagem enquanto interação, na constituição dos sujeitos.

Falamos aqui de um contexto marcado por grandes reflexões sobre os fazeres pedagógicos e teóricos do ensino de línguas, os quais são registrados por Geraldi (2006) em “O texto na sala de aula”, perspectiva que transcende o ensino pautado numa visão puramente gramatical e direciona uma prática fundamentada no texto. Para tanto, a linguagem passa a ser concebida como “uma atividade constitutiva, cujo *locus* de realização é a interação verbal” (Geraldi, 1996, p. 67), abrindo espaço para os alunos se constituírem sujeitos de suas falas e de sua própria escrita.

Trata-se, pois, de um cenário inovador para o desenvolvimento do ensino da língua na época, mas posto em prática pelos docentes, levando aos alunos um novo patamar de vanguarda na aprendizagem. Acerca da questão tecnológica, segundo Menezes (2019), os computadores começaram a ser usados no Brasil na década de 80, atividade que se restringia à digitação de tarefas ou provas. Na época, sua utilização era bem restrita, “privilégio” principalmente de instituições de ensino superior localizadas nas principais capitais brasileiras. Já o ensino de língua, mediado por computador, foi atribuído

à pioneira Profa. Heloisa Collins, da PUCSP; o primeiro laboratório de computadores, para os alunos da Faculdade de Letras da UFMG, foi implantado no final de 1997.

Mais uma vez o IFPB – Cajazeiras, na época ainda UNED, sai, todavia, na frente e agrega, ainda em 1996, a prática de ensino de Língua, fundamentada nos gêneros textuais, ao uso da tecnologia disponível, ou seja, ao computador. A aula sobre o gênero crônica ocorreu sob a orientação dos docentes Dimas, de Língua Portuguesa, e Marcílio, professor da disciplina de Informática, e foi ministrada na turma do segundo ano do Ensino Médio. O alto Sertão da Paraíba começava a ter seu nome gravado na história da educação tecnológica do Brasil.

Figura 2 – Aula sobre crônica com uso do computador



Fonte: acervo pessoal do Professor Dimas Andriola (1996).

No fluxo das mudanças e fazendo jus à visão desta grande instituição de ensino, as salas de aulas transcenderam o espaço físico e se transformaram em um grande laboratório, espaços destinados ao dialogismo e à constru-

ção coletiva de conhecimentos. Por este olhar, enquanto no Brasil o conceito de interdisciplinaridade foi introduzido no cenário educacional a partir da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) Nº 5.692/71 e, posteriormente, adquiriu mais força com a nova LDB nº 9.394/96 e a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais, Cajazeiras vivenciava a dinâmica da inter-relação entre as disciplinas curriculares, objetivando a melhoria da qualidade do ensino e o desenvolvimento integral dos discentes. Assim, em 1995, as disciplinas de Língua Portuguesa e Artes unem-se para trabalhar a linguagem em suas múltiplas formas na Turma do Pró-Técnico.

Figura 3 – Aula interdisciplinar: Língua Portuguesa e Artes



Fonte: acervo pessoal do Professor Dimas Andriola (1995).

Figura 4 – Aula interdisciplinar: Seminário “O Realismo” – Língua Portuguesa (Dimas Andriola), História (Luciano Candeia), Sociologia (Ivon) e Artes (Germando Sertão)



Fonte: acervo pessoal do Professor Dimas Andriola (1996).

Ainda em 1996, os docentes envolvidos com o desenvolvimento da linguagem no IFPB, marcam a história do ensino através do desenvolvimento de práticas inovadoras. O letramento literário entra em cena e a literatura sai do campo do tradicional para dar asas à imaginação dos alunos, por meio do esquete, sobre a obra “O Mulato”, de Aluísio de Azevedo, realizado em outubro de 1996, nas disciplinas de Língua Portuguesa e Artes (Figura 5).

Ainda sobre o ensino de Literatura, em entrevista realizada em 2023, as docentes Virgínia Holanda e Maria do Socorro Costa expressaram a imensa paixão pelas atividades desenvolvidas durante as disciplinas ministradas e como estas se tornavam grandes eventos, muito esperados por toda a comunidade escolar.

Figura 5 – Esquete “O Mulato”



Fonte: acervo pessoal do Professor Dimas Andriola (1996).

Ainda no rol do avanço educacional, os eventos começam a ganhar espaço no campo educacional, e a aula invade outros espaços da escola. Neste caminho, começam a ser realizados eventos interdisciplinares, com o intuito de se promover o desenvolvimento de múltiplas competências. Neste limiar, Língua Portuguesa e Artes unem-se, mais uma vez, pela ação dos professores Dimas Andriola, Bebé de Natércio (Francisco Barbosa Sobrinho) e Germando Sertão, para promoverem linguagem artística e cultural, por meio do evento intitulado “Alual Líbero-musical”, realizado em setembro de 1998.

Figura 6 – Alual Líbero-musical



Fonte: acervo pessoal do Professor Dimas Andriola (1998).

Neste contexto, a literatura foi imortalizada pelas práticas da professora Virgínia Holanda, para a qual “A leitura, todos sabemos, abre um leque de possibilidades tanto para ser desenvolvido pelo professor, como vivido e idealizado pelos alunos, que tanto nos surpreendem. E é nesse instante que nos realizamos, não por nossas experiências e atitudes, mas pela criatividade e capacidade de se interpretar textos antigos e se dialogar

com a atualidade”³⁰. Não foram poucos os momentos de escuta e compartilhamento motivados pela leitura de romances, contos e crônicas de autores brasileiros.

Figura 7 – Dramatização “O Sertanejo” (2016)



Fonte: Acervo pessoal da Profa. Virgínia Holanda (2016).

30 Depoimento apresentado pela professora Virgínia Holanda (02/2024), transcrito *ipsis litteris*, a fim de se manter a fidedignidade de seu registro.

Figura 8 – Encenação dos contos de Machado de Assis



Fonte: Acervo pessoal da Profa. Virgínia Holanda (2016).

Figura 9 – Projeto “Plante uma árvore”



Fonte: acervo pessoal da Professora Socorro Costa (2001).

Além dos registros de atividades internas, o *Campus* Cajazeiras do IFPB ganhou outros espaços na sociedade cajazeirense, como registrados pelas lentes da Professora Socorro Costa, por meio do projeto “Plante uma árvore”, realizado em conjunto com o saudoso professor Ribamar da Silva (*In Memoriam*).

Também teve seu valoroso espaço nesta trajetória o projeto “Histórias, músicas e poesias para alegrar e reavivar a memória dos idosos do abrigo Lucas Zorn” e o recital “Imortalizando os grandes poetas”.

Figura 10 – Recital “Imortalizando os grandes poetas”



Fonte: acervo pessoal da Professora Socorro Costa (2012).

Tantas práticas... inovações... seria impossível descrevê-las neste espaço, mas fica a certeza de que tudo o que aqui foi realizado teve como propósito o crescimento educacional de toda comunidade cajazeirense

e de municípios circunvizinhos. Lançar mão destas memórias é, pois, uma forma de revisitar os fazeres significativos do grupo docente que fundou estas práticas no IFPB Cajazeiras. Assim, na comemoração dos 30 anos, foi necessário fazer o grande encontro entre fundadores e aqueles que logo depois chegaram para continuar este legado. Entender as bases da construção do IFPB Cajazeiras e os direcionamentos do ensino de línguas nos dá uma dimensão da construção histórica da configuração das atuais práticas, as quais passaremos a apresentar.

Novos atores e o ensino das línguas no IFPB Cajazeiras

Dever cumprido, é hora da aposentadoria dos docentes fundadores do ensino de línguas no IFPB Cajazeiras. Entram em cena novos atores, com a chegada dos professores de Língua Portuguesa Sayonara Abrantes de Oliveira Uchôa, Jacinta Ferreira dos Santos Rodrigues, Nayara Araújo Duarte Leitão e Francisco Igor Arraes Alves Rocha. Junto a este grupo, outros docentes participaram da construção da história dos 30 anos do IFPB Cajazeiras, como substitutos: Maria Iridene Batista Barreto, Renalle Meneses Barros e Maria José Almeida.

Na trajetória do Ensino de Língua Portuguesa e Literatura, fazem parte do corpo do ensino médio – técnico e Proeja – as docentes Sayonara Abrantes de Oliveira Uchôa, Jacinta Ferreira dos Santos Rodrigues, Nayara Araújo Duarte Leitão. Em um trabalho, cujo propósito é a formação integral dos alunos e a busca pelo desenvolvimento de estratégias capazes de permitir que o

discente concorra em nível de igualdade com os demais alunos das outras escolas, são executadas atividades fundamentadas numa perspectiva dialógica, pautada na reflexão sobre a sociedade e entrecruzada pela linguagem e através de diversas outras.

Para tanto, além do trabalho curricular, em sala de aula, de modo a cumprir os conteúdos prioritários determinados pelas grades curriculares de cada um dos cursos, há uma preocupação permanente de promover outras atividades que auxiliem os alunos em seu crescimento.

Assim, muitos foram os projetos realizados pelos docentes, ou seja, projetos de ensino como:

- Multissemioses, Ensino e Cidadania nas Aulas de Língua Portuguesa: Práticas de Leitura, Escrita, Análise Linguística e Oralidade à Luz da Abordagem Enunciativo-Discursiva, em parceria com a UFCG (2018-2019);
- Práticas de produções acadêmico-científicas – professores de Língua Portuguesa e de Metodologia Científica (2019);
- Projeto Interdisciplinar: Entrelugar da Poesia no Caos da Pandemia – Professores de Língua Portuguesa, Geografia, Biologia e Informática Básica (2021);
- Argumentação na Redação do Enem (2022); Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo O Futuro 6ª Edição (2019), realizada Pela Professora Irsidene;
- Download Literário (2020); Leitura e produção de textos no ENEM: construindo saberes linguísticos (2020-2024);

- Construção dialógica da prática de produção textual nos cursos técnicos integrados ao Ensino Médio: reflexões sobre avaliação e reescrita de textos com vistas ao desenvolvimento das capacidades de linguagem e a autoria (2022-2023), entre outros tantos realizados.

Compreendendo que a sala de aula é este imenso laboratório social, foram desenvolvidos projetos de pesquisa cujo objetivo fundamental era a promoção da melhoria da qualidade do ensino para alunos com deficiências, como no caso do projeto “Metodologias voltadas ao desenvolvimento da linguagem aplicadas a um paciente com múltiplas deficiências” (2016-2017); um olhar sobre os grupos sociais muitas vezes marginalizados, com os projetos “Identidade e silenciamento: um estudo sobre as personagens femininas nas obras *A Hora da Estrela* e *Perto do Coração Selvagem*” (2023) e “A figura feminina nas obras ‘*Senhora Einstein*’ e ‘*A Hora da Estrela*’: uma análise sobre o silenciamento da voz feminina” (2020).

Além do ensino e da pesquisa, a área de Língua Portuguesa sempre esteve presente na oferta de cursos à comunidade através da Extensão: *Leitura e produção de textos no ENEM: construindo saberes linguísticos* (2016); *Construção dialógica da prática de produção textual nos cursos técnicos integrados ao Ensino Médio: reflexões sobre avaliação e reescrita de textos com vistas ao desenvolvimento das capacidades de linguagem e a autoria* (2014-2015).

As muitas ações realizadas deram origem a publicações científicas em periódicos:

- Experiências Significativas de Leitura e Escrita do Texto Literário do IFPB – Revista Leia Escola (2020);
- Redação do ENEM não é Bicho-papão – Id on Line Rev. Mult. Psicologia (2018);
- Ultrapassando barreiras da paralisia cerebral espástica para o mundo da escrita: relato de experiência – REVELLI- Revista de Educação (2017);
- Letramento Literário no Ensino Médio: Leitores e Escritores na Construção do Saber – Revista DLCV – Editora UFPB (2017);
- O ensino da argumentação na redação do Enem para discentes do 2º ano do Ensino Médio: um relato de experiência (2023) – CONEDU;
- Desafios e perspectivas no ensino da monitoria de língua portuguesa para um aluno com NEE: um relato de experiência (2023) – CONEDU;
- Questões identitárias das personagens femininas nas obras “A hora da estrela” e “Perto do coração selvagem” (2023) – CONEDU;
- Entrelugar da poesia no caos da pandemia – Editora IFPB (2024).

Enfim, passado e presente se entrecruzam na perspectiva de se promover uma educação pautada na tríade ensino-pesquisa-extensão e, por tal, na formação integral dos alunos, proporcionando igualdade de oportunidades de aprendizagens e de concorrência no mundo do trabalho. Todas as ações realizadas pelo grupo docente envolvido com a Língua Portuguesa estiveram volta-

das para o aprimoramento de competências e a ressignificação de um ensino público e de qualidade para todos.

Línguas Adicionais

Em um contexto de globalização, outros docentes, das mais diversas línguas, passaram pelo *Campus* e deixaram suas marcas de contribuição ao desenvolvimento educacional. Assim, como disciplina regular, a partir da publicação do Projeto de Lei nº 3.987, de 2000, que previu a implantação gradativa do ensino de Espanhol no Ensino Médio, entraram em cena as professoras Larissa Pinheiro Xavier e Luzia Menacho.

A professora Larissa lecionou no IFPB, *Campus* Cajazeiras, de 2014 a 2018 e deixou grandes contribuições. Além de ministrar aulas nas turmas do Integrado, Subsequente e nos cursos de extensão para alunos, servidores e comunidade externa, encabeçou a criação do grupo de pesquisa Ensino e Aprendizagem de Línguas (GRENAL), com o objetivo de proporcionar aos profissionais da área das Humanas e, mais especificamente, da área de Letras, um momento de dialogar e refletir sobre o atual cenário das línguas no contexto de ensino e aprendizagem. Em depoimento, a docente deixa clara a sua gratidão a todos os que fazem parte da instituição, em especial à gestão da época.

A partir da criação do GRENAL, foram promovidos dois grandes eventos: I Simpósio de Línguas do IFPB (SILIF, 2018) e, mesmo depois de sua saída, porém com a organização do grupo, o II Simpósio de Línguas do IFPB (2020). Ao todo, os dois eventos mobilizaram mais de

3.000 pessoas para a discussão acerca dos caminhos do ensino de línguas viabilizada por palestras, grupos de trabalho, além da publicação de anais e oito *e-books* com os principais trabalhos apresentados pelos participantes do Brasil e do exterior.

Outras contribuições merecem destaque neste rol de boas práticas, visto que, por aqui passaram grandes nomes. Assim, o professor Luiz Romeu Nunes promoveu o Curso de Extensão em Língua e Cultura Japonesa, nos níveis básico e avançado, durante cinco semestres consecutivos. O francês ganhou espaço através de um curso de extensão ministrado pela professora Erika Spencer; o alemão, pelo Curso de Extensão em Língua e Cultura Alemã, no nível básico, que foi destaque com o professor Adriano Marques. A Libras fez parte da história das línguas do *Campus*, tanto como disciplina ofertada aos alunos dos cursos de nível médio e superior como através de cursos básicos de Braille e Língua Brasileira de Sinais (Libras), ofertados pelos professores Charridy Max Fontes Pinto e Bruno Veloso de Farias Ribeiro.

Como disciplina eletiva, o ensino de língua inglesa também faz parte da preparação do filho do sertanejo para a vida. Inicialmente, pela ação dos professores que deram início às ações. A primeira professora de inglês foi Mariberte (substituta). Depois, tivemos Ivana e Edilene. Na segunda geração, as professoras Kaline Brasil Pereira Nascimento e Liane Velloso Leitão (idealizadora do @IFPBnaveia) deixaram sua marca pela implementação de diversos projetos de extensão e atuação intensa nas atividades cotidianas. Neste rol, não se poderia deixar de registrar a passagem da professora Waléria Araújo

que, como substituta, participou ativamente da formação dos alunos e deixou seu registro nesta instituição.

Em seguida, e atuais docentes, a professora Daniela Miguel de Souza Morais e o professor Fernando Coutinho Van Woensel participam ativamente de atividades de ensino e extensão, além da atuação permanente na formação dos educandos para participação em seleções como ENEM e em projetos, a exemplo do “*English through Toronto*” (Curso de imersão para estudantes do ensino técnico integrado de nível médio), em parceria com a ILSC (*International Language School of Canada*), que levou os dois alunos do *Campus Cajazeiras* ao Canadá para que tivessem a oportunidade de vivenciar experiências de difícil acesso ou totalmente diferentes das realidades de onde vieram, amadurecendo e estreitando laços internacionais por meio da imersão na língua inglesa.

Por fim, muitas foram as experiências e contribuições de cada um dos atores que ajudaram na construção do *Campus Cajazeiras* nestes 30 anos. Cada um que passou nesta casa de educação, ciência e tecnologia deixou marcas de um trabalho alicerçado em valores e buscas por uma educação para todo o povo nordestino.

Considerações Finais (reencontro das informações)

Escrever sobre uma trajetória de sucesso, tal como é a história do ensino de Línguas no IFPB – *Campus Cajazeiras*, considerando um recorte de 30 anos, não é tarefa fácil. Certamente, não caberiam aqui todos os feitos,

ações, práticas, iniciativas, premiações, publicações, mas este capítulo é um registro (ainda que limitado) comemorativo e inspirador, assim como é o IFPB – *Campus Cajazeiras*. Todas as ações apontadas aqui (e tantas outras) têm servido para impactar a vida de alunos e servidores, proporcionando a construção não apenas de profissionais de excelência mas também de cidadãos.

Fazer parte desta história do Ensino de Línguas é uma possibilidade de experienciar, a cada dia, um novo horizonte de saberes, contextos e reflexões sobre o mundo e sobre a vida, conectando cada aluno, cada professor, cada ser que integra o *Campus* a outras áreas e realidades.

Esta narrativa, portanto, é apenas o começo de tantas outras que ainda estão por vir, uma imersão do que vivemos no passado, uma aprendizagem sobre o que construímos no presente e a esperança/expectativa do que escreveremos nas próximas páginas desta história inovadora que tem como título IFPB – *Campus Cajazeiras*.

REFERÊNCIAS

GERALDI, João Wanderley (org.). **O texto em sala de aula**. São Paulo: Ática, 2006.

MENEZES, V. Tecnologias digitais no ensino de línguas: passado, presente e futuro. **Revista da ABRALIN**, [S. l.], v. 18, n. 1, 2019. DOI: 10.25189/rabralin.v18i1.1323. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1323>. Acesso em: 15 fev. 2024.

CAPÍTULO 14

Educação Física no IFPB – Campus Cajazeiras: adversidades e potencialidades durante a pandemia de COVID-19 até os dias atuais

Thais Norberta Bezerra de Moura

Educação Física Escolar: história e legitimidade

Quando olhamos despreocupadamente o *Campus* Cajazeiras, do IFPB, do lado de fora de seus muros e jardins acolhedores, não conseguimos visualizar, de imediato, quanta vida evolui lá dentro. No momento em que esse olhar se torna mais cuidadoso, mais apurado, entramos no caleidoscópio do tempo e vemos que, já são 30 anos de muita produção, conflitos, pelepas e, principalmente, sucessos. Não fosse isso, não estaríamos agora comemorando essa data tão importante para a comunidade interna, local, regional.

Nesses 30 anos, debruçamos nossa atenção para a formação de nossos jovens estudantes, buscando lhes oferecer o que tivéssemos de melhor, a fim de que pudessem (e possam) se firmar como cidadãos, excelentes profissionais e, especialmente, pessoas felizes. Nesse

exercício, além de oferecermos conhecimento propedêutico, nas várias áreas de formação – humanas e tecnológicas –, também nos preocupamos com as atividades físicas que, não por acaso, são de assaz importância para essa constituição cidadã que neste *Campus* privilegiamos. Assim, será tratado neste capítulo, da presença já consolidada das atividades de Educação Física no cotidiano didático-profissional.

As questões legislativas e pedagógicas são de suma importância enquanto norma do ensino desenvolvido nas escolas. Em referência às Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), desde sua primeira implementação, divulgada em 1961, a presença da Educação Física é obrigatória nos currículos escolares, desdobra-se por diferentes identidades, que se alteram, ao passo que concepções epistemológicas e pedagógicas, além de interesses políticos e econômicos, postulam diferentes ênfases para seu ensino, além de seu posicionamento na organização curricular (Machado *et al.*, 2020).

Vale destacar que a Educação Física tem um papel de suma importância na educação escolar, uma vez que, por meio de experiências motoras como lutas, jogos, esportes e danças, preconiza a apropriação crítica e cultural de seus conteúdos para a formação humana, proporcionando o desenvolvimento integral de seus discentes, de forma democrática e não seletiva (Brasil, 2001).

Kunz (2001) acredita que a referida disciplina importância é primordial para o desenvolvimento político e social, sendo inerente a toda ação pedagógica, cuja especificidade prática poderá ser transformada em tarefas, também pedagógicas, desejáveis.

Fazendo um percurso histórico, na LDB 4024/1961, a disciplina de Educação Física teve sua obrigatoriedade estendida a todos os níveis e modalidades de ensino, com predominância esportiva³¹ na Educação Superior. Já, na década de 1970, a LDB 5.692/1971 (Brasil, 1971a) e o Decreto 69450/1971 (Brasil, 1971b) determinam, respectivamente, a integração ao currículo como atividade escolar regular e a aptidão física como referência para o planejamento, controle e avaliação. Algum tempo depois, a LDB 9394/1996 (Brasil, 1996) estabelece que a Educação Física deve ser componente curricular obrigatório da Educação Básica, integrada à proposta pedagógica da escola. Tal versão da LDB, a partir da Lei 13.415/2017 (Brasil, 2017), diante de uma reforma curricular para o Ensino Médio, estabelece que esse nível de escolaridade, a partir da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), contemplará, de maneira obrigatória, estudos e práticas de Educação Física, Arte, Sociologia e Filosofia.

A BNCC (Brasil, 2017) é o documento oficial mais recente de orientação às instituições de ensino a desenvolverem seus currículos, conteúdos e projetos de trabalho. O referido documento indica que a Educação Física deve proporcionar aos discentes do Ensino Médio o desenvolvimento da capacidade de reflexão, leitura e produção de cultura corporal, a partir das práticas em aulas como jogos, brincadeiras, esportes e atividades corporais.

Ressalta-se que algumas escolas, infelizmente, desconsideram a importância da cultura corporal como

31 A Educação Física desenvolve, atualmente, vários conteúdos que vão além do esporte, como a dança, luta, ginástica, lazer, entre outros. Inicialmente, no entanto, a ênfase era somente nas práticas de esporte.

elemento da formação básica de seus estudantes ao pressupor, erroneamente, que o fazer corporal é desprovido de reflexões teórico-conceituais. O esporte, por exemplo, não é visto como um fenômeno sociocultural, com implicações políticas e econômicas e diferentes formas de apropriação em diferentes culturas no decorrer da história, e sim como um conjunto de técnicas corporais produzidas pelo movimento e com repercussões na esfera biológica do corpo (Furtado; Borges, 2020).

Os autores supracitados ainda afirmam que uma Educação Física escolarizada necessita de que a escola tenha um espaço/tempo de diálogo e construções coletivas, com abertura para as condições de proposições, oportunidades de argumentação e decisões democráticas, viabilizando que o proposto na BNCC não se consolide como hierarquização de saberes, disciplinas ou áreas.

Atualmente, a Educação Física, em que pesem as questões legislativas e pedagógicas que a constituem, é um componente curricular que objetiva o trabalho das múltiplas práticas corporais, balizadas por seus aspectos históricos, sociais e culturais (Machado *et al.*, 2020). Ademais, a disciplina se apresenta como um componente curricular singular, pelo fato de promover diretamente as várias linguagens do movimento humano bem como a saúde, por meio do ensino de estilo de vida ativo e saudável, além de desenvolver os aspectos motores, cognitivos, afetivos e sociais (Coelho; Xavier; Marques, 2020).

Impactos da pandemia de COVID-19 na Educação Física Escolar: desafios e enfrentamentos

A pandemia de Covid-19 e a crise sanitária dela decorrentes ocasionaram o fechamento de escolas em todo o mundo, impactando mais de 44 milhões de estudantes da Educação Básica no Brasil (UNESCO, 2020), assim, as escolas criaram estratégias para minimizar as consequências da suspensão de aulas presenciais e promover a continuidade do ensino de forma remota.

Ao longo da pandemia, a mídia mostrou o esforço de docentes e estudantes de escolas públicas para continuar suas atividades durante o ensino remoto emergencial. Tal situação não só demonstra as mazelas da desigualdade social no nosso país como também aponta o engajamento social de professores, alunos e suas famílias na busca pela educação (Godoi *et al.*, 2021).

Tendo em vista que a Educação Física é um componente curricular marcadamente identificado pelo saber fazer, pelas vivências e experimentações corporais (Anversa *et al.*, 2017; Lazzarotti Filho *et al.*, 2015), a disciplina teve um novo desafio, que foi ensinar a cultura corporal de movimento para adolescentes, mediada pelas tecnologias.

Destaca-se a importância das práticas corporais no processo educativo, devido a suas possibilidades de leitura do mundo, pois, por meio delas, os adolescentes podem retratar o mundo em que vivem bem como produzir e reproduzir seus valores, crenças, sentimentos, conceitos e preconceitos, além de construir seu

lugar de fala na dinâmica cultural e social (Coelho; Xavier; Marques, 2020).

Como não se havia trabalhado com o ensino remoto, os sentimentos de ansiedade e necessidade de superação vieram à tona, pois além das atividades, vivenciávamos o medo do desconhecido, com a pandemia.

Outro desafio enfrentado foi a falta de equipamentos e/ou conectividade dos estudantes, além de sua resistência em ligar a câmera durante as aulas online, fosse por inibição do seu corpo ou receio quanto ao ambiente em que viviam, dificultando a avaliação de suas atividades e gerando dúvidas sobre a presença desses estudantes nas aulas virtuais.

A escolha de atividades também foi um desafio, o que também foi apontado por Godoi, Kawashima e Gomes (2020) quando afirmam que, nas aulas presenciais da disciplina, são realizadas práticas corporais que, geralmente, são atividades coletivas, como os esportes, lutas e danças, enquanto no ensino remoto não era possível a interação corporal, assim, foi necessário encontrar atividades que os alunos conseguissem realizar individualmente ou, quando muito, interagindo com algum membro da família.

A falta de um cenário adequado para a prática e a não interação nas práticas individualizadas nas aulas remotas podem ser entendidas como um dos motivos da desmotivação dos discentes, provocando a evasão das aulas remotas da disciplina (Coelho; Xavier; Marques, 2020).

Compreendem-se, assim, as mudanças enfrentadas pela disciplina quando o trabalho em conjunto foi

substituído pelo trabalho individual. O contato docente e discente foi substituído pelas telas dos computadores e/ou celulares. A voz do professor, pela leitura solitária dos textos. O jogo, o esporte, a brincadeira, por gestos isolados. O barulho da turma foi substituído pelos microfones desligados. A correria da escola perdeu espaço para as câmeras fechadas, e o espaço da escola foi substituído pelo espaço da casa (Machado *et al.*, 2020).

Os desafios apontados corroboram a pesquisa realizada pelo Instituto Península (2020), que, entre outros resultados, constatou que os principais desafios para os docentes no ensino remoto foram: a falta de equipamentos e conectividade dos alunos (79%), manter o engajamento dos alunos (64%), o distanciamento e perda de vínculo com os alunos (54%) e a falta de formação para lidar com o ensino remoto emergencial (49%).

Segundo a Agência Brasil (2020), um em cada quatro brasileiros não tem acesso à internet. Dos que têm acesso, 85% usam a internet apenas pelo celular e com planos limitados. Além disso, as antenas de celular devem enviar sinais para 1.500 dispositivos, tornando o sinal fraco.

Para superar as adversidades do momento, foi necessário tentar promover atividades práticas, como forma de compensar o desgaste ocasionado pelo confinamento e aulas remotas bem como motivar os discentes fazendo-se uso de uma abordagem mais dialógica e empática, conversando sobre como se sentiam no momento.

Como aprendizagem neste período de pandemia e a aplicação do ensino remoto podemos citar o conhecimento para utilização de tecnologias digitais da

informação e comunicação (TDICs) como ferramenta de trabalho, que continuam sendo utilizadas até os dias atuais, a exemplo do Google Sala de Aula, bem como a reflexão sobre a prática docente, despertando maior atenção para a necessidade de empatia e resiliência, aspectos indispensáveis não só em situações de crise mas também na rotina de qualquer ambiente social.

Com resultados semelhantes, pesquisa do Instituto Península (2020) revelou que os professores mudaram a percepção que têm da importância do uso das TDICs no processo de ensino-aprendizagem – antes da pandemia era de 57% e passou para 94% depois da pandemia.

Práticas e projetos da Educação Física no IFPB Campus Cajazeiras

O projeto de extensão de dança do ventre, intitulado “belly divas”, surgiu a partir da necessidade de melhoria do bem-estar físico, mental e social, especialmente após os dois anos de pandemia de Covid-19, quando esses aspectos foram bastante afetados devido ao isolamento social, e se mantém até então.

Esse projeto objetivou melhoria da saúde física, mental e social de suas/seus participantes, além de trazer uma cultura do outro lado do mundo, favorecendo as conexões humanas e a aproximação de fronteiras. A ideia, nesse contexto, foi também de proporcionar momentos de estranhamento e conexão, problematizando questões como a percepção da identidade e da diferença – considerando-se, conforme Silva (2000, p. 76), “a diferença como ponto de partida”.

Todos estes aspectos podem ser trabalhados por meio do ensino da dança do ventre, pois envolve aspectos culturais que vão desde a história contada no movimento, a música, enfim, um universo a ser descoberto, olhado, experimentado (Rizzoto, 2022).

As aulas de dança do ventre acontecem em uma sala de aula do *Campus* Cajazeiras, uma vez por semana, com duração de uma hora e meia, envolvendo alongamento, ensino dos movimentos básicos da dança, criação de coreografias e relaxamento. O projeto é ministrado e coordenado pela professora de Educação Física, desse mesmo *Campus*, que tem experiência com a dança do ventre há mais de 10 anos.

O projeto teve sua primeira edição em 2022 e contou com a participação de mulheres e homens, membros externos e internos. Vale ressaltar que, apesar da tradição da origem da dança do ventre ser destinada para o sexo feminino, também vem sendo praticada por pessoas do sexo masculino (Santos; Camargo, 2018).

Um detalhe que merece ser citado sobre este projeto é que, após finalização de cada edição, aplica-se um questionário final, com o objetivo de avaliar se houve melhorias referentes ao bem-estar físico, mental e social. Os primeiros resultados mostraram relatos de melhoria da saúde física, como estabilização da pressão arterial e melhoria da flexibilidade.

Quanto aos benefícios nos aspectos psicológicos, foram relatados: melhoria do sono, redução do estresse, sensações de alegria, disposição, leveza e confiança bem como melhoria da autoestima, que é protetiva e promove saúde, felicidade e empoderamento.

Rodrigues, Pereira e Silva (2020) observaram, em seu estudo, que as praticantes de dança do ventre sentem mais disposição e facilidade em seus afazeres diários; os estudos também constataram que a improvisação de apresentações de dança favorece a capacidade de raciocínio rápido, viabilizando mudanças em suas vidas para além da dança, já que sentir-se bem e ter agilidade no pensamento as capacita a resolver os problemas do dia a dia com mais facilidade.

Por ser uma atividade artística, a dança desenvolve a “sensibilidade, a imaginação, a criatividade e a comunicação humanas” (Stokoe; Harf, 2015, p. 17). As autoras ainda afirmam que a expressão corporal é uma “linguagem por meio da qual o indivíduo pode sentir-se, perceber-se, conhecer-se e manifestar-se”, e isso tudo dentro de um universo totalmente diferente, de uma cultura vinda do outro lado do mundo – o que é extremamente interessante, desafiador, instigante e surpreendente.

Ademais, no que diz respeito aos aspectos sociais, houve relato de construção de uma rede de apoio entre as/os participantes e a ministrante do projeto, assim, a dança não se limita a uma prática que se justifique apenas por seus objetivos finais, pois ela se manifesta em uma dimensão maior, existencial e presente. E, por ser um forte canal de comunicação e interação com o mundo, a individualidade de cada pessoa que dança se expressa e se (re)cria, em um processo de constante mudança (Baptista, 2018).

Também no ano de 2022, com o retorno das atividades presenciais, os Jogos dos Institutos Federais (JIFs) voltaram a acontecer, em etapa única. Houve al-

gumas dificuldades – devido a uma nova realidade, fruto de dois anos de atividades remotas –, como a falta de tempo hábil para conhecer os/as estudantes com habilidades para os esportes oferecidos nos jogos, bem como para seu treinamento.

O *Campus* Cajazeiras contou com a participação de atletas nas modalidades futsal, vôlei e xadrez. Ao final da competição, o time de vôlei e um dos atletas de xadrez logrou a segunda colocação, fazendo com que este último participasse da etapa nacional dos jogos.

No ano seguinte, conhecendo melhor os/as estudantes e com aumento no interesse de muitos deles de participarem dos JIFs, deu-se início aos projetos de ensino de vôlei de quadra e de areia, contando com a participação de atletas do sexo feminino e masculino em ambas as modalidades.

Destaca-se que a prática esportiva é atribuída à promoção de saúde, aumento da expectativa de vida e está diretamente associada à melhoria do desempenho psicomotor. Diferentes modalidades de atividade física têm se apresentado relevantes na construção de uma vida mais saudável, devido ao aprimoramento do sistema motor (Portal, 2012).

Segundo Scatula, Flores e Pesca (2022), o voleibol contribui não só para a formação de cidadãos, enfoque na ética, chamando a atenção para valores morais inerentes ao esporte (liderança, companheirismo, respeito, honestidade e integridade), como também para intensificar estímulos biológicos, motores e biomecânicos.

Ainda sobre o vôlei, vale destacar o vôlei de areia, cuja prática traz muitos benefícios aos atletas, pois in-

fluencia no desenvolvimento saudável, estimulando hábitos saudáveis de vida, alertando para o bom senso, o que favorece a redução de probabilidade de aparecimento de doenças, ainda contribuindo para a formação física e psíquica. Esse tipo de esporte desenvolve e melhora as relações entre as pessoas, de forma a se conviver harmonicamente, principalmente por promover trabalho em equipe (Oliveira, 2021).

Os projetos de ensino de vôlei de quadra e de areia tiveram como objetivo oportunizar aos participantes acesso ao seu aperfeiçoamento nessas modalidades, bem como sua formação física multilateral, por meio de atividades diversificadas, pautadas pelos meios e métodos científicos adequados bem como respeitando seus caracteres biológicos e morfológicos.

Vale destacar que, em 2023, os JIFs voltaram a acontecer em formato Inter-regional, com competições acontecendo em três etapas chamadas de Borborema, Sertão e Litoral, além da Etapa Final, quando os competidores finalistas das Etapas Regionais se enfrentam.

A etapa Sertão aconteceu no *Campus* Cajazeiras, e os times de vôlei de quadra masculino e feminino ficaram em 1º lugar. Na etapa final, os dois times alcançaram o 2º lugar, bem como a dupla de vôlei de areia feminina, observando-se, assim, que os projetos estão alcançando resultados positivos. Destaca-se que, após a realização da etapa Sertão no *Campus*, houve um aumento significativo no interesse de estudantes em participarem dos projetos.

Se, dentro desses 30 anos com nossas atividades interrompidas por uma pandemia global, fizemos história com nossa equipe de professores e atletas, es-

tamos certos de que estamos prontos para mais décadas de desafios e conquistas.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. **Um em cada 4 brasileiros não tem acesso à Internet.** 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-04/um-em-cada-quatro-brasileiros-nao-tem-acesso-internet>. Acesso em: 14 dez. 2023.

BAPTISTA, T. S. **A dança do ventre: movimento e expressão.** 2018. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação Física) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

BRASIL. **Lei nº 5.692** de 11 de agosto de 1971. Fixa as Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Brasília, 1971a. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 15 dez. 2023.

BRASIL. **Decreto 69.450** de 1º de novembro de 1971. Brasília, 1971b. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d69450.htm. Acesso em: 15 dez. 2023.

BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Presidência da República, 1996.

BRASIL. **Lei nº 13.415**, de 16 de fevereiro de 2017. Brasília: Presidência da República, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física/Secretaria da Educação Fundamental.** Brasília: MEC/SEF, 3. Ed., 2001.

COELHO, C. G.; XAVIER, F. V. F.; MARQUES, A. C. G. Educação física escolar em tempos de pandemia da covid-19: a participação dos alunos de ensino médio no ensino remoto. **Intercontinental Journal on Physical Education**, v. 2, n. 3, 2020.

FURTADO, R. S.; BORGES, C. N. F. EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, LEGITIMIDADE E ESCOLARIZAÇÃO. **Revista Humanidades e Inovação**. V. 7, n. 10, 2020.

INSTITUTO PENÍNSULA. **Relatório de pesquisa**: sentimento e percepção dos professores brasileiros nos diferentes estágios do corona vírus no Brasil. Estágio controlado – agosto de 2020. São Paulo: Instituto Península, 2020. Disponível em: https://institutopeninsula.org.br/wp-content/uploads/2020/08/Sentimentos_-fase-3.pdf; Acesso em: 14 dez. 2023.

GODOI, M. *et al.* As práticas do ensino remoto emergencial de educação física em escolas públicas durante a pandemia de covid-19: reinvenção e desigualdade. **Revista Prática Docente**, Mato Grosso, v. 6, n. 1, e012, jan./abr. 2021.

GODOI, M.; KAWASHIMA, L. B.; GOMES, L. A. “Temos que nos reinventar”: os professores e o ensino da educação física durante a pandemia de COVID-19. **Dialogia**, São Paulo, n. 36, p. 86-101, set./dez. 2020.

KUNZ, E. **Educação Física**: ensino e mudanças. Coleção Educação Física, 2. Ed. Ijuí: Unijuí Ed. 2001. 208 p.

MACHADO, R. B. *et al.* Educação Física escolar em tempos de distanciamento social: panorama, desafios e enfrentamentos curriculares. **Movimento**, v. 26, e26081, 2020.

OLIVEIRA, W. S. **Aplicação das técnicas do vôlei de praia no município de Marataízes – ES – considerações acerca da influência climática**. 2021. 90f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ciência Tecnologia e Educação) – Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus – ES, 2021.

PORTAL, M. N. D. **Avaliação dos efeitos de duas metodologias de formação esportiva em distintos níveis de maturação biológica sobre as qualidades físicas de meninos de 10 a 13 anos.** Tese (Doutorado em Ciências do Desporto) – Universidade Estadual Paulista. 2012.

RIZZOTTO, M. **O ensino das danças folclóricas árabes como caminho para uma educação multicultural crítica.** 2022. 57 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2022.

RODRIGUES, P. C.; PEREIRA, J. L. S.; SILVA, N. C. O. V. Percepção das praticantes sobre os benefícios físicos e psicológicos da dança do ventre. Horizontes – **Revista de Educação**, Dourados-MS, v. 8, n. 15, p. 265-278, 2020.

SCATULA, V. O.; FLORES, Z. G. M.; PESCA, A. D. **As contribuições do voleibol na personalidade de seus praticantes:** um estudo de caso. A interdisciplinaridade e os desafios contemporâneos – v. 2. Editora Epitaya. Rio de Janeiro. 2022.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença:** a Perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. P. 73-77.

STOKOE, P.; HARF, R. **Expressão corporal na pré-escola.** 2015. Summus Editorial.

UNESCO. **Impacto da COVID-19 na educação.** 2020. Disponível em: <http://pt.unesco.org/covid19/educationreponse>. Acesso em: 13 dez. 2023.

CAPÍTULO 15**NASMO: O Núcleo de Apoio aos Serviços Médicos e Odontológicos em seu contexto**

Kleber Afonso de Carvalho

O Núcleo de Apoio aos Serviços Médicos e Odontológicos (NASMO) tem a função social de promoção, proteção e recuperação da saúde, em baixo nível de densidade tecnológica, para os discentes do IFPB, *Campus* Cajazeiras. O Serviço de Saúde dispõe de uma equipe multidisciplinar, composta por médico, enfermeiro(a), técnicos(as) em enfermagem, odontólogo e técnicos(as) administrativos(as). Sua edificação está localizada na entrada principal do *Campus*, ao lado da Coordenação de Controle Acadêmico (CCA), em um espaço que permite o livre acesso de toda a comunidade acadêmica. Por estar inserido em uma instituição de ensino como mais um serviço da Assistência Estudantil, como preza a estrutura organizacional do IFPB, o Serviço de Saúde faz parte do processo educativo, contribuindo com a formação integral do educando e colaborando na busca por igualdade de condições de aprendizado do discente, favorecendo sua permanência na instituição, contribuindo, assim, para a conclusão do curso.

Por compreender a necessidade de cuidados básicos em saúde de todo ser humano e considerando a importância e a magnitude do trabalho desenvolvido por servidores e funcionários terceirizados, no âmbito das dependências deste *Campus*, o Serviço de Saúde também presta assistência de urgência e emergência a todos os trabalhadores do IFPB *Campus* Cajazeiras, estes também podem ser inseridos nas ações de prevenção a agravos em saúde, promoção e proteção à saúde, quando pertinente.

Equipe Multiprofissional do NASMO

A equipe do Serviço de Saúde deste *Campus* é formada pelos seguintes profissionais:

- Kleber Afonso de Carvalho – Técnico em Enfermagem e Coordenador deste setor;
- Joaci do Nascimento Pereira – Auxiliar em Enfermagem
- Valdemônica Paulo Medeiros – Auxiliar em Enfermagem
- Milene da Silva Figueredo Santos³² – Auxiliar em Enfermagem
- Francisca Leneide Gonçalves Pereira – Técnica em Assuntos Educacionais
- Maria Nilza de Sousa – Assistente em Administração
- Valmir Braga de Aquino Mendonça – Odontólogo
- Paulo Gonçalves dos Santos – Médico

Enfermagem, atuação e desafios

O NASMO desempenha um papel crucial na promoção da saúde e no bem-estar dos discentes. Dentro desse contexto, a enfermagem é fundamental, pois disponibiliza cuidados holísticos, coordenando as atividades de saúde neste Núcleo. Assim, este capítulo propõe explorar a atuação deste Setor bem como os desafios enfrentados por seus profissionais.

Atuação da enfermagem

A equipe de enfermagem no NASMO desempenha uma variedade de funções essenciais, para garantir a eficácia dos serviços de saúde oferecidos aos discentes. Isso inclui:

- **Triagem e avaliação:** A equipe de enfermagem é responsável pela triagem inicial dos alunos que buscam assistência no Setor. Ela avalia os sintomas, histórico médico e necessidades imediatas dos pacientes, encaminhando-os para os profissionais de saúde apropriados, quando necessário.
- **Administração de cuidados:** Os servidores do NASMO oferecem cuidados diretos aos alunos, incluindo administração de medicamentos, curativos, monitoramento de sinais vitais e outras intervenções, conforme prescrição médica.
- **Educação em saúde:** A equipe de enfermagem também atua na educação sobre questões relativas à

saúde do estudante, fornecendo informações sobre prevenção de doenças, promoção da saúde, higiene pessoal e outros tópicos relevantes.

Desafios enfrentados pela Enfermagem:

- **Conscientização e adesão dos alunos:** Alguns alunos ainda não estão totalmente conscientes ou bem informados dos serviços oferecidos por este Núcleo de Apoio, situação que precisa ser corrigida, pois, sem tais informações, os estudantes deixam de buscar assistência médica ou odontológica, se precisarem. Além disso, a divulgação do setor facilita a adesão às recomendações de tratamento e prevenção, o que hoje é um desafio, especialmente entre os alunos mais jovens.

Apesar de dificuldades enfrentadas na rotina do setor, a enfermagem tem atuado efetivamente, garantindo que os alunos recebam os cuidados de saúde de que precisam, contribuindo para que estes prosperem acadêmica e pessoalmente. Ao enfrentar os desafios com resiliência e comprometimento, a equipe de enfermagem continua a ser uma parte indispensável da equipe de saúde do referido setor, trabalhando para promover o bem-estar da comunidade estudantil.

Medicina e Saúde do Discente

No Núcleo de Apoio aos Serviços Médicos e Odontológicos (NASMO) do Instituto Federal da Paraíba (IFPB), *Campus* Cajazeiras, a medicina e saúde do discente são aspectos fundamentais para garantir o seu bem-estar. Unidos para assegurar o bem estar físico, mental e emocional da comunidade do *Campus* Cajazeiras, este Núcleo conta com profissionais comprometidos e competentes em suas áreas específicas de atuação e cujas contribuições discorreremos a seguir.

A contribuição do médico Dr. Paulo Gonçalves dos Santos

Proporcionando acesso a cuidados médicos de qualidade, o Dr. Paulo Gonçalves, especialista em Urologia e Medicina do Trabalho investe seu tempo, habilitação e profissionalismo em:

- **Avaliação da Saúde:** a fim de identificar problemas médicos existentes ou potenciais entre os alunos, o médico orienta e solicita exames físicos, revisa históricos médicos e oferece aconselhamento individualizado.
- **Prevenção de Doenças:** Além de tratar problemas de saúde, o Dr. Paulo Gonçalves enfatiza a prevenção de doenças, por meio de educação em saúde, vacinação e promoção de hábitos saudáveis, como dieta equilibrada e exercícios regulares.

- **Gestão de Condições Crônicas:** Para alunos com condições médicas crônicas, como diabetes, asma ou hipertensão, o Dr. Paulo Gonçalves, em conjunto com a enfermagem, fornece acompanhamento regular e gestão de suas condições, para garantir que esses estudantes possam continuar suas atividades acadêmicas com segurança.
- **Cuidado Personalizado:** O Dr. Paulo Gonçalves presta cuidados médicos personalizados, levando em consideração as necessidades individuais de cada usuário. Ele estabelece uma relação de confiança com os alunos, professores, técnicos administrativos e terceirizados, o que os incentiva a buscar ajuda médica quando necessário.
- **Educação em Saúde:** A comunidade do *Campus* também é beneficiada pelo vasto conhecimento do médico, promovido por sua constante atualização, uma vez que este participa de palestras, workshops e campanhas de conscientização realizadas pelo NASMO, para promover hábitos saudáveis e prevenir doenças, ou mesmo seu tratamento antes de agravo maior.

A contribuição do Dr. Paulo Gonçalves para a medicina e saúde dos usuários do NASMO IFPB é inestimável. Sua dedicação, expertise médica e cuidado personalizado desempenham um papel vital no bem-estar dos alunos e na criação de um ambiente acadêmico saudável e seguro. Graças ao seu compromisso com a promoção da saúde, os discentes, professores, técnicos administrativos e terceirizados do *Campus* Cajazeiras têm acesso a

cuidados médicos de qualidade que os capacitam a alcançar seu pleno potencial acadêmico e pessoal.

Saúde Bucal no NASMO: Dr. Valmir Braga, Odontólogo

A saúde bucal é um dos fatores mais importantes quando se fala de bem-estar geral das pessoas. O Núcleo de Apoio aos Serviços Médicos e Odontológicos, sob a liderança do Dr. Valmir Braga, odontólogo do Instituto, atua com primazia, realizando várias atividades as quais apresentamos logo a seguir.

- **Atendimento odontológico:** O NASMO oferece uma variedade de serviços odontológicos para seus usuários. Isso inclui consultas de rotina, limpezas, restaurações, tratamento de cáries, aplicação de flúor, encaminhamentos para outros órgãos externos, se necessário para demais procedimentos que mantenham a saúde bucal dos usuários do núcleo.
- **Prevenção de doenças bucais:** Além de tratamentos diversos, o odontólogo, Dr. Valmir Braga, enfatiza a importância da prevenção de doenças bucais. Durante o atendimento, ele reforça os bons hábitos de higiene bucal, dieta saudável e prevenção de cáries e doenças periodontais.

Desafios Enfrentados:

- **Acesso limitado a recursos:** o Núcleo ainda não dispõe de equipamentos especializados, a exemplo do RX odontológico e outros materiais de uso permanente e de consumo. Isso pode limitar a gama de serviços que podem ser oferecidos à comunidade acadêmica.
- **Conscientização sobre saúde bucal:** A conscientização dos alunos sobre a importância da saúde bucal pode ser um desafio. O Dr. Valmir Braga orienta os usuários do NASMO sobre a importância da higiene bucal e dos cuidados preventivos. A adesão a essas práticas pode, no entanto, variar, pois depende mais do indivíduo do que do profissional que o orienta.
- **Alta demanda por serviços odontológicos:** A demanda por serviços odontológicos tende a ser alta, especialmente durante determinados períodos do ano acadêmico. Isso pode levar a tempos de espera mais longos para consultas e tratamentos, exigindo uma gestão eficiente do fluxo de pacientes.

O trabalho do Dr. Valmir Braga no NASMO se concentra na promoção da saúde bucal dos alunos, professores, técnicos administrativos e terceirizados do IFPB. Ao oferecer serviços odontológicos de qualidade, enfatizando a prevenção de doenças bucais e garantindo atendimento de emergência, quando e se necessário, a equipe do setor contribui significativamente para o bem-estar geral de todos. Apesar dos desafios enfrentados, o compromisso do odontólogo e do NASMO com a saúde bucal

dos alunos demonstra um comprometimento inabalável com a excelência no cuidado odontológico.

Plantão de escuta psicológica UNIFSM: uma parceria de sucesso com o NASMO

O bem-estar psicológico dos estudantes é uma preocupação cada vez mais relevante nas instituições de ensino superior, incluindo o Instituto Federal da Paraíba (IFPB). Reconhecendo a importância da saúde mental dos alunos, o NASMO buscou e consolidou uma parceria com o Centro Universitário Santa Maria (UNIFSM)³³, para implementar um Plantão de Escuta Psicológica para atendimento aos discentes do *Campus Cajazeiras*. Neste sentido, o NASMO mantém seu foco nas seguintes ações:

- **Cuidado holístico:** Além dos serviços médicos e odontológicos, o NASMO oferece apoio para questões psicológicas, buscando garantir o bem-estar integral dos estudantes.
- **Identificação e encaminhamento:** Os profissionais do NASMO estão preparados para identificar sinais relacionados a problemas de saúde mental entre os alunos, encaminhando-os para os serviços de apoio psicológico apropriados. Esse processo de identifica-

33

O Centro Universitário Santa Maria está localizado na BR 230 Km 504 Cajazeiras-PB e oferece cursos de graduação diversos. https://www.google.com/search?gs_ssp=eJz4tVP1zc0TDbOrjQ2yjMzYPRSTE7NkynK-VyjNyyxLLSrOLDm8sCgzX6E4Ma8kUSE3sSgzEQCL2xIB&q=centro+universit%C3%A1rio+santa+maria&oq=Centro+universit%C3%

ção precoce e encaminhamento é fundamental para garantir intervenções oportunas.

- **Prevenção e educação:** Além do cuidado direto, o NASMO também se dedica à prevenção de problemas de saúde mental, por meio de programas educacionais, workshops e campanhas de conscientização. Essas iniciativas visam equipar os alunos com habilidades e conhecimentos necessários para enfrentar desafios emocionais.

A Importância do plantão de escuta psicológica UNIFSM:

- **Acesso a profissionais especializados:** A parceria com o UNIFSM permite que o NASMO ofereça aos alunos acesso a profissionais especializados em saúde mental. O Plantão de Escuta Psicológica proporciona um ambiente acolhedor e confidencial, onde os alunos podem discutir suas preocupações e receber apoio de profissionais treinados.
- **Redução do estigma:** A presença de um Plantão de Escuta Psicológica no *Campus* contribui para reduzir o estigma associado à busca de apoio psicológico. Ao promover uma cultura de abertura e aceitação, essa parceria encoraja os alunos a buscar ajuda quando necessário, sem medo de julgamento ou estigmatização.
- **Integração de serviços:** A parceria entre o NASMO e o UNIFSM permite uma integração mais eficaz dos

serviços de saúde física e mental. Essa abordagem integrada garante uma resposta abrangente e coordenada às necessidades dos alunos, promovendo um cuidado holístico e centrado no aluno.

A parceria entre as instituições acima citadas, com fins de implementar um Plantão de Escuta Psicológica, é uma iniciativa extremamente importante no sentido de promover o bem-estar dos estudantes do IFPB. Ao oferecer acesso a serviços de saúde mental de qualidade, essa colaboração demonstra o compromisso das instituições com o cuidado integral dos alunos. Essa parceria não apenas oferece suporte adicional ao corpo discente mas também contribui para criar um ambiente acadêmico mais saudável, inclusivo e solidário.

O NASMO no período da pandemia e o preparo para o retorno gradual às atividades presenciais

Orientações e protocolos de segurança

Durante a pandemia de COVID-19, o Núcleo de Apoio aos Serviços Médicos e Odontológicos (NASMO) desempenhou suas funções agregando ainda maiores cuidados com a saúde da comunidade, quanto aos protocolos exigidos e sempre de acordo com as leis e portarias vigentes, garantindo um ambiente seguro para alunos, servidores (professores e pessoal administrativo) e funcionários de empresas terceirizadas.

Atuação do NASMO durante a pandemia:

- **Orientação sobre medidas preventivas:** Desde o início da pandemia, o NASMO tem fornecido orientações claras e atualizadas sobre as medidas preventivas recomendadas pelas autoridades de saúde, incluindo o uso de máscaras, distanciamento social, higienização das mãos e limpeza de superfícies.
- **Triagem de sintomas e encaminhamentos:** O NASMO implementou triagem de sintomas para identificar casos suspeitos de COVID-19 entre alunos, servidores e funcionários terceirizados. Os casos identificados foram encaminhados para testagem e acompanhamento, conforme as diretrizes das autoridades de saúde.
- **Suporte à saúde mental:** Reconhecendo os impactos psicológicos da pandemia, o NASMO expandiu seus serviços para incluir suporte à saúde mental, oferecendo aconselhamento remoto e encaminhamentos para recursos adicionais quando necessário.

Preparo para o retorno gradual:

- **Revisão e atualização dos protocolos de segurança:** Em preparação para o retorno gradual às atividades presenciais, o NASMO revisou e atualizou seus protocolos de segurança de acordo com as leis, portarias e diretrizes das autoridades de saúde locais e nacionais.

- **Capacitação da equipe:** A equipe do NASMO recebeu capacitação adicional sobre as medidas de segurança e os protocolos a serem seguidos durante o retorno gradual às atividades presenciais. Isso incluiu treinamento sobre uso correto de EPIs, procedimentos de limpeza e desinfecção e orientações para lidar com casos suspeitos ou confirmados de COVID-19.
- **Comunicação e orientação:** O NASMO tem desempenhado um papel ativo na comunicação e orientação à comunidade acadêmica e administrativa do *Campus*, sobre as medidas de segurança e os protocolos a serem seguidos. Isso inclui a distribuição de materiais informativos, a realização de reuniões virtuais e a disponibilização de canais de comunicação para esclarecer dúvidas e fornecer suporte em casos de qualquer suspeita de contaminação do Sars-Cov2.
- **Criação do NAPS:** com a criação do Núcleo de Apoio Psicossocial (NAPS), toda demanda de saúde mental atendida pelo setor é encaminhada ao NAPS para um melhor acompanhamento e suporte.

O NASMO foi um setor de incomensurável importância na preparação do *Campus* para o retorno gradual às atividades presenciais, orientando sobre o uso de protocolos de segurança de acordo com as leis e portarias vigentes. Por meio de medidas como orientação sobre medidas preventivas, triagem de sintomas, suporte à saúde mental e capacitação da equipe, este Núcleo contribuiu para garantir um ambiente seguro e saudável para a comunidade acadêmica durante a pandemia de COVID-19.

CAPÍTULO 16**Laboratório: a jornada da descoberta**

Rafaella de Lima Roque

Analine Pinto Valeriano Bandeira

A Construção: como tudo começou**Memórias e relatos de antigos servidores – técnico administrativo e docentes**

O resgate histórico a respeito dos processos de instalação e operação dos laboratórios de Biologia, Química e Física foi compartilhado pelos servidores Hugo Eduardo Assis dos Santos, atual Diretor de Administração, Planejamento e Finanças, e pelos professores, aposentados, de Biologia e Química, Cecília Ventura Alves e Hélio Rodrigues de Brito, respectivamente.

Segundo o servidor Hugo Eduardo, os laboratórios foram erguidos no ano de 1994, em conjunto com a criação do *Campus*. O projeto para sua edificação em Cajazeiras foi adaptado de um modelo já existente no Sul do país, o qual incluía os laboratórios de Química, Biologia e Física desde sua concepção. Naquela época, o *Campus* era conhecido como Unidade de Ensino Descentralizada (Uned), vinculada à Escola Técnica Federal da Paraíba, cuja sede estava situada em João Pessoa. Ao longo

dos anos, essa instituição evoluiu para Centro Federal de educação, Ciência e Tecnologia (CEFET), ofertando cursos tecnológicos, de nível superior, e, posteriormente, em 2008, alcançou o status de Instituto Federal (IF).

Os três laboratórios foram construídos no mesmo bloco (Bloco 3), adjacentes entre si, e, na estrutura original, compartilhavam o mesmo layout: quatro bancadas de alvenaria hexagonais, agrupadas em pares e conectadas por uma pia central (Imagem 01). Internamente, ao lado esquerdo da porta de entrada, uma bancada também de alvenaria acomodava duas pias, que conectavam a extremidade final da porta à parede que faz divisa com o próximo laboratório/ambiente. Já no lado oposto à mesma porta, uma meia-parede sustentava as janelas de vidro e alumínio, dando uma impressão de maior extensão ao local. Ademais, cada um deles possuía uma pequena sala à parte, com diferentes finalidades, conforme a natureza do laboratório, servindo, portanto, como um pequeno depósito para Física, como área verde para Biologia e, para Química, como sala de reagentes (Imagem 02).

Imagem 01 – Antiga estrutura do laboratório de Física: bancadas hexagonais de alvenaria dispostas em pares ligados por uma pia. Em (a), vê-se a bancada reta que vai da porta até a parede que divide o ambiente o qual, neste caso, era a pequena sala que servia como depósito dos equipamentos antigos de Física. Em (b), temos a meia-parede que dá suporte às janelas de vidro e alumínio (2015)



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2015).

Imagem 02 – Parte interna do depósito da antiga estrutura do laboratório de Física (2015)



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2015).

Destaca-se, que até o presente momento, apenas o laboratório de Física foi reformado, não mantendo mais a estrutura original, enquanto os demais permanecem com a mesma disposição. Vale salientar, no entanto, que o laboratório de Biologia sofreu uma pequena

modificação, que consistiu na redução de seu espaço físico. Isso ocorreu devido à necessidade de criar mais salas para atender à demanda do *Campus*, resultando na remoção da área verde que fazia parte da estrutura original, sendo transformada em uma sala separada, atualmente utilizada pelo Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI).

Sobre a aquisição inicial dos equipamentos, foram obtidos por meio de processos de compra realizados pela unidade de João Pessoa bem como por transferências entre laboratórios, cedidos ao *Campus* de Cajazeiras. Após esse período, os laboratórios de Biologia e de Química não receberam novas aquisições de bens permanentes, já o de Física, por atender aos cursos das áreas técnicas e graduação, foi contemplado com novos kits experimentais.

No que se refere à vivência didática, os professores Cecília e Hélio, ao compartilharem suas experiências, revelaram que, ao começarem as atividades na antiga UnED, os laboratórios já estavam completamente montados e equipados, e que o principal propósito desses espaços era conduzir as aulas práticas, com o intuito de aprimorar a qualidade do ensino.

Durante a conversa, indagou-se sobre o desenvolvimento das instalações ao longo do tempo em que trabalharam no *Campus*. Os professores mencionaram que enfrentaram algumas dificuldades, pois a prioridade era dada aos laboratórios das áreas técnicas, a fim de atender às demandas específicas dos cursos oferecidos. Como resultado, um dos principais desafios para o avan-

ço do laboratório foi o aspecto orçamentário, devido à grande quantidade de demandas a ser atendida.

Em relação às temáticas trabalhadas ao longo das atividades práticas, o professor Hélio lembrou com carinho das aulas sobre separação de misturas, destilação, produção de aguardente – a partir da fermentação da cana de açúcar –, fabricação de iogurte e de queijo coalho. Mencionou ainda que, mesmo sabendo da importância da execução dessas atividades, não foi fácil conciliar as aulas teóricas com as práticas, pois, além do tempo para preparar todo o material, ao final teria que organizar a vidraria e o espaço para as próximas turmas, já que, na época (ano ???), não havia técnico de laboratório para auxiliar nas atividades. Vale salientar, ainda, que atualmente a servidora Rafaella de Lima Roque encontra-se como técnica nos laboratórios de Biologia e de Química, o que facilita a condução das aulas práticas.

Apesar das adversidades, os professores, Cecília e Hélio relataram que as instalações dos laboratórios favoreceram trabalhos em equipe, proporcionaram a realização de aulas práticas e facilitaram o desenvolvimento de atividades como gincanas ecológicas e feiras de ciências.

Por fim, nota-se que a importância desses espaços vai além do ambiente para as aulas práticas, pois são essenciais para promover a exploração, descoberta e inovação, contribuindo significativamente para o desenvolvimento cognitivo dos alunos.

Explorando a teoria por meio da prática

Um dos momentos mais aguardados pelos novos estudantes é o acesso aos laboratórios de Biologia e Química. No primeiro dia de aula, eles têm a oportunidade de explorar esses espaços durante um *tour* pelo *Campus*, atividade que tem como propósito mostrar todos os detalhes das instalações.

Ao adentrarem nos laboratórios mencionados, é visível o brilho nos olhos e os sorrisos de expectativa que se formam. Essas expressões traduzem a ansiedade e o entusiasmo que permeiam as mentes diante da perspectiva de participarem das aulas práticas (Imagem 03). Observa-se claramente o interesse manifestado pelos estudantes em explorar os recursos disponíveis, ansiosos por enriquecer sua experiência enquanto estudante por meio da interação direta com experimentos e materiais de estudo.

Imagem 03 – Visita dos alunos do Curso Técnico em Informática (tour) ao Laboratório de Biologia no primeiro dia de aula. 2022



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2022).

A introdução aos laboratórios não só estimula a curiosidade científica dos alunos mas também marca o começo de uma emocionante jornada de aprendizado prático e descobertas no universo das ciências. Conforme discutido por Lima (2011), as aulas práticas de laboratório são reconhecidas como um complemento essencial para aprofundar a compreensão dos conceitos teóricos e para oferecer uma perspectiva mais abrangente dos conteúdos aos estudantes.

Embora os laboratórios necessitem de uma modernização e de equipamentos especializados, ainda assim, nos últimos dois anos os alunos tiveram a oportunidade de entender, na prática, a diferença entre os microscópios óptico e estereoscópico (lupa), bem como manusear tais ferramentas, o que oportunizou a possível comparação entre uma célula impressa nas páginas de um livro didático com uma real, preparada pelo próprio aluno durante as práticas (Imagem 04).

Também tiveram a oportunidade de ver como funciona o pH de reagentes mediante o preparo e diluição de soluções. A felicidade diante da construção do conhecimento foi registrada por meio de fotos e relatórios solicitados pelos professores das disciplinas de Biologia (Maria Elessandra Rodrigues Araujo e Sarahbelle Leite Cartaxo Meneses) e de Química (Tayla Fernanda Serantoni da Silveira e Cleinaldo Soares de Oliveira).

Imagem 04 – Aula prática de Biologia referente ao conteúdo de citologia, ministrado pela Professora Andrezza Klyvia. Laboratório de Biologia – IFPB–CZ (2023)



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2023).

A euforia das aulas práticas de Química e de Biologia extrapolou as paredes dos laboratórios, dando asas a projetos e experimentos que foram apresentados em eventos internos, tais como: Semanas do Meio Ambiente e de Ciência e Tecnologia, conforme pode ser observado nos registros a seguir (Imagem 05).

Imagem 05 – Semana do Meio Ambiente - Apresentação dos trabalhos da disciplina de Biologia com orientação da Professora Maria Elessandra (A e B). Feira de Ciências – Apresentação dos trabalhos de Química (C) e Experimentos de Física (D), com orientação dos professores Cleudaldo Oliveira e Leonardo Pereira, respectivamente. Instituto Federal da Paraíba, *Campus Cajazeiras* (2023)



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2023).

A renovação do Laboratório de Física

A partir do ano de 2015, devido às necessidades elencadas pelo Plano Pedagógico de Curso (PPC), do Curso de Bacharelado em Engenharia Civil, modificado no ano de 2014, o laboratório de Física passou por uma reforma, tanto na própria estrutura física quanto no seu corpo de equipamentos, de maneira que, apesar de permanecer no mesmo local desde a fundação, toda a comunidade pode dizer que, a partir de então, dispú-

nhamos de um novo espaço para práticas de Física, totalmente diferente do anterior.

Sob orientação e supervisão da Direção-Geral e Diretoria de Administração, Planejamento e Finanças, à frente das quais estavam os servidores Lucrecia Teresa Gonçalves Petrucci e Hugo Eduardo Assis dos Santos, respectivamente, a reforma foi planejada pelas técnicas de laboratório Mery Angela Ramos de Andrade, na época lotada no laboratório de Edificações, a qual elaborou todo o projeto físico da nova estrutura, e Analine Pinto Valeriano Bandeira, técnica de laboratório de Física, que ficou responsável pela orientação dos tipos de equipamentos a serem adquiridos para o melhor atendimento possível às necessidades do *Campus*.

As bancadas hexagonais deram espaço a quatro bancadas retas com tampo de granito; uma bancada de alvenaria foi construída na meia-parede que dá suporte às janelas – aquela que ligava a porta à sala que servia de depósito foi retirada, assim também como a parede que dividia o laboratório e o depósito (Imagem 06). Essas modificações deixaram o ambiente mais apropriado para que o trabalho dos professores pudessem ser melhor desenvolvido.

Figura 06 – Novo layout do laboratório de física. Em (a), a retirada da bancada que se estendia da porta até a parede do depósito; em (b), retirada das bancadas hexagonais e construção de bancadas retas; em (c) derrubada da parede que separava o laboratório do depósito; em (d) bancada construída na parede da janela, servindo como suporte para os novos equipamentos adquiridos (2024)



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2024).

Seguindo os passos burocráticos necessários para a aquisição de bens no Instituto, os novos equipamentos foram adquiridos, chegando ao *Campus Cajazeiras* em junho de 2017. Todos os kits experimentais foram conferidos (até o último parafuso), pelas duas técnicas supracitadas, e o novo espaço foi inaugurado no dia 21 de julho de 2017, batizado com o nome *Professor José Pereira da Silva* – uma forma de homenagear este docente que dedicou grande parte da sua vida à instituição com tanto cuidado e afeto.

Após a inauguração, uma análise pedagógica do equipamento mostrou que, a partir daquele momento, tínhamos em mão material suficiente para abordagens não só quantitativas como também qualitativas para estudar fenômenos, o que antes só era possível em sala de aula e apenas pelo método mais tradicional de ensino – uso de lousa e data show.

Em 2017, a equipe encarregada do Laboratório de Física incluía os professores Francisco Lopes Lavor Neto (Lavor), José Pereira da Silva (Pereira) e João Bosco Abrantes Júnior (Júnior), juntamente com a técnica mencionada anteriormente. Naquele período, os professores Lavor e Bosco Júnior lideravam as turmas de Física nos cursos superiores e algumas do ensino integrado, enquanto o professor Pereira concentrava-se apenas nas turmas do integrado, que foram as primeiras a utilizar o espaço para fins pedagógicos. E assim começou o fascínio dos alunos.

Nas primeiras aulas realizadas no espaço, ministradas pelos professores Lavor e Pereira, notou-se a ansiedade dos estudantes em explorar os equipamentos dispostos nas bancadas. Esse padrão persistiu em todas as aulas subsequentes realizadas no local a partir daquele ano.

Em julho de 2018, o professor Leonardo Pereira de Lucena Silva veio redistribuído de Sobral-RN, para o *Campus* Cajazeiras, trazendo uma ampla experiência com equipamentos eletrônicos e somando mais conhecimento à equipe de Física do *Campus*. Em 2019, veio a aposentadoria do Prof. Pereira, nos deixando com um total de três docentes na área.

A primeira turma regular dos cursos superiores a utilizar o laboratório (disciplina de Física Experimental do curso de Engenharia Civil) teve o início de suas aulas em outubro de 2019. Novos rostos, novas abordagens, novas práticas experimentais toda semana. Diante da gama de possibilidades de experimentos disponíveis para serem realizados com o material adquirido pela instituição, a equipe responsável pelo laboratório sentiu a necessidade de planejamentos semanais mais elaborados, para uma detecção de problemas mais apurada e uma melhoria das práticas pedagógicas junto aos alunos, durante a ministração das aulas.

Portas abertas para a Comunidade

Anualmente, os laboratórios de Biologia, Química e Física são visitados por diversas escolas, abrangendo tanto instituições da rede privada quanto da pública, as quais conduzem visitas com alunos de diferentes faixas etárias.

Durante as visitas, nota-se o interesse e a curiosidade, especialmente das crianças e adolescentes, principalmente quando manuseiam algum equipamento. Essa aproximação da comunidade com o ambiente científico promove *insights* sobre as carreiras em ciências bem como auxilia na construção de pontes entre a academia e a comunidade, promovendo uma maior compreensão e estímulo ao interesse pela ciência.

A visita da comunidade aos laboratórios é uma oportunidade valiosa para promover a educação científica, oferecer experiências práticas de aprendizagem, facilitar a interação com profissionais da área, possibilitar a

divulgação científica e a responsabilidade social das instituições educacionais e de pesquisa. Essas relações são essenciais para o fortalecimento dos laços entre a ciência e a sociedade, contribuindo para um maior entendimento e apreciação do papel da ciência em nossas vidas.

De 1994 a 2024 – 30 anos e sempre em construção

Por fim, a história de 30 anos de presença do IFPB, *Campus* Cajazeiras, comprova sua força na sociedade que o rodeia e da qual faz parte, cientes que estão, seus servidores, da busca dessa Instituição pela melhoria do ensino, a fim de ajudar na formação acadêmica e profissional dessa população. Para tanto, discorreremos, neste capítulo, sobre a necessidade de instalação e atualização de seus laboratórios. Nesta escrita, em especial, tratamos dos que formam os estudos práticos de Química, Física e Biologia. Sobre estes, faz-se mister dizer de sua importância na jornada de descoberta dos estudantes, pois o interesse manifestado durante as aulas práticas pode se tornar uma ponte para a escolha da profissão ou aperfeiçoamento, o que ressalta o compromisso da instituição na construção do desenvolvimento científico.

REFERÊNCIA

LIMA, Daniela Bonzanini de; GARCIA, Rosane Nunes. Uma investigação sobre a importância das aulas práticas de Biologia no Ensino Médio. **Cadernos do Aplicação**, v. 24, n. 1, 2011.

CAPÍTULO 17.

Trajetoira da Comissão de Educação e Aperfeiçoamento Profissional (CEAP) do IFPB Campus Cajazeiras de 2016 a 2018

Leandro Honorato de Souza Silva
Luis Romeu Nunes
Claudenice Alves Mendes
Vanda Lúcia Batista dos Santos Souza

Os 30 anos do *Campus* Cajazeiras do IFPB têm sido marcados por muitas conquistas e realizações. Dentre os projetos que desafiaram a obstinação de toda a comunidade acadêmica, está o de formação da Comissão de Educação para Atividades Práticas (CEAP). Esta Comissão surgiu a partir de uma relação conflitante entre Docentes engenheiros e Pedagogos como uma resposta crucial às demandas e dilemas enfrentados pelos professores deste *Campus*.

Neste capítulo, desenvolvemos, em forma de diálogo entre quatro participantes³⁴, a temática dessa

proposta, os quais descrevem suas memórias acerca da implementação e percurso de atividade da CEAP.

Fizemos uma gravação de nossa conversa, que resultou no texto a seguir reproduzido. Não há uma transcrição literal, porque isso exigiria registro de ruídos típicos da oralidade, como gaguejos, interrupções, repetições, entre outros recursos dessa modalidade discursiva. Mesmo assim, buscamos transcrever as falas o mais aproximadamente possível de sua integridade enunciativa, inclusive nos permitindo registros bem coloquiais.

Motivações para criação da CEAP

LEANDRO: Começando a gravação! Agora é a síndrome do *rec*: quando começa a gravar as palavras não saem, a garganta seca...

VANDA: É a síndrome da mudez diante das câmeras. Estamos aqui, cinco anos e meio depois, para resgatarmos a história da CEAP. Agente vai começar lembrando como surgiu a CEAP e qual foi a necessidade que impulsionou a criação dessa comissão. É com você, Professor Romeu!

ROMEU: Então, eu entrei no IFPB em agosto de 2015 e logo que comecei a trabalhar no *Campus*, participei de um Encontro Pedagógico. Após esse encontro, nossa expressão era de pura decepção. Tivemos a sensação de que aquele momento não nos acrescentou nada no sentido de contribuir com a prática do professor na sala de aula. As pedagogas abordavam teorias fundamentadas em autores, como Vygotsky, Piaget e outros da área

pedagógica que pareciam não fazer sentido para a atuação do engenheiro professor. Essa frustração inicial nos oportunizou uma discussão com outros colegas que tinham a mesma queixa – precisávamos de algo mais prático, que tivesse relação mais direta com a sala de aula. Não conseguíamos entender como todas aquelas teorias poderiam ser utilizadas no planejamento das aulas do ano letivo em curso.

Somadas a esse desapontamento inicial, algumas questões observadas dentro da área de indústria, como a falta de interação com as empresas, as dificuldades de encontrar estágio para os alunos, entre outras situações, fizeram com que solicitássemos uma reunião com o então Diretor de Ensino, Professor Gastão Coelho de Aquino Filho. Na verdade, a gente queria apenas conversar, mas ele trouxe a Pedagoga Claudenice e outra pessoa que, no momento, não me recordo quem era.

CLAUDENICE: Era Socorro, a outra Pedagoga que foi comigo. A primeira versão que nos chegou a respeito do professor Romeu era de um professor, recém-chegado do Japão, que tinha feito questionamentos críticos em uma reunião pedagógica no *Campus* João Pessoa. Lembro-me que fui para essa reunião completamente “armada”, estava disposta a travar uma guerra de concepções, caso fosse desafiada. Essa ideia inicial, pré-concebida, em relação a você, Romeu, foi totalmente quebrada no decorrer dos nossos trabalhos dentro da Comissão.

ROMEU: Essa reunião com o Diretor de Ensino aconteceu no final de 2015 e contou com a participação dos professores da área da indústria. Na oportunidade, nós relatamos para o Professor Gastão a nossa necessidade, enquanto professores engenheiros, de nos apropriarmos dos conhecimentos da Didática.

CLAUDENICE: Eu soube, inclusive, que quando vocês estavam agendando essa reunião com o Diretor de Ensino, a Pedagoga Vanda chegou, por acaso, e perguntou se iriam realizar uma reunião para discutir questões didáticas sem uma representação da Pedagogia.

ROMEU: Então. Ficou acertado, nessa reunião, que seriam criadas duas comissões: uma comissão para tratar das questões didáticas, que se transformou em CEAP, e outra comissão que trataria da questão da relação da instituição com as empresas locais, especialmente para a realização dos estágios junto a essas empresas.

CLAUDENICE: Lembro-me que, quando eu cheguei à reunião, vocês queriam fazer uma lista de práticas, de atividades e estratégias para trabalhar nas disciplinas específicas. Então, me posicionei dizendo que não fazia sentido listar atividades metodológicas, sem entender como é que o aluno aprende. Antes, seria importante compreender quais as concepções que o grupo tinha sobre o que é aprender. Nesse momento, acho que você, Romeu, solicitou uma apresentação sobre o que é aprendizagem e como ela acontece. A partir disso,

a gente marcou o segundo momento para discutir aprendizagem, numa perspectiva ativa.

Nesse segundo encontro, eu trouxe uma apresentação contextualizada sobre aprendizagem significativa, na perspectiva de David Ausubel. O que me chamou atenção foi o fato de que o encontro pedagógico, tão criticado pelos professores, tinha abordado exatamente esse tema, mas vocês não gostaram e disseram que não serviu para nada. Já nesse segundo momento da reunião, por se tratar de um grupo menor, à medida que as discussões foram acontecendo, vocês foram se encontrando e fazendo conexões com o fazer pedagógico.

LEANDRO: Ainda sobre esse encontro pedagógico, eu criei uma grande expectativa e fui como quem vê um oásis, sabe? Eu acreditei que seria o começo da resolução dos meus problemas relacionados à minha atuação docente, pois era o meu primeiro momento de formação. Hoje, porém, fazendo uma retrospectiva, foi um bom encontro pedagógico; o problema é que nós não estávamos preparados para aquela abordagem.

CLAUDENICE: Era uma comida muito forte, muita “sustância”...

LEANDRO: Era uma discussão de detalhes, quando a gente precisava dos alicerces básicos. Então, não conseguimos nos situar dentro daquelas referências. Por exemplo, tem uma frase que me marcou muito e que hoje faz total sentido para mim; depois de oito anos de docência, mas que, na época, foi de grande frustração. Foi uma frase de Paulo Freire que dizia algo como “ninguém

nasce professor, mas se torna a partir da prática e das reflexões sobre a prática”. Hoje faz todo sentido, mas, naquele momento..., eu tinha apenas dois meses de prática. Portanto, a conclusão do encontro pedagógico dizendo “reflita sobre sua prática”; sendo minha prática ainda zero, não podia haver reflexão. Então não teve sentido. Aquele não era o meu momento de refletir sobre a prática, era meu momento de conhecer os fundamentos. Eu lembro também que, na época, eu dizia muito isso: “Eu me recuso a acreditar que não existe literatura científica que trate dos problemas que a gente tem aqui. Porque os problemas da educação não são exclusivamente nossos. Quantas outras instituições no Brasil e no mundo que compartilham esses mesmos problemas?” Não queríamos saber da teoria, queríamos saber quais são as evidências de que tal atividade funciona.

CLAUDENICE: Eu me lembro dessas angústias e ansiedades dos professores em busca de uma espécie de protocolo a ser seguido, mas dizíamos que o fato de lidarmos com a subjetividade da aprendizagem humana, em que cada pessoa aprende de um jeito, ... é muito difícil encontrar respostas eficazes a serem aplicadas para todas as pessoas, uma vez que cada ser humano é único e aprende a partir dos conhecimentos e experiências que já possuem.

LEANDRO: Esse argumento foi o ponto que a gente mais debateu, pois, na medicina, cada organismo também é único e pode responder de maneira diferente aos tratamentos, no entanto, existem padrões e protocolos a serem seguidos.

CLAUDENICE: Mas a medicina não é tão subjetiva, eu acho.

LEANDRO: Se você escuta um médico dizer que não há um tratamento específico para o seu caso, certamente você pensará que ele não é competente o suficiente e irá procurar outro profissional. Na medicina tem um padrão que funciona mais ou menos bem para a maioria das pessoas. Claro que pode ocorrer que alguns pacientes tenham alergia ao medicamento prescrito, outros podem não responder adequadamente ao tratamento, mas, na média, funciona. Era isso que a gente procurava entender, e eu acho que, a partir daí, fomos entrando numa intersecção de pontos de vista.

VANDA: A CEAP surge da insatisfação e da necessidade de encontrar respostas dentro do processo de ensino-aprendizagem, não é mesmo? É uma angústia que muitos de nós compartilhamos, especialmente aqueles que estão começando. Como vocês veem esse início e como ocorreu o apoio da gestão e o apoio de outros professores?

ROMEU: O apoio da gestão sempre esteve presente, porque o então Diretor de Desenvolvimento de Ensino, Professor Gastão, sempre compreendeu o nosso ponto de vista. Primeiro, porque ele é engenheiro e tem muitos anos de experiência, enquanto docente. Quando conversamos com Gastão sobre a necessidade de participarmos do COBENGE, em Natal-RN, ele nos perguntou se tínhamos algum trabalho para apresentar (um critério exigido para a participação em eventos). Na época, não tínhamos nada preparado, mas era crucial a nossa participação. Explicamos nossa situação, ele entendeu e viabilizou as

condições necessárias à nossa participação no evento. Nesse sentido, podemos dizer que tanto o DDE, na pessoa do professor Gastão, quanto a Direção-Geral, na pessoa da pedagoga Lucrécia Teresa Gonçalves Petrucci, o apoio às ações da comissão foi excelente.

LEANDRO: Eu vejo o início do CEAP marcado por dois momentos diferentes. Não consigo precisar exatamente quando cada um ocorreu, pois as coisas se entrelaçam, não é mesmo? No começo, o CEAP era basicamente um grupo de debates, que tinha representação da Pedagogia e dos professores engenheiros, tentando convencer um ao outro de suas visões de mundo. Mas, em algum momento, percebemos que esse modelo não estava nos levando a lugar nenhum.

VANDA: Era como um jogo de concepções.

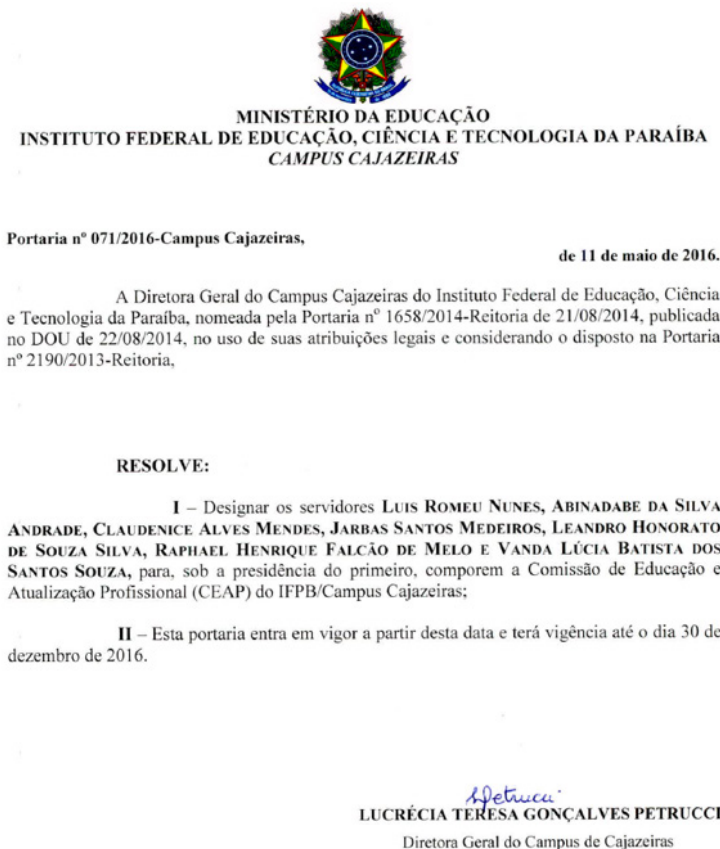
LEANDRO: Exatamente! Ninguém conseguiu convencer ninguém, pois cada um tinha suas concepções muito arraigadas. Foi então que decidimos mudar o foco e transformar o CEAP em um grupo de estudos. Para mim, esse foi o momento crucial da minha formação pedagógica. Passamos a discutir nossos problemas, nossas situações reais, e isso se tornou uma reflexão sobre a prática.

Imagem 1 – Registro da participação de membros da CEAP no Congresso Brasileiro de Educação em Engenharia 2016 (Natal-RN)



Fonte: Arquivo Pessoal de Leandro Honorato de Souza Silva. (Da esquerda para a direita: Claudenice Mendes, Asheley Alves (bolsista), e Leandro Honorato Silva).

CLAUDENICE: Com certeza, a partir daí começamos a fundamentar teoricamente nossas discussões, não é mesmo? As ideias inovadoras começaram a fluir como uma dança sincronizada em que os dançarinos buscam uma sintonia em cada passo. Já não eram mais um grupo de engenheiros e um grupo de pedagogas “puxando a brasa para a sua sardinha”. Era um grupo de profissionais preocupados em encontrar soluções para os desafios da prática pedagógica.

Imagem 2 – Primeira Portaria da CEAP (2016)

Fonte: IFPB, *Campus* Cajazeiras (2016).

VANDA: Nessa fase inicial, eu não tenho muitas lembranças, pois estava no mestrado e acabei me ausentando de várias reuniões. Mas, você se lembra de como surgiu o nome CEAP nesse contexto? Qual foi a origem desse nome?

ROMEU: Foi o professor Francisco Augusto Vieira da Silva que deu o nome.

LEANDRO: Até o momento da portaria de designação da comissão, a gente chamava de “Comissão de Romeu”.

A busca pelo equilíbrio: “engenhariar” as pedagogas e “pedagogizar” os engenheiros

VANDA: Usando o nosso lema, *“Pedagogizando os engenheiros e engenhariando as pedagogas”*, como ocorreu esse movimento e como vocês descrevem essa experiência?

LEANDRO: Eu acho que, do nosso ponto de vista (engenheiros), a gente começa a perceber que não tinha leitura suficiente e não tinha os alicerces basilares para estudar sobre educação. Eu lembro que, em uma de nossas reuniões, eu peguei um artigo da área de Educação, li apenas um parágrafo e disse: “Eu sou analfabeto. Eu leio, leio e não compreendo o que está escrito aqui”. Então, no meu ponto de vista, penso que começamos a compreender que era necessária uma fundamentação. Mais na frente, quando aprovamos os projetos de Inovação, foi que tivemos a iniciativa de comprar as obras de referências e começamos a estudar sobre educação, de forma livre, sem o rigor de uma disciplina de uma Especialização. De forma mais livre, porém mediada por vocês, pedagogas. Por outro lado, eu acho que vocês (pedagogas) também gostaram da

forma da gente pensar, da forma como a gente trabalha, das nossas concepções mais práticas.

CLAUDENICE: Realmente, aprendemos muito com a objetividade que vocês trabalham.

LEANDRO: Já que a engenharia é a arte de resolver problemas e que se preocupa em encontrar soluções e construir coisas para resolver os problemas, penso que essa lógica do nosso trabalho foi algo que contribuiu para ampliar o repertório de saberes práticos das pedagogas.

CLAUDENICE: Claro, perfeito. Nós ficávamos tão envolvidas com a praticidade das ações dos professores engenheiros que era preciso vigiar para não sermos totalmente influenciadas. Queríamos uma resposta para tudo e nem sempre era possível. Então tínhamos que pensar, também, na pedagogia enquanto ciência, entender cada situação, para evitar aplicar soluções simplistas em todos os casos, ou distribuir manuais para todas as situações. Mas acredito que foi um diálogo muito profícuo, acho que alcançamos o cerne pedagógico desejado.

ROMEU: Então, em relação a essa questão que Leandro colocou anteriormente, eu lembro que muitas vezes pedi pra Vanda me explicar sobre textos que eu não conseguia entender. Outro ponto que merece ser destacado foi a afinidade que construímos entre nós. Acredito que isso contou muito porque, se substituíssemos as pedagogas “Cláudia” e Vanda por outras, a CEAP não seria a mesma. Portanto, eu repito que um dos sucessos da comissão

foi essa conexão pessoal que houve entre nós e que permanece até hoje.

CLAUDENICE: Primeiro a gente aceita a pessoa, depois aceita o que ela diz, né isso?

Imagem 3 – Comemoração do aniversário do professor Romeu em uma das reuniões da CEAP (2016)



Fonte: Arquivo pessoal de Leandro Honorato de Souza Silva. (Da esquerda para direita: Leandro, Claudenice, Vanda e Romeu).

VANDA: Acontece isso mesmo. Sobre esse encontro sincronizado de nós mesmos, diz-se que Deus não une pessoas, une propósitos, né? E do outro lado, eu acho que, naquele momento, havia o espaço vazio entre vocês, professores, mas existia, também, um espaço vazio nosso, enquanto pedagogas. Claudia e eu discutíamos muito sobre essa necessidade de equilibrar nosso fazer com algo mais “palpável” ou prático. A grande dificuldade para nós da pedagogia é que não atuamos diretamente na sala de aula. Então, olha a angústia da gente: convencer o outro de que aquilo pode

dar certo, pode caminhar. Então, nós estamos do lado teórico mesmo, visto que, pela natureza da função do pedagogo nos Institutos Federais, não podemos realizar a atividade na prática da sala de aula, dependemos de que o professor acredite no que estamos falando e aceite realizar a experiência prática com seus alunos.

CLAUDENICE: E, quando dá certo, não recebemos um *feedback*.

VANDA: Isso mesmo, mas se dá errado, a culpa é nossa, e logo nos procuram para provar que a nossa sugestão não foi viável. É importante considerar que a nossa formação pedagógica ocorreu dentro de uma escola propedêutica, com base em um modelo pedagógico. Daí, caímos aqui na educação profissional, com outro modelo de atuação do pedagogo. Tudo isso também é novo e desafiador para os profissionais da Pedagogia.

ROMEU: Na verdade, eu sempre tive um propósito que é exatamente compreender como um aluno aprende. Como ensinar o aluno a aprender? Inclusive a professora Iria Raquel Borges Wiese, então Psicóloga do *Campus* Cajazeiras, fez um trabalho sobre isso e eu disse: “isso aqui é 5% do que eu pensava”.

LEANDRO: Antes da CEAP, talvez não fôssemos capazes de usar essa construção que você acabou de usar, Romeu! Essa lógica parte de uma concepção construtivista de aprendizagem e ensino, uma abordagem teórica que se contrapõe ao ensino tradicional. Antes da CEAP, nossa preocupação era

mais focada em *como é que eu ensino? Como é que eu transmito o conhecimento para dentro da cabeça do aluno? Que atividades eu planejo para ensinar melhor?*

As ações da CEAP

ROMEU: Eu me lembro de que, quando fizemos as entrevistas no desenvolvimento do projeto *Emprego de Metodologias Ativas no Ensino Profissional Técnico e Tecnológico*, aprovado no Edital de Inovação de 2016, uma das perguntas que fizemos aos docentes entrevistados foi: “Como percebe que sua aula foi boa?”. Dos 19 entrevistados, apenas um disse que a aula é boa quando percebe que o aluno aprendeu. Os demais pesquisados disseram que a aula é boa quando está bem planejada, quando o professor domina bem o conteúdo etc.

VANDA: Dando um salto temporal... Nós também tivemos o primeiro encontro pedagógico que foi coordenado pela CEAP, em 2018. Eu acho que aquele encontro pedagógico foi um divisor de águas para fortalecer a CEAP.

ROMEU: É, mas antes houve o encontro pedagógico de 2017, planejado no formato de atividades descentralizadas, com encontros para cada uma das Áreas. Primeiro chamamos os professores de Matemática, e eu lembro que uma professora levantou a mão e disse: “Eu não admito que um engenheiro venha aqui me ensinar pedagogia”. Eu fiquei sem palavras. Eu não sabia o que responder. Vanda tomou à frente

e respondeu. Então pensei: “Graças a Deus que Vanda respondeu”, porque eu ia dizer o quê?

VANDA: Já estamos tão acostumados a levar pancadas na nossa atuação pedagógica que temos algumas respostas pensadas previamente.

LEANDRO: Em resumo, o trajeto da CEAP foi: em 2016, constituímos a CEAP; logo em seguida, nos comportamos como um grupo de pesquisa sobre Metodologias de Aprendizagem Ativa. Posteriormente, nós participamos do COBENGE³⁵ 2016, oportunidade em que reforçamos nosso referencial teórico. Seguidamente, aprovamos projetos nos editais de inovação e começamos a realizar publicações.

É importante lembrar, ainda, que a CEAP foi objeto de estudo para a Tese de Doutorado da professora Liane Velloso Leitão e para a Dissertação de Mestrado da Professora Vandernúbia Gomes Cadete Nunes. Seguindo essa sequência cronológica, destacamos uma etapa muito significativa vivenciada dentro da CEAP: as formações realizadas dentro do nosso *Campus*, entre os anos de 2016 e 2017, onde tivemos uma ótima aceitação do nosso trabalho, especialmente na área de indústria. Nessas formações, conciliamos aquela abordagem mais teórica articulada com as oficinas práticas – *Peer Instruction*, Sala de Aula Invertida e Aprendizagem Baseada em Equipes.

CLAUDENICE: Na época era tudo muito novo, mas hoje percebemos que algumas temáticas já são conhecidas e validadas por alguns docentes.

LEANDRO: Em 2018, no encontro pedagógico, aproveitando a relação de Romeu com o professor Messias Borges Silva, resolvemos que seria o momento de convidar outros nomes, né? Se a gente fosse conduzir novamente, poderia ser repetitivo.

Imagem 4 – Convite para o encontro pedagógico do Campus Cajazeiras, organizado pela CEAP e Coordenação Pedagógica (2018)



Fonte: Arquivo pessoal de Leandro Honorato de Souza Silva.

ROMEU: E ainda tem aquela concepção de que o santo de casa não faz milagre!

VANDA: Nesse encontro pedagógico de 2018, confesso que sentimos um pouquinho de ciúmes. A gente percebeu que o encontro foi mais a cara da CEAP do que da Coordenação Pedagógica.

CLAUDENICE: Até fizemos críticas, no sentido de que não houve novidade na abordagem utilizada naquele encontro, uma vez que foram apresentadas experiências realizadas em instituições de referência, mas nada diferente do que já conhecíamos. Então, é o que já afirmamos: primeiro se aceita empaticamente a pessoa para, depois, o que ela diz.

VANDA: O encontro pedagógico foi interessante pela forma como ele foi construído. Foi a partir de uma necessidade que estava sendo vista e, de certa forma, uma formação prática. Foram trazidos exemplos de aplicações reais das estratégias e mostrados casos de sucesso, e isso fortaleceu a CEAP.

ROMEU: Esse encontro pedagógico de 2018 teve uma adesão muito grande. Inclusive, muitos alunos participaram desse encontro pedagógico.

Imagem 5 – Programação do primeiro dia do Encontro Pedagógico 2018 do *Campus Cajazeiras*. 2018



PROGRAMAÇÃO

DIA: 26/04/2018	
7 h às 8 h – Momento de Integração e Confraternização – Café da manhã	
8 h – Abertura Oficial: Composição da Mesa/Boas Vindas e Perspectivas de Trabalho para o ano letivo 2018.	
8h15min às 11h30min – Palestra: Prof. Dr. Messias Borges Silva – USP Campus Lorena Tema: Desafios da implantação de Metodologias da Aprendizagem Ativa no ensino Profissional	
13h15min às 14h15min – Palestra: Profª Me. Gilmara de Lucena Leite, Neuropsicóloga Tema: Contribuições da Neuropsicologia para a Educação Inclusiva	
14h15min às 14h30min – Intervalo	
14h30min às 16h30min – Mesa Redonda:	
Coordenação:	Profª Me. Claudenice Alves Mendes – IPB/Campus Cajazeiras
Participações:	Prof. Dr. Messias Borges Silva – USP/Campus Lorena Prof. Dr. Helltonn Winicius Patrício Maciel – IFPB/Campus Cajazeiras Profª Drª Deyse Morgana das Neves Correia - IFPB/Campus Patos Profª Me. Symara Abrantes A. Cabral – Secretaria de saúde de Cajazeiras Prof. Me Liane Veloso Leitão – IFPB/Campus Cajazeiras
Tema: Quais os efeitos da adoção das Metodologias da Aprendizagem Ativa?	

Fonte: Arquivo pessoal de Leandro Honorato de Souza Silva.

LEANDRO: Até 2018 estávamos em uma pesquisa de diagnóstico. A proposta era de fazer as entrevistas com professores e perceber o que que eles já sabiam, além da revisão da literatura. Após 2018, começamos a nos preocupar muito em construir evidências e registrar nossas experiências.

CLAUDENICE: Até para embasar melhor as palestras e oficinas que estávamos ministrando. Apresentamos palestras e oficinas em diversos *campi* do IFPB: Cabedelo, Itaporanga, Sousa, Catolé do Rocha, Princesa Isabel.

ROMEU: João Pessoa também.

LEANDRO: também apresentamos na UFGC, em Pombal; IFCE, no *Campus Crato*; IFRN, no *Campus Caicó*. Apesar das nossas dificuldades, em razão das nossas atividades no *Campus Cajazeiras*, nós conseguimos atender a convites de vários *campi* do IFPB e de outras instituições.

Um até breve: registro da participação dos membros da comissão até 2018 e da continuidade da CEAP

VANDA: E quais são as lacunas que ficaram e quais as propostas futuras?

LEANDRO: Lembrando que estamos tratando da CEAP até o ano de 2018-2019, porque houve uma continuidade na Comissão. Em 2018, Romeu foi para João Pessoa, no meio do ano?

ROMEU: Eu fui em 7 de setembro de 2018.

LEANDRO: E em 2019, logo no começo do ano, em abril, eu vou fazer o doutorado e consigo o afastamento para qualificação. Então, a nossa participação na CEAP é interrompida no finalzinho de 2018, começo de 2019, mas a comissão continua com a participação de outras pessoas e emissão de novas portarias. Como propostas, o que discutíamos, na época, era de registrar as nossas intervenções pedagógicas.

CLAUDENICE: Isso! Realizar pesquisas aplicadas.

VANDA: Tínhamos a ideia de organizar a proposta pedagógica de uma disciplina e avaliar a eficiência. Inclusive, Leandro, você começou uma disciplina com a ideia do planejamento, metodologia e avaliação casadas dentro uma proposta pedagógica. Só que você também viveu a angústia do tempo do planejamento.

LEANDRO: Esse aspecto é o lado negativo da aprendizagem ativa.

CLAUDENICE: Eu não digo que seria da aprendizagem ativa. Ela só favorece a memória de longo prazo e a utilização do conhecimento em outros contextos. O problema é a nossa estrutura organizacional, desde a forma como as salas são organizadas, o número de alunos, o sistema de avaliação e outros aspectos dificultam a experimentação de metodologias de ensino e de aprendizagem centradas no aluno.

ROMEU: Então eu apliquei a sala de aula invertida na disciplina de Circuitos Elétricos. Toda semana eu disponibilizava um vídeo aula, mas os alunos só se engajam se houver uma atividade valendo nota. Então, toda aula tinha uma atividade valendo nota. E isso fazia com que eles se mantivessem o tempo todo engajados na disciplina. Só que a correção dessas atividades é um trabalho muito exaustivo para o professor. Eu não sei mensurar o resultado porque eu não medi nada, mas poucos alunos não entregavam as atividades. Nesse sentido, eu considero isso como algo positivo, mas o desafio para o professor é muito grande. Já faz dois semestres que eu não trabalho com essa metodologia.

CLAUDENICE: Romeu, eu acho que a gente precisa aprofundar um pouquinho. Naquele livro de Ensino Híbrido de Lilian Bacich, ela traz a sala de aula invertida como estratégia do ensino híbrido dentro dos modelos sustentáveis. Uma proposta é mudar a proposta avaliativa. Então acho que a gente precisa refletir um pouco sobre essas estratégias de avaliação.

LEANDRO: Na minha concepção, todo(a) docente e pedagogo(a) precisariam participar de uma CEAP. Eu acredito que a CEAP não deveria ser uma comissão única, porque esse é um modelo de formação, que tem evidência na literatura, que funciona. Essa experiência que aconteceu aqui agora, esse diálogo que estabelecemos, foi um processo de formação pedagógica: tratando de um caso real, citando referências teóricas e propondo solução para um problema pedagógico. Como perspectiva futura, precisamos fomentar um processo de melhoria contínua na educação. O que eu estou chamando de melhoria contínua é nunca partir do zero, é partir do que já foi feito e ir melhorando pouco a pouco, ampliando nossa capacitação, nosso fazer docente, nossos materiais, nossas proposições de situações de aprendizagem. Sei que não é algo que se faz de uma hora para outra, mas sim, de forma interativa e incremental. E, nessa perspectiva, a CEAP, com certeza, pode continuar tendo uma grande contribuição nesse processo.

CAPÍTULO 18

Do silêncio dos números à realização da Educação

Hugo Eduardo Assis dos Santos
Lúcio Ricardo Nogueira Farias
Heloiza Moreira Silva
Rafael Rodrigues Lopes
Maria das Graças Moreira de Almeida
Suely Arruda dos Santos

Há uma riqueza única na trajetória da Gestão Pública que se entrelaça com a história da Educação Profissional e Tecnológica no Brasil, especialmente no âmbito da Rede Federal. Ao contemplarmos os 30 anos de existência do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba IFPB – *Campus Cajazeiras*, mergulhamos em um enredo que vai do silêncio dos números à plena realização da Educação como agente transformador de vidas e sociedades.

A Gestão Pública, ao longo dos séculos, moldou-se e evoluiu para atender às demandas da sociedade em diferentes contextos históricos. No Brasil, sua importância ganhou destaque especialmente a partir do século XX, com a criação de instituições voltadas para o desenvolvimento da educação, da ciência e da tecnologia. Nesse contexto, a Rede Federal de Educação Pro-

fissional e Tecnológica emerge como uma força motriz para a democratização do acesso ao conhecimento e para a formação de profissionais aptos a enfrentar os desafios do mundo contemporâneo.

No cenário específico do IFPB *Campus* Cajazeiras, a gestão pública se revela como um pilar fundamental na consolidação de uma instituição comprometida com a excelência acadêmica, a inclusão social e o desenvolvimento regional. Neste capítulo, detalharemos os setores componentes da Direção de Administração, Planejamento e Finanças do IFPB *Campus* Cajazeiras, destacando o papel crucial da gestão pública na construção de um ambiente educacional que estimule o pensamento crítico, a inovação e o empreendedorismo.

Ao analisarmos a intersecção entre gestão pública e educação profissional e tecnológica, compreendemos que estamos diante de um campo fértil para a construção de um futuro mais justo, igualitário e próspero. Por meio da educação, podemos romper barreiras, transformar realidades e abrir caminhos para novas possibilidades. Este capítulo é uma homenagem à trajetória do IFPB *Campus* Cajazeiras e um convite para refletirmos sobre o poder transformador da Educação quando aliada a uma gestão pública eficiente e comprometida com o bem-estar coletivo.

A Direção de Administração, Planejamento e Finanças do *Campus* Cajazeiras é composta por cinco coordenações e dois departamentos, os quais contam atualmente com três núcleos e uma coordenação. Iremos passear brevemente por eles neste capítulo.

Departamento de Gestão de Pessoas

O Departamento de Gestão de Pessoas é a porta de entrada dos servidores neste *Campus*. Este setor tem uma imensa responsabilidade, considerando que, quando as “pessoas” aqui adentram para sua apresentação, trazem consigo inúmeras expectativas. Além disso, aqui também recorrem na busca de seus direitos, e, por vezes, são lembrados de suas responsabilidades.

Servir ao público é a nossa missão, e é com muita boa vontade e dedicação que a equipe, hoje composta pelas servidoras Heloiza Moreira Silva, Maria Helena de Almeida e Raimunda de Souza Ferreira, acolhe as demandas de seus colegas.

Por este departamento – que por muito tempo foi chamado de RH –, passaram vários profissionais que continuam aqui contribuindo em outros setores, como nossos colegas Francimar Barbosa da Silva e Edmundo Vieira de Lacerda; outros mudaram de *Campus*, como Ivamar Dantas da Nóbrega e Geraldo Macedo Toscano de Brito. E não podemos esquecer de nosso companheiro Reno Alexandre de Sousa Lisboa, que hoje faz parte do quadro de pessoal da UFCG.

Este Departamento abrange também o setor de Cadastro e Pagamento; juntos, são responsáveis por diversas demandas advindas dos docentes e técnicos administrativos, tais como: emissão de termos, ofícios, declarações e pareceres dos processos administrativos. Também orientamos como devem ser instruídos os pedidos dos servidores, a exemplo de questões relaciona-

das a licenças, auxílio-transporte, adicionais ocupacionais, entre muitos outros.

A Coordenação de Cadastro e Pagamento fica a cargo também de questões relacionadas ao assentamento funcional, folha de pagamento, operacionalização do SIAPE – com inclusão e exclusão de servidores –, auxiliando sempre que necessário nossos aposentados e pensionistas.

O Departamento de Gestão de Pessoas muitas vezes vai bem além do que compete a um setor administrativo, pois ele é composto por pessoas e feito para pessoas, que por nossa porta entram na maioria das vezes com suas urgências e acompanhados sempre de suas emoções, às vezes felizes, às vezes nem tanto, em muitas ocasiões ansiosas por algo que esperam de nós.

Trabalhar com pessoas é algo demasiadamente desafiador, pois mexe não apenas com as emoções dos colegas mas também com as nossas. É altamente satisfatório dar uma boa notícia – como um acréscimo no salário ou incluir uma aposentadoria tão esperada –, mas, por outro lado, temos a obrigação de notificar nossos colegas da perda de algum benefício ou informar de que algo não lhe será concedido.

Numa Instituição que tem o objetivo de promover educação para a comunidade, a Gestão de Pessoas muitas vezes é contemplada em receber como servidor algum ex-aluno (a) que entra bem feliz dizendo que o IF voltou a fazer parte de sua vida.

Trabalhamos com números e com processos, ainda em meio a pastas e papéis, mesmo com a modernização do serviço público que busca acompanhar o

avanço tecnológico, trazendo consigo sistemas informatizados e aplicativos de mensagens, tornando tudo mais imediato. Ainda assim, no setor de Gestão de Pessoas trabalhamos para que nossos usuários, que são nossos colegas, encontrem um ambiente acolhedor e pronto a atendê-los sempre que precisarem.

Departamento de Execução Orçamentária e Financeira

O Departamento de Execução Orçamentária e Financeira (DEOF) abrange a Execução Financeira, Contabilidade e a Gestão de Contratos. Nossa missão é executar os programas relativos à aplicação dos recursos financeiros, créditos orçamentários e descentralizados, visando atender os objetivos do *Campus*, sempre assessorando a Diretoria de Administração e Planejamento Financeiro do *Campus* em todos os assuntos relacionados à programação do orçamento, distribuindo os recursos na forma como foi planejado.

Executamos as atividades de natureza financeira, zelando pelo cumprimento das normas em vigor, procedendo às fases da despesa pública – empenho, liquidação e pagamento – , também desenvolvendo outras atividades, como cadastro, emissão e alteração de senha para os usuários nos sistemas diversos do governo. Também acompanhamos os saldos de empenho, emitindo, quando necessário, os reforços e anulações, inclusive, para inscrição em “Restos a pagar”. Os termos são técnicos, sem dúvida, mas todas as operações podem ser acompanhadas pelos servidores, pois nosso

trabalho converge para a transparência e fidelidade aos princípios da gestão pública.

Cabe destacar que, apesar desses 30 anos de fundação do *Campus*, só começamos a executar nosso próprio orçamento a partir do ano de 2010, visto que todo orçamento era centralizado na unidade sede, hoje *Campus* João Pessoa.

Não podemos deixar de citar alguns colegas que passaram pelo DEOF, tais como Marcos Ubiratan Pedroza Calado, Josefa Tavares Vieira, Rosângela Campos dos Anjos e Maria Amélia Pereira Gomes, os quais deixaram sua marca de responsabilidade e profissionalismo.

No ano de 2023, sob a Direção Geral do Professor Abinadabe Silva Andrade e de Hugo Eduardo Assis dos Santos na Direção de Administração, Planejamento e Finanças, foram criados, no *Campus*, três Núcleos para compor o Departamento de Orçamento e Finanças, este chefiado por Lucio Ricardo Nogueira Farias. Seguem os nomes dos núcleos e de seus responsáveis.

- Núcleo de Contabilidade, chefiado por Suely Arruda dos Santos
- Núcleo de Execução Financeira, tendo como responsável Maria das Graças Moreira de Almeida
- Núcleo de Gestão de Contratos, comandado por Larerte Ferreira de Morais França

Núcleo de Execução Financeira

Este Núcleo se encarrega de:

1. analisar as retenções e deduções fiscais (Impostos Federais e Municipais e Contribuições Federais) dos processos de pagamento, mediante legislação em vigor e apresentação de documentos pelo fornecedor do material/serviço, além de consulta à regularidade fiscal;
2. Distribuir os processos de pagamento para lançamento da liquidação no Sistema de Administração Financeira (SIAFI), emitindo nota de sistema e documento hábil bem como lançamentos de lista de credor, de banco e de fatura, quando operacionalmente necessárias, e realizar liquidações e pagamentos de diárias;
3. Emitir, quando necessário, Guia de Recolhimento da União (GRU).

Núcleo de Contabilidade

A este Núcleo compete:

1. Registrar e acompanhar as operações de contabilidade analítica dos atos e fatos da gestão orçamentária, financeira e patrimonial;
2. Extrair, mensalmente, relatório em nível de conta corrente com posições orçamentárias, financeiras e patrimoniais e proceder a sua análise;

3. Extrair relatórios de contas contábeis, com os dados necessários à elaboração da prestação de contas do exercício;
4. Registrar mensalmente a conformidade contábil, relatórios de Almoxarifado e Patrimônio;
5. Acompanhar a atualização da legislação tributária federal, estadual e municipal para orientação ao setor financeiro;
6. Acompanhar as normas de execução do encerramento do exercício.

Núcleo de Gestão de Contratos

Cabe a este Núcleo:

1. Organizar e controlar a gestão dos contratos no âmbito do *Campus* Cajazeiras, respeitando a legalidade e os princípios norteadores do direito e da administração pública;
2. Conduzir as solicitações das repactuações aos contratos, emitindo parecer sobre sua viabilidade;
3. Realizar o acompanhamento e controle dos prazos de execução e da vigência dos contratos;
4. Orientar os trabalhos executados pelos fiscais dos contratos, encaminhando Portaria, Termo de referência, Proposta do contratante, assim como indicando toda a legislação que rege o pleito;

5. Instruir processos administrativos para averiguação de possíveis faltas cometidas por fornecedores e a aplicação das penalidades previstas na legislação, quando cabíveis, pelo Ordenador de Despesas (Diretor-Geral).

Coordenação de compras e licitação

A Coordenação de Compras e Licitação (COCLI) foi criada pela Resolução 36/2023/CONSUPER e é responsável por realizar os procedimentos de compras de materiais, equipamentos e contratações de serviços necessários para o funcionamento do Instituto, seguindo os trâmites legais de licitações e garantindo transparência nos processos. Este Setor trabalha com diferentes tipos de processos de licitação, seja esta exigível – como pregões, concorrências e tomadas de preços – ou não – a exemplo de processos de dispensas e inexigibilidades. Em todos os casos, esta Coordenação prima pela legalidade e pela melhor proposta não só para o IFPB *Campus* Cajazeiras mas também para a União.

A referida Coordenação conta com um único servidor, Raí Ártemis Lins do Santos, o qual acumula, à função de Coordenador, também a de Pregoeiro.

Coordenação de Apoio Técnico e Administrativo

A Coordenação de Apoio Técnico Administrativo (COATA) foi criada pela Resolução 36/2023/CONSUPER, com o objetivo de oferecer suporte técnico aos diversos setores administrativos do nosso *Campus*, auxiliando na

organização de documentos, elaboração de relatórios, gestão de informações, planejamento, organização e controle de atividades administrativas, gestão do orçamento público e demais atividades relacionadas, por meio de ferramentas e sistemas de gestão. Destaca-se a importância deste setor no atendimento eficiente e cortês aos estudantes, professores, colaboradores e demais membros da comunidade acadêmica, promovendo um ambiente acolhedor e facilitando o acesso aos serviços oferecidos pelo IFPB *Campus* Cajazeiras.

A COATA é coordenada por Rafael Rodrigues Lopes, Administrador e único servidor ali lotado.

Desde a criação da Escola Técnica Federal da Paraíba, quando o *Campus* ainda era Unidade de Ensino descentralizada (UNED) de Cajazeiras, o Almoxarifado e o Patrimônio funcionavam como uma única coordenação. Somente no ano de 2014 houve sua separação em duas coordenações independentes. Vamos, a seguir, discutir um pouco sobre esses dois setores.

Coordenação de Almoxarifado

A Coordenação de Almoxarifado gerencia o estoque de materiais e equipamentos, controlando entradas, saídas, inventários e garantindo a disponibilidade dos recursos necessários para as atividades acadêmicas e administrativas. O almoxarifado é responsável pela distribuição eficiente dos materiais requisitados pelos diversos setores do Instituto, otimizando recursos e evitando desperdícios.

Por essa Coordenação, já passaram alguns servidores ao longo de sua história, tais como: Maria Helena de Almeida, Waldosildo Benvenuto Pinto, Murilo Pascoal de Carvalho, Cleodon Bezerra de Sousa, Rosângela Campos, Francisco de Sousa Lima, Francisco Hildeberto de Sousa Leite. Atualmente, o servidor Gilberto Soares Sarmiento é o Coordenador e o único servidor lotado neste setor.

Coordenação de Patrimônio

A Coordenação de Patrimônio é responsável por gerenciar os bens materiais do *Campus*. A coordenação realiza inventários periódicos, implementa medidas de segurança e promove a conscientização sobre a importância da preservação do patrimônio público.

Com as alterações no organograma no ano de 2014, o Patrimônio desvinculou-se do Almoxarifado, passando a Coordenação de Patrimônio do *Campus* Cajazeiras. Assumindo esse setor o Servidor Roberto Rolim Lopes, o qual permanece atualmente.

Coordenação de Manutenção, Segurança e Transporte (Prefeitura)

Por fim, a Coordenação de Manutenção, Segurança e Transporte, setor responsável pelas atividades relacionadas à manutenção das instalações físicas do *Campus*, incluindo reparos, conservação, limpeza e adequações para garantir um ambiente seguro e funcional. Aborda os pro-

cedimentos e medidas adotadas para garantir a segurança dos bens patrimoniais do *Campus*, incluindo controle de acesso, vigilância e prevenção de riscos.

Esta Coordenação também gerencia a frota de veículos utilizados pela Instituição, planejando e administrando as solicitações dos veículos, suas manutenções preventivas e corretivas, controle de combustível e garantindo a mobilidade necessária para as atividades acadêmicas e administrativas.

Destaque-se o importante trabalho realizado pelos servidores que passaram por essa Coordenação ao longo do tempo, tais como: João Damásio da Silva, Giliardo de Paulo de Oliveira Lins, Marcos Antônio Petrucci de Assis, Hugo Eduardo Assis dos Santos, Gilberto Soares Sarmiento, Cássio Ramon Moura Lima. Atualmente, o Coordenador é o servidor Isleimar de Souza Oliveira.

Encerrando provisoriamente...

Nós somos pessoas que cuidam de pessoas e nos realizamos no silêncio ao ver o brilho de nossos estudantes transformando suas vidas através da Educação. Pelos bastidores de todo esse aparato de burocracias, regras, leis, portarias, normativos, fluxogramas, planilhas, números, sistemas, nós fazemos a Educação e a transformação acontecerem.

Em 2024, nossa equipe está formada pelos seguintes servidores: Denise Michele Lino de Azevedo Maciel, Edmundo Vieira de Lacerda, Gilberto Soares Sarmiento, Heloiza Moreira Silva, Hugo Eduardo Assis dos Santos, Isleimar de Souza Oliveira, Laerte Ferreira

de Moraes França, Lucio Ricardo Nogueira Farias, Maria das Graças Moreira de Almeida, Maria Helena de Almeida Rodrigues, Rafael Rodrigues Lopes, Raí Artemis Lins dos Santos, Raimunda de Souza Ferreira, Roberto Rolim Lopes, Suely Arruda dos Santos.

Não podemos ignorar o fato de que, via de regra, quando se pensa em *escola*, geralmente se associa a ideia de ensino, educação ou outros termos semanticamente aproximados. Há certa obscuridade ou enevoamento quanto aos setores que asseguram o funcionamento administrativo do processo educativo. Quando descrevemos os setores que compõem o *Campus Cajazeiras*, não o fazemos apenas para apresentá-los às comunidades interna e externa. Nosso maior intuito é, por meio de ações, aparentemente rotineiras e desprovidas de criatividade, chamar a atenção para a indispensabilidade desses setores para o bom desempenho de toda a comunidade local, em especial, alunos e professores.

Sabemos da importância de nosso trabalho, de quão profícuo ele é para o IFPB, para o *Campus Cajazeiras*, para as pessoas que procuram nossos serviços. Sabemos também que nosso trabalho não se encerra quando o docente ou o técnico administrativo se aposenta, tampouco quando o aluno conclui sua formação no Instituto, pois continuamos a acompanhar toda a estrutura física e de gerenciamento de pessoal, para mantermos um bom atendimento, com base na transparência, eficácia e constante aperfeiçoamento.

Enfim, estamos cientes de que, ao longo dos 30 anos desta Unidade de Ensino, ou *Campus*, muito foi construído, apreciado e atualizado. Também estamos cientes de que os servidores que hoje compõem o qua-

dro administrativo deste *Campus* assim como os que já seguiram outros rumos são e foram os responsáveis por nosso sucesso e pelas indicações de que sempre precisamos melhorar, pois estamos em evolução como humanos, como pessoas, como Instituição.

CAPÍTULO 19

Trajetória dos Diretores-Gerais do Campus Cajazeiras

Hegildo Holanda Gonçalves

Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais.
(Rubem Alves)

O atual Campus de Cajazeiras, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), instituído como uma Unidade de Ensino Descentralizada da antiga Escola Técnica Federal da Paraíba (UnED-Cajazeiras), teve sua autorização de funcionamento emitida pelo Ministério da Educação e do Desporto, através da Portaria nº 982, de 28 de junho de 1994 (Brasil, 1994a).

O então Diretor-Geral da Escola Técnica Federal da Paraíba, Bráulio Pereira Lins, designou o professor Antônio Carlos Gomes Varela como Diretor da nova unidade de ensino e responsável por conduzir todo o processo de instalação da UnED-Cajazeiras.

ESCOLA TÉCNICA FEDERAL DA PARAÍBA

Portaria nº 142 de 15 de julho de 1994

O Diretor Geral da Escola Técnica Federal da Paraíba no uso de suas atribuições regimentais,

RESOLVE designar o servidor ANTÔNIO CARLOS GOMES VARELA, professor do Ensino de 1º e 2º Graus, do Quadro Permanente de Pessoal desta Escola, para desempenhar a Função de Diretor da Unidade de Ensino Descentralizada de Cajazeiras, código CD-03.

Bráulio Pereira Lins
Diretor Geral (Brasil, 1994b).

O Prof. Antônio Carlos Varela, juntamente com os Professores Jaildo Tavares Pequeno, Diretor de Ensino, e Guilherme Marconi Gomes de Brito, Diretor Administrativo, com o apoio dos demais servidores e do Diretor-Geral da Escola Técnica, Prof. Bráulio Lins, realizou todas as ações relativas à aquisição de equipamentos e mobiliários para os laboratórios e os ambientes administrativos. Nos seis meses que antecederam o início das aulas, foi realizado Concurso Público para admissão de servidores administrativos e docentes bem como se procedeu à contratação de empresas para os serviços de limpeza, manutenção e segurança.

Sob a direção do Prof. Varela, no dia 04 de dezembro de 1994, realizou-se a cerimônia de inauguração da nova unidade de ensino, com a presença de autoridades da instituição, do Município de Cajazeiras, do Estado da Paraíba, e do então Ministro da Educação e do Desporto, Murilo Hinger. A cerimônia foi revestida

de muita solenidade, por se tratar de um marco histórico educacional não só para Cajazeiras mas para toda a região do alto sertão paraibano.

Uma vez preparado o ambiente escolar, realizou-se, em janeiro de 1995, o processo de admissão dos estudantes para os cursos de Técnico em Eletromecânica e de Técnico em Agrimensura. Esses foram os dois primeiros cursos implantados na escola, tendo sido ofertadas 120 vagas para Eletromecânica e 80 para Agrimensura. Assim, em 27 de março de 1995, teve início o primeiro ano letivo da instituição, com a aula magna proferida pelo Prof. Expedito Pereira, ex-Diretor Geral da Escola Técnica Federal da Paraíba.

O Prof. Antônio Carlos Gomes Varela permaneceu como Diretor da UNED-Cajazeiras até 08 de junho de 1995 (Brasil, 1995a), quando foi nomeado Diretor de Ensino da Escola Técnica Federal da Paraíba, em João Pessoa, tendo deixado um vasto contributo ao *Campus* de Cajazeiras em seu nascedouro.

Pela Portaria nº 265, de 09 de junho de 1995, o Prof. Almiro de Sá Ferreira, Diretor-Geral da Escola Técnica Federal da Paraíba, nomeou como novo Diretor da Unidade Descentralizada de Cajazeiras, o Prof. João Batista de Oliveira Silva.

ESCOLA TÉCNICA FEDERAL DA PARAÍBA

PORTARIAS DE 8 DE JUNHO DE 1995.

Diretor Geral da Escola Técnica Federal da Paraíba, no uso de suas atribuições regimentais, resolve:

Nº 265. Designar os servidores, abaixo relacionados, para desempenharem funções na Unidade de Ensino Descentralizada de Cajazeiras, na forma que segue:

NOME DO SERVIDOR	FUNÇÃO	CÓDIGO
JOÃO BATISTA DE OLIVEIRA SILVA	Diretor	CD-03
JAILDO TAVARES PEQUENO	Vice-Diretor	CD-04
GUILHERME MARCONI GOMES DE BRITO	Assessor Especial da UNED	CD-04

ALMIRO DE SÁ FERREIRA (Brasil, 1995b).

Em 19 de junho desse mesmo ano, houve a solenidade de posse do Prof. João Batista. Na cerimônia estavam presentes, além da comunidade escolar, autoridades políticas e religiosas da cidade de Cajazeiras. Transcrevemos, abaixo, trechos do discurso de posse proferido pelo professor João Batista, no cargo de Diretor da UNED-Cajazeiras, em 19 de junho de 1995.

[...]

Em dezembro de 1994, tive a grata satisfação de aqui participar das solenidades de inauguração dessa egrégia Instituição de Ensino, para a qual convergem as esperanças de desenvolvimento tecnológico dessa região e, fundamentalmente, contemplar a juventude com uma sólida e consistente educação para o trabalho e para a vida.

Tive, também, a oportunidade de acompanhar todo o seu desenvolvimento, desde a fase embrionária, através dos prodigiosos políticos da região que defenderam com bravura e alto senso de compromisso com o povo, este projeto que hoje já está cumprindo, à sociedade, a função social a que se propõe.

Sem nenhuma hipocrisia, parabênizo a todos que direta ou indiretamente contribuíram para este feito, que, com competência, abnegação e sacrifícios, doaram-se por esta causa.

Hoje, recebo a incumbência de suceder na direção desta casa, o professor Antônio Carlos Varela, companheiro de longas datas, cujas origens comuns, estão consolidadas como ex-alunos da ETF-PB e militantes ativos no ensino profissionalizante desde os meados da década de 70. A sua competência e dedicação indiscutivelmente refletida por este ambiente harmônico, através de espaços preenchidos por pessoa/profissionais e utensílios/máquinas em ressonância que, de forma estratégica e bem planejada, pôs com a sua equipe de trabalho, se assim podemos chamar, essa máquina social em funcionamento.

Estou ciente da grande responsabilidade que tenho pela frente, mas primeiramente rogo a Deus que me dê luz e sabedoria para liderar com espírito de equipe e gerência participativa, professores, técnicos-administrativos e alunos a empreitada de fazer essa Escola cumprir bem as

suas atividades fins, contribuindo para o desenvolvimento sociocultural da região. Para este trabalho, não tenho comigo nenhuma bola de cristal que antevê o futuro, mas, tenho senso de viver o momento presente com a convicção de se preparar para ele.

Na minha trajetória administrativa, tive a felicidade de estar sempre aprendendo com líderes competentes na staff dos professores Itapuan Bôtto Targino, Espedito Pereira, Bráulio Pereira Lins, dinâmico administrador e, atualmente orientado pelo profícuo Almiro Ferreira, mui digno Diretor-Geral, que respaldado pelo seu Plano de Trabalho, haveremos de cumprir a nossa missão.

Quanto aos servidores, espero de todos a sua colaboração e labuta, esperando que cumpram da melhor maneira que podem as suas atribuições de servir a sociedade, adotando a linha de trabalho como princípio educativo, através da identificação das afinidades/habilidades e com alto senso de cooperação e amizade, pois, apesar de constituirmos um contingente (força de trabalho) oriundos de diversas regiões, não somos soldados sem pátria e nem guerrilheiros sem causa e, respaldados pela saudade e carência afetiva que nos oprime, vamos reverter essas variáveis crônicas em subsídios para uma convivência fraterna e de muito calor humano, para que juntos possamos estar sempre contribuindo, sobremaneira, para a consecução dos objetivos propostos pelos idealizadores desse patrimônio.

Portanto, caríssimos amigos e em particular ao professor Jaildo Tavares, e sociedade Cajazeirense e adjacências, conclamamos a sua participação no nosso processo de educar para a vida, dividindo conosco essa difícil tarefa, para que possamos projetar com base numa filosofia de Qualidade Total, valorizando o ser humano como elemento fundamental neste processo, a nossa juventude para a Paraíba e oxalá para o Brasil.

A todos o meu cordial obrigado e apreço e que Deus nos proteja.

JOÃO BATISTA DE OLIVEIRA SILVA
Diretor da UNED- Cajazeiras (Brasil, 1995, sic).

Em 1999, período em que o Prof. João Batista esteve à frente da UNED-CZ, houve a mudança de Escola Técnica Federal da Paraíba para Centro Federal de Educação Tecnológica da Paraíba (CEFET/PB), mudança que ampliou significativamente as atividades educacionais e acadêmicas da instituição, permitindo, assim, uma oferta mais ampla de programas educacionais para atender às necessidades da sociedade, nos vários níveis da educação.

O Prof. João Batista permaneceu como Diretor da UnED-Cajazeiras até 19 de fevereiro de 2001, quando foi nomeado para as funções de Diretor de Ensino do CEFET – Paraíba, tendo ficado, portanto, seis anos à frente da Direção da referida UnED (Brasil, 2001a).

Nessa época, os Diretores de Unidades eram indicados pelos Diretores-Gerais da Antiga Escola Técnica Federal da Paraíba ou Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET), a depender do período. No entanto, já havia um anseio por parte dos servidores e do sindicato de que houvesse eleições diretas para a escolha do Diretor.

Assim, após a saída do Prof. João Batista da Direção da UnED-Cajazeiras, o Diretor-Geral do CEFET, Professor Almiro de Sá Ferreira, indicou o Prof. Dimas Andriola Pereira para ocupar, interinamente, o cargo de diretor, conforme portaria transcrita abaixo:

CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DA PARAIBA

PORTARIAS DE 19 DE FEVEREIRO DE 2001

Nº 45 – designar o servidor DIMAS ANDRIOLA PEREIRA, Professor de Ensino de 1º e 2º Graus, do Quadro Permanente de Pessoal deste Centro, para exercer o Cargo de Direção, de Diretor da Unidade de Ensino Descentralizada de Cajazeiras/PB, código CD-03;

II – Estas portarias entram em vigor na data de sua publicação.

ALMIRO DE SÁ FERREIRA (Brasil, 2001b).

O Prof. Dimas assumiu com a incumbência de promover a eleição direta na UNED-Cajazeiras, de forma que a harmonia e o equilíbrio da instituição não fossem sacrificados e garantisse a lisura do processo. Assim, em 06 junho de 2001, procedeu-se à primeira consulta para Diretor dessa Unidade Ensino, com três candidatos concorrentes: Prof. Chaquibe Costa de Farias, apoiado pela gestão; Prof. Francisco Thadeu Carvalho de Matos, apoiado pelo sindicato local, e o Prof. Roscellino Bezerra de Mello Júnior. A Comissão Eleitoral para Processo de Consulta de Diretor, obteve os seguintes resultados após a votação:

Quadro 1 – Resultado Final do Processo de Consulta para Diretor (2001)

Categoria	Nº de urnas	Branços	Nulos	Thadeu	Chaquibe	Roscellino	Total
Professores	01	01	00	06	24	10	41
Téc. Administrativos	01	00	00	10	21	27	58
Alunos	06	01	06	48	138	341	534
Total Geral	08	02		64	183	378	633

Fonte: Adaptado pelo autor (Brasil, 2001c).

Em termos percentuais, o prof. Thadeu obteve 13,621% dos votos, Chaquibe 40,195% e Roscellino 44,933% dos votos, sendo vitorioso, portanto, o professor Roscellino.

Designado Diretor pela Portaria nº 177 de 27 de junho de 2001 (Brasil, 2001c), o Professor Roscellino Bezerra permaneceu no exercício da função apenas um ano, até 1º de junho de 2002, quando se afastou do cargo (Brasil, 2002a).

Nessa época, o Diretor-Geral do CEFET, o professor Almiro de Sá Ferreira, pediu renúncia de suas funções e, como exigência da legislação interna, abriu-se consulta à comunidade para escolha do novo dirigente, sendo eleito para tal o professor José Rômulo Gondim de Oliveira. Com o afastamento do Prof. Roscellino, assumiu a UnED interinamente, a servidora Maria de Fátima Vieira Cartaxo. Transcrevemos abaixo as portarias de dispensa e designação dos servidores, de seus respectivos cargos e funções:

CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DA PARAÍBA

PORTARIAS DE 1º - DE JULHO DE 2002

O Diretor Geral do Centro Federal de Educação Tecnológica da Paraíba, no uso de suas atribuições legais conferidas pelo Regimento Interno deste Centro, aprovado pela Portaria MEC nº 848/99, de 26/05/99, publicada no D. O.U de 28/05/99 resolve:

Nº- 136 - Dispensar os servidores, do Quadro Permanente de Pessoal deste Centro, dos Cargos de Direção e Funções Gratificadas da Unidade de Ensino Descentralizada de Cajazeiras, na forma que segue:

NOME DO SERVIDOR	FUNÇÃO	COD
ROSCellino BEZERRA DE MELLO JÚNIOR	Diretor da UNED-Cajazeiras	CD-03
HEREMITA BRASILEIRO LIRA	Gerente Educacional do Ensino Tecnológico	CD-04
MARIA DO SOCORRO SOARES COSTA E SILVA	Gerente Educacional do Ensino Médio	CD-04
LÚCIO RICARDO NOGUEIRA FARIAS	Coordenador de Administração Geral	FG-02
MARIA SOCORRO SARAIVA	Coordenadora de Apoio Pedagógico e ao Estudante	FG-04
FRANCIMAR BARBOSA DA SILVA	Coordenador de Planejamento e Informatização	FG-04
FRANCISCO CANINDÉ CAMILO DA COSTA	Coordenador de Laboratórios e Oficinas	FG-04
RIBAMAR DA SILVA	Coordenador da Biblioteca e Recursos Multimeios	FG-04
GERUSIA TRIGUEIRO BESERRA	Secretária do Gabinete	FG-04

IVAMAR DANTAS DA NÓBREGA	Coordenador de Administração de Recursos Humanos	FG-04
MÁRCIA MOREIRA PINTO	Coordenadora da Caixa Escolar	FG-04
MARCELO CARDOSO DOS SANTOS	Coordenador para Assuntos Discentes	FG-04
HUGO EDUARDO ASSIS DOS SANTOS	Coordenador de Administração de Serviços e Compras	FG-04
MARTILIANO SOARES FILHO	Coordenador de Apoio ao Ensino Tecnológico	FG-04

Nº 137 – Designar os servidores, do Quadro Permanente de Pessoal deste Centro, para exercerem os Cargos de Direção e Funções Gratificadas da Unidade de Ensino Descentralizada de Cajazeiras, na forma que segue:

NOME DO SERVIDOR	FUNÇÃO	COD
MARIA DE FÁTIMA VIEIRA CARTAXO	Diretora da UNED-Cajazeiras	CD-03
MARCÍLIO DE PAIVA ONOFRE FILHO	Gerente Educacional do Ensino Tecnológico	CD-04
FRANCISCO THADEU CARVALHO MATOS	Gerente Educacional do Ensino Médio	CD-04
ANICETO RODRIGUES PEREIRA	Coordenador de Administração Geral	FG-02
MARIA DA CONCEIÇÃO MELO P. BRANDÃO	Secretária do Gabinete	FG-04
PHILIFE AUGUSTUS SÁ G. DE MEDEIROS	Coordenador de Planejamento e Informatização	FG-04
JAILTO RODRIGUES DE LIMA	Coordenador da Caixa Escolar	FG-04

SIMONE FORMIGA ALBUQUERQUE	Coordenadora de Apoio Pedagógico e ao Estudante	FG-04
GEAN LUIZ MARTINS	Coordenador para Assuntos Discentes	FG-04
EDUARDO XAVIER DE FRANÇA	Coordenador de Laboratórios e Oficinas	FG-04
GILVANDRO VIEIRA DA SILVA	Coordenador de Apoio ao Ensino Tecnológico	FG-04
RENO ALEXANDRE DE SOUSA LISBOA	Coordenador de Administração de Recursos Humanos	FG-04
FRANCISCO HILDEBERTO DE SOUSA LEITE	Coordenador de Administração de Serviços e Compras	FG-04
IVANDRO AZEVEDO DE ARAÚJO	Coordenador da Biblioteca e Recursos Multimeios	FG-04

Estas Portarias entram em vigor na data de sua publicação.

JOSÉ RÔMULO GONDIM DE OLIVEIRA (Brasil, 2002a).

Maria de Fátima Vieira Cartaxo assumiu a Direção da UnED-Cajazeiras em primeiro de julho de 2002. Devido às pressões junto ao Diretor-Geral do CEFET-Paraíba para que se promovessem as eleições locais, procedeu-se ao pleito em 18 de junho de 2003, saindo candidatos, por um lado, Fátima Cartaxo, que estava na Direção e, por outro, o Prof. Francisco Emanuel Ferreira de Almeida. Nessa consulta, Fátima foi eleita com a maioria dos votos. Uma vez procedidas as eleições, Fátima deveria permanecer na função por um período de mais quatro anos, até 2007.

Em 2006, no entanto, como haviam acontecido eleições para Diretor-Geral do CEFET-PB, tendo saído vitorioso do pleito o Professor João Batista de Oliveira Silva, Fátima Cartaxo foi dispensada do cargo de Direção e, para ocupá-lo, foi nomeado o professor Dimas Andriola Pereira, interinamente.

CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DA PARAÍBA

PORTARIAS DE 6 - DE JULHO DE 2006

O Diretor Geral do Centro Federal de Educação Tecnológica da Paraíba, no uso de suas atribuições legais conferidas pelo Regimento Interno deste Centro, aprovado pela Portaria MEC nº 848/99, de 26/05/99, publicada no D. O.U de 28/05/99 resolve:

Nº 197 – I – dispensar os servidores abaixo relacionados, todos do Quadro Permanente de Pessoal deste Centro, dos Cargos de Direção e Funções Gratificadas da Unidade de Ensino Descentralizada de Cajazeiras, na forma que segue:

NOME DO SERVIDOR	FUNÇÃO	COD
Maria de Fátima Vieira Cartaxo	Diretora da UNED-Cajazeiras	CD-03
José Pereira da Silva	Gerente Educacional do Ensino Médio	CD-04
Gilvandro Vieira da Silva	Gerente Educacional do Ensino Tecnológico	CD-04
Aniceto Rodrigues Pereira	Coordenador de Administração Geral	FG-02
Cleodon Bezerra de Sousa	Coordenador de Extensão e Relações Empresariais	FG-04
Emerson Lunguinho da Silva	Secretário do Gabinete	FG-04

João Damásio da Silva	Coordenador de Administração de Serviços e Compras	FG-04
Márcio Emanuel Ugulino de Araújo Júnior	Coordenador de Planejamento e Informatização	FG-04
José Edmar Leite	Coordenador de Apoio ao Ensino Médio	FG-04
George da Cruz Silva	Coordenador de Apoio ao Ensino Tecnológico	FG-04
João Soares de Oliveira	Coordenador da Caixa Escolar	FG-04
Valnir Vasconcelos Lira	Coordenador de Laboratórios e Oficinas	FG-04
Murilo Pascoal de Carvalho	Coordenador de Administração de Materiais e Comunicação	FG-04
Simone Formiga de Albuquerque	Coordenadora de Apoio Pedagógico e ao Estudante	FG-04
Reno Alexandre de Sousa Lisboa	Coordenador de Administração de Recursos Humanos	FG-04
José de Arimatéia Tavares	Coordenador para Assuntos Discentes	FG-04
Gildivan Dias Moreira	Coordenador da Biblioteca e Recursos Multimeios	FG-04

II – Esta Portaria entra em vigor a partir da data da publicação.

JOÃO BATISTA DE OLIVEIRA SILVA

O Diretor Geral do Centro Federal de Educação Tecnológica da Paraíba, no uso de suas atribuições legais conferidas pelo Regimento Interno deste Centro, aprovado pela Portaria MEC no 848/99, de 26.05.99, publicada no DOU de 28.05.99, resolve:

Nº 198 – I – Designar os servidores abaixo relacionados, todos do Quadro Permanente de Pessoal deste Centro, para exercerem os Cargos de Direção e Funções Gratificadas da Unidade de Ensino Descentralizada de Cajazeiras, na forma que segue:

NOME DO SERVIDOR	FUNÇÃO	COD
Dimas Andriola Pereira	Diretora da UNED-Cajazeiras	CD-03
Roscellino Bezerra de Mello Júnior	Gerente Educacional do Ensino Médio	CD-04
Martiliano Soares Filho	Gerente Educacional do Ensino Tecnológico	CD-04
Lúcio Ricardo Nogueira Farias	Coordenador de Administração Geral	FG-02
Lucinéria Maria de Farias	Coordenador de Extensão e Relações Empresariais	FG-04
Heloiza Moreira Silva	Secretário do Gabinete	FG-04
Giliardo de Paulo de Oliveira Lins	Coordenador de Administração de Serviços e Compras	FG-04
Francisco Daladier Marques Júnior	Coordenador de Planejamento e Informatização	FG-04
Maria Socorro Saraiva	Coordenador de Apoio ao Ensino Médio	FG-04
Valnyr Vasconcelos Lira	Coordenador de Apoio ao Ensino Tecnológico	FG-04
George da Cruz Silva	Coordenador da Caixa Escolar	FG-04
Claudivan Cruz Lopes	Coordenador de Laboratórios e Oficinas	FG-04
Kenedy dos Santos Pinheiro	Coordenador de Administração de Materiais e Comunicação	FG-04
Simone Formiga de Albuquerque	Coordenadora de Apoio Pedagógico e ao Estudante	FG-04

Reno Alexandre de Sousa Lisboa	Coordenador de Administração de Recursos Humanos	FG-04
José de Arimatéia Tavares	Coordenador para Assuntos Discentes	FG-04
Gildivan Dias Moreira	Coordenador da Biblioteca e Recursos Multimeios	FG-04

II – Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação.

JOÃO BATISTA DE OLIVEIRA SILVA (Brasil, 2006).

Em 2007, realizou-se, novamente, a consulta local para escolha de diretor. Concorreram ao pleito o prof. Roscellino Bezerra de Mello e o Prof. Adilson Dias Pontes. O professor Roscellino foi eleito com ampla maioria de votos. Seu ato de nomeação deu-se em 11 de julho de 2007.

CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DA PARAÍBA

PORTARIAS DE 11 DE JULHO DE 2007

O Diretor Geral do Centro Federal de Educação Tecnológica da Paraíba, no uso de suas atribuições legais conferidas pelo Regimento Interno deste Centro, aprovado pela Portaria MEC nº 848/99, de 26/05/99, publicada no D.O.U de 28/05/99, resolve:

Nº- 334 - dispensar os servidores abaixo relacionados, todos do Quadro Permanente de Pessoal deste Centro, dos Cargos de Direção e Funções Gratificadas da Unidade de Ensino Descentralizada de Cajazeiras, na forma que segue:

NOME DO SERVIDOR	FUNÇÃO	CÓDIGO
Dimas Andriola Pereira	Diretor da UnED - Cajazeiras	CD-03
Roscellino Bezerra de Mello Júnior	Gerente Educacional do Ensino Médio	CD-04
Heloiza Moreira Silva	Secretária do Gabinete	CD-04

Nº 335 – designar os servidores abaixo relacionados, todos do Quadro Permanente de Pessoal deste Centro, para exercerem os Cargos de Direção e Funções Gratificadas da Unidade de Ensino Descentralizada de Cajazeiras, na forma que segue:

NOME DO SERVIDOR	FUNÇÃO	CÓDIGO
Roscellino Bezerra de Mello Júnior	Diretor da UnED - Cajazeiras	CD-03
José Edmar Leite	Secretária do Gabinete	CD-04

Estas Portarias entram em vigor na data de sua publicação.

JOÃO BATISTA DE OLIVEIRA SILVA (Brasil, 2007).

Em 29 de dezembro de 2008, foram criados os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia através da Lei n. 11.892/2008, sancionada pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Essa Lei instituiu a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica no âmbito do sistema federal de ensino, vinculada ao Ministério da Educação. Na Paraíba, a união do Centro Federal de Educação Tecnológica da Paraíba (CEFET) com a antiga Escola Agrotécnica Federal de Sousa deu origem ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB).

A transição de CEFET-PB para IFPB, ocorrida no período de gestão do professor Roscellino proporcio-

nou, também, uma mudança de todo o organograma de estrutura da Instituição. As UnEDs passaram a ser denominadas de *Campus*, a Direção-Geral ganha *status* de Reitoria e nos campi o cargo de Direção passa a ser denominado Direção-Geral.

Nesse processo de transição, o professor Roscellino é destituído da função de Diretor e nomeado Diretor-Geral *pro tempore*, permanecendo na função até 14 de julho de 2010 (Brasil, 2009; 2010a).

Nesse mesmo ano, em 28 de março, realizou-se consulta no *Campus* para escolha do novo Diretor-Geral, para cujo cargo concorreram Maria de Fátima Cartaxo Vieira e Valnyr Vasconcelos Lira, tendo sido vitorioso o professor Valnyr Lira, eleito para exercer o cargo no quadriênio de 2010 a 2014.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA

PORTARIAS DE 14 DE JULHO DE 2010

O Reitor Substituto do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, designado pela Portaria nº 410-Reitoria de 27-05-2009, no uso de suas atribuições legais, resolve:

Nº 899 - I - Exonerar o servidor ROSCELLINO BEZERRA DE MELLO JÚNIOR, CPF 390.591.034-91, Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico, do Quadro Permanente de Pessoal deste Instituto, da função de Diretor Geral "Pro Tempore", *Campus* Cajazeiras, código-CD-2;

Nº 902 - I - Nomear o servidor VALNYR VASCONCELOS LIRA, CPF 928.751.574-34, Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico, do Quadro Permanente de Pessoal

deste Instituto, para exercer a função de Diretor Geral, *Campus Cajazeiras*, código-CD;

II - estas Portarias entram em vigor na data de suas publicações.

PAULO DE TARSO COSTA HENRIQUES (Brasil, 2010b).

Em 2014, procedeu-se novamente à eleição para escolha de Diretor-Geral. O Prof. Valnry não concorreu à reeleição e apoiou a candidatura da pedagoga Lucrécia Teresa da Silva Gonçalves. Ela disputou o pleito com o também pedagogo Gilvandro Vieira da Silva. Lucrécia foi eleita para exercer o mandato do quadriênio de 2014 a 2018.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA

PORTARIAS DE 21 DE AGOSTO DE 2014

O Reitor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, nomeado pelo Decreto Presidencial, de 12/08/2014, publicado no Diário Oficial da União em 13/08/2014, no uso de suas atribuições legais, resolve:

Nº.658 - I - nomear os servidores, abaixo relacionados, do Quadro Permanente de Pessoal deste Instituto, para exercerem os Cargos de Direção, na forma que se segue

[...]

SERVIDOR	FUNÇÃO	CÓDIGO
LUCRÉCIA TERESA DA SILVA GONÇALVES	Diretora Geral do <i>Campus Cajazeiras</i>	CD-02

Estas Portarias entram em vigor na data de sua publicação.

CÍCERO NICÁCIO DO NASCIMENTO LOPES (Brasil, 2014).

Já o Processo de Consulta para o cargo de Diretor-Geral do *Campus Cajazeiras*, Quadriênio 2018-2022, teve como candidata única a Pedagoga Lucrécia Teresa Gonçalves Petrucci, que foi reeleita com 46,5% dos votos válidos.

Quadro 2 – Resultado Final do Processo de Consulta para Diretor-Geral (2018-2022)

DIRETOR-GERAL						
	DOCENTE	TEC. ADMINISTRATIVO	DISCENTE	% Total obtido (Art. 10 do Decreto 6986)	% Votos válidos (Art. 13 do Edital 03/2018-CEC)	Situação
Eleitores aptos a votar	96	78	1675			
Comparecimento	67	69	266			
Eleitores ausentes (Abstenção)	29	09	1409			
3001 - Lucrécia	53	54	250	46,5%	100%	ELEITA
Votos em Branco	10	09	08	7,5%		
Votos Nulos	04	06	08	4,1%		
Total de votos válidos	53	54	250			

Fonte: Adaptado pelo autor (Brasil, 2001d).

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA

PORTARIA Nº 2.839, DE 30 DE NOVEMBRO 2018

O REITOR DO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA, nomeado pelo Decreto Presidencial, de 22.10.2018, publicado no Diário Oficial da União em 23.10.2018, no uso de suas atribuições legais, resolve: Art. 1º Nomear a servidora LUCRÉCIA

TERESA GONÇALVES PETRUCCI, matrícula SIAPE nº 1554065, CPF nº 854.746.734-34, ocupante do cargo efetivo de Pedagogo, do Quadro Permanente de Pessoal deste Instituto, para exercer o Cargo de Diretora Geral do *Campus Cajazeiras*, código CD-02, com mandato de 04 (quatro) anos, ficando exonerada do cargo que atualmente ocupa. Art. 2º Esta Portaria entra em vigor a partir da sua publicação.

CÍCERO NICÁCIO DO NASCIMENTO LOPES (Brasil, 2018).

O atual Diretor-Geral do *Campus Cajazeiras*, o professor Abinadabe Andrade, foi eleito por meio do processo de consulta à comunidade, realizado em 06 de abril de 2022. Disputaram o pleito o professor Abinadabe Silva Andrade, candidato da situação, e o professor Francisco Daladier Júnior.

Quadro 3 – Resultado Final do Processo de Consulta para Diretor-Geral (2022-2026)

DIRETOR-GERAL						
	DOCENTE	TEC. ADMINISTRATIVO	DISCENTE	% Total obtido (Art. 10 do Decreto 6986)	% Votos válidos	Situação
Eleitores aptos a votar	93	76	2421			
Comparecimento	73	66	189			
Eleitores ausentes (Abstenção)	20	10	0			
2001 - Francisco Daladier Marques Junior	16	20	73	15,51%	28,15%	
2002 - Abinadabe Silva Andrade	55	42	106	39,59%	71,85%	ELEITO
Votos em Branco	2	0	2	0,74%		
Votos Nulos	0	4	8	1,86%		

Fonte: (Brasil, 2022a).

Com 71,85% dos votos, o professor Abinadabe Silva Andrade foi eleito para o quadriênio 2022-2026. Foi designado Diretor através da Portaria 2065/22 de 24 de outubro de 2022.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA

PORTARIAS DE 24 DE OUTUBRO DE 2022

A REITORA DO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA, nomeada pelo Decreto Presidencial de 18-10-2022, publicado no Diário Oficial da União em 19-10-2022, no uso de suas atribuições legais, resolve:

Nº 2.065 – Art. 1º Nomear o(a) servidor(a) Abinadabe Silva

Andrade, matrícula SIAPE nº 1042689, ocupante do cargo de Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico, do quadro permanente de pessoal deste Instituto, para exercer o cargo de Diretor Geral do *Campus Cajazeiras*, código CD-02, com mandato de quatro anos. (Brasil, 2022b).

Breve biografia dos diretores do *Campus* Cajazeiras

ANTÔNIO CARLOS GOMES VARELA

Mandato: 15/07/1994 a 08/06/1995

Imagem 01 – Professor Carlos Varela



Fonte: Arquivo Pessoal do Prof. Carlos Varela.

O Prof. Antônio Carlos Gomes Varela nasceu em 08/10/1953, na cidade de Bayeux-PB. É Técnico de Nível Médio em Estradas pela Escola Técnica Federal da Paraíba. Engenheiro Civil com Especialização em Engenharia de Irrigação, pela UFPB. Mestre em Engenharia Agrícola na área de Irrigação e Drenagem, pela UFCG-PB. Doutor pela UFPB em Engenharia Mecânica na área de Engenharia de Materiais. Exerceu no Instituto Federal da Paraíba as funções acadêmicas de Coordenador de Curso e de Áreas de Ensino, Diretor de Ensino, Diretor de Unidade Descentralizada de Ensino (UnED), Diretor Administrativo, Diretor de Desenvolvimento Institucional, Pró-Reitor de Desenvolvimento Institucional e Interiorização, Pró-Reitor de Administração e Planejamento.

Como professor e gestor, o Professor Antônio Carlos Gomes Varela deixou um grande legado à Educação Profissional e Tecnológica, ao *Campus* de Cajazeiras e ao Instituto Federal de Educação da Paraíba. Sua vasta experiência lhe permitiu enfrentar os desafios da instituição e superar as dificuldades com maestria. Como um verdadeiro educador, buscou oferecer excelência na qualidade dos cursos e na prestação dos serviços à sociedade. O Prof. Varela aposentou-se em 2017, com mais de 40 anos de experiência de docência e de gestão.

JOÃO BATISTA DE OLIVEIRA SILVA

Mandato: 09/06/1995 a 19/02/2001

Imagem 02 – Prof. João Batista



Fonte: Arquivo pessoal do Prof. João Batista

O Prof. João Batista é Técnico de Nível Médio em Eletrotécnica, certificado pela ETFPB (1976). Possui graduação em Administração de Empresas, pelos Institutos Paraibanos de Educação (1990), e Licenciatura Plena em Artes Industriais, com Habilitação Básica de Eletricidade (UFPB – 1982). Tem Especialização em Metodologia do Ensino Técnico (UFPB – 1990), vínculo

acadêmico como mestrando com a UFRN/Programa de Pós-Graduação em Engenharia. Elétrica e Computação, consignado em 2014, com o título de Especialista em Sistemas de Potência. Concluiu o seu mestrado no PP-GEE do IFPB em 2016 e iniciou os estudos no doutorado do PPGEM da UFPB – *Campus* João Pessoa, em 2019 e, enquanto escrita deste capítulo (2024), com a sua defesa de tese sob agendamento.

João Batista tem uma grande trajetória de contribuição à Educação Técnica Profissionalizante. História construída com bases sólidas, alicerçada no compromisso com uma educação social, autônoma, responsável e de qualidade.

Exerceu a função de Diretor da Unidade de Ensino Descentralizada de Cajazeiras por seis anos, período em que houve a mudança de Escola Técnica Federal da Paraíba para Centro Federal de Educação Tecnológica da Paraíba (CEFET/PB). A transformação resultou em uma expansão substancial das atividades educacionais e acadêmicas da instituição, possibilitando uma oferta mais abrangente de programas educacionais para atender às demandas da sociedade em todos os níveis de ensino.

Por longo tempo, exerceu atividades de gestão, deixando um grande contributo tanto ao *Campus* de Cajazeiras quanto ao Instituto Federal de Educação da Paraíba, onde exerceu a função de Reitor, no período de julho de 2006 a 22 de agosto de 2014.

Representou o CONIF na construção do PNE (2010/14) e, depois, como membro do FNE até 2016. Ainda enquanto reitor, envidou diversos investimentos em expansão de novos espaços e equipamentos necessários

para a implantação dos novos cursos superiores de tecnologia, engenharia e licenciaturas, nesta Unidade.

DIMAS ANDRIOLA PEREIRA

1º Mandato como Interino: 19/02/2001 a 27/06/2001

2º Mandato como Interino: 06/07/2006 a 11/07/2007

Imagem 03 – Prof. Dimas Andriola



Fonte: Arquivo Pessoal do Prof. Dimas Andriola

Professor Dimas Andriola Pereira, natural do município de Cajazeiras-PB, aposentado, é Mestre em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), *Campus* de João Pessoa, com Especialização em Meto-

dologia do Ensino e Licenciatura Plena em Letras pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Lecionou a disciplina Língua Portuguesa e Literatura Brasileira no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), *Campus Cajazeiras*, no período de 14 de setembro de 1995 a 1º de abril de 2019.

Além do seu exercício de professor no referido *Campus*, Dimas passou por outras experiências, a exemplo de Diretor Interino, por duas etapas. A primeira ocorreu de 22 de fevereiro a 04 de julho de 2001, com destaque para a Primeira Eleição Direta para Diretor-Geral da Escola. A segunda etapa se deu no período de 07 de julho de 2006 a 13 de julho de 2007. O destaque foi a implantação do Curso Técnico em Desenho de Construção Civil, na modalidade PROEJA.

Desempenhou também outras funções: Gerente Educacional do Ensino Médio, Coordenador do Curso Técnico em Edificações, Coordenador da Unidade Acadêmica de Formação Geral e Projetos Especiais, Coordenador da Unidade Acadêmica da Área de Informática e Coordenador do PROEJA.

ROSCELLINO BEZERRA DE MELLO JÚNIOR

1º Mandato: 27/06/2001 a 01/07/2002

2º Mandato: 11/07/2007 a 05/03/2009

Pro tempore: 05/03/2009 a 14/07/2010

Imagem 04 – Prof. Roscellino Júnior



Fonte: Arquivo Pessoal do Prof. Roscellino Júnior.

Roscellino Bezerra de Mello Júnior, nasceu em 03 de maio de 1964, filho de Roscellino Bezerra de Mello e Maria da Guia Machado Bezerra de Mello. É graduado em Química Industrial pela Universidade Regional do Nordeste e possui Licenciatura Plena em Química pela

Universidade Regional do Nordeste. É Especialista em Gestão de Instituições de Ensino pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais e Mestre em Educação pela Universidade Federal da Paraíba.

Professor aposentado do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia da Paraíba; Bacharel em Teologia pelo Instituto Bíblico Betel Brasileiro; Mestre em Educação pela Universidade Federal da Paraíba; Professor de Química desde 1983; ensinou em Cabaceiras, Pocinhos, Campina Grande, Cajazeiras e João Pessoa; Coordenador de Desenvolvimento do Ensino no CEFET-PB, Uned-Cajazeiras, por mais de três anos (1995-1998); Diretor eleito do CEFET-PB, Unidade de Cajazeiras, entre 2001 e 2002 (primeiro Diretor eleito); Gerente do Ensino Médio do CEFET-PB, Unidade de Cajazeiras, entre 2006 e 2007; Diretor eleito do CEFET-PB, Unidade de Cajazeiras, entre 2007 e 2008; Diretor-Geral do IFPB, *Campus* Cajazeiras, entre 2008 e 2009.

MARIA DE FÁTIMA VIEIRA CARTAXO (*in memoriam*)

Mandato: (01/07/2002 a 06/07/2006)

Imagem 05 – Fátima Cartaxo em discurso no auditório do *Campus*



Fonte: Arquivo Documental (Álbum de Documentos e Fotografias da Unidade de Ensino Descentralizada de Cajazeiras).

Graduada em Pedagogia e em Ciência pela Universidade Federal da Paraíba, com Especialização em Ciências e Mestrado em Educação pela mesma Univer-

sidade Federal da Paraíba. Exercia o cargo de Técnica em Assuntos Educacionais no *Campus Cajazeiras*, do qual foi Diretora no período de 2002 a 2006. Foi Líder de movimentos sindicais na região do sertão, destacando-se pela defesa da categoria. Foi uma das pioneiras a ingressar na Unidade de Cajazeiras, no ano de 1995, logo após a sua criação. Fátima foi uma exímia defensora das causas sociais, das minorias e do movimento sindical. Fatima Cartaxo faleceu em 27 de fevereiro de 20013, vítima de um infarto fulminante.

VALNYR VASCONCELOS LIRA

Mandato: 14/07/2010 a 20/08/2014

Imagem 06 – Prof. Valnyr Lira



Fonte: Arquivo Pessoal do prof. Valnyr Lira.

Valnir Vasconcelos Lira é Técnico em Telecomunicações, pela Escola Técnica Redentorista, e graduado em Engenharia Elétrica pela Universidade Federal da Paraíba, com mestrado em Engenharia Elétrica pela Universidade Federal de Campina Grande. Casado com Rossana Santos Lira, tem dois filhos, Ana Luiza Santos Lira e Diogo Roberto Santos Lira.

Desde 2004, é servidor público federal, atuando como professor do ensino básico técnico e tecnológico no IFPB, em disciplinas da área de Engenharia Elétrica (Eletrônica, Instalações Elétricas, Controle de Processos, entre outras) e na orientação de projetos de pesquisa e de extensão. Na área administrativa, atuou como Coordenador de Laboratórios, Coordenador de Curso, Diretor de Desenvolvimento de Ensino (no *Campus Cajazeiras*) e Diretor-Geral nos campi Cajazeiras e Esperança. Atualmente é o Diretor-Geral do *Campus Esperança*.

No período de 2010 a 2014, correspondente à gestão na Direção-Geral do *Campus Cajazeiras*, destaca, na linha acadêmica, a implantação de dois cursos superiores: Licenciatura em Matemática, no primeiro semestre de 2011, e Engenharia Civil, no primeiro semestre de 2014. Já na área administrativa, destaca a construção do bloco de salas de aulas "Professor Clístenes Xavier", a ampliação do bloco administrativo, com a construção do refeitório "Maria de Fátima Vieira Cartaxo", a reforma de laboratórios da área de mecânica e a aquisição de equipamentos para laboratórios das áreas de Informática, Mecânica e Elétrica.

Na área de gestão de pessoas, procurou fazer uma administração pautada numa relação dialógica

com a comunidade, fator primordial para condução dos processos e para a tomada de decisão da equipe gestora, com o objetivo de contemplar discentes, servidores e prestadores de serviços que, diariamente, contribuíram para expansão do *Campus*.

LUCRÉCIA TERESA GONÇALVES PETRUCCI

1º Mandato: 21/08/2014 a 21/08/2018

Pro tempore: 21/08/2018 a 30/11/2018

2º Mandato : 30/11/2018 a 21/10/2022

Imagem 07 – Lucrécia Petrucci em discurso no auditório do *Campus*



Fonte: Acervo Pessoal de Lucrécia Petrucci.

Lucrécia Teresa Gonçalves Petrucci é filha de Tereza da Silva Gonçalves, casada com Marcos Petrucci e mãe de Lara Gabriela. Possui formação na área técnica em Eletrotécnica, pela Escola Técnica Federal da Paraíba (ETF-PB), é Pedagoga licenciada pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB); Especialista em Educação Profissional pelo Centro Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (CEFET-PB) e Mestre em Educação pela UFPB.

Integra o quadro de servidores técnico-administrativos de nível superior do IFPB desde o ano de 2006, tendo desempenhado suas atividades durante dezesseis anos, no *Campus* Cajazeiras, alto sertão paraibano.

Dentre as diversas atividades desenvolvidas, coordenou a Unidade Acadêmica da Área de Indústria, concomitante ao cargo de Diretora de Ensino Substituta. Em 2014, foi eleita pela comunidade para atuar como Diretora-Geral do *Campus*, no período de 2014 a 2018. Em 2018, foi reeleita para estar à frente da unidade de ensino por mais um mandato, de 2018 a 2022.

Entre os destaques de sua gestão, elencamos a criação de dois departamentos e diversas coordenações, tais como os departamentos de Gestão de Pessoas e Orçamento e Finanças, ação resultante de uma renovação no organograma do *Campus*. A evolução também alcançou a estrutura física com a criação e reestruturação de diversos ambientes, acadêmicos e administrativos, podendo ser citados a Recepção e o Protocolo, a Coordenação de Controle Acadêmico, o Refeitório, a Biblioteca, os laboratórios de Matemática, Robótica, Física, Humanidades, Informática, entre outros espaços. Também contri-

buiu com o incentivo à participação da comunidade acadêmica em eventos científicos nacionais e internacionais e com investimento na formação continuada.

Outra ação primordial para a expansão do *Campus* foi a construção de um novo bloco, com doze salas de aula e mais dois espaços administrativos, garantindo condições para ampliação na oferta de novas vagas e, principalmente, novas oportunidades para a comunidade do Alto Sertão Paraibano.

ABINADABE SILVA ANDRADE

Mandato: 24/10/2022 – Atual

Imagem 08 – Prof. Abinadabe Andrade



Fonte: Arquivo Pessoal do Prof. Abinadabe Andrade.

O Professor Abinadabe Silva Andrade, nasceu em 14 de dezembro de 1985, na cidade de Caicó, que fica na região do Seridó do Rio Grande do Norte. Filho de Arlete Silva Andrade, perdeu o seu pai, Felício Batista de Andrade Neto, aos 2 anos de idade. No entanto, viu que foi por meio da educação que sua mãe, viúva, conseguiu superar os desafios da vida como professora de Português e de Química.

Terminou o Ensino Médio no ano de 2004 e, em seguida, entrou na Universidade Federal de Campina Grande, para cursar Engenharia Elétrica, concluindo no ano de 2010. Cursou o mestrado e o doutorado em Engenharia Elétrica pela Universidade Federal de Campina Grande, em 2012 e 2016, respectivamente. Como engenheiro eletricitista, tem experiência em instalações elétricas e eletrônica de potência, atuando principalmente nos seguintes temas: *npc, inversor, flying capacitor, power electronics e photovoltaic*.

Docente da Rede Federal de Ensino Tecnológico, iniciou sua carreira como professor substituto em 2013, no Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN), *Campus* Caicó. Atuou como docente do Curso Técnico em Eletrotécnica na área de Circuitos Elétricos e Instalações Elétricas Prediais. Ingressou, como professor efetivo no IFPB, *Campus* Cajazeiras, em 14 de outubro de 2014. Na instituição atua como Líder do Grupo de Pesquisa GEPEE (Grupo de Eletrônica de Potência e Eficiência Energética), Líder do Núcleo de Extensão Campo Solar.

Atuando na gestão do *Campus*, foi Coordenador da Unidade Acadêmica da Área de Indústria (2017-2018), Coordenador de Pesquisa (2019-2020), Diretor

de Desenvolvimento de Ensino (2021-2022) e está como Diretor-Geral do *Campus* Cajazeiras desde 2022-atual.

***Campus* Cajazeiras: construindo identidades e reconstruindo-se para o futuro**

A construção de uma unidade de ensino envolve mais do que projetos de alvenaria, de eletricidade, ambientação, instalações hidráulicas. Tudo é vazio se não houver projetos que valorizem o homem, fazendo-o trabalhar por si e, especialmente, em prol de outros.

A comunidade acadêmica do *Campus* Cajazeiras comprova esse compromisso quando relata, nos capítulos deste livro, todo o seu empenho, toda sua dedicação para trabalhar com esse tipo de projeto – de reconhecimento do homem como ser livre, inteligente e capaz de transformar o mundo.

Nessa direção, todos os servidores deste *Campus*, mesmo que não se deem conta, têm sido extremamente importantes no processo de formação intelectual, moral e profissional de jovens que aqui ingressam, em busca de sucesso e segurança social. Assim, todos os que fazem este *Campus*, e aqui se incluem os estudantes de todos os cursos e modalidades de ensino, estão trocando energia e conhecimentos, responsáveis que somos pela ampliação e solidificação de princípios éticos e morais capazes de modificar para melhor todo o nosso espaço, o Meio Ambiente, as relações interpessoais, as fragilidades nas famílias, enfim, evoluirmos como pessoas para termos um mundo mais justo e fraterno.

São 30 anos de trabalho contínuo, rotineiro, às vezes, inovador e ousado, quase sempre. Fica aqui nossa gratidão a todas as pessoas que aqui estão e também às que deixaram sua marca neste *Campus*, todos enriquecendo sua história, alojando em sua memória fatos e artefatos concebidos e nutridos neste *Campus*, local de onde também saíram e ainda sairão virtuosos e respeitáveis homens e mulheres.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Portaria nº 982 de 28 de junho de 1994. **Diário Oficial da União**, Brasília-DF, 29 de junho de 1994a. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=29/06/1994&jornal=1&pagina=44&totalArquivos=160> Acesso em: 9 mai. 2024.

BRASIL. Escola Técnica Federal da Paraíba. **Álbum de Documentos e Fotografias da Unidade de Ensino Descentralizada de Cajazeiras**. Cajazeiras, [s.n.]: 1995.

BRASIL. Escola Técnica Federal da Paraíba. Portaria nº 142 de 15 de julho de 1994. **Diário Oficial da União**, Brasília-DF, 06 de setembro de 1994b. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=06/09/1994&jornal=2&pagina=22&totalArquivos=52> Acesso em: 9 mai. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Portaria nº 260 de 08 de junho de 1995. **Diário Oficial da União**, Brasília-DF, 11 de julho de 1995a. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=11/07/1995&jornal=2&pagina=30&totalArquivos=48> Acesso em: 9 mai. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Portaria nº 265 de 09 de junho de 1995. **Diário Oficial da União**, Brasília-DF, 11 de julho de 1995b. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=11/07/1995&jornal=2&pagina=30&totalArquivos=48> Acesso em: 9 mai. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Portaria nº 41 de 19 de fevereiro de 2001. **Diário Oficial da União**, Brasília-DF, 22 de fevereiro de 2001a. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=22/02/2001&jornal=2&pagina=9&totalArquivos=32>. Acesso em: 9 mai. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Portaria nº 45 de 19 de fevereiro de 2001. **Diário Oficial da União**, Brasília-DF, 22 de fevereiro de 2001b. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=22/02/2001&jornal=2&pagina=9&totalArquivos=32>. Acesso em: 9 mai. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Portaria nº 177 de 27 de junho de 2001. **Diário Oficial da União**, Brasília-DF, 04 de julho de 2001c. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=04/07/2001&jornal=2&pagina=9&totalArquivos=24>. Acesso em: 9 mai. 2024.

BRASIL. Centro Federal de Educação Tecnológica da Paraíba. **Arquivo permanente**. Cajazeiras, [s.n.], 2001d.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Portaria nº 136 de 01 de julho de 2002. **Diário Oficial da União**, Brasília-DF, 03 de julho de 2002a. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=03/07/2002&jornal=2&pagina=4&totalArquivos=20>. Acesso em: 9 mai. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Portaria nº 197 e 198 de 06 de julho de 2006. **Diário Oficial da União**, Brasília-DF, 07 de julho de 2006. Disponível em:

<https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=07/07/2006&jornal=2&pagina=13&totalArquivos=48>. Acesso em: 9 mai. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Portaria nº 334 e 335 de 11 de julho de 2007. **Diário Oficial da União**, Brasília-DF, 13 de julho de 2007. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=13/07/2007&jornal=2&pagina=13&totalArquivos=72>. Acesso em: 9 mai. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Portaria nº 154 de 05 de março de 2009. **Diário Oficial da União**, Brasília-DF, 11 de março de 2009. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=11/03/2009&jornal=2&pagina=22&totalArquivos=68>. Acesso em: 9 mai. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Portaria nº 899 de 14 de julho de 2010. **Diário Oficial da União**, Brasília-DF, 15 de julho de 2010a. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=15/07/2010&jornal=2&pagina=15&totalArquivos=64>. Acesso em: 9 mai. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Portaria nº 902 de 14 de julho de 2010. **Diário Oficial da União**, Brasília-DF, 15 de julho de 2010b. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=15/07/2010&jornal=2&pagina=15&totalArquivos=64>. Acesso em: 9 mai. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Portaria nº 1658 de 21 de agosto de 2014. **Diário Oficial da União**, Brasília-DF, 22 de agosto de 2014. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=22/08/2014&jornal=2&pagina=30&totalArquivos=84>. Acesso em: 9 mai. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Portaria nº 2839/18 de 30 de novembro de 2018. **Diário Oficial da União**, Brasília-DF, 03 de dezembro de 2018. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=03/12/2018&jornal=529&pagina=19&totalArquivos=89>. Acesso em: 9 mai. 2024.

BRASIL. Instituto Federal de Educação da Paraíba. **Ofício Circular 35/2022 - CEC/CONSUPER/DAAOC/Reitoria/IFPB**. João Pessoa, 12 de abril de 2022. Disponível em: <https://www.ifpb.edu.br/comissoes/2022/cec/sobre-o-processo/documentos/resultado-oficial/resultado-definitivo.pdf>. Acesso em: 9 mai. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Portaria nº 2065/22 de 24 de outubro de 2022. **Diário Oficial da União**, Brasília-DF, 25 de outubro de 2022b. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=25/10/2022&jornal=529&pagina=23&totalArquivos=6>. Acesso em: 9 mai. 2024.

Posfácio

Expressões Derradeiras, a Perspectiva de um Leitor

Francisco A. V. da Silva

Ao concluir a leitura de “Encontros de Memórias: Trajetórias do *Campus* Cajazeiras em seus 30 anos”, observo que, além de ser um repositório de fatos, datas e eventos, é uma homenagem viva às pessoas que moldaram e continuam a moldar o *Campus* Cajazeiras. É possível entender que esta instituição, desde sua fundação, se transformou num espaço de inclusão, crescimento e desenvolvimento, acolhendo sonhos, moldando o presente e impulsionando os trabalhadores do amanhã.

Os 19 capítulos que compõem este livro conduzem o leitor por diferentes épocas e experiências, destacando a evolução constante e a resiliência – *e, por que não dizer, tenacidade?* – de uma instituição que, ao longo de 30 anos, se firmou como um pilar de educação, da pesquisa, da extensão e da inovação na região.

Entre seus feitos e suas experiências, o livro destaca, por exemplo, a força das mulheres na educação, ciência e tecnologia, revelando como suas conquistas são vitais para o progresso da instituição; a interseção entre disciplinas – História, Artes, Literatura e Língua Portuguesa; as variadas pesquisas conectadas a projetos de extensão, informando e inserindo a comunidade externa em seus projetos; a história do trabalho de pai e filho, docentes dessa

mesma Unidade de ensino, enfim, uma miscelânea de memórias que testemunham a evolução deste *Campus*.

No decorrer do livro, observo a transformação dos números em realizações educacionais e os relatos inspiradores dos estudantes, que demonstram a importância de uma gestão pública eficiente e de um ambiente inclusivo. A criação de núcleos de extensão evidencia a importância da interação com a comunidade, fortalecendo a responsabilidade social do IFPB. Os capítulos também destacam a evolução dos cursos de Engenharia Civil e Matemática, a luta antirracista no *Campus* e a criação de soluções tecnológicas inovadoras.

A pandemia de COVID-19 trouxe desafios que foram superados com resiliência e inovação, como a adaptação dos cursos e projetos de extensão. Os relatos dos docentes e os projetos desenvolvidos mostram uma instituição comprometida com a formação de cidadãos conscientes e ativos. Este livro não é apenas uma coleção de histórias, mas uma celebração da jornada contínua de um *Campus* orgânico.

A todos os que contribuíram para este livro, nosso sincero agradecimento.

Que os próximos anos continuem a ser de crescimento, aprendizado e muitas outras memórias a serem celebradas! Assim como mencionado no prefácio, este livro não é apenas uma coleção de histórias mas é também roteiro de uma viagem pela memória, uma jornada que nos lembra que, embora o tempo passe, as raízes que nos sustentam permanecem firmes. Que essas páginas inspirem novas esperanças e sonhos para os próximos 30 anos e além!

Sobre a autoria

Ana Paula da Cruz

Doutora em História (UFC). Graduação em História (UFCEG). Professora do Campus Cajazeiras, IFPB. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9872-8184>.
e-mail: anapaula.cruz@ifpb.edu.br.

Analine Pinto Valeriano Bandeira

Doutora em Física (PPGF-DFTE/UFRN). Graduação em Física (UFCEG). Técnica de Laboratório (Física) do Campus Cajazeiras, IFPB.
e-mail: analine.bandeira@ifpb.edu.br

Antônia Edivaneide de Sousa Gonzaga

Doutora em Educação (UFC). Graduação em Pedagogia (UECE). Professora do Campus Cajazeiras, IFPB. Coordenadora da Área de Formação Geral e Projetos Especiais. Participa do Grupo de Pesquisa em Avaliação da Aprendizagem - DPAP e do GRUPO CAJAZEIRENSE DE PESQUISA EM MATEMÁTICA, ambos certificados pelo CNPQ.
E-mail: antonia.gonzaga@ifpb.edu.br

Antônio Gonçalves de Farias Júnior

Mestre em arquitetura e urbanismo (PPGAU/UFPB). Graduação em Arquitetura e Urbanismo (UFPB). Professor do Campus Cajazeiras, IFPB. Coordenador do núcleo de extensão Centro de Assessoria Comunitária à Tecnologias de Utilidades Sociais - CACTUS_CZ.
e-mail: antonio.farias@ifpb.edu.br

Carolaine Bezerra Araújo Gonçalves

Estudante do Curso Técnico em Eletromecânica Integrado - Campus Cajazeiras, IFPB.
e-mail: carolaine.goncalves@academico.ifpb.edu.br

Claudence Alves Mendes

Mestra em Educação (UFPB). Graduação em Pedagogia (UFPB). Técnica em Assuntos Educacionais no Campus Cajazeiras, IFPB. Coordenação da COPED-IFPB/CZ.
e-mail: claudence.mendes@ifpb.edu.br

Diego Lins de Carvalho

Estudante do Curso Técnico em Eletromecânica Integrado - Campus Cajazeiras, IFPB.
e-mail: carvalho.lins@academico.ifpb.edu.br

Diego Nogueira Dantas

Mestre em Educação Profissional e Tecnológica (IFRN). Graduação em História (UFCEG). Técnico em Assuntos Educacionais no Campus Cajazeiras, IFPB. Coordenador de Extensão e Cultura do IFPB/CZ.
e-mail: diego.dantas@ifpb.edu.br

Fabio Araújo de Lima

Doutor em Engenharia Mecânica. Graduação em Automação Industrial (IFPB). Professor do Campus Cajazeiras, IFPB.
e-mail: fabio.lima@ifpb.edu.br

Fernanda Andrea Fernandes Silva

Pós-doutorado pelo Programa de Pós-graduação em Educação Científica e Tecnológica da UFSC. Graduação em Matemática (UFAL). É Membro do grupo de pesquisa Fenômenos Didáticos na classe de matemática e do grupo de Pesquisa Didática da matemática e Semiótica e do Grupo Cajazeirense de Pesquisa em Matemática. Professora do Campus Cajazeiras, IFPB.
e-mail: fernanda.silva@ifpb.edu.br

Francisco Augusto Vieira da Silva

Doutor em Engenharia Mecânica (UFPB). Tecnólogo em Automação Industrial. Diretor de Desenvolvimento de Ensino IFPB/CZ. Professor do Campus Cajazeiras, IFPB.
e-mail: francisco.vieira@ifpb.edu.br

Francisco Aureliano Vidal

Mestrado Profissional em Ensino de Ciências e Matemática (UFAL). Graduação em Matemática (URCA). Coordenador do Curso de Licenciatura em Matemática IFPB/CZ. Professor do Campus Cajazeiras, IFPB.
e-mail: francisco.vidal@ifpb.edu.br

Gabriel Monteiro Aquino

Estudante do Curso Técnico em Eletromecânica Integrado - Campus Cajazeiras, IFPB.
e-mail: gabriel.aquino@academico.ifpb.edu.br

Gabriella Saraiva Coelho

Estudante egressa do Curso Técnico em Edificações Integrado, Campus Cajazeiras, IFPB.
e-mail: gabriella.saraiva@academico.ifpb.edu.br

Gastão Coelho de Aquino Filho

Mestre em Geotecnia (USP). Graduação em Engenharia Civil (UFPB). Coordenador do Curso de Engenharia Civil IFPB/CZ. Professor do Campus Cajazeiras, IFPB.
e-mail: gastao.aquino@ifpb.edu.br

Geraldo Herbetet de Lacerda

Mestre em Educação (UFPB), Graduado em Matemática (UFPB). Professor do Campus Cajazeiras, IFPB.
e-mail: geraldo.lacerda@ifpb.edu.br

Hegildo Holanda Gonçalves

Doutor em Filosofia (UFSCar). Graduação em Filosofia (FAFIC). Professor do Campus Cajazeiras, IFPB. ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-4470-6205>.
e-mail: hegildo.goncalves@ifpb.edu.br

Henrique Duarte de Oliveira

Estudante do Curso de Engenharia Civil do Campus Cajazeiras, IFPB.
e-mail: henrique.duarte@academico.ifpb.edu.br

Heloiza Moreira Silva

Mestra em Educação (UFPB). Graduação em Geografia (UFCG). Chefe do Departamento de Gestão de Pessoas do IFPB/CZ. Técnica administrativa do Campus Cajazeiras, IFPB.
e-mail: heloiza.moreira@ifpb.edu.br

Hugo Eduardo Assis dos Santos

Especialista em Direito Administrativo (Unibf). Graduação em Ciências Jurídicas e Sociais - Direito (FAFIC). Diretor de Administração, Planejamento e Finanças do IFPB/CZ.
e-mail: hugo@ifpb.edu.br

Ildegarde Elouise Alves

Mestra em Ensino de História (UFRN). Graduação em História (UFRN). Coordenadora do Curso Técnico em Meio Ambiente - modalidade PROEJA do IFPB/CZ. Professora do Campus Cajazeiras, IFPB. ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-4986-6005>.
e-mail: ildegarde.alves@ifpb.edu.br

Jacinta Ferreira dos Santos Rodrigues

Mestra em Letras (UFRR). Graduação em Letras (Faculdades Integradas de Patos). Professora do Campus Cajazeiras, IFPB.
e-mail: jacinta.rodrigues@ifpb.edu.br

José Pereira da Silva

Mestre em Física (IFPB). Graduação em Física (UEPB). Professor aposentado do Campus Cajazeiras, IFPB.
e-mail: j.silva@ifpb.edu.br

José Rogério da Silva Leite

Graduação em Automação Industrial (IFPB). Egresso do Campus Cajazeiras, IFPB.
e-mail: roger.silva_@hotmail.com

Kleber Afonso de Carvalho

Mestre em Sistemas Agroindustriais (UFCG). Graduação em Educação Física (FIRP). Técnico em Enfermagem (IFPB). Coordenador do Núcleo de Apoio aos Serviços Médico e Odontológicos - NASMO - Campus Cajazeiras, IFPB.
e-mail: kleber.carvalho@ifpb.edu.br

Lariany Alves de Souza

Estudante do Curso de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas do IFPB/CZ. Diretora da Empresa Júnior "Loopis Jr.", vinculada ao Campus Cajazeiras, IFPB.
e-mail: lariany.alves@academico.ifpb.edu.br

Leandro Honorato de Souza Silva

Doutor em Engenharia da Computação (Universidade de Pernambuco). Graduação em Engenharia da Computação (Universidade de Pernambuco). É colíder do grupo de pesquisa LABSIN (Laboratório de Sistemas Inteligentes) e pesquisador do grupo de pesquisa em Reconhecimento de Padrões. Coordenador da Unidade Acadêmica de Indústria do IFPB/CZ. Professor do Campus Cajazeiras, IFPB.
e-mail: leandro.silva@ifpb.edu.br

Leonardo Pereira de Lucena Silva

Mestre em Engenharia Mecânica (UFMG). Graduação em Engenharia Mecânica (UFMG). Coordenador de Pesquisa do IFPB/CZ. Professor do Campus Cajazeiras, IFPB.
e-mail: lucena.leonardo@ifpb.edu.br

Lúcio Ricardo Nogueira Farias

Chefe do Departamento de Execuções Orçamentárias e Financeiras do Campus Cajazeiras, IFPB. Técnico administrativo do Campus Cajazeiras, IFPB.
e-mail: lucioricardo@ifpb.edu.br

Luis Romeu Nunes

Pós-Doutor pela Universidade de Utsunomiya/Japão. Graduação em Engenharia Elétrica (UFPR). Professor do Campus Cajazeiras, IFPB.
e-mail: romeu.nunes@ifpb.edu.br

Magno Miranda Gomes

Mestre em Mestrado Uso Sustentável de Recursos Naturais (IFRN). Graduação em Geografia (IFRN). Professor substituto do Campus Cajazeiras, IFPB.
e-mail: magno.gosmes@ifpb.edu.br

Marcelo Gonçalves Misael

Graduado em Geografia (UFMG). Agente da Comissão Pastoral da Terra, instituição Parceira Social de projetos do núcleo de extensão CACTUS – Campus Cajazeiras /IFPB.
e-mail: marcelo1667@outlook.com

Maria das Graças Moreira de Almeida

Especialista em Contabilidade (Faculdades Integradas de Jacarepaguá). Graduação em História (UFMG). Técnica administrativa do Campus Cajazeiras, IFPB.
e-mail: maria.almeida@ifpb.edu.br

Maria do Socorro Ferreira

Graduada em Letras. Agente da Comissão Pastoral da Terra, instituição Parceira Social de projetos do núcleo de extensão CACTUS – Campus Cajazeiras /IFPB.
e-mail: socorroferreiracpt@gmail.com

Maria Iris Abreu Santos

Doutora em Sociologia (UFC). Graduação em Ciências Sociais (UECE). Professora do Campus Cajazeiras, IFPB.
e-mail: maria.abreu@ifpb.edu.br

Mariana Davi Ferreira

Doutora em Ciência Política (Unicamp). Graduação em Ciências Sociais (UFPB). Professora do Campus Cajazeiras, IFPB.
e-mail: mariana.ferreira@ifpb.edu.br

Mariana Ferreira Pessoa

Mestra em Gestão Pública e Cooperação Internacional (UFPB). Graduação em Administração (UFCEG). Professora substituta do Campus Cajazeiras, IFPB.
e-mail: mariana.pessoa@ifpb.edu.br

Nayara Araujo Duarte Leitão

Doutora em Linguística (UFPB). Graduação em Letras (UFCEG). Professora do Campus Cajazeiras, IFPB.
e-mail: nayara.leitao@ifpb.edu.br

Rafael Rodrigues Lopes

MBA em Gestão Empresarial e Gestão de Pessoas (UNIPÊ). Coordenador de Apoio Administrativo do Campus Cajazeiras, IFPB.
e-mail: rafael.lopes@ifpb.edu.br

Rafaella de Lima Roque

Doutora em Biotecnologia (UEFS). Graduação em Ciências Biológicas (URCA). Técnica de Laboratório (Biologia) do Campus Cajazeiras, IFPB.
e-mail: rafaella.roque@ifpb.edu.br

Raphaell Maciel de Sousa

Doutor em Engenharia Elétrica (UFRN). Graduação em Automação Industrial (IFPB). Coordenador do Laboratório de Sistemas Inteligentes LABSIN. Professor do Campus Cajazeiras, IFPB.
e-mail: raphaell.sousa@ifpb.edu.br

Rodiney Marcelo Braga dos Santos

Doutor em Rede Bionorte (UFRR). Graduação em Matemática (UECE) e Pedagogia (Uninter). Coordenador do Grupo de Pesquisas em Linguagens, Inclusão e Tecnologias GPLIT/UEPB e Pesquisador do Grupo Cajazeirense de Pesquisa em Matemática GCPMat/IFPB. Professor do Campus Cajazeiras, IFPB.
e-mail: rodiney.santos@ifpb.edu.br

Sayonara Abrantes de Oliveira Uchôa

Pós-doutora em Ensino (UERN). Graduação em Letras (UFCG). Líder do Grupo de Pesquisa Ensino e Aprendizagem de Línguas. Coordenadora do Curso Técnico Integrado de Informática. Professora do Campus Cajazeiras, IFPB.
e-mail: sayonara.uchoa@ifpb.edu.br

Stanley Borges de Oliveira

Mestre em Matemática (UEPB). Graduação em Matemática (UEPB). Professor do Campus Cajazeiras, IFPB.
e-mail: stanley.oliveira@ifpb.edu.br

Suely Arruda dos Santos

Especialista em Geografia do Semi-Árido e Meio Ambiente (FIP). Graduação em Geografia (UFPB). Técnica administrativa do Campus Cajazeiras, IFPB.
e-mail: suely.arruda@ifpb.edu.br

Tayla Fernanda Serantoni da Silveira

Doutora em Ciência dos Materiais (UNESP). Graduação em Química (Centro Universitário de Votuporanga). Coordenadora do Curso Técnico Integrado em Eletromecânica. Professora do Campus Cajazeiras, IFPB.
E-mail: tayla.silveira@ifpb.edu.br

Thais Norberta Bezerra de Moura

Mestra em Ciências e Saúde (UFPI). Graduação em Educação Física (UFPI). Professora do Campus Cajazeiras, IFPB.
e-mail: thais.moura@ifpb.edu.br

Valquiria Teodosio da Silva

Estudante do Curso Técnico em Eletromecânica Integrado - Campus Cajazeiras, IFPB.
e-mail: valquiria.teodosio@academico.ifpb.edu.br

Vanda Lúcia Batista dos Santos Souza

Mestra em Políticas Públicas, Gestão e Avaliação da Educação Superior (UFPB). Graduação em Pedagogia (UFPB). Pedagoga do Campus Cajazeiras, IFPB.
e-mail: vanda.souza@ifpb.edu.br

William de Souza Santos

Pós-Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências (UFBA). Graduação em Matemática (Centro Universitário Jorge Amado). Coordenador do Grupo Cajazeirense de Pesquisa em Matemática e pesquisador da Rede de Pesquisa Comunidades Virtuais/UFBA. Professor do Campus Cajazeiras, IFPB.
e-mail: william.souza@ifpb.edu.br

Wilza Carla Moreira Silva

Mestra em Desenvolvimento e Meio Ambiente (UFPB). Graduação em Ciências - Habilitação em Biologia (UFPB). Professora do Campus Cajazeiras, IFPB.
e-mail: wilza.silva@ifpb.edu.br

Ao completar 30 anos de atividades no campo da educação, ciência e tecnologia, o Campus Cajazeiras celebra um conjunto de experiências humanas e práticas de formação profissional que contribuíram diretamente para a transformação da vida de muitas pessoas. Jovens e adultos encontram seus espaços de atuação profissional na sociedade a partir dos conhecimentos adquiridos e das conquistas alcançadas por este Campus.

A presente obra, “ENCONTROS DE MEMÓRIAS: Trajetórias do Campus Cajazeiras em seus 30 anos”, busca aproximar pessoas e tempos, promovendo lembranças e encontros de memórias. Nessa dinâmica, surgiram os textos que a compõem, nos quais estão presentes relatos sobre experiências e temas relacionados à educação, ciência e tecnologia no Campus. Os protagonistas – professores, técnicos educacionais e administrativos, todos servidores desta Instituição, e estudantes – compartilham suas vivências neste espaço de saber.

Este livro pode ser compreendido como uma amostra de como as tecnologias das humanidades, envolvendo memória e história ligadas ao Laboratório de Humanidades do Campus Cajazeiras, promovem um processo de construção de identidades e sentimentos de pertencimento. Cada autor e autora participante pôde vivenciar, no encontro com o outro, um processo de imersão no passado (distante ou recente) das atividades educacionais do Campus. Essa experiência possibilita também uma conexão com os leitores, sejam parte do público interno do IFPB ou da comunidade em geral, estimulando sentimentos de aproximação e positividade em relação ao trabalho educacional e à formação profissional no Campus Cajazeiras.